



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA- PPGL

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL E A VOZ REFLEXIVA E
REFLEXIVA RECÍPROCA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

HELY CÉSAR FERREIRA

Brasília/DF
2021

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA- PPGL**

HELY CÉSAR FERREIRA

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL E A VOZ REFLEXIVA E
REFLEXIVA RECÍPROCA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Tese apresentada ao Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa: Gramática: Teoria e Análise

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

**Brasília/DF
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fe FERREIRA, Hely César
A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva
recíproca na Língua de Sinais Brasileira / Hely César
FERREIRA; orientador Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida
SALLES. -- Brasília, 2021.
229 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Pronomes reflexivos e recíprocos. 2. Voz verbal . 3.
Estrutura argumental . 4. Língua de Sinais Brasileira. I.
SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida, orient. II.
Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese de autoria de Hely César Ferreira, intitulada “*A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira*”, requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística, defendido e aprovado, em 30 de julho de 2021, pela banca examinadora constituída por:

Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
(Orientadora e presidente - PPGL/LIP/UnB)



Documento assinado digitalmente
Tarcísio de Arantes Leite
Data: 09/08/2021 13:30:34-0300
CPF: 153.815.648-21
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Tarcísio de Arantes Leite
(membro externo - UFSC)



Documento assinado digitalmente
Aline Lemos Pizzio
Data: 06/08/2021 17:50:35-0300
CPF: 709.377.880-15
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Aline Lemos Pizzio
(membro externo - UFSC)

Rozana Reigota Naves
(membro interno - PPGL/LIP/UnB)

Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
(membro suplente – PPGL/LIP/UnB)

DEDICATÓRIA

À minha família, em especial, a mais amor
eterno minha filha *Alyce*.

AGRADECIMENTOS

Uma história de vida memorável, caminho guiado por Deus para chegar aqui e eu gostaria de compartilhar com vocês. Sou de uma família simples e humilde de uma cidade mineira que hoje tem aproximadamente 20 mil habitantes. Meu pai e minha mãe me matricularam em uma escola especial, APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em outra cidade, quando eu tinha quatro anos de idade. Frequentei essa escola no período de 1982 a 1988 por ter dificuldade de adquirir a língua portuguesa e o diagnóstico mostrou uma perda de audição profunda e de nascença, nos dois ouvidos. Desde a confirmação do diagnóstico, utilizo próteses auditivas, para me ajudar a falar, mesmo frequentando o fonoaudiólogo. Frequentando a APAE, fui obrigado a falar e, naquele tempo, tinha seguido as regras aprovadas pelo Congresso do Milão em 1880, o uso de método ‘Oralista’, ou seja, fui submetido a um método usado a mais de 100 anos que proibia o uso de Língua de Sinais na educação. Aprendi a falar e entender pela leitura labial naquela escola. Após seis anos, fui transferido para uma escola regular na minha cidade natal, e os professores e colegas me apoiaram durante o andamento dos meus estudos e do meu aprendizado, me ajudaram a superar as minhas dificuldades de escrever e entender português. Sofria muito para entender o que as pessoas estavam falando e neste período não tinha nenhuma legislação vigente abordando a exigência de intérprete de Libras/português nas salas de aulas. Para, além disso, a gramática de português era minha favorita por ter tirado boas notas quando estudava no ensino fundamental e médio. Sentia vontade de estudar mais e admirava muito os conteúdos da gramática, pois eram muito complexos, eu precisava aprender mais e mais. Finalizei o ensino médio em 1998 e passei quase 10 anos sem estudar, pois na época não tinha pensado sobre cursar uma faculdade. Em 1999, conheci um amigo surdo que se chamava ‘Neiff’, pessoa gentil, viciado em esporte, que me convidou a frequentar a comunidade surda, e o meu mundo mudou completamente! O primeiro lugar que frequentei se chamava Sociedade dos Surdos de Patos de Minas e conheci mais uma pessoa surda muito especial, o senhor ‘Zezé’ (primeiro presidente desta instituição), ele quem criou um sinal para mim (Batismo). O batismo acontece quando você faz parte da comunidade surda, os surdos observam as suas características físicas, comportamentos marcantes, manias, apelido e criam o sinal de identificação pessoal, sem ser alterado para facilitar a comunicação entre pessoas sinalizantes de Libras como primeira ou segunda língua. E minha identidade passou a ser ‘surda’ e não um ‘modelo ouvinte’, e isso me possibilitou, aos 21 anos de idade, adquirir

Libras – Língua de Sinais Brasileira, uma língua natural da comunidade surda. Nessa instituição, fui chamado para participar nos esportes juntamente com outros surdos. Fui convocado pela seleção mineira e brasileira para participar como jogador de futebol, o que me deixou muito feliz. Eu ainda continuei tendo contato com os surdos e passei a me comunicar em Libras como minha primeira língua. Alguns anos depois, conheci uma pessoa surda oralizada incrível e me casei com ela. Ao vê-la se esforçar nos estudos (primeira graduação), resolvi me esforçar também, a fim de ingressar na faculdade. Em 2008, realizei o vestibular de Letras/Libras EAD pela UFSC, juntamente com minha esposa (segunda graduação dela), e o vestibular era todo adaptado para Libras. Fomos aprovados. A ficha não tinha caído e eu não acreditava que iria pisar na Universidade de Brasília – UnB (Pólo) como aluno surdo universitário. Uma vitória tão grande! Eu morava longe e viajava mais de 7 horas de ida para Brasília e mais de 7 horas de volta para minha cidade para concluir os estudos, fui corajoso, foi cansativo e um grande sacrifício para chegar até aqui. Com mochila pesada, pegava ônibus na rodoviária da minha cidade à noite, chegava de madrugada em Brasília, pegava o metrô para o Terminal Plano Piloto, ia à lanchonete para tomar café e comer pão de queijo que são meus preferidos, pegava ônibus coletivo neste Terminal e ia direto para UnB. Foram 11 anos de viagem de estudos na UnB, graduação (Letras/Libras) e pós-graduação (Mestrado e Doutorado), tudo isso exigiu meu esforço. Todos os dias, eu agradeço imensamente a Deus por conseguir chegar ao meu caminho certo com segurança. Aprendi muito com os colegas e professores da UnB, utilizando minha língua, através da qual adquiri e desenvolvi muito a escrita de português, graças à minha orientadora. Todos os momentos que passei de estresse, ansiedade, nervoso na frente da tela do meu computador, começo a sentir a chegada do alívio de poder desligar o computador para descansar de verdade depois de sete anos de estudos sem férias.

Agradeço primeiramente a **Deus**, Pai Eterno e Mentor de todas as minhas ações, pelos dons da saúde e da coragem, nos momentos mais tensos, Ele me acalmou, me iluminou e me motivou a continuar, me deu forças para não desistir dessa oportunidade de ter realizado o trabalho de doutorado.

Agradeço aos meus pais **Ilídio** e **Almerinda**, pelas lutas de todos os momentos da minha infância, da minha adolescência e tudo que aprendi, eu devo tudo a vocês e me sinto orgulhoso de mim e do lugar aonde cheguei. Vocês cuidaram de mim com carinho, em

todos os momentos que precisei, com amor, apoio, preocupação e sabedoria em todos os ensinamentos, obrigado, do fundo do meu coração.

Agradeço à minha amada esposa **Geyse**, guerreira, trabalhadora, cuidadosa, amorosa, carinhosa, divertida e companheira em todos os momentos incríveis que passei. Você esteve junto comigo, com paciência para me ajudar a enfrentar os momentos de estresse com a escrita deste trabalho, dialogou comigo, me distraiu e se preocupou comigo nos momentos de dor, nervosismo e ansiedade. Agradeço a Deus por escolher você para ficar na minha vida, te amo.

Agradeço à minha filha **Alyce**, muita querida, doce, carinhosa, risonha, adorada, que foi escolhida por Deus para estar na minha vida e em nossa família, para compartilhar todos os momentos felizes, sabendo, mesmo do seu modo infantil, entender a minha ausência. Todos os momentos que viver ao seu lado serão eternizados dentro do meu coração.

Agradeço à querida **Tia Clérída**, pela amizade, pela atenção, pela confiança e pelo apoio que precisava. Agradeço também pelo delicioso café da manhã e nunca esquecerei que a senhora me deu todo carinho. Sem você, eu não teria onde ficar e poderia desistir. Agradeço por todas as coisas boas que você fez. Você é a melhor tia que eu tenho!

Na vida acadêmica, agradeço aos **162 meses de todos meus estudos** desde 2008, a graduação em Letras/Libras, especialização em Educação Especial e Libras, mestrado e por fim, doutorado em Linguística.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. **Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles**, pelo carinho e dedicação, pela confiança por compartilhar comigo os seus conhecimentos, por trazer boas contribuições para o enriquecimento deste estudo, por todas as dicas e conselhos para o meu aprendizado de português como segunda língua, pelas discussões, ensinamentos e incentivos a essa pesquisa.

Agradeço aos Professores Dr. **Tarcísio de Arantes Leite** e Dr^a. **Rozana Reigota Naves**, pela excelente leitura que fizeram do meu texto de qualificação de doutorado. As sugestões de vocês foram notáveis para o esclarecimento e a valorização deste trabalho.

Agradeço também aos Professores Doutores **Aline Lemos Pizzio, Tarcísio de Arantes Leite, Rozana Reigota Naves, Sandra Patrícia de Faria do Nascimento**, por terem aceitado participar de minha defesa da tese como membros da banca avaliadora.

Agradeço aos **professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL na UnB**, pela contribuição de conhecimento, pelo comprometimento e pela compreensão, com os ensinamentos de vocês, tive a oportunidade de aprender e crescer.

Agradeço a todos os intérpretes de Libras/português - **equipe TILSP da UnB**, que intermediaram a comunicação durante os atendimentos de orientação e as aulas dos professores, e também os funcionários do PPGL pela prestatividade e informações.

Agradeço ao colega **Falk Soares Ramos Moreira** pela discussão sobre sinais-termos com base da pesquisa da tese para realização de compartilhamento da educação de surdos.

Agradeço aos surdos sinalizantes **Heloise Gripp Diniz, Lucio Cruz Silveira Amorim, Miriam Royer, Myrna Salerno Monteiro, Rodrigo Custódio da Silva** que participaram no experimento dos meus estudos.

Agradeço aos **amigos surdos e não surdos** que estiveram ao meu lado em encontros importantes e nos momentos que me dedicaram amizade.

Agradeço às interpretes de Libras/português da PROACE da UFTM, **Angélica Rodrigues Gonçalves e Daniela Kamimura Rezende**, pelas informações e traduções de português por enviar os inúmeros vídeos em Libras para elaboração da tese.

Agradeço à **PRORH da Universidade Federal do Triângulo Mineiro** pela capacitação do curso de longa duração, licença por quatro anos de trabalho para estudos de doutorado concedido para a realização de compartilhamento e desenvolvimento desta pesquisa.

“Um homem não tem que fazer tudo, mas algo,
e não é porque não pode fazer tudo que precisa
fazer este algo de maneira errada”.

Henry David Thoreau

Neste trabalho, apresentamos o estudo da voz verbal na Libras, considerando em particular a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca. Assumimos que as línguas naturais têm a estrutura gramatical determinada pela Gramática Universal (GU), considerada um conhecimento inato, conforme propõe Chomsky (1986; 1995), independente da modalidade oral-auditiva ou da modalidade visual-espacial. Para discutir o conceito de voz verbal, partimos da teoria da estrutura argumental e sua realização na estrutura oracional, considerando verbos transitivos (acusativos e bitransitivos/ ditransitivos) e intransitivos (inergativos e inacusativos). Na análise da reflexividade e reciprocidade, partimos da abordagem da teoria da ligação na interpretação das anáforas reflexivas e verificamos que a Libras manifesta as restrições previstas, conforme Chomsky (1986; 1995). No que diz respeito aos elementos sintáticos e semânticos e a sua realização na estrutura oracional, sistematizamos os traços formais e o mapeamento da grade temática dos itens verbais na estrutura oracional da Libras, com base em Raposo (1992), Miotto et al. (2007), Kenedy (2013), Caçado (2008), Caçado e Amaral (2016), entre outros. Em relação à estrutura oracional e às propriedades dos pronomes reflexivos e recíprocos na Libras, levamos em consideração as análises e os dados coletados na literatura especializada (Ferreira-Brito 1995; Felipe 1998; Quadros 1999; Quadros e Karnopp 2004; Ferreira; Salles 2020), além de dados produzidos por sinalizantes em contexto experimental e em situação de uso espontâneo. Verificamos que a voz reflexiva e voz reflexiva recíproca são realizadas na Libras por meio de categorias pronominais específicas que ocorrem como morfemas livres ou como morfemas afixais, realizados pela orientação do movimento na estrutura do sinal ou pelo uso de duas mãos articuladoras, com movimento simultâneo ou não.

Palavras-chave: pronomes reflexivos e recíprocos; voz verbal; estrutura argumental; Língua de Sinais Brasileira

ABSTRACT

In this thesis, we present a study of the verbal voice in the Brazilian Sign Language (Libras), considering the reflexive voice and the reflexive reciprocal voice. We assume that the grammatical structure of natural languages is determined by the Universal Grammar (UG), as proposed in Chomsky (1986; 1995), regardless of whether it is manifested in the aural modality or in the visual modality. In the analysis of the verbal voice, we start from the theory of argument structure and its realization in the clause structure, considering monotransitive and ditransitive verbs as well as (inergative and unaccusative) intransitive verbs. In the analysis of reflexivity and reciprocity, we assume the binding theory in the interpretation of reflexive and reciprocal anaphors and we demonstrate that the Libras displays the restrictions found in Aural Languages, as described in Chomsky (1986; 1995). Regarding the syntactic and the semantic properties, we assume the formal features and the mapping of the thematic grid on the clause structure, as proposed in Raposo (1992), Miotto et al. (2007), Kenedy (2013), Cançado (2008), Cançado and Amaral (2016), among others. As for the clause structure and the properties of reflexive and reciprocals in the Libras, we take into consideration the analyses and the data collected in the specialized literature (Ferreira-Brito 1995; Felipe 1998; Quadros 1999; Quadros and Karnopp 2004; Ferreira; Salles 2020) as well as the data provided by deafs in experimental context and in situations of spontaneous use of the language. We found out that the reflexive as well as reciprocal voice are expressed in the Libras by means of specific pronominal categories which occur as free and affixal morphemes, which are realized either by the orientation of the movement in the structure of the sign or by the use of the two articulated hands, with simultaneous movement or not.

Keywords: reflexive/ reciprocal pronouns; verbal voice; argument structure; Brazilian Sign Language.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** A representação linguística na arquitetura da linguagem
- Figura 2:** O sinal REFL_{MESM@}
- Figura 3:** O sinal REFL_{PRÓPRI@}
- Figura 4:** O sinal REFL_{DENTRO}
- Figura 5:** O sinal REFL_{PESSOA}
- Figura 6:** Verbo DESPREZAR - Marca a orientação de palma da mão para o corpo (*oc*) e a direção do olhar (*do*)
- Figura 7:** Verbo BEIJAR - Anáfora reflexiva recíproca
- Figura 8:** Extraída de Quadros, 1997, p. 64 (adaptado de Baker & Cokely, 1980, p. 249-250)
- Figura 9:** Extraída de Padden (1983/1988, p. 61)
- Figura 10:** Extraída de Padden (1983/1988, p. 77)
- Figura 11:** (objeto) x_3 -DAR- $3_y/3_y$ -DAR- 3_x
- Figura 12:** (2 objetos) x -COLOCAR- y/y -COLOCAR- x
- Figura 13:** ‘md’ e ‘me’ similares com verbo de concordância BRIGAR.
- Figura 14:** Morfema pronominal DUAL
- Figura 15:** Marcação da voz reflexiva recíproca por auxiliar pronominal com uso da CM em ‘G1’, na mão direita e outra na mão esquerda
- Figura 16:** Marcação da voz reflexiva recíproca pelo uso de movimento similar e/ou não similar da mão direita (md) e da mão esquerda (me)
- Figura 17:** Verbo SAIR (espacial) com movimento da ‘md’ e ‘me’ similares
- Figura 18:** Movimento similar e oposto da mão direita ‘md’ e da mão esquerda ‘me’ de um lugar para o outro

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** Conjugação verbal e sistema pronominal na voz verbal reflexiva e reflexiva recíproca
- Quadro 2:** Categorias [+/-pronominal] / [+/-anafórico]
- Quadro 3:** A representação das categorias lexicais principais
- Quadro 4:** Fonte do Raposo (1992: 68) – Esquema das categorias lexicais e sintagmáticas
- Quadro 5:** Fonte do Kenedy (2013: 202) – Esquema das categorias funcionais e sintagmáticas
- Quadro 6:** Estrutura argumental e grade temática
- Quadro 7:** A relação das categorias entre voz verbal ativa, reflexiva e passiva
- Quadro 8:** Mapeamento do sinal REFL_{MESM@}
- Quadro 9:** Exemplo do item verbal ‘PASSAR-BARBA-LÂMINA’ (*‘fazer a barba’*)
- Quadro 10:** Mapeamento do sinal REFL_{MESM@}
- Quadro 11:** Mapeamento do sinal MESM@
- Quadro 12:** Mapeamento do sinal REFL_{PRÓPRI@}
- Quadro 13:** Mapeamento do sinal REFL_{DENTRO}
- Quadro 14:** Mapeamento do sinal REFL_{PESSOA}
- Quadro 15:** Mapeamento da voz reflexiva por movimento direcional orientado para o corpo (*DIR_{oc}*) + movimento de cabeça (*mc*) + direção do olhar (*do*)
- Quadro 16:** Uso de verbo com concordância com sinal REFL_{MESM@}
- Quadro 17:** Marcação de reflexividade com morfema pronominal livre
- Quadro 18:** Marcação de reflexividade pela orientação do movimento para o corpo e por movimento de cabeça e direção do olhar
- Quadro 19:** Exemplo do item verbal ‘ATIRAR-ARMA’
- Quadro 20:** Mapeamento da voz reflexiva recíproca com verbo de concordância
- Quadro 21:** Mapeamento sintático da voz reflexiva recíproca com verbo de concordância e movimento direcional reverso
- Quadro 22:** Sinal pronominal DUAL
- Quadro 23:** Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com o morfema AUX
- Quadro 24:** Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca por movimento direcional similar oposto e movimento sem direcional da ‘md’ e da ‘me’
- Quadro 25:** Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com verbo espacial
- Quadro 26:** Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com verbo-classificador
- Quadro 27:** Marcação de reciprocidade por sinal independente/ categoria AUX com verbo simples (sem concordância)
- Quadro 28:** Marcação da voz reflexiva recíproca com movimento na estrutura do verbo com concordância
- Quadro 29:** Marcação da voz reflexiva recíproca por morfema pronominal DUAL com verbos sem concordância [ancorado no corpo]
- Quadro 30:** Marcação da voz reflexiva recíproca por morfema pronominal DUAL com verbos simples (sem concordância) [espaço neutro] e verbos manuais

Quadro 31: Marcação da voz reflexiva recíproca com pronome DUAL com verbo simples (sem concordância)

Quadro 32: Uso do movimento direcional para marcar mudança de posição do argumento locativo com verbos espaciais

Quadro 33: Marcação da voz reflexiva recíproca com verbo-classificador e de movimento oposto simultâneo

Quadro 34: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_1

Quadro 35: Análise do dado: Sinalizante SF_vídeo_1

Quadro 36: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_3

Quadro 37: Análise do dado: Sinalizante KS_vídeo_1

Quadro 38: Análise do dado: Sinalizante ND_vídeo_1

Quadro 39: Análise do dado: Sinalizante RR_vídeo_1

Quadro 40: Análise do dado: Sinalizante KI_vídeo_2

Quadro 41: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_2

Quadro 42: Análise do dado: Sinalizante RR_vídeo_2

Quadro 43: Análise do dado: Sinalizante FM_vídeo_1

Quadro 44: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_4

Quadro 45: Análise do dado: Sinalizante KI_vídeo_1

Quadro 46: Análise do dado: Sinalizante SS_vídeo_1

Quadro 47: Análise do dado: Sinalizante SP_vídeo_1

Quadro 48: Análise do dado: Sinalizante RM_vídeo_1

Quadro 49: Análise do dado: Sinalizante PV_vídeo_1

Quadro 50: Análise do dado: Sinalizante MR_vídeo_1

Quadro 51: Análise do dado: Sinalizante TA_vídeo_2

Quadro 52: Análise do dado: Sinalizante ML_vídeo_2

Quadro 53: Análise do dado: Sinalizante TA_vídeo_1

Quadro 54: Análise do dado: Sinalizante AL_vídeo_1

Quadro 55: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_5

Quadro 56: Análise do dado: Sinalizante ML_vídeo_3

Quadro 57: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_6

Quadro 58: Análise do dado: Sinalizante HG_vídeo_1

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | | |
|--------|---|--|
| REFL | - | reflexividade |
| REC | - | reciprocidade |
| LOs | - | línguas orais |
| PB | - | português brasileiro |
| Libras | - | Língua de Sinais Brasileira |
| LSs | - | línguas de sinais |
| LSF | - | Língua de Sinais Francesa |
| ASL | - | American Sign Language |
| ISL | - | Israel Sign Language |
| GSL | - | German Sign Language |
| RSL | - | Russian Sign Language |
| Auslan | - | Australian Sign Language |
| GU | - | Gramática Universal (do inglês, <i>Universal Grammar</i>) |
| GB | - | Government and Binding (do português, Regência e Ligação) |
| AE | - | argumento externo |
| AI | - | argumento interno |
| SVO | - | sujeito-verbo-objeto |
| OD | - | objeto direto |
| OI | - | objeto indireto |
| VT | - | verbo transitivo |
| VTD | - | verbo transitivo direto |
| VTDI | - | verbo transitivo direto e indireto |
| VI | - | verbo intransitivo |
| NP | - | noun phrase (sintagma nominal) |
| VP | - | verb phrase (sintagma verbal) |
| DP | - | determiner phrase (sintagma determinante) |
| TP | - | temporal phrase (sintagma temporal) |
| PP | - | prepositional phrase (sintagma preposicionado) |
| CP | - | complementizer phrase (sintagma complementizador) |
| IP | - | inflectional phrase (sintagma flexional) |
| TopP | - | topic phrase (sintagma de tópico) |
| CM | - | configuração de mão |
| ELAN | - | Eudico Language Annotator |

| | | |
|---|---|--|
| @ | - | ausência do gênero |
| REFL _{MESM@} | - | morfema pronominal livre |
| REFL _{PRÓPRI@} | - | morfema pronominal livre |
| REFL _{DENTRO} | - | morfema pronominal livre |
| REFL _{PESSOA} | - | morfema pronominal livre |
| MESM@ | - | morfema livre |
| DUAL | - | morfema pronominal dual |
| AUX.DIR | - | morfema pronominal afixal com verbo auxiliar |
| DIR↔ | - | morfema direcional preso (movimento vai e vem) |
| md=me | - | morfema preso (movimento direcional simultânea oposta) |
| JUNTO/COM | - | sinal que marca gramatical descontínua recíproca |
| DIR | - | movimento direcional da trajetória |
| CL | - | marca em uso do classificador |
| _{1/2/3} .SINAL- _{3/2/1} | - | sinal com movimento simultâneo/alternada oposta |
| S-I-N-A-L | - | sinal soletrado/manual |
| SINAL-SINAL | - | dois ou mais sinais transcritos com hífen |
| oc | - | orientação de palma da mão para o corpo |
| do | - | direção do olhar |
| mc | - | movimento de cabeça do sinalizante |
| me | - | mão esquerda |
| md | - | mão direita |
| x, y, z | - | subscrito em pontos de referência |
| i, k, j | - | índice arbitrário subscrito |
| top | - | marca de tópico |
| Loc | - | marca espacial locativa |
| < > | - | glosa para identificação específico |
| + | - | sinal com movimento repetido |
| ^ | - | formação de sinais compostos por um significado |
| IX | - | sinal de apontação específico |
| IX _{1/2/3.POSS} | - | sinal de apontação de posse |
| IX _{1s} | - | primeira pessoa de singular |
| IX _{2s} | - | segunda pessoa de singular |
| IX _{3s} | - | terceira pessoa de singular |
| IX _{1pl} | - | primeira pessoa de plural |
| IX _{2pl} | - | segunda pessoa de plural |
| IX _{3pl} | - | terceira pessoa de plural |

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO E FUNDAMENTOS DA PESQUISA..... | 21 |
| 1.1 INTRODUÇÃO..... | 21 |
| 1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA | 24 |
| 1.3 QUESTÕES DE PESQUISA..... | 29 |
| 1.4 OBJETIVOS..... | 30 |
| 1.4.1 OBJETIVO GERAL | 30 |
| 1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 30 |
| 1.5 METODOLOGIA..... | 30 |
| 1.6 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 32 |
| 1.6.1 FACULDADE DA LINGUAGEM | 32 |
| 1.6.1.1 A TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS | 33 |
| 1.6.2 O CASO (ABSTRATO)..... | 42 |
| 1.6.3 A TEORIA DA LIGAÇÃO | 47 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - ESTRUTURA ARGUMENTAL, PAPÉIS TEMÁTICOS E TRANSITIVIDADE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: A VOZ VERBAL ATIVA..... | 51 |
| 2.1 ESTRUTURA ARGUMENTAL, PAPÉIS TEMÁTICOS E FUNÇÕES SINTÁTICAS | 52 |
| 2.1.1 CATEGORIAS LEXICAIS E FUNCIONAIS E ESTRUTURA ORACIONAL..... | 53 |
| 2.1.2 ESTRUTURA ARGUMENTAL, CLASSES VERBAIS E PAPÉIS TEMÁTICOS..... | 64 |
| 2.1.2.1 CLASSES SEMÂNTICAS DOS VERBOS E PAPÉIS TEMÁTICOS..... | 66 |
| 2.1.2.2 TIPOLOGIA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS, CLASSES SEMÂNTICAS DE VERBOS E FUNÇÕES SINTÁTICAS..... | 70 |
| 2.1.2.3 PAPÉIS TEMÁTICOS, FUNÇÕES SINTÁTICAS E VOZ VERBAL..... | 78 |
| 2.2 ESTRUTURA SINTAGMÁTICA E TRANSITIVIDADE NA PERSPECTIVA DA TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS | 82 |
| 2.2.1 ARGUMENTO EXTERNO (AE), ARGUMENTO INTERNO (AI), PREDICADORES E TRANSITIVIDADE VERBAL..... | 83 |
| 2.2.1.1 SENTENÇAS TRANSITIVAS | 84 |
| 2.2.1.1.1 VERBOS ACUSATIVOS (NP ₁ + V + (P) + NP ₂ _{PACIENTE/TEMA}) | 85 |
| 2.2.1.1.2 VERBOS BITRANSITIVOS/ DITRANSITIVOS (NP ₁ _{AGENTE} + V + NP ₂ _{PACIENTE/TEMA} + DIR + NP ₃ _{ALVO/ LOCATIVO}) (OBJETO ACUSATIVO/ OBJETO INDIRETO, DATIVO/ OBLÍQUO)..... | 86 |
| 2.2.1.2 SENTENÇAS INTRANSITIVAS | 87 |
| 2.2.1.2.1 VERBOS INERGATIVOS (NP ₁ _{AGENTE} + V) | 88 |
| 2.2.1.2.2 VERBOS INACUSATIVOS (NP ₁ _{PACIENTE/TEMA} + V)..... | 90 |
| 2.3 CLASSES DE VERBOS EM LIBRAS | 91 |
| 2.3.1 SENTENÇAS COM VERBOS SIMPLES..... | 92 |
| 2.3.2 SENTENÇAS COM VERBOS DE CONCORDÂNCIA..... | 95 |
| 2.3.3 SENTENÇAS COM VERBOS ESPACIAIS (LOCATIVOS) | 104 |

| | |
|---|-----|
| 2.3.4 SENTENÇAS COM VERBOS MANUAIS..... | 107 |
| 2.3.4.1 SENTENÇAS COM VERBOS CLASSIFICADORES..... | 112 |
| 2.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS | 116 |

CAPÍTULO 3 - ESTRUTURA ARGUMENTAL E MAPEAMENTO SINTÁTICO: A VOZ REFLEXIVA/ RECÍPROCA NA LIBRAS 117

| | |
|---|-----|
| 3.1 PROPRIEDADES DA VOZ REFLEXIVA E DA VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA NA LIBRAS E A ABORDAGEM DA GRAMÁTICA GERATIVA..... | 118 |
| 3.1.1 ESTRATÉGIAS DE REALIZAÇÃO GRAMATICAL DA VOZ REFLEXIVA NA LIBRAS | 122 |
| 3.1.2 TIPOS DE MARCAÇÃO DA CATEGORIA GRAMATICAL DE REFLEXIVIDADE | 135 |
| 3.2 A VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA NA LIBRAS | 138 |
| 3.2.1 A VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA: VERBOS COM CONCORDÂNCIA | 139 |
| 3.2.2 A VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA: VERBOS SIMPLES (SEM CONCORDÂNCIA) | 147 |
| 3.2.3 A VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA E OS VERBOS ESPACIAIS (LOCATIVOS) | 151 |
| 3.2.4 VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA E VERBOS COM CLASSIFICADOR..... | 152 |
| 3.3 VERBOS RECÍPROCOS EM LIBRAS | 154 |
| 3.3.1 VERBOS RECÍPROCOS EM PB: GODOY (2008, 2009, 2010)..... | 154 |
| 3.3.2 VERBOS RECÍPROCOS INTRANSITIVOS [X V (P Z)] NA LIBRAS | 156 |
| 3.3.3 VERBOS RECÍPROCOS TRANSITIVOS [(Y _{TOP}) X V (Y) (P Z)] NA LIBRAS..... | 157 |
| 3.3.4 TIPOS DE MARCAÇÃO DA CATEGORIA GRAMATICAL DE RECIPROCIDADE NA LIBRAS: AMPLIANDO A BASE DE DADOS | 160 |
| 3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS | 170 |

CAPÍTULO 4 - A VOZ REFLEXIVA E RECÍPROCA NA LIBRAS EM USO..... 172

| | |
|--|-----|
| 4.1 OBJETIVOS DO CAPÍTULO E ASPECTOS METODOLÓGICOS..... | 173 |
| 4.2 A VOZ REFLEXIVA EM USO: ILUSTRAÇÃO E DESCRIÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS ESTRATÉGIAS COLETADAS | 175 |
| 4.2.1 ESTRATÉGIA 1 | 176 |
| 4.2.2 ESTRATÉGIA 2 | 177 |
| 4.2.3 ESTRATÉGIA 3 | 180 |
| 4.2.4 ESTRATÉGIA 4 | 182 |
| 4.2.5 ESTRATÉGIA 5 | 185 |
| 4.2.6 ESTRATÉGIA 6 | 191 |
| 4.3 A VOZ RECÍPROCA EM USO: ILUSTRAÇÃO E DESCRIÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS ESTRATÉGIAS COLETADAS | 195 |
| 4.3.1 ESTRATÉGIA 1 | 195 |
| 4.3.2 ESTRATÉGIA 2 | 198 |
| 4.3.3 ESTRATÉGIA 3 | 201 |
| 4.3.4 ESTRATÉGIA 4 | 203 |
| 4.3.5 ESTRATÉGIA 5 | 207 |
| 4.3.6 ESTRATÉGIA 6 | 208 |
| 4.3.7 ESTRATÉGIA 7 | 211 |

| | |
|---|------------|
| 4.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS | 213 |
| CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 214 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 219 |
| GLOSSÁRIO..... | 225 |
| APÊNDICE 1..... | 226 |
| APÊNDICE 2..... | 227 |
| ANEXO..... | 229 |

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTOS DA PESQUISA

1.1 Introdução

Depois de tantos séculos, os estudos linguísticos na perspectiva das línguas de sinais (LSs) iniciaram a partir de 1960, com Stokoe (1960; 1965), que escreveu seu trabalho científico sobre as línguas de sinais (LSs), considerando, em particular, a *American Sign Language* (ASL). Nessa análise de uma língua de sinais (LS), o autor apresenta as informações técnicas para descrever os parâmetros que expressam o item lexical que corresponde ao sinal na modalidade visual-espacial, que se torna arbitrário e convencional. Dessa forma, essa análise é relacionada às pesquisas científicas das línguas orais (LOs), cuja modalidade é oral-auditiva, em que as unidades fonológicas e as unidades de significado são articuladas na construção formal do item lexical.

Assim, os mesmos níveis linguísticos propostos na teoria saussureana são encontrados nas LSs. O estudo de Stokoe, após essa iniciativa de estabelecer os níveis linguísticos, se espalharam pelo mundo na análise de outras LSs, que já evoluíram na pesquisa descritiva e teórica. Portanto, com Stokoe, as LSs ganharam status de língua natural.

As LSs são formadas por sinais, que têm características como: formas/configurações da mão, movimento, direcionalidade, posição do corpo. Nesse sentido, possuem a complexidade dos sistemas linguísticos legítimos e naturais e podem ser a língua materna utilizada pelas comunidades surdas, em que as estruturas linguísticas são veiculadas na modalidade visual-espacial. A partir da concepção de que os sinais nas línguas visuais-espaciais correspondem ao que vem sendo chamado item lexical como podemos perceber na definição de um conjunto das unidades significativas, os itens lexicais também recebem o nome de sinais que transmitem os significados.

Como as línguas naturais existentes, a Língua de Sinais Brasileira (Libras)¹ recebe o reconhecimento político e social por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que

¹ A sigla Libras foi oficializada pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS. A partir dessa aprovação e reconhecimento social, passou a ser aceita na comunidade surda brasileira. A sigla LSB se refere a Língua de Sinais Brasileira que segue os padrões internacionais utilizados por meios

reconhece os direitos linguísticos da pessoa surda no Brasil, abrindo o caminho para a valorização da língua no contexto social e educacional e para o desenvolvimento da pesquisa científica. A Libras é legalmente reconhecida como a língua oficial das comunidades surdas, mas não é língua oficial do Brasil, embora alguns autores afirmem que sim. Hoje por meio da Lei, a Libras é reconhecida como meio de comunicação legítima da comunidade surda e, por isso, merece ser bem utilizada e amplamente documentada, uma vez que essa língua tem se tornado cada vez mais evidente em todas as áreas do território nacional.

Na década de 1980, com a pesquisadora pioneira Lucinda Ferreira Brito, a Língua de Sinais Brasileira começou a ser estudada, pesquisada e foi publicada a primeira edição do livro “Por uma Gramática: Línguas de Sinais”, no ano de 1995. Antes de oferecer as informações publicadas nesse livro, a pesquisadora viajou para a Europa e os Estados Unidos para buscar os conhecimentos das LSs, que permitiram que ela fizesse a comparação entre a Libras e ASL para constar as informações nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, no uso dos classificadores e a transcrição de sinais e entre outros.

Posteriormente, Quadros & Karnopp (2004) reuniram resultados dos estudos linguísticos da Libras (Karnopp, 1994; Felipe, 1998; Quadros, 1999), exploraram as buscas das informações do conhecimento de LS em outros países, para constar as diferentes áreas da linguística, apresentaram a pesquisa de ASL, também de LSF (Língua de Sinais Francesa), e outras línguas de sinais estrangeiras, na comparação com a Libras. Esses estudos promovem também outras áreas interdisciplinares.

Por meio dessas constantes pesquisas, as discussões são capazes de dar certas propriedades sintáticas para mostrar descrições distintas em Libras. Introduzimos neste trabalho o estudo da voz verbal na Libras. Para tanto, abordamos a realização morfossintática da voz ativa e da voz reflexiva/recíproca na Libras e suas especificidades linguísticas, considerando outras LSs que têm *status* linguístico assim como as LOs. Nossa hipótese é a de que as línguas naturais têm a estrutura gramatical determinada pela Gramática Universal (GU), que corresponde ao modelo formal da Faculdade de Linguagem, considerada um conhecimento inato, conforme propõe Chomsky (1986; 1995), independente da modalidade oral-auditiva ou a modalidade visual-espacial. Adotando a teoria de Princípios e Parâmetros, buscamos identificar as propriedades

acadêmicos, e se refere a todas as demais línguas de sinais com apenas três letras. Nesta tese, adotamos a sigla Libras.

compartilhadas (os princípios) e os contrastes morfossintáticos entre as línguas investigadas (parâmetros).

Para discutir o conceito de voz verbal, partimos da teoria da estrutura argumental e sua realização na estrutura oracional, considerando verbos transitivos (acusativos e bitransitivos/ ditransitivos) e intransitivos (inergativos e inacusativos), tendo como pressuposto a hipótese da Gramática Universal, nos termos de Chomsky (1986; 1995). Para discutir o conceito de reflexividade/reciprocidade, partimos da abordagem da teoria da ligação na interpretação das anáforas reflexivas, conforme Chomsky (1986; 1995).

Diante disso, buscamos entender o contraste entre a voz ativa e a voz reflexiva, investigando como os verbos atribuem as funções sintáticas e os papéis temáticos na presença da anáfora reflexiva, em oposição à voz ativa. No que diz respeito aos elementos sintáticos e semânticos e a sua realização na estrutura oracional, o objetivo é sistematizar as propriedades formais e o mapeamento dos traços da grade temática dos itens verbais na estrutura oracional da Libras.

A tese se estrutura como a seguir:

No capítulo 1, fazemos uma introdução sobre aspectos gramaticais da Libras relevantes para o presente estudo, mostramos a apresentação do problema, e formulamos as questões de pesquisa. Em seguida, tratamos dos objetivos do estudo, apresentamos os pressupostos metodológicos, retomamos as propostas teóricas para trazer algumas características importantes da voz verbal, ativa e reflexiva recíproca nas línguas naturais, considerando diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, apresentamos a abordagem da gramática tradicional, assim como a hipótese da Faculdade de Linguagem, e a teoria da ligação na abordagem da gramática gerativa.

No capítulo 2, apresentamos as características da voz verbal ativa na Libras. Para tanto, caracterizamos a estrutura argumental na relação com as funções sintáticas, considerando a sintaxe de verbos transitivos e intransitivos, bem como a distinção entre verbos simples, verbos com concordância, verbos espaciais e verbos manuais.

No capítulo 3, apresentamos o conceito de reflexividade/ reciprocidade e a tipologia da marcação dessa categoria na Libras, considerando os processos gramaticais de marcação da voz verbal reflexiva e recíproca, e vários aspectos específicos das LSs. Para tanto, retomamos a teoria da ligação (Chomsky, 1986) para analisar os dados da Libras. Incluímos também o estudo dos verbos recíprocos, apresentando a análise de Ferreira; Salles (2020), que distingue predicados simétricos e assimétricos de acordo com a proposta de Godoy (2008; 2009; 2010) para o português.

No capítulo 4, apresentamos um levantamento de dados com os resultados da pesquisa de campo, apresentando estruturas na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca em situações de uso. A exposição desses dados tem por objetivo não só confirmar a ocorrência das categorias gramaticais, como também evidenciar situações de uso variável.

No capítulo 5, apresentamos as considerações finais.

1.2 Apresentação do problema

Nesta seção, apresentamos o problema da pesquisa. Para tanto, fazemos o estudo do tema da voz verbal, de acordo com a tradição gramatical e com a teoria gerativa, e investigamos uma perspectiva comparada entre as duas línguas apresentadas nesta pesquisa – a Libras (e outras línguas de sinais), da modalidade visual-espacial, e o português, da modalidade oral-auditiva. Conforme mencionado na seção anterior, essa abordagem vem da hipótese de que as línguas naturais se estruturam a partir do estado mental inicial da Gramática Universal (GU). A GU, hipoteticamente, é uma estrutura gramatical inata, constituída de princípios gerais, que ocorrem em todas as línguas, e parâmetros, que apresentam os contrastes entre as línguas investigadas.

A relação entre a voz ativa e a voz reflexiva é estabelecida em função da anáfora reflexiva, presente na estrutura da voz reflexiva/ recíproca, que marca a correferência entre o sujeito e o objeto. A voz verbal é uma categoria gramatical que desperta interesse na tradição gramatical.

“O termo tradicional grego para ‘voz’, como uma categoria do verbo, era *diathésis/ estado, disposição, função*, etc. (...) a oposição da voz em grego faz-se primariamente entre ativa e ‘média’. A passiva foi um desenvolvimento posterior, em grego como nas demais línguas indo-europeias, e, a princípio, relativamente pouco frequente. (...) A voz média, quando em oposição à voz ativa, indica que a “ação” ou o “estado” afeta o sujeito do verbo e seus interesses. Entre as frases que se enquadram nessa noção estão as reflexivas. (...)” (Lyons, 1979, p. 392-394)

De acordo com Cunha (1970, p. 390), na voz reflexiva, em português, o verbo ocorre com o pronome oblíquo, que tem a função de objeto direto ou indireto, e representa a mesma pessoa do sujeito, conforme o exemplo a seguir:

(1) Eu *me* visto.

O autor acrescenta que “o verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos” (p. 390), conforme ilustrado a seguir:

(2) Eles ainda *se* amam muito. [= *mutuamente*]

Cunha (1970) observa ainda que os verbos reflexivos/ recíprocos se distinguem dos verbos pronominais. Nos verbos pronominais, os pronomes oblíquos são encontrados, mas esses pronomes apenas marcam gramaticalmente a pessoa do sujeito, mas não descrevem uma situação em que o objeto direto ou indireto é correferencial com o sujeito. Para justificar esse contraste, o autor mostra que somente os verbos reflexivos/ recíprocos aceitam as expressões ‘a si mesmo/a’, ‘um ao outro’, que descrevem a situação orientada para o sujeito.

- (3) a. Ele se cortou (*a si mesmo*)
b. Eles *se* cumprimentam *um ao outro*.
- (4) a. Ele se preocupa (**a si mesmo*)
b. Eles *se* preocupam (**um ao outro*).

O verbo ‘preocupar-se’, em português, tem a característica de ser ‘pronominal’ e pode ser usado na voz reflexiva recíproca, com a preposição ‘com’ (*Eles se preocupam um com o outro*), mas não na voz reflexiva, como se observa no exemplo (4b) e também no exemplo com o sujeito no singular: *Ele se preocupa* (**a si mesmo*).

Kemmer (1993) analisa os verbos pronominais como um tipo de voz média. Afirma que a predicação semântica do verbo *preocupar* é um evento, porém, tem dois papéis temáticos de CAUSA e EXPERIENCIADOR. A distinção entre eles pode ser observada, pelos exemplos a seguir: “*a inflação preocupa Maria*”, que recebe o argumento CAUSA na posição do sujeito, e “*a Maria se preocupa com a inflação*”, que recebe o argumento EXPERIENCIADOR como sujeito, e é marcado com o clítico médio que significa uma posição de EXPERIENCIADOR. O autor afirma que a diferença entre o domínio reflexivo e médio das línguas que dominam em posições diferentes do predicado.

Nesta tese, na análise da Libras, a presença do sinal que marca a correferência com o sujeito é o critério para a identificação da estrutura como reflexiva. Dessa forma,

não fazemos a distinção observada no português entre o verbo na **voz reflexiva** e o **verbo pronominal** (ou voz média). Nesse sentido, consideramos, na análise dos dados da Libras, os verbos que alternam a voz ativa e reflexiva e também verbos psicológicos, que descrevem uma experiência cognitiva, com o uso de marcas orientadas para o corpo do sinalizante, para indicar a correferência com o sujeito.²

Exemplificamos, a seguir, a conjugação de um verbo na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca, incluindo os pronomes ‘você/ vocês’, de 2ª pessoa, e ‘a gente’, de 1ª pessoa do plural, encontrados no português brasileiro (PB):

| LAVAR | | | |
|-----------|-------------------------|-----------------|-------------------------------------|
| | voz | reflexiva | reflexiva recíproca |
| 1ª pessoa | Eu <i>me</i> lavo | a mim mesmo/a | |
| 2ª pessoa | Tu <i>te</i> lavas | a ti mesmo/a | |
| 2ª pessoa | Você <i>se</i> lava | a si mesmo/a | |
| 3ª pessoa | Ele/a <i>se</i> lava | a si mesmo/a | |
| 1ª pessoa | Nós <i>nos</i> lavamos | a nós mesmos/as | uma(s)/um/uns à(s)/ao(s) outro/a(s) |
| 1ª pessoa | A gente <i>se</i> lava | a si mesmos/as | uma(s)/um/uns à(s)/ao(s) outro/a(s) |
| 2ª pessoa | Vocês <i>se</i> lavam | a si mesmos/as | uma(s)/um/uns à(s)/ao(s) outro/a(s) |
| 3ª pessoa | Eles/as <i>se</i> lavam | a si mesmos/as | uma(s)/um/uns à(s)/ao(s) outro/a(s) |

Quadro 1 - Conjugação verbal e sistema pronominal na voz verbal reflexiva e reflexiva recíproca

O quadro da conjugação demonstra que, nas pessoas do plural, a voz verbal pode ser reflexiva ou reflexiva recíproca. No caso do predicado reflexivo, o DP³ sujeito e o DP objeto, expresso pelo pronome átono reflexivo ou clítico, realizam os papéis temáticos AGENTE/ EXPERIENCIADOR e PACIENTE/ TEMA, respectivamente, mas o mesmo referente pratica e sofre ou recebe a ação. No caso do predicado reflexivo recíproco, o DP sujeito e o DP objeto, expresso pelo pronome clítico realizam os papéis temáticos

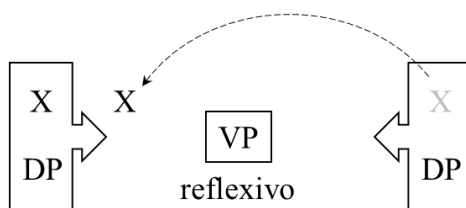
² Nos Capítulos 3 e 4, apresentaremos dados da Libras com verbos que expressam experiência psicológica e cognitiva, indicando o uso da orientação para o corpo do sinalizante (movimento de cabeça e orientação do olhar) para marcar a orientação para a posição de sujeito. Agradecemos à Profa. Rozana Naves por destacar a necessidade de indicar o contraste entre a voz reflexiva canônica e o uso de marcas gramaticais para indicar a correferência. Deixaremos a análise dessas marcas, em oposição à voz reflexiva, para pesquisa futura.

³ Adotamos o sistema X-Barra de representação da estrutura arbórea, conforme Miotto et al. (2007), com adaptações, e abreviaturas para os rótulos com base no inglês: DP (determiner phrase/ sintagma determinante); NP (noun phrase/ sintagma nominal); PP (prepositional phrase/ sintagma preposicional) e demais sintagmas. Trataremos com mais detalhes da projeção sintagmática no capítulo 2.

AGENTE [CAUSA]/ EXPERIENCIADOR e PACIENTE/ TEMA, mas o referente não é o mesmo, pois um referente pratica a ação sobre outro referente, e sofre a ação desse mesmo referente, e vice-versa. Esse contraste está ilustrado a seguir.

No exemplo (5), o predicado ‘feriu’ seleciona dois argumentos, AGENTE[CAUSA] e TEMA, que são realizados como sujeito e objeto na 3ª pessoa do singular, respectivamente o DP ‘o caçador’ e o DP pronominal ‘se’, que possuem o mesmo referente, denotando uma relação reflexiva, conforme ilustração a seguir:

(5) O caçador *se* feriu.

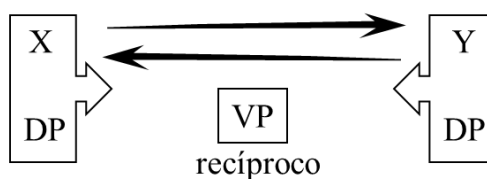


Identificação referencial: **X** feriu **X**.

No exemplo (6), o predicado ‘amam’ seleciona dois argumentos, EXPERIENCIADOR e PACIENTE, que são realizados como sujeito e objeto na terceira pessoa do singular, respectivamente o DP expresso pelo morfema flexional do verbo, na 3ª pessoa plural ‘-am’, e o DP pronominal ‘se’.



Considerando a interpretação de reciprocidade, os DPs no plural descrevem a realização do evento de forma simultânea, em que o DP EXPERIENCIADOR é PACIENTE, e vice-versa, ou seja, o DP PACIENTE é EXPERIENCIADOR. Os verbos recíprocos quanto à presença do morfema reflexivo podem ser reforçados pela expressão ‘um ao outro’. Para tanto, essa reciprocidade é realizada com o verbo flexionado somente com argumentos no plural, conforme demonstrado na ilustração a seguir:

(6) Amam-*se* como irmãos. (Amam um ao outro.)




Dessa forma, o verbo na voz reflexiva recíproca (REC) é a soma de eventos, que seleciona argumentos com referentes distintos, e descreve ação oposta e simultânea: **X ama Y e Y ama X**. Esse caso é diferente daquele em que há interpretação de reflexividade com argumentos no plural, por exemplo, *eles se amam a si mesmos*.

Conforme mencionado anteriormente, o presente estudo investiga a voz verbal nas LSs, em particular a Libras, considerando particularmente a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca. Assim como nas LOs, as LSs também apresentam estratégias de codificação da voz verbal reflexiva. Conforme Ferreira-Brito (1995, p. 116-117), na Libras, a reflexividade é realizada com dois sinais:

- (i) sinal reflexivo do tipo 1: palma da mão direita (md) em [B]/() estabelece dois contatos nas costas da mão esquerda (me), realizada na configuração em [B]/() , conforme ilustrado em (7), por glosa⁴, e em uma versão editada do vídeo em Libras, que o leitor pode acessar por meio do QR Code:




- (7) IX_{3si} REFL_{MESM@i} SUICIDAR
Ele/ela se suicidou.



- (ii) o sinal reflexivo do tipo 2: mão direita em [K]/() encosta o peito com a ponta do dedo médio, conforme ilustrado em (8), e uma versão editada do vídeo em Libras, que o leitor pode acessar por meio do QR Code:

- (8) _{1si}-AMAR REFL_{PRÓPRI@i}
Eu me amo.



Nesse sentido, em (7) e (8), o uso do sinal realizado com a CM em [B]/() , [K]/() ou [P]/() significa ‘mesmo’/ ‘próprio’ e marca o predicado como reflexivo.

⁴ Os dados de Libras são transcritos em caixa alta, com palavras do português, conforme Ferreira-Brito (1995) e Felipe (1998). Especificações gramaticais adicionais são apresentadas em fonte subscrita, conforme a seguir: 1s/pl, 2s/pl, 3s/pl = ‘1ª, 2ª, 3ª pessoa do discurso, no ‘singular’ e no ‘plural’; me = mão esquerda; md = mão direita; REFL_{MESM@} = sinal reflexivo 1; REFL_{PRÓPRI@} = sinal reflexivo 2; REC = recíproco; a-b = referentes em verbos de concordância e recíprocos. Alguns dados são apresentados em imagens. As normas de transcrição completas estão citadas no início da tese (p. 17).

Diferentemente, a voz recíproca pode ser marcada no verbo por meio de movimentos opostos pelo uso das mãos duplicadas, com as duas CMs similares e simultâneas, no mesmo espaço. É o caso do verbo com concordância ENTREGAR, conforme ilustrado em (9), adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 122):

(9) LIVRO <_{(md)3}-ENTREGAR.DIR-_{3(me)}>REC

Eles entregaram o livro um ao outro.



Percebemos que a pesquisa científica sobre reflexividade/ reciprocidade nas LS mostra que existem categorias gramaticais que marcam o contraste com a voz verbal ativa. No entanto, outras estratégias relacionadas a esses fenômenos poderiam ser consideradas e os estudos deveriam mostrar mais dados na análise de descrição gramatical.

Por fim, esta pesquisa pode vir a contribuir para o estudo das estruturas morfossintáticas das línguas sinalizadas, portanto pode trazer contribuições importantes para o aprofundamento e o desenvolvimento da pesquisa linguística.

1.3 Questões de pesquisa

Foi observado nesta pesquisa, por meio das investigações dos verbos em relação à estrutura morfossintática e às propriedades da voz ativa em oposição à voz reflexiva/recíproca, que os fenômenos permitem formular as seguintes questões:

- a) Quais são os sinais ou morfemas da voz reflexiva na Libras? Como essas estratégias se distinguem da voz ativa?
- b) Como os verbos que são lexicalmente recíprocos realizam a voz reflexiva recíproca?
- c) Verbos com concordância fazem uso de duas mãos similares/ simétricas, com o movimento direcional em direção oposta. É obrigatório o uso de duas mãos similares/ simétricas com esses verbos?
- d) Os verbos simples marcam a voz reflexiva recíproca fazendo uso do sinal DUAL. Existem outras estratégias para marcar a reciprocidade com verbos simples?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

O estudo tem como objetivo geral apresentar a descrição morfosintática e a análise linguística das sentenças na voz ativa e na voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira.

1.4.2 Objetivos específicos

- Reunir de forma sistemática sentenças na voz verbal ativa e na voz verbal reflexiva e reflexiva recíproca na Libras;
- Analisar a distribuição dos sinais marcadores de reflexividade e reciprocidade, considerando a relação com as classes verbais na Libras;
- Investigar as propriedades das sentenças na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca na Libras, sob a perspectiva gerativista;
- Promover a discussão sobre a relação entre a Libras e o PB, considerando as propriedades da Gramática Universal (GU);
- Contribuir para os estudos gramaticais da Libras, e para os estudos das línguas de sinais em geral;
- Analisar as propriedades do Caso comitativo na Libras, comparando com as estruturas do PB em que ocorre a preposição ‘com’.

1.5 Metodologia

Podemos dizer que, de maneira geral, os métodos da pesquisa a serem desenvolvidos são do tipo exploratórios e descritivos, na primeira fase, para depois serem analisados pelo ponto de vista da Gramática Universal, verificando-se a adequação explicativa.

Quanto à metodologia exploratória, a pesquisa busca o levantamento de dados e a análise teórica, considerando a gramática tradicional e gerativa na investigação da estrutura sintática da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca, em oposição à voz ativa. Quanto à metodologia descritiva compreende os registros dos fatos existentes nas duas línguas naturais que estamos mostrando. Na língua natural dos surdos, valorizamos o estudo da pesquisa descritiva que é de suma importância para evoluir a gramática de

Libras. Investigamos os dados que ocorrem e as marcas da categoria gramatical que desejamos descrever, no caso a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca.

Para desenvolver essa pesquisa, abordamos a marcação gramatical da voz reflexiva/recíproca na Libras, em contraste com a voz ativa. Partimos da investigação das sentenças em línguas orais, citadas na gramática tradicional na realização de reflexividade/ reciprocidade. Apresentamos as sentenças no PB e os exemplos correspondentes na Libras. Percebemos que a marcação da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na Libras nos autores que foram pesquisados não considera os tipos de verbo. Portanto, em nosso trabalho, acrescentamos novos dados e colocamos a relação com as classes dos verbos na Libras. Apresentamos também vídeos publicados na internet com sinalizantes surdos e não-surdos fluentes na Libras para identificar mais exemplos das sentenças ilustradas.

Seguindo Quadros & Karnopp (2004), adotamos a análise dos tipos de verbos na Libras, e propomos colocar os dados em quadros de acordo com os tipos de marcação gramatical da reflexividade e os tipos de marcação gramatical da reciprocidade para descrever os dados.

Para ampliar a base de dados e fazer descrição e a análise, retiramos os itens verbais do dicionário impresso do Capovilla et al. (2009). Verificamos os dados no acesso ao dicionário virtual de Libras por meio do site <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>, um material com temas distribuídos entre frutas, vestuários, países, e que inclui os verbos e também por meio de glossário bilíngue “Libras Signbank” <https://signbank.libras.ufsc.br/>. Ainda, apresentamos dados do “Portal Corpus Libras” <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/115687>. Por outro lado, recorreremos às redes sociais como Instagram, Youtube, coletamos os dados para examinar o estudo da voz verbal.

Na análise dos dados da Libras, tomamos por referência pesquisadores das LSs, como Supalla (1986), Ferreira-Brito (1995), Felipe (1998, 2002), Quadros (1995, 1997, 1999), Liddell (2003), Quadros & Karnopp (2004), Quadros, Pizzio e Rezende (2008), Araújo-Ferreira (2013), Lourenço (2020) entre outras referências, que também analisaram os verbos específicos e outras categorias da Libras, da ASL, que já investigaram. Neste estudo, trabalhamos as categorias da voz reflexiva e voz reflexiva recíproca, em oposição às categorias marcadoras da voz ativa.

Além disso, criamos um corpus de sentenças com verbos reflexivos e recíprocos na Libras, obtidos de forma espontânea na interação com a comunidade surda, em

postagens na internet, em sites de comunicação entre surdos, em bancos de dados disponíveis em sites institucionais (UFSC e INES). Na análise dos dados da língua em uso, coletados na internet, utilizei o programa ELAN. Outros dados foram construídos a partir da intuição de sinalizantes (falantes) da Libras, em particular o autor desta tese, para realizar a análise em relação às propriedades dessas sentenças.⁵

Para tanto, assumindo a hipótese da GU, apresentamos os detalhes descritivos das estruturas sintáticas, concluiremos a demonstração das discussões dos dados das estruturas para abordar os quadros com tipos de todas as marcações gramaticais. Após apresentar esses métodos que passamos a desenvolver os capítulos da tese. A seguir, abordamos o referencial teórico.

1.6 Referencial teórico

1.6.1 Faculdade da Linguagem

De acordo com a teoria gerativa, a Faculdade da Linguagem é "um órgão linguístico", pode ser como um componente da mente humana. A hipótese sobre a Faculdade da Linguagem se baseia na observação de que a linguagem humana é um atributo exclusivo do ser humano, que se desenvolve rapidamente na infância, pelo acesso a *input* linguístico. Essa observação permite explicar por que a língua se manifesta de forma regular e uniforme em todas as comunidades, e também por que existem diferenças nas línguas do mundo.

Nesse sentido, segundo Chomsky (1965), a língua é inata e ocorre em todo o ser humano, e a aquisição da língua é um processo natural. Esse processo de aquisição de língua se inicia com a Gramática Universal (GU). A GU⁶ é uma caracterização com princípios biologicamente determinados da Faculdade da Linguagem. Nesse sentido, desenvolveram-se os estudos da linguística gerativa (Chomsky, 1957). Por hipótese, a GU é composta por *princípios*, que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais;

⁵ Eu, Hely César Ferreira, autor desta tese, sou surdo bilateral congênito. Meus pais são ouvintes. Adquiri a Libras no contato com a comunidade surda desde 1999 (tinha 21 anos de idade), com a qual tenho convivido intensamente. Considero que sou proficiente na Língua de Sinais Brasileira e atuo profissionalmente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (em Uberaba/MG) como professor de Libras e como pesquisador na área de linguística das línguas de sinais. Dessa forma, me considero apto a produzir sentenças em Libras e produzir dados para esta tese. No entanto, discuti sobre o tema da pesquisa com outros surdos proficientes na Libras, que contribuíram para a avaliação de alguns dados.

⁶ A abreviatura GU refere-se à expressão Gramática Universal, em português. No inglês, a expressão *Universal Grammar* recebe a abreviatura *UG*.

e por *parâmetros*, que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas, conforme propõe Chomsky (1986).

O sistema linguístico complexo e abstrato de um falante/ sinalizante resulta da aquisição de primeira língua L1 (que é a Libras) e o estado inicial da faculdade de linguagem. O mesmo ocorre na aquisição de qualquer língua materna com que a criança tiver contato na comunidade onde nasce e vive. Ao longo do processo de aquisição, esse estado inicial compreende tanto princípios quanto parâmetros, a Faculdade da Linguagem. No contato com o input linguístico, o estado mental inicial sofre mudanças e os diferentes sistemas linguísticos se manifestam, pela fixação de parâmetros.

Afinal, as propriedades sintáticas encontradas na língua de sinais, assim como as outras línguas de sinais ao redor do mundo são diversificadas, e uma investigação de aspectos específicos de cada língua revelam as características da Faculdade da Linguagem. Além disso, o estudo das propriedades da Faculdade de Linguagem visa contribuir para uma descrição teórica dos princípios e parâmetros, como será demonstrado a seguir.

1.6.1.1 A Teoria de Princípios e Parâmetros

A teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), nos termos no Programa Minimalista (1995; 1999, e os trabalhos consequentes), é uma forma de explicar as semelhanças e diferenças entre as línguas e foi originalmente formulada em Chomsky (1986). A partir da Gramática Universal (estado mental inicial), a criança vai construindo a sua L1 (Libras), pelo contato com o *input* linguístico da comunidade em que está inserida. Por hipótese, a GU se constitui de princípios gerais e dos parâmetros, estes sem valores fixados.

Segundo Miotto et al. (2007), explica a linguagem técnica sobre gramaticalidade e agramaticalidade que ocorrem de um falante/ sinalizante nativo das línguas naturais quando uma sentença que viola um princípio, portanto que não é permitida em nenhuma língua natural. A seguir, vamos mostrar a estrutura formal da GU, de acordo com o modelo teórico da Faculdade da Linguagem:

i) **Princípios:** são leis gerais válidas para todas as línguas naturais – O estudo de línguas naturais específicas, tais como o inglês, o português, a Libras, a ASL e assim por diante, verificou que são compostas por sujeitos sintáticos, ou seja, a estrutura oracional possui

a posição sintática de sujeito NP e a posição sintática do predicado, como um dos princípios universais que existem provavelmente para todas as línguas. Vejamos:

- (10)
- a. O Paulo_i disse [que ele_i vai viajar.] (dato extraído de Mioto et al. 2007, p. 24)
- correferencial
}
- {
{
- Or. Prin.
Or. Sub.

A sentença (10a) é gramatical, porque os sintagmas DP ‘Paulo’ e ‘ele’ são duas expressões do mesmo referente, os DPs são correferenciais. Nesse sentido, o subscrito (*i*), onde tem o núcleo da posição do sujeito na oração principal enquanto a oração subordinada com pronome ‘ele’, essas duas orações têm dois verbos, portanto que a oração subordinada representa o antecedente do pronome ‘ele’ que está referindo na mesma posição do sujeito na oração principal.

- (10)
- b. *Ele_i disse [que o Paulo_i vai viajar.] (dato extraído de Mioto et al. 2007, p. 24)
- }
- Agramatical

A sentença (10b) mostra impossibilidade considerar o DP ‘Paulo’ como correferencial do pronome ‘ele’ na posição de sujeito da oração principal. O sujeito da oração principal ‘Ele’ não pode apresentar antecedente o DP ‘Paulo’, não está de acordo com as regras do PB e também pode sendo violado um princípio. Essa oração principal precisa de nome (substantivo) para repor a posição do sujeito quando se for o pronome na oração subordinada pode apresentar. Nesse sentido, o pronome ‘Ele’ na oração principal não permite correferência com ‘Paulo’ na oração subordinada então a sentença é agramatical.

Essa restrição é também observada na Libras, pois na sentença (11), o pronome IX_{3s} (‘ele’) na posição de sujeito da oração principal (verbo DIZER) não pode ser correferencial com o nome próprio P-A-U-L-O, na posição de sujeito da oração subordinada (verbo VIAJAR):

- (11) c. *IX_{3s}_i DIZER [P-A-UL-O_i VIAJAR AMANHÃ].



ii) **Parâmetros:** são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas – Um dos Parâmetros mais estudados na

literatura gerativista é o chamado “Parâmetro pro-drop” (Chomsky, 1981, p. 240). O conjunto de propriedades relacionadas são o “Parâmetro do sujeito nulo” e o “Parâmetro do objeto nulo”. Outro fenômeno variável entre as línguas é a ordem dos termos na oração. Esses parâmetros são variações translinguísticas, que se apresentam como uma função do léxico, em particular, do léxico funcional.

Nesse sentido, as diferenças entre as línguas são formalmente definidas por meio de parâmetros. Por exemplo, a ordem dos termos na oração:

✓ SVO

- (12) a. ONTEM KIKO COMPRAR BOMBOM. (Libras)
b. Ontem Kiko comprou bombom. (português)



✓ SOV

- (13) a. Kato okashi kau. (japonês) (dado extraído de Miotto et al. 2007, p. 49)
Kato doce comprar.
Kato comprou um doce.

- b. Hasan öküz-ü aldo. (turco) (dado extraído de Roberts 2007, p. 53)
Hasan vaca-ACUS comprou.
O homem comprou uma vaca.

Segundo o estudo de Kenedy (2013, p. 97), depois de concluído “o processo de aquisição, no estágio estável, os parâmetros de uma língua particular estarão completamente assimilados pela GU e, dessa forma, o conhecimento de uma língua específica, como por exemplo, o português, estará estabelecido na mente da pessoa”. Conforme mencionado anteriormente, outro exemplo de contraste entre as línguas é o parâmetro do sujeito nulo. Esse parâmetro se refere ao preenchimento da posição de sujeito na oração. Observamos que esse preenchimento é um fenômeno variável, já que, em algumas línguas, o sujeito pode ser nulo, isto é, pode ser omitido numa frase, e em outras línguas, o sujeito é preenchido obrigatoriamente.

O PB (português brasileiro) e a Libras apresentam características semelhantes no preenchimento dessa posição sintática por um argumento ou por um pronome (referencial ou expletivo). Nos exemplos a seguir do português e da Libras, verificamos que o valor do parâmetro do sujeito nulo é POSITIVO:

Português/Libras: sujeito nulo → POSITIVO

(14) a. Ø Choveu ontem. / ONTEM Ø CHOVER.

b. Ø / Eu estudo linguística. / Ø / IX_{1s} ESTUDAR LINGUÍSTICA⁷.



Diferentemente, no inglês, verificamos que o valor do parâmetro do sujeito nulo é NEGATIVO:

Inglês: sujeito nulo → NEGATIVO

(15) a. It / *Ø rained yesterday.

b. I / *Ø study linguistics.

A Libras apresenta um outro fenômeno que pode ser tratado como uma manifestação do parâmetro do sujeito nulo e do objeto nulo, ou seja, o parâmetro *pro-drop* na língua. É o caso dos verbos de concordância. Vejamos o exemplo (16): o verbo de concordância ‘ENTREGAR’ ocorre na voz reflexiva recíproca, que é realizada por meio de movimentos opostos com as duas CMs similares e simultâneas, conforme ilustrado no exemplo adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 122).

(16) LIVRO <_{(md)3}-ENTREGAR.DIR-_{3(me)}>REC



A sentença (16) significa “Eles entregaram o livro um ao outro”. O sujeito é marcado no verbo pela realização do movimento que se origina na posição marcada para o referente que realiza o argumento externo na 3ª pessoa do plural (sujeito) e se orienta para a posição marcada para o referente do argumento interno na 3ª pessoa do plural (objeto), portanto, o verbo com concordância indica o sujeito ou objeto da sentença através do espaço, ou seja, através do ponto de partida e do ponto de chegada do movimento do verbo. O sujeito é indicado no ponto de partida do movimento do verbo e, portanto, não é utilizado o sinal de apontação (IX) na direção do referente de 3ª pessoa, e o verbo realiza o movimento a partir do ponto onde está localizada a 3ª pessoa, em direção à 3ª pessoa, que é o argumento interno interpretado com o papel temático de ‘tema’, não é utilizado o sinal de apontação

⁷ No exemplo da Libras, o sujeito nulo é restrito à 1ª pessoa. Não vamos detalhar essa questão, mas remetemos o leitor a estudos sobre a assimetria entre 1ª pessoa em oposição às demais pessoas nas LSs (cf. Meir et al. 2008; Andrade 2016).

(IX) na direção do referente de 3ª pessoa. Portanto, o sujeito é nulo, e também o objeto é nulo.

Conforme propõe Chomsky (1995), no Programa Minimalista, e seguindo a sistematização de Kenedy (2013), os itens lexicais e funcionais possuem traços formais que são acessados pelo sistema computacional. A partir dessa hipótese, o Léxico, entendido no sentido de *léxico mental*, podemos dizer que é um componente da língua-I, que podemos chamar de conhecimento linguístico. Essa língua se torna parte do sistema cognitivo da linguagem humana, já que existem inúmeras capacidades e habilidades mentais em relação às informações lexicais. Portanto, é possível produzir e compreender palavras, morfemas e expressões linguísticas. O sistema Computacional dispara representações sintáticas derivacionalmente (cf. KENEDY, 2013).

O termo ‘*sintaxe*’, no Sistema Computacional, é o fenômeno sintático presente em todas as línguas naturais existentes e se manifesta em relações computacionais entre um núcleo lexical e seu respectivo complemento (argumento interno). Isso quer dizer que, por um lado, esse fenômeno tem uma propriedade universal e, por outro lado, tem uma propriedade variável em relação a expressão de seu complemento (nulo ou não). Podemos definir esse termo como: “trata-se do conjunto das computações cognitivas que geram representações linguísticas complexas, como sintagmas e frases” (cf. KENEDY, 2013, p. 179). Segundo Kenedy (2013), a sintaxe é um componente autônomo na arquitetura da linguagem humana. Podemos dizer, a respeito das regras computacionais da sintaxe, que são operações formais, como Selecionar, Merge (Fusão), Mover etc. Na arquitetura da linguagem humana, o sistema computacional faz parte da GU.

Os itens do léxico e a sintaxe se relacionam pelo sistema computacional e, dessa forma, podem correlacionar o som (fonologia) e o significado (semântica), e assim formar constituintes complexos.

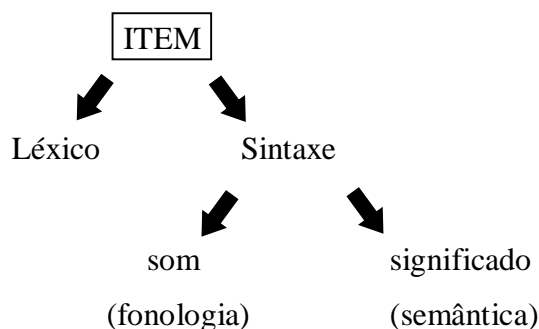


Figura 1: A representação linguística na arquitetura da linguagem

Devemos entender que a linguagem humana é um sistema organizado capaz de gerar o ‘som’ que vem da representação fonética quando a expressão linguística é produzida e se torna acessível aos sentidos. Assim tanto as LOs quanto as LSs apresentam essa configuração, pelo som e pelo sinal, isto é, por um sistema organizado em uma representação fonética e fonológica.

“A forma de uma expressão linguística é tipicamente uma cadeia sonora, um ‘som’. Porém, devemos ter em conta que essa forma pode ser também gestos visuais, como acontece com as línguas de sinais usadas por pessoas surdas. Por seu turno, o conteúdo das expressões linguísticas é sempre o seu valor informativo, o juízo de verdade ou o ‘significado’ do que dizemos.” (cf. KENEDY, 2013, p. 116)

Em relação ao ‘significado’ da linguagem humana, a expressão linguística das línguas naturais, inclusive LS, recebe as informações lexicais que entram na cadeia da fala pelo sistema computacional, que permite analisar um item qualquer, que possui o valor significativo, e pode veicular como morfemas, ou unidades superiores, como sintagmas e frases. Isso devemos entender como uma representação lógica. O sistema computacional é responsável por definir a estrutura da oração. Podemos dizer que é uma espécie de máquina capaz de gerar informação sintática a partir de informações lexicais, criando representações linguísticas (cf. KENEDY, 2013).

A operações do sistema computacional enviam essa representação para os sistemas de interface da arquitetura da linguagem humana que são FF – a *Forma Fonética* a ser pronunciada e interpretada fonologicamente, e FL – a *Forma Lógica* a ser interpretada semanticamente. Os dois sistemas de interfaces produzem sintagmas e frases. Assim, uma das interfaces, a FF, representa a relação ao sistema articulatório-perceptual que é responsável pelo controle da produção e da recepção das unidades linguísticas, fornece instruções para as estruturas perceptuais, que interpretam a informação sonora (no caso das LOs) e visual (no caso das LSs). A outra interface, a FL, representa a relação ao sistema conceitual-intencional, que é responsável pelo pensamento humano, que usa as palavras para representar conceitos e combinar essas palavras em instruções para a interpretação do significado da sentença.

O Sistema Computacional realiza operações combinatórias sobre os itens do léxico para formar e identificar representações sintáticas complexas (MERGE ou FUSÃO) e, de maneira recursiva, gera representações para as interfaces da linguagem.

Essa operação começará quando a formação da sentença inicia com a Numeração (N), quer dizer que é pequeno conjunto de referência que contém as informações lexicais que formam uma derivação sintática, pois traz os traços formais de um item lexical para disparar as operações computacionais.

A primeira operação do sistema computacional é *Selecionar* (do inglês, *Select*). É uma operação computacional sobre os itens retirados do Léxico que forma a Numeração (N). Essa operação retira um item da N e junta esse item com outro item no espaço da derivação. Essa operação é limitada pelo índice do item na N, conforme sistematizado por Kenedy (2013):

LÉXICO \rightarrow N = {João₀, amar₁, Maria₁}

SIST. COMPUTACIONAL \rightarrow *Selecionar* [João] \rightarrow Espaço Derivacional \rightarrow [João]

A segunda operação do sistema computacional é *Merge*. Segundo Kenedy (2013, p. 130), “*Merge* é, portanto, a operação computacional criadora de objetos sintáticos complexos (como sintagmas, orações e frases)”. A operação *Merge* é baseada na relação de seleção, que pode ser de dois tipos: seleção de constituinte (seleção-c) e seleção semântica (seleção-s). Mostramos que essa operação pode combinar dois itens [ama] e [Maria] fazendo surgir o VP [ama [Maria]], conforme exemplificamos a seguir:

LÉXICO \rightarrow N = {João₁, amar₀, Maria₀}

SIST. COMPUTACIONAL \rightarrow *Selecionar* \rightarrow Espaço Derivacional \rightarrow *Merge* [amar [Maria]]

Conforme observa Kenedy (2013, p. 131), a operação *Merge* gera um objeto complexo, que poderá entrar em outra operação com um novo item da N. Temos dois elementos que são os objetos X e Y, ou seja, $Z = [X + Y]$, formando um novo objeto. Então o que acontece é que a operação *Merge* deve combinar esses dois elementos para formar um novo item retirado de N, por meio de *Merge* [João] + [amar + Maria].

LÉXICO \rightarrow N = {João₀, amar₀, Maria₀}

SIST. COMPUTACIONAL \rightarrow ... \rightarrow *Merge* [João [amar [Maria]]]

Nesse momento, é interessante notar que uma das obrigações do Sistema Computacional é que as operações de *Merge* são determinadas pela estrutura argumental do verbo ‘amar’, que satisfaz a seleção de dois argumentos. Ou seja, o primeiro *Merge*

indica a relação entre o verbo ‘amar’ e o seu argumento interno ‘*Maria*’, que toma ‘*Maria*’ como complemento de ‘ama’, que é o argumento selecionado como ‘*Tema*’, e o segundo *Merge* indica a relação entre o objeto sintático complexo [amar + *Maria*], formado pelo verbo e pelo argumento interno, a operação *Merge* combinou esse objeto com o argumento externo ‘*João*’, que é o argumento selecionado como ‘*Experienciador*’, gerando o novo objeto complexo [João + [amar + *Maria*]].

Nesse momento, a aplicação de *Merge* poderá disparar mais uma vez, no caso, se existem mais itens de N ou objetos sintáticos complexos dentro no espaço de derivação. Com isso, a operação *Merge* poderá aplicar de forma indefinida, conforme Kenedy (2013, p. 132). As categorias sintagmáticas são essenciais para formar uma oração. Para tanto, é necessário repetir a operação *Merge*, para concatenar as categorias funcionais que formam a estrutura oracional: Sintagma Complementizador (CP) e Sintagma Temporal (TP). Veja a representação de acordo com as categorias:

(17) [CP C [TP T [VP João [ama [Maria]]]]]

(17') [CP C [TP T [VP JOÃO [AMAR [MARIA]]]]]

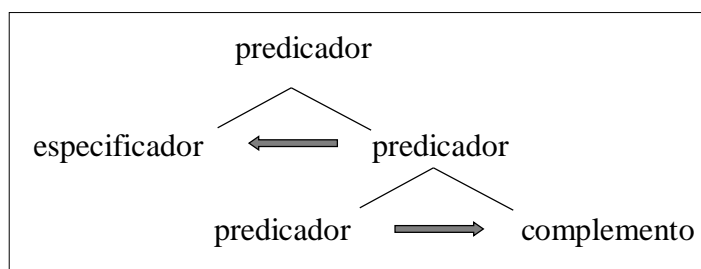


Por meio dessas categorias e das operações do sistema computacional, podemos dizer que será possível identificar se a oração está na voz ativa [*João ama Maria*], na voz passiva [*Maria é amada por João*], ou na voz reflexiva recíproca [*João e Maria se amam*], entre outras propriedades que envolvem as posições sintáticas geradas por essas categorias. Pois bem, essas orações trazem as informações dos traços formais dos itens do Léxico (como categoria, estrutura argumental, pessoa, número) que pode disparar as operações computacionais.

Como foi mencionado acima pela sistematização de Kenedy (2013), o Sistema Computacional é capaz de identificar as instruções para todas as estruturas que existem, e computa as informações de acordo com os traços de seleção dos elementos dentro da N, na formação da sentença que introduz no espaço derivacional. Por meio do Sistema Computacional, a estrutura argumental pode estabelecer a relação sintática entre um predicador e seu(s) argumento(s). Os núcleos lexicais (predicadores) apresentam a posição do especificador para o argumento externo e a posição do complemento para o argumento interno, que são as projeções sintagmáticas do predicador. Os argumentos externo e interno são elementos que constituem a estrutura argumental de um predicado.

Os predicadores das línguas naturais possuem limitações quanto ao número de argumentos. O número mínimo é que pode selecionar um argumento. Quanto ao número máximo, o predicador pode até três argumentos.

Veamos a representação da estrutura gerada pelo Sistema Computacional, conforme ilustrado por Kenedy (2013):



Fonte: *Figura extraída de Kenedy (2013, p. 153)*

O complemento é a posição do argumento interno e sua posição estrutural é selecionada semanticamente pelo predicador. O especificador é a posição do argumento externo e sua posição estrutural é selecionada semanticamente pelo predicador.

Kenedy (2013, p. 153) comenta que “o Sistema Computacional precisa ser instruído quanto ao status de seus argumentos, ou seja, ele precisa acessar a informação ‘interno’ versus ‘externo’ dos argumentos de modo a associá-los corretamente como complemento ou especificador do núcleo predicador”. De acordo com as hierarquias dos papéis temáticos, eles podem ser atribuídos às projeções do predicador. Dessa forma, os argumentos ocupam suas posições na sentença que podem receber valores semânticos de acordo com as instruções do predicador.

Nas línguas naturais, nesse sentido, no nível hierárquico, a categoria sintagmática e o seu núcleo lexical vem apresentar a posição sintática do argumento externo interpretado como Agente ou Experienciador, e o argumento interno, interpretado como Tema ou Paciente, e o segundo argumento interno, interpretado com Benefactivo ou Locativo, dessa forma resumindo que são três argumentos do predicador.

No entanto, na estrutura oracional, o papel temático do argumento que ocupa a posição de sujeito pode mudar. Exemplificamos com o dado ilustrado por Kenedy (2013), e acrescentamos o dado correspondente em Libras:

(18) O flamengo perdeu.

(18') FLAMENGO PERDER



Nesse caso, o verbo ‘perder’ / ‘PERDER’, em particular, seleciona apenas um argumento externo, ele exerce a função temática de ‘tema’, mas não de ‘agente’ ou ‘experienciador’. Na verdade, essa estrutura vem semanticamente do predicador, que é o verbo. O significado específico, no que diz a respeito à hierarquia dos papéis temáticos, não deve violar esse sentido. Dessa forma, o argumento primeiro deve ocupar a posição do argumento interno interpretado como ‘tema’, pois a teoria descreve essa posição de forma generalizada para os traços no Léxico, conforme explicado por Kenedy (2013).

1.6.2 O Caso (abstrato)

O estudo da marcação de Caso (abstrato) pretende descrever a manifestação dos DPs, pois é responsável pela distribuição dos sintagmas nominais na estrutura oracional. Na teoria gerativa, o conceito de Caso abstrato é formulado com base na marcação de caso morfológico, conforme Chomsky (1986). No entanto, o caso morfológico é uma noção que estabelece a relação entre o papel semântico que o argumento desempenha na estrutura argumental (agente, tema, instrumento, locativo e outros) e sua posição sintática.

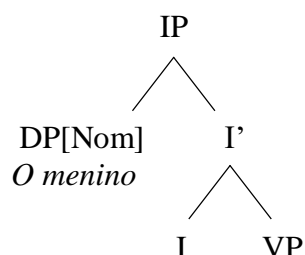
A categoria gramatical de Caso abstrato não apresenta as variações observadas nas línguas naturais, pois é universal, portanto pode ser apresentada como um único princípio da estrutura sintagmática. Segundo Mioto et al. (2007),

“[...] a categoria gramatical de Caso é necessária na medida em que permite que os DPs sejam interpretados: numa sentença o DP marcado por NOMINATIVO pode ser *agente*, o marcado por ACUSATIVO pode ser o *tema* e assim por diante. Sem o Caso, não seria possível recuperar qual o papel temático do DP.”

Essa atribuição pode ser feita por três tipos de Casos: NOMINATIVO (Nom), ACUSATIVO (Acc) e OBLÍQUO (Obl). Os exemplos a seguir ilustram cada tipo de Caso abstrato, considerando o núcleo sintático que licencia, conforme apresentado por Mioto

et al. (2007), com adaptações.⁸ Em (19), destacamos o DP *o menino*, com o Caso NOMINATIVO:

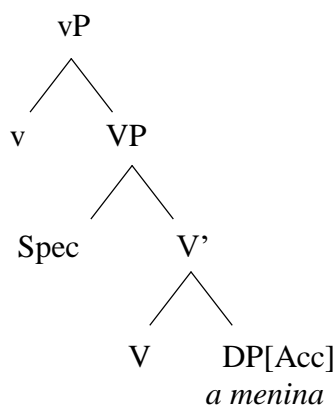
(19) *O menino*_{Nom} abraça a menina.



Na estrutura em (19), temos a marcação do Caso NOMINATIVO, que aponta a posição do argumento externo (Spec IP), que está na projeção do núcleo flexional I, que atribui o Caso à esquerda. Sabemos que DP *o menino* realiza o papel temático de *agente*, mas é através do Caso nominativo que este DP pode ser visível para a interpretação temática.

A seguir, o exemplo (20) destaca o DP *a menina*, marcado com o Caso acusativo pelo núcleo sintático ‘v’ (verbo leve), que seleciona o VP (lexical) (*VP shell*).

(20) O menino ama *a menina*_{Acc}

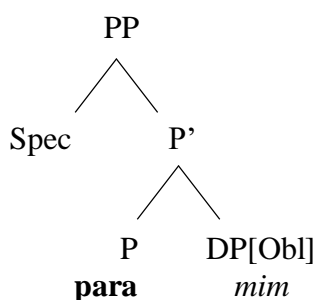


⁸ Adotamos, na estrutura (20), a hipótese minimalista de que o Caso acusativo é licenciado pelo verbo leve ‘v’ (Chomsky, 1995) (e não pelo núcleo lexical V, conforme Miotto et al. 2007). Dessa forma, o Caso (abstrato) nominativo e o Caso (abstrato) acusativo são unificados, pois ambos são licenciados por categoria funcional, respectivamente o núcleo funcional que manifesta os traços flexionais do verbo ‘I’ e o núcleo funcional ‘v’ (verbo leve), que manifesta os traços flexionais do objeto.

Na ilustração (20), o Caso ACUSATIVO é marcado no DP que ocorre na posição do complemento do verbo, pelo núcleo funcional *v*, que ocorre na estrutura do verbo transitivo [v-[V[DP]]]. Nessa configuração, o DP *a menina* carrega o Caso, e é interpretado como tendo o papel temático de *tema*, que vem atribuído pelo verbo *amar*. Por isso essa interpretação fica visível quando o DP apresenta o Caso ACUSATIVO.

O exemplo (21) ilustra o Caso oblíquo.

(21) A menina olhou **para** *mim*_{Obl}



No exemplo (21), o DP com o Caso OBLÍQUO é selecionado como complemento do verbo e o caso oblíquo está atribuído para direita da preposição *para*. Sabemos que DP *mim* recebe Caso, porque este DP é o complemento da preposição.

O Caso oblíquo ocorre com outras preposições em línguas orais, como o português, e por esse motivo pode ser associado às propriedades semânticas das preposições correspondentes. Um exemplo de caso oblíquo é o caso comitativo, que é associado à preposição *com* no PB. Como será detalhado no capítulo 3, o caso comitativo se manifesta com verbos lexicalmente recíprocos na Libras e pelo uso do sinal JUNTO/COM.

De acordo com Inácio (2009), o caso comitativo é um caso semântico. Do ponto de vista sintático, podemos analisar o caso comitativo como um tipo de caso oblíquo. Nesse sentido, segundo o autor, o conceito de comitativo “é uma função semântica que recobre o Complemento de Companhia, indevidamente classificado como Adjunto”, conforme citado por Inácio (2009, p. 14). Essa análise se baseia na ideia de que o argumento associado ao caso comitativo satisfaz a valência do verbo e ocorre na estrutura oracional na posição de complemento como Objeto Indireto. No entanto, do ponto de vista semântico, o argumento com o caso comitativo tem a mesma função semântica do argumento na posição de sujeito, quando o verbo for ação ou processo.

Em sua análise, Inácio (2009) adota a base teórica no âmbito da gramática de valências (TESNIÈRE 1961, CHAFE 1970, BORBA 1996, citados pelo autor) e da gramática de casos (FILLMORE, 1968, 1969, 1971; 1977, citados pelo autor), apresentando as seguintes definições.

“A primeira estuda os valores semânticos, a natureza morfossintática e o número dos elementos nominais obrigatórios (argumentos) exigidos pelo verbo ou pelo nome. A segunda estuda as funções ou papéis temáticos ou casos, estruturas semânticas que se representam pelas funções sintáticas, ou seja, Agente para a função de Sujeito, Paciente e Instrumental para a função de sujeito e objeto etc.” (p. 14)

Nesse quadro teórico, a valência indica a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios para a estrutura da oração. Por isso, a valência inclui o sujeito, os complementos verbais (objeto direto e indireto) e os complementos circunstanciais (de tempo, lugar). Dessa forma, um verbo monovalente e intransitivo pode funcionar como bivalente e transitivo, como por exemplo, o verbo “andar”: na sentença *Esta criança ainda não anda*, é monovalente e intransitivo, mas na sentença *Andei toda a cidade*, é bivalente e transitivo direto. Segundo o autor, no exemplo *Pedro viajou com a família*, o verbo é transitivo bivalente, pois seleciona um sujeito e um complemento comitativo, mas no exemplo *Pedro viajou*, é intransitivo monovalente.

Conforme mencionado, o caso comitativo se caracteriza por estabelecer uma identidade com a função semântica do sujeito. Do ponto de vista da estrutura sintática, o caso comitativo vem introduzido pela preposição ‘*com*’, mas pode apresentar também a locução adverbial ‘*junto com*’. Vejamos as ilustrações citadas por Inácio:

(22) a) *O patrão discutia **com o empregado**.*

[Verbo de ação: Sujeito e Comitativo são Agentes]

b) *O filho sofria **junto com a mãe** a perda do pai.*

[Verbo de processo: Sujeito e Comitativo são Pacientes]

c) *O passado coabita **com o presente**.*

[Verbo de estado: Sujeito e Comitativo são Objetivos/Pacientes]

Nas sentenças a seguir, o Sujeito e o Comitativo se associam formando um Sujeito Composto, ou se apresentam numa forma de plural. Para tanto, esses dois constituintes devem ser identificados com os mesmos papéis semânticos.

- (23) a) O patrão e o empregado discutiam.
b) O filho e a mãe sofriam com a perda do pai.
c) O passado e o presente coabitam.

O fenômeno em que sintagmas comitativos alternam com a sentença de sujeito composto/ plural é analisado no estudo de Borba (1984) como construções associativas. Esse autor apresenta os diversos tipos de participação e coparticipação e tem o objetivo demonstrar como se relacionam e associam os dois sintagmas nominais (NP) nas construções associativas. Vejamos as sequências ilustradas por Borba:

- (24) a) *Leo e Rosa* saíram.
b) *Leo e Rosa* saíram *juntos*.
c) *Leo* saiu *com Rosa*.
d) *Leo* encontrou-se *com Rosa* no cinema.

Na sentença (a), o sujeito composto depende de uma única ação verbal. Na sentença (b) o constituinte '*juntos*' revela que, os dois NPs desempenham uma só ação. A sentença (c) apresenta a preposição 'com' de companhia, e a relação do NP 'Rosa' é de coparticipação com a posição do sujeito. Na sentença (d), o verbo exige dois participantes do evento, esses NPs são 'Leo' e 'Rosa' e se combinam de forma recíproca pela natureza do verbo.

A análise de Borba (1984) mostra que as sentenças (a) e (c) não são paráfrases, pois "enquanto (c) implica a participação conjunta dos dois numa única ação verbal, não há nada nos constituintes de (a) que permita inferir tratar-se de uma só ação com SN coparticipantes, uma vez que *Leo* pode ter ido ao cinema sozinho e em momento diferente em relação a *Rosa*" (p. 85-86).

Concordamos com Borba (1984) que, na sentença (a) (*Leo e Rosa saíram*), a sentença não é paráfrase de (c) *Leo saiu com Rosa*. No entanto, consideramos que a sentença (a) admite duas interpretações: uma que implica que *Leo* e *Rosa* saíram separados e uma que implica a participação conjunta. No segundo caso, os argumentos *Leo* e *Rosa* estão implicados mutuamente em relação ao evento de 'sair', que descreve

um movimento (como em *Leo e Rosa se encontraram*). A natureza dessa relação (isto é, o tipo de afetação dos argumentos envolvidos) é determinada lexicalmente. Dessa forma, os verbos descrevem uma situação de engajamento mútuo, que pode ser um deslocamento (*Leo e Rosa saíram*), um contato (*Leo e Rosa brindaram*), um conflito (*Leo e Rosa brindaram*).⁹

Essa alternância será discutida no Capítulo 3 como um fenômeno associado à expressão sintática da voz reflexiva recíproca na Libras. Como no português, as sentenças na Libras descrevem uma relação de reciprocidade.

1.6.3 A Teoria da Ligação

A Teoria da Ligação analisa a interpretação das propriedades referenciais dos argumentos nominais. Por meio dessa teoria, sabemos as possibilidades e impossibilidades de distribuição de índices referenciais entre os diversos tipos de DPs.

Seguindo a exposição de Miotto et al (2007, p. 231-232), apresentamos a abordagem da Teoria da Ligação, proposta por Chomsky (1986). Essa teoria tem por objetivo “explicar as possibilidades de co-referência de anáforas, de pronomes e de expressões-referenciais”. Esses elementos ocorrem como DPs lexicais nas línguas naturais e suas propriedades se diferenciam em função dos traços [+/- pronominal] e [+/- anafórico], conforme indicado no quadro a seguir.

| | | |
|----|-------------------------------|---|
| a. | (-) pronominal, (+) anafórico | Anáfora (reflexivos e recíprocos) |
| b. | (+) pronominal, (-) anafórico | Pronomes (pessoais) |
| c. | (-) pronominal, (-) anafórico | Expressões-Referenciais (nomes próprios ou comuns) |
| d. | (+) pronominal, (+) anafórico | * |

Quadro 2 - Categorias [+/-pronominal] / [+/-anafórico]

⁹ Agradecemos à Profa. Rozana Naves (c.p.) por nos alertar para a necessidade de esclarecer nossa análise dos verbos lexicalmente marcados como recíprocos, e sua relação com a voz verbal reflexiva recíproca. Como se depreende das considerações, analisamos os dados com verbos de movimento (*Leo saiu com Rosa/ Leo e Rosa saíram* (na interpretação de participação conjunta no evento) como casos de voz reflexiva recíproca.

Segundo Silva (2011, p. 25-26) comenta essa classificação que pretende os três princípios básicos da Teoria da Ligação:

a. **Anáforas** (os reflexivos e os recíprocos) – exigem antecedente linguístico.

(25) a. *João_i viu-se_i na tela.*

b. *Os meninos_i destruíram as fotografias [um do outro]_i.*

(dado extraído de Miotto et al. 2007, p. 222)

As duas sentenças acima obedecem a ligação das anáforas, que devem ser ligadas em um certo domínio, ou seja, na mesma referência de uma oração.

b. **Pronomes** (pessoais – exceto os reflexivos e os recíprocos) – dependem de informação adicional, mas não necessariamente linguística.

(26) *João_i entrou. Ele_i estava cansado.*

Em (26), o pronome ‘Ele’ não pode estar ligado na mesma oração de João.

c. **Expressões-R** (nomes próprios ou comuns, descrições definidas) – cada DP tem autonomia referencial, mas não necessariamente linguística.

(27) *Nem [a mãe do canalha]_i conversa com o João_i.*

Na sentença (27), a expressão-R ‘João’ não pode estar ligada ao índice do elemento nem pode c-comandar¹⁰ a expressão-R em nenhum domínio.

As anáforas não são categorias com referência autônoma (+ anafórico, - pronominal). Dessa forma, o antecedente do DP ligado a um pronome reflexivo e recíproco é obrigatório, e a anáfora não pode sobreviver sem ele. As anáforas necessitam de um antecedente dentro de um domínio de ligação. O antecedente do DP deve c-comandar os pronomes reflexivos e recíprocos em um domínio local.

¹⁰ O **c-comando** é a expressão do “comando de constituinte” (ver nota 11).

Mioto et al. (2007, p. 217) ilustra a categoria dos anafóricos, com dados do português:

(28) a. A Maria_i se_i adora.

Estrutura [+realização] → Reflexivo [- pronominal, + anafórico]

b. Os meninos_i atiraram [um no outro]_i.

Estrutura [+realização] → Recíproco [- pronominal, + anafórico]

c. Os meninos_i se_i machucaram.

Estrutura [+realização] → Reflexivo [- pronominal, + anafórico]

d. Os meninos_i (se_i) machucaram [um ao outro]_i.

Estrutura [+realização] → Recíproco [- pronominal, + anafórico]

Na sentença (28a), o verbo ‘adorar’ tem dois argumentos: Maria_i é o argumento externo e o antecedente do pronome se_i. A sentença (28b) utiliza o anafórico recíproco, e assim é obtido esse sentido do verbo ‘atirar’: o predicado descreve uma situação de troca de tiros um no outro. A sentença (28c) tem dois sentidos, que podem ser os seguintes: (i) os meninos_i machucaram [a si mesmos]_i ou (ii) os meninos_i machucaram [um ao outro]_i. Esse caso é ambíguo, pois, em um significado, o predicado é reflexivo e, em outro, é recíproco. A sentença (28d) com o verbo ‘machucar’ utiliza o anafórico recíproco

Vejamos a explicação dos julgamentos sobre a gramaticalidade das seguintes sentenças:

(29) * O amigo de [João]_i se_i feriu.

(30) [O amigo de João]_i se_i feriu.

(31) O amigo de [João]_i o_i feriu.

(32) *[O amigo de João]_i o_i feriu.

A sentença (29) é agramatical porque o DP ‘João’ não pode c-comandar o pronome ‘se’.¹¹ Esse pronome não pode ser ligado a ‘João’, sim ao ‘amigo’, núcleo do DP ‘O amigo do

¹¹ De acordo com Mioto et al. (2007, p. 52), “se β é o irmão de α (i), temos o que se chama *c-comando simétrico*, pois os dois irmãos estão no mesmo nível hierárquico, um c-comandando o outro. Se por outro

João’. Na sentença (30), o pronome ‘se’ está ligado ao DP ‘O amigo de João’ que se apresenta na mesma referência, isso que o DP ‘O amigo de João’ pode ser c-comandado o pronome ‘se’ e está dentro de um domínio de ligação. Essa sentença é gramatical. Na sentença (31) é gramatical, está mostrando o índice do ‘João’, a mesma referência do pronome ‘o’ onde tem a posição do objeto direto, pois está ligado dentro de domínio e não tem c-comando dessa estrutura. Na sentença (32) apresenta agramatical sim, o que acontece essa estrutura pode ter c-comando e está dentro de domínio só que ao contrário das anáforas, como o pronome não pode ter c-comando, por exemplo ‘O amigo de João feriu ele, o João’.

Na análise da voz verbal na Libras, seguimos a teoria da gramática gerativa, que estabelece as condições que geram as estruturas oracionais. Por hipótese, as propriedades gramaticais das línguas de sinais, e em particular da Libras, podem ser analisadas com base nas categorias formais definidas pela teoria do Caso e pela teoria da Ligação. Nos capítulos a seguir, vamos detalhar essas propriedades.

Assumimos, portanto, a hipótese de que a Libras manifesta as mesmas restrições para a distribuição dos DPs e da anáfora pronominal observadas nas línguas orais (no caso, o português). Verificamos também que, na Libras, a anáfora reflexiva e recíproca é realizada na estrutura sintática por meio de marcas gramaticais específicas.

lado, β é filho (ou neto, bisneto...) de α , temos o que se chama *c-comando assimétrico*: a assimetria existe porque α c-comanda β mas β não c-comanda α ” (ii).

- (i) $[_{XP} \alpha [_{X'} \beta]]$
- (ii) $[_{XP} \alpha [_{YP} Y [\beta]]]$

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA ARGUMENTAL, PAPÉIS TEMÁTICOS E TRANSITIVIDADE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: A VOZ VERBAL ATIVA

Neste capítulo, retomamos a teoria da gramática gerativa, pretendendo com uma análise das propriedades da voz ativa mostrar as descrições distintas para a Língua de Sinais Brasileira (Libras) propostas por Ferreira Brito (1995), Quadros (1999), Quadros & Karnopp (2004), Quadros & Quer (2010), considerando verbos simples e verbos de concordância.

O objetivo deste capítulo é examinar as propriedades da estrutura oracional da Libras, com verbos na voz ativa, contribuindo para identificar as propriedades morfossintáticas da estrutura oracional nessas línguas, e o mapeamento da estrutura argumental dos verbos. Essa voz acarreta o mapeamento sintático dos traços da grade temática dos verbos na estrutura oracional, o argumento externo, na posição de sujeito, e o argumento interno, na posição de objeto. Essas posições se referem ao núcleo do predicado, e expressam as funções sintáticas e os papéis temáticos.

Introduzimos uma abordagem sintaxe da **voz ativa** na Libras a fim de mostrar as contribuições dessa abordagem para a evolução da teoria gramatical em relação à sintaxe dessa língua, e o contraste com a **voz reflexiva**, que vai ser analisada no Capítulo 3. Demonstramos a estrutura gramatical da oração, a partir de Chomsky (1965, 1970, 1981/1983, 1986), considerando a contribuição de trabalhos a respeito do mapeamento sintático dos argumentos como os de Raposo (1992), Camacho (2002), Mito et al. (2007), Kenedy (2013), Cançado (2008), Cançado & Amaral (2016) e entre outros.

Lima ([1972] 2011, p. 170) define a **voz** como “acidente que expressa a relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito.” Ele assume que a voz é um dos acidentes flexionais do verbo para uma categoria formal e semântica. A voz mostra como o sujeito gramatical e o verbo expressam a distinção entre voz ativa e voz medial (inclusive, três modalidades: passiva, reflexiva e dinâmica).

Luft (1974, p. 132) define **voz** como “forma que toma o verbo para exprimir as relações de atividade e passividade entre sujeito e verbo”. Nessa definição, o autor demonstra o emprego do critério morfossemântico.

Lyons (1979, p. 393) afirma que “o termo tradicional grego para ‘voz’, como uma categoria do verbo, era *diathésis/ estado, disposição, função, etc*”. Esse termo grego ocorreu primeiramente para fazer a distinção entre voz ativa e voz média.

Cunha & Cintra (1985, p. 372) definem a **voz** como uma variação na forma verbal, e afirmam que “o fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas: como praticado pelo sujeito, como sofrido pelo sujeito, como praticado e sofrido pelo sujeito”. Assim, linguisticamente, na estrutura sintática, assumindo diferentes tipos de voz, a sentença funciona como ação praticada, para a voz ativa; ação sofrida, para a voz passiva e ação praticada e sofrida, para a voz reflexiva.

Para Camacho (2002, p. 227), **voz** é “a forma que o predicado verbal assume para representar sua relação com o argumento na função de sujeito”. O autor afirma que muitos estudiosos sobre língua entendem que há uma divergência entre a forma e a significação das sentenças em função da voz verbal. No PB, não é encontrada a voz média, embora autores como Camacho defendam a existência da voz média nessa língua.¹²

Verificamos que o tema da transitividade e suas realizações sintáticas por meio da voz verbal tem sido objeto de interesse de muitos estudiosos, em função de sua importância para a gramática das línguas, em particular de Libras. Neste capítulo, discutimos a sintaxe de verbos transitivos e intransitivos, considerando ainda a concordância verbal para distinguir entre verbos simples e verbos de concordância, e também vamos mostrar verbos espaciais (locativos) e verbos manuais.

Apresentamos, na seção a seguir as propriedades da voz ativa na Libras, considerando a estrutura argumental dos verbos e sua relação com os papéis temáticos e as funções sintáticas que realizam na estrutura oracional.

2.1 Estrutura Argumental, Papéis Temáticos e Funções Sintáticas

No âmbito da Teoria Gerativa, a relação entre a estrutura argumental e as funções sintáticas foi uma caracterização adotada em Chomsky (1981/1983, 1986), no modelo da Regência e Ligação (*Government and Binding – GB*). De acordo com a perspectiva gerativista, as línguas naturais são adquiridas e faladas espontaneamente pelos membros da espécie humana (CHOMSKY, 1981). Esse conhecimento é adquirido na infância, e se

¹² A discussão sobre voz média no PB não é objeto de investigação deste estudo. No entanto, podemos afirmar que ela se refere à existência de marcação gramatical com predicados do tipo: ‘abrir’, ‘fechar’, ‘sentar’, ‘casar’, em português. Esses verbos serão analisados na Libras, no Capítulo 4.

manifesta pela capacidade inata de linguagem – também referida com Faculdade de Linguagem. Essa capacidade se manifesta no uso criativo da linguagem, pela relação entre o sujeito e o predicado. O conceito de estrutura argumental, na teoria linguística, foi adotado por Chomsky (1981), tomando por base a contribuição dos estudos filosóficos da lógica e da semântica.

Conforme Mioto et al. (2007, p. 121), “os participantes de um evento denotado pelo verbo são os argumentos do verbo e o verbo é um predicado que define propriedades e/ou relações entre os argumentos”. A seguir, vamos aprofundar a análise das relações entre o predicado e seus argumentos, considerando ainda a teoria dos papéis temáticos.

2.1.1 Categorias lexicais e funcionais e estrutura oracional

O conceito de estrutura argumental representa a relação entre sintaxe e semântica lexical. Nesta seção, vamos examinar a relação entre o verbo e seus argumentos na estrutura oracional. Na discussão, apresentamos exemplos da Libras para substituir os exemplos citados do português (e de outras línguas orais) pelos autores consultados.

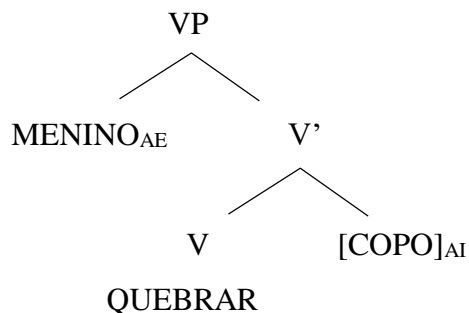
Na questão: Por que os falantes/ sinalizantes precisam saber que o predicado exige o número de argumentos? Então, primeiramente, os falantes/ sinalizantes de línguas naturais sabem o significado do verbo que expressa uma atividade, um evento ou um estado. Assim, os argumentos do predicado são os constituintes da sentença que são obrigatórios, portanto, é preciso selecionar os elementos que vão participar dessas relações gerais que expressam o fenômeno descrito pelo predicado, que pode ser um evento, um estado, uma atividade.

Se um verbo como QUEBRAR (*‘quebrar’*) é entendido como o núcleo da estrutura sintática, dois argumentos são exigidos, pois é um predicado de dois lugares. Por exemplo: na sentença em Libras [MENINO COPO objeto-QUEBRAR] (“o menino quebrou o copo”), o verbo QUEBRAR seleciona os argumentos MENINO e COPO ‘o menino’ e ‘o copo’, e traz as propriedades semânticas dos argumentos para ter o seu sentido completo. Essa estrutura tem a possibilidade de representar os papéis temáticos, e o verbo tem os significados que pode atribuir aos argumentos.

Na estrutura do sintagma verbal, a seleção semântica determina a estrutura argumental, enquanto a seleção categorial (subcategorização) determina a estrutura oracional. Na estrutura a seguir, indicamos as relações de seleção semântica (estrutura argumental) e de seleção categorial (subcategorização) do verbo ‘QUEBRAR’, indicando

o argumento interno que ocorre como complemento e o argumento externo que figura como especificador na estrutura do sintagma verbal (VP), conforme ilustrado a seguir.¹³

(33) MENINO COPO_k objeto-QUEBRAR_k ‘O menino quebrou o copo’



Em (33), a estrutura do SV na Libras mostra que o predicador QUEBRAR é um verbo de dois argumentos. Podemos dizer que as restrições/exigências para o argumento interno (AI) necessariamente se junta ao verbo, formando o VP. Esse sintagma vai impor restrições ao argumento externo (AE) pelo composto [_V verbo + AI]. Tecnicamente, o *argumento* é associado à sentença como uma função temática na entrada da categoria lexical.

Raposo (1992) observa que a teoria linguística Chomskiana propõe que as categorias (ou núcleos) lexicais (ou temáticas) possuem a propriedade de selecionar elementos de uma combinação de traços comuns na estrutura sintática. Entendermos que a categoria lexical possui a capacidade de selecionar semanticamente argumentos (seleção-s). Essas categorias apresentam um número finito de itens, que podem ser classificados como: Nome (N), Verbo (V), Preposição (P), Adjetivo (A) e Advérbio (Adv). Os núcleos lexicais são definidos pelas combinações de dois traços categoriais comuns binários: categoria nominal [N] e categoria verbal [V]. Esses traços se mostram com os valores positivos (+) ou negativos (-), que são combinados e correspondem aos quatro núcleos lexicais principais, que estão representados, no quadro abaixo, conforme Raposo (1992, p. 69):¹⁴

¹³ Existem ordens dos termos na Libras (SVO; OSV; SOV), dependendo do contexto discursivo.

¹⁴ O quadro 3 foi elaborado por este autor, reunindo informações citadas por Raposo (1992).

| | Nominal | Verbal | Traços |
|------------|---------|--------|----------|
| Nome | + | - | [+N, -V] |
| Verbo | - | + | [-N, +V] |
| Adjetivo | + | + | [+N, +V] |
| Preposição | - | - | [-N, -V] |

Quadro 3: A representação das categorias lexicais principais

Raposo (1992, p. 67) afirma que “as categorias superiores construídas com base nas categorias lexicais chamam-se categorias sintagmáticas”. Então, os núcleos sintagmáticos lexicais são essencialmente unidades do léxico, formadas por categorias lexicais e categorias sintagmáticas projetadas por esses núcleos, que são representadas esquematicamente na tabela a seguir:¹⁵

| Categoria lexical | Categoria Sintagmática |
|-------------------|-----------------------------|
| Nome (N) | Sintagma Nominal (NP) |
| Verbo (V) | Sintagma Verbal (VP) |
| Adjetivo (A) | Sintagma Adjetival (AP) |
| Preposição (P) | Sintagma Preposicional (PP) |
| Advérbio (Adv) | Sintagma Adverbial (AdvP) |

Quadro 4: Fonte do Raposo (1992, p. 68) – Esquema das categorias lexicais e sintagmáticas

Seguindo Kenedy (2013), apresentamos a seguir as propriedades de subcategorização (categorial e semântica) dos itens lexicais que projetam os sintagmas lexicais. O objetivo é mostrar a relação estrutural entre os itens lexicais (V, N, A, P) e seus argumentos. Em seguida, apresentamos os itens que são o subgrupo das classes gramaticais nas línguas naturais, que são as categorias funcionais.¹⁶

Nome: a categoria N é a combinação do traço nominal no valor positivo e do traço verbal no valor negativo [+N, -V]. Por exemplo, veja a representação da projeção que temos dos constituintes da estrutura. Então, o núcleo da projeção é N [ida], porque é uma categoria

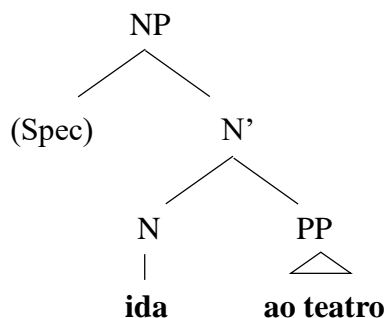
¹⁵ O quadro 4 foi elaborado por este autor, reunindo informações citadas por Raposo (1992).

¹⁶ Nessa parte do trabalho, usamos dados do português (língua oral), citados por Kenedy (2013), e dados da Libras, criados pelo autor.

nominal que seleciona o sintagma [ao teatro] como complemento. Dessa forma, é formado o sintagma pela concatenação entre dois constituintes, que dá origem à projeção máxima do sintagma NP (cf. KENEDY, 2013).

(34) [NP ida [ao teatro]]

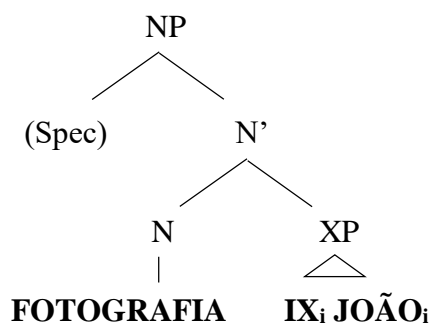
(Dado extraído de Kenedy 2013, p. 189)



(35) [NP FOTOGRAFIA-FOTO-DE-RETRATO [(MND)IX_i JOÃO_i]]
'fotografia do João'



(35') <(MND)¹⁷ IX_i-FOTOGRAFIA JOÃO_i> (=João está dentro da foto)

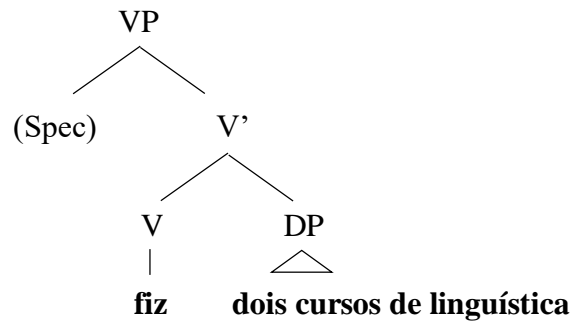


Verbo: a categoria V é a combinação do traço nominal no valor negativo e do traço verbal no valor positivo [-N, +V]. Por exemplo, veja a representação da projeção, no caso, o núcleo da projeção é V [fiz], porque é uma categoria verbal que seleciona o sintagma [dois cursos de linguística] como complemento. Dessa forma, é formado o sintagma pela concatenação entre dois constituintes, que dá origem à projeção máxima do sintagma VP.

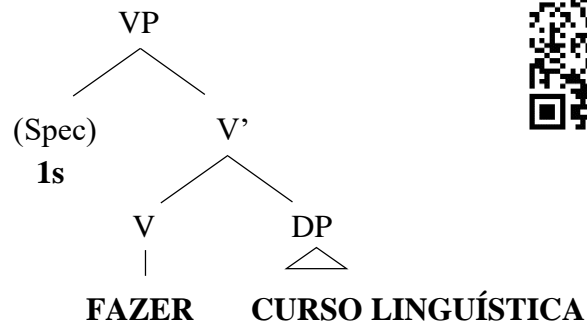
¹⁷ O 'MND' é o movimento não direcional quando aponta o dedo sem trajetória com fotografia.

(36) [VP fiz [dois cursos de linguística]]

(Dado extraído de Kenedy 2013, p. 189)



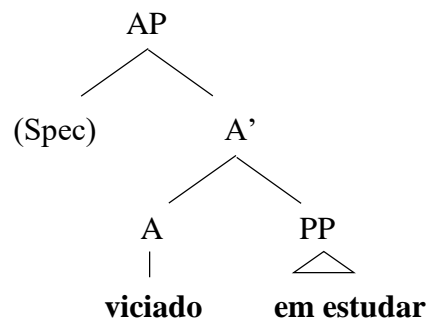
(36') [VP_{1s}-FAZER [CURSO LINGUÍSTICA]]



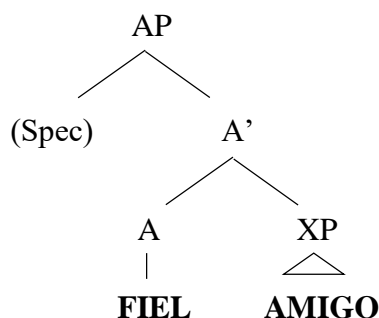
Adjetivo: a categoria A é a combinação do traço nominal e do traço verbal em seus valores positivos [+N, +V]. Por exemplo, veja a representação da projeção, em que o núcleo da projeção é A [viciado], porque é uma categoria adjetival que seleciona o sintagma [em estudar] como complemento. Dessa forma, é formado pela concatenação entre dois constituintes, que dá origem à projeção máxima do sintagma AP.

(37) [AP viciado [em estudar]]

(Dado extraído de Kenedy 2013, p. 190)



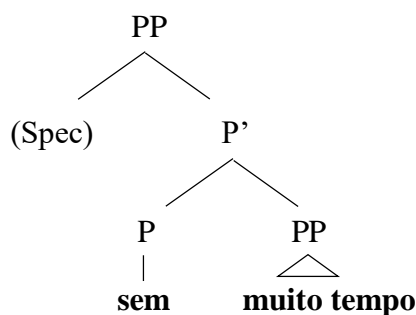
(37') [AP FIEL [AMIGO]]



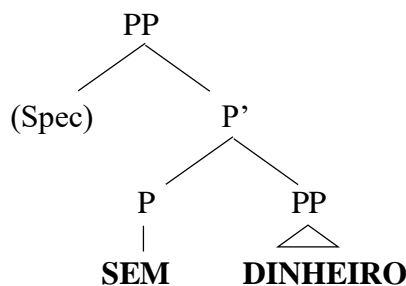
Preposição: a categoria P é a combinação do traço nominal (sem gênero e número) e do traço verbal (sem tempo, modo e pessoa) em seus valores negativos [-N, -V]. Por exemplo, veja a representação da estrutura. O núcleo da projeção é P [sem], porque é uma categoria preposicional que seleciona o sintagma [muito tempo] como complemento. Dessa forma, é formado pela concatenação entre dois constituintes, que dá origem à projeção máxima do sintagma PP. Notamos que, segundo a teoria X-barra, as preposições (classe fechada de palavras) estão incluídas nas categorias lexicais, porque manifesta seleção semântica (complemento), enquanto as categorias funcionais não apresentam seleção semântica, conforme ilustrado a seguir, com dados do português e da Libras.

(38) [PP sem [muito tempo]]

(Dado extraído de Kenedy 2013, p. 190)



(38') [PP SEM [DINHEIRO]]



Ilustramos em (39a) a estrutura argumental do verbo ‘atirar’, do português (extraída de Raposo, 1992), e a sentença correspondente em Libras, em (39b), que admite quatro argumentos e que pertence à classe dos verbos de mudança de evento.

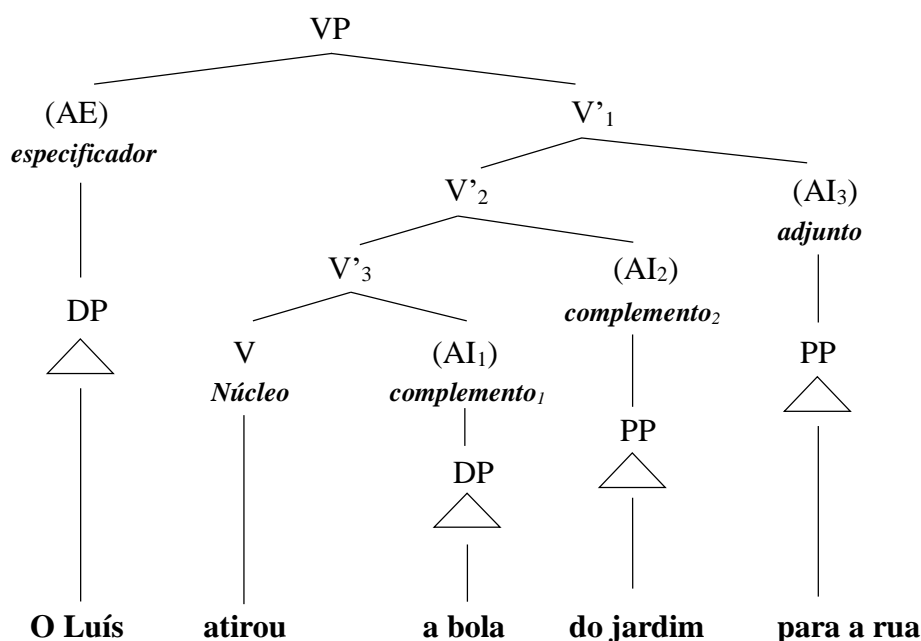
- (39) a. O Luís atirou a bola do jardim para a rua.
 1° 2° 3° 4°
- b. LUÍS JARDIM_x ATIRAR-BOLA_y RUA_y



Em (39), o predicador ‘atirar’ tem como seus argumentos o DP ‘a bola’, o PP ‘do jardim’, e o PP ‘para a rua’. Esses complementos são simultaneamente subcategorizados e selecionados semanticamente pelo predicador central. O argumento externo é o DP ‘O Luís’. Na estrutura oracional, o argumento externo é o sujeito selecionado semanticamente pelo predicado, mas não é subcategorizado, como explica Raposo (1992), uma vez que o argumento externo é realizado como especificador na projeção do VP.

Chomsky (1970) formulou a Teoria X-Barra da projeção sintagmática, e a estrutura sintática fica projetada como a seguir, em que o argumento interpretado como ‘Agente’ é realizado na posição de especificador do VP como argumento externo (AE) e o argumento interpretado como ‘Tema/Paciente’ é realizado na posição de complemento (objeto) como argumento interno (AI). De acordo com a projeção da sentença (39’), a estrutura argumental do verbo ‘atirar’ tem quatro argumentos, pois seleciona o argumento externo semanticamente, e acrescenta os demais argumentos internos. Mostraremos a seguir as possibilidades de posições na estrutura oracional da sentença para a descrição da ordem relativa do verbo com os outros constituintes da oração, conforme a demonstração na teoria X-barra, que apresenta as posições possíveis para estruturas com três argumentos internos da sentença, retirada de Raposo (1992, p. 275).

(39’) O Luís atirou a bola do jardim para a rua.



Seguindo proposta de Quadros & Karnopp (2004) em relação à estrutura de verbos de concordância locativa, a estrutura argumental do verbo ‘ATIRAR’ em Libras é expressa por um verbo de concordância locativa (na seção 2.3, sobre as classes de verbos na Libras, vamos retomar a concordância locativa).

Já foi mostrado na análise que os argumentos de um predicador verbal correspondem ao sujeito (especificador) e aos complementos subcategorizados pelo predicador. Raposo (1992) explica como as categorias sintagmáticas dessa projeção estão estruturadas. Em (39’), o verbo seleciona um argumento externo, na posição de especificador da projeção máxima VP. Observa-se também a estrutura dos argumentos internos que ocorrem à direita do predicador: o verbo ‘atirou’ vem seguido do sintagma nominal que realiza seu argumento interno, isto é, o complemento₁ (AI₁). O argumento fica dentro da projeção máxima VP do predicador. O complemento₁ ‘a bola’, quando utiliza a posição do objeto é semanticamente ligado ao verbo, e corresponde o papel temático de ‘tema’, e mais uma vez é acrescentado um complemento₂, ‘do jardim’ (AI₂), que ocorre na estrutura interna do predicador, ligado ao nóculo V’₃, formado pelo verbo (V) e o objeto (AI₁) do predicador. Outro argumento interno (AI₃) ‘para a rua’ aparece com a preposição ‘para’ e se liga nóculo V’₂, formando o constituinte V’₁.

Pensamos que é importante trazer informações sobre estrutura oracional e a ordem dos termos nas LOs, em contraste com a ordem dos termos e a estrutura oracional nas LSs, enfocando a Libras. Mostraremos ao fenômeno de subcategorização, considerando a transitividade verbal com mais detalhes posteriormente (seção 2.2.1). Dessa forma,

concluimos a estrutura argumental dos verbos com argumentos externo e interno (transitivos).

Segundo comentado por Raposo (1992), os trabalhos de Fukui & Speas (1986) e outro como Abney (1987) investigam as categorias sintagmáticas (funcionais) que compreendem as propriedades gramaticais/ formais. Vejamos as propriedades que essas categorias possuem e que distinguem as categoriais lexicais, após as análises de Fukui & Speas, citadas a seguir (cf. RAPOSO, 1992, p. 209):

- ✓ Representam classes fechadas de elementos;
- ✓ Possuem uma posição de especificador;
- ✓ Subcategorizam obrigatoriamente um complemento, mas esse complemento em geral não é um argumento;
- ✓ Não possuem o valor semântico normalmente associado às categorias lexicais.

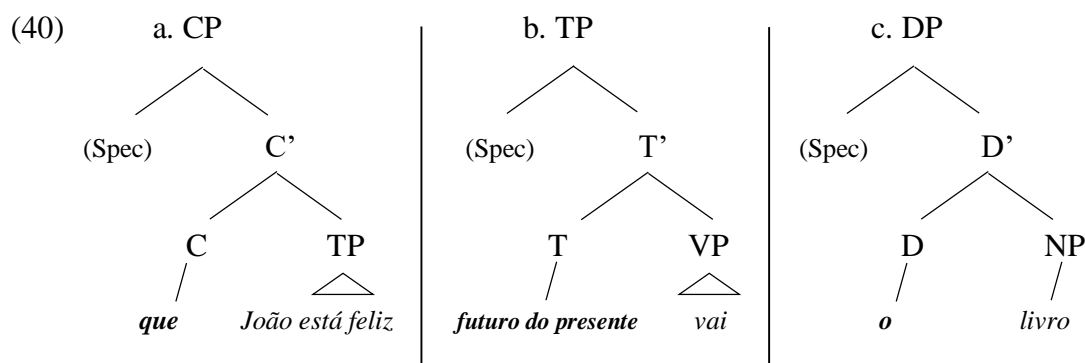
Ao longo do desenvolvimento da teoria linguística, passamos a entender que a “categoria funcional seleciona sintagmas apenas categorialmente (seleção-c)” (cf. KENEDY, 2013, p. 200). Essa definição indica que a categoria funcional é composta de um conjunto de traços formais da língua e que ela não atribui papel temático nem seleciona argumento semanticamente, pois a categoria funcional, de acordo com Chomsky (1995), traz as informações gramaticais que fazem parte desse grupo, que são Complementador (C), Tempo (T) e Determinante (D).

Então, quais são os traços formais dos núcleos dos sintagmas funcionais? Segundo Kenedy (2013, p. 200), os núcleos funcionais possuem valor puramente gramatical. Os núcleos sintagmáticos funcionais são capazes de selecionar um sintagma na posição de complemento: o núcleo do CP seleciona o TP, núcleo do TP seleciona o VP, e o núcleo do DP seleciona o NP. As categorias funcionais e as categorias sintagmáticas correspondentes são representadas esquematicamente na tabela a seguir:

| Categoria funcional | Categoria Sintagmática |
|----------------------------|--------------------------------|
| Complementador (C) | Sintagma Complementizador (CP) |
| Tempo (T) | Sintagma Temporal (TP) |
| Determinante (D) | Sintagma Determinante (DP) |

Quadro 5: Fonte do Kenedy (2013: 202) – Esquema das categorias funcionais e sintagmáticas

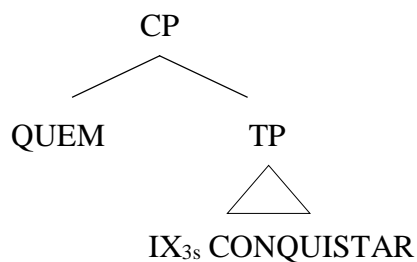
Da mesma forma, as categorias funcionais projetam as posições de especificador e complemento, obedecendo à estrutura hierárquica ilustrada abaixo. De acordo com a teoria X-barra, o núcleo e o complemento formam a projeção intermediária, que é o nó C', T' e D', e cada um forma com o *Spec* a projeção máxima CP, TP e DP, respectivamente.



É interessante saber que as três categorias funcionais são capazes de selecionar certas propriedades gramaticais. Por exemplo, é possível determinar se uma sentença é finita ou infinitiva. Essa propriedade tem um caráter bastante particular nas línguas naturais. Nas línguas de sinais, não existe o contraste entre orações finitas e infinitivas. De acordo com Quadros & Karnopp (2004), perguntas indiretas ilustram a presença do CP na oração subordinada. As autoras mostram que “na língua de sinais brasileira, as construções interrogativas nas orações principais têm um sinal diferente do sinal de orações subordinadas (...) a marca não-manual associada com a oração interrogativa subordinada é mais tensa do que aquela produzida com a oração principal, além de poder ser produzida com uma ou duas mãos” (p. 193-194).

Apresentamos a seguir o exemplo das autoras em que o elemento interrogativo é realizado na forma mais tensa, sem marcação não-manual (como na ASL): TU SABER <QUEM>*qu~* IX CONQUISTAR ‘Tu sabes quem el@ conquistou’ (p. 197).

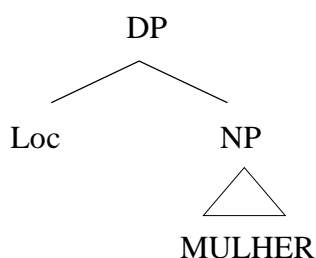
(41)



Em relação à categoria IP/ TP na Libras, podemos citar a análise da estrutura oracional proposta por Quadros (1999), apresentada na obra de Quadros & Karnopp (2004). Segundo a autora, o núcleo I (flexão), associado à estrutura com verbos simples, ou T (tempo), associado à estrutura com verbos de concordância, são a posição ocupada por afixos (de pessoa e número), modais e tempo.

Em relação à categoria DP, podemos citar os estudos de Prado (2012) e Lessa-de-Oliveira & Prado (2014), que relacionam o uso da categoria localizador (Loc) à categoria determinante (D), conforme ilustrado a seguir, com dados extraídos de Prado (2014, p. 48): LOC_{mulher} MULHER COZINHAR ‘Esta mulher cozinha’/ $MULHER$ LOC_{menina} GOSTAR BRINCAR ‘A menina gosta de brincar’.

(42)



Apresentamos a seguir a representação da estrutura oracional para a oração ilustrada em (43), do português, que inclui a estrutura do SV e as categorias funcionais IP e CP.

(43) $[CP \emptyset [IP [DP O Luís_i [I atirou_z [VP [DP t_i [V t_z [DP a bola [PP do [NP jardim [PP para [DP a rua]]]]]]]]]]]$.

Analisando a estrutura (43), podemos identificar os argumentos do predicador verbal e sua relação com as funções gramaticais (conforme Raposo 1992):

$[CP \emptyset]$

$[IP [DP O Luís]]$ = sujeito → 1º argumento externo

$[I atirou]$ = predicador verbal (núcleo)

$[DP a bola]$ = complemento (objeto) → 2º argumento interno

$[PP do [NP jardim]]$ = complemento (adjunto) → 3º argumento interno

$[PP para [DP a rua]]$ = complemento (adjunto) → 4º argumento interno

Como mencionamos acima, na representação arbórea, as categorias lexicais apresentam modificadores à esquerda e à direita que são os especificadores e os complementos. Além das categorias lexicais, Raposo (1992) apontou o quadro de subcategorização, mostrando que cada verbo subcategoriza complementos que possuem uma grade temática e atribuem uma função temática (papéis temáticos) aos argumentos na posição de complemento. Podemos dizer que as categorias lexicais selecionam argumentos enquanto as categorias gramaticais não selecionam argumentos.

Na próxima seção, trataremos do assunto na realização da estrutura argumental. Vamos mostrar os itens lexicais que têm as propriedades e os traços da grade temática na interface da Sintaxe e da Semântica.

2.1.2 Estrutura argumental, classes verbais e papéis temáticos

Conforme Miotto et al. (2007, p. 125), as informações da seleção semântica (s-seleção) codificam o **papel temático** ou **papel- θ** (da letra grega *theta*). Dessa forma, a grade temática do verbo ATIRAR / ‘atirar’, exemplo (43), prevê que o argumento externo seja realizado como AGENTE, e os argumentos internos sejam realizados como TEMA, FONTE e ALVO. Em Libras, os papéis temáticos FONTE e ALVO são determinados por um afixo de concordância locativa (cf. QUADROS & KARNOPP, 2004). Nesse sentido, na Libras, o verbo e o afixo atribuem o papel temático composicionalmente.

Cançado (2008, p. 109) afirma que “a noção de papéis temáticos foi, primeiramente, introduzida por Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), sob a alegação de que as funções gramaticais de sujeito, objeto e outras são insuficientes para traduzir certas relações existentes entre algumas construções”. Para explicar essa questão, a autora apresenta os dados do português a seguir (p. 110). Na Libras, é possível usar as mesmas sentenças.

- (44) a. João abriu **a porta** com a chave.
b. **A porta** abriu.
c. A chave abriu **a porta**.

- (44') a. JOÃO CHAVE ABRIR-PORTA
b. ABRIR-PORTA
c. CHAVE ABRIR-PORTA



A autora mostra que, nas sentenças (44a), (44b) e (44c), do português, o argumento ‘a porta’ tem a mesma função semântica: PACIENTE. No entanto, em (44b), é o objeto direto, em (44c) é o sujeito. Da mesma forma, o argumento ‘a chave’ tem a função semântica de INSTRUMENTO, mas na sentença (44b) é o adjunto adverbial, e na sentença (44c) é o sujeito. Nesse sentido, a função semântica continua a mesma, apesar da função sintática ser diferente. Concluímos que esse contraste mostra que a teoria dos papéis temáticos é importante na análise das relações entre o predicado e seus argumentos.

Cançado (2008) mostra ainda que existem predicados que descrevem eventos, e também predicados que descrevem sensações, percepções. Dessa forma, “existem, além dos eventos de ação, eventos mentais e outros que poderíamos classificar como relacionais” (p. 110). No caso dos eventos mentais, verificamos que podem expressar uma experiência psicológica, perceptiva ou cognitiva, conforme ilustrado a seguir, com dados da autora, p. 110, traduzidos para Libras pelo autor:

- (45) João ama Maria.
 - (46) João enxergou luz no fim do túnel.
 - (47) João acreditou no jornal.
-
- (45’) JOÃO AMAR MARIA
 - (46’) TÚNEL_{top,j} JOÃO_{i 3s.i}-VER_{-3s.y} LUZ_{j,y}
 - (47’) JORNAL_{top,x} JOÃO ACREDITAR_x



De acordo com a autora, nos dados (45), (46) e (47), não é possível dizer que o argumento ‘João’ é um agente, mas sim que ele passa por uma experiência mental. Por essa razão dizemos que ‘João’ recebe o papel temático de EXPERIENCIADOR.

Em estudo recente, Cançado & Amaral (2016) retomam a teoria dos papéis temáticos de autores como Gruber (1965, 1976), Halliday (1966, 1967), Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Jackendoff (1972, 1983, 1990), Allan (1986), Dowty (1989, 1991) e propõem uma classificação dos diferentes tipos de papéis temáticos. Neste estudo, descreveremos alguns dos tipos de papéis temáticos relevantes para discutir a voz verbal ativa na estrutura sintática.

Inicialmente, para falar o que são ‘papéis temáticos’, Cançado & Amaral (2016, p. 39) usam a seguinte definição: “os papéis temáticos são noções semânticas, que

apresentam relações diretas com estruturas e propriedades sintáticas”. Esses papéis são associados apenas um argumento, ou seja, cada argumento recebe um papel temático. A teoria dos papéis temáticos explica como os papéis temáticos são atribuídos às posições argumentais. Assim podemos dizer que uma sentença possui um argumento que corresponde a uma expressão referencial.

As autoras afirmam que os papéis temáticos são objeto de estudo em várias correntes teóricas. Na perspectiva da teoria de Princípios e Parâmetros, que adotamos neste estudo, papéis temáticos estão relacionados com o Critério-Theta, que estabelece que cada argumento ocupa uma posição temática e cada posição temática deve ter um papel temático. Dessa forma, nessa teoria, o papel temático marca as posições da estrutura sintática.

“Entretanto, algumas dessas noções são decisivas para determinadas estruturas sintáticas. Por exemplo, pode-se afirmar com um grau de certeza bem grande que os argumentos, nas mais diversas línguas, que estão associados ao papel temático de agente ocupam a posição de sujeito da sentença na voz ativa.” (p. 54-55)

Na próxima seção, apresentamos a classificação semântica dos verbos em relação aos papéis temáticos.

2.1.2.1 Classes semânticas dos verbos e papéis temáticos

De acordo com a teoria da estrutura argumental, as funções sintáticas de sujeito, complemento e outras funções podem realizar certas relações semânticas e cada argumento pode assumir um papel temático (cf. CANÇADO & AMARAL, 2016). Esta seção diz respeito aos elementos sintáticos e semânticos da estrutura argumental e tem o objetivo de sistematizar as propriedades e os traços da grade temática dos itens verbais de uma língua. Bem, então o verbo é o predicado semântico que pode ser entendido como um item que codifica uma informação geral sobre um evento, fenômeno, estado etc. (considerando que pode haver mudança na configuração desses elementos pelo acréscimo ou omissão de argumentos e adjuntos).

Os predicadores verbais organizam a estrutura oração, determinando as posições que ocupam seus argumentos externo e interno (se houver), ou seja, “os argumentos de um predicador verbal correspondem ao sujeito e aos complementos subcategorizados pelo

predicador” (FERREIRA, 2016, p. 39). Então, tomamos conhecimento sobre a classificação sintático-semântica dos verbos proposta por Chafe (1979) e Borba (1996). Chafe (1979) e Borba (1996) foram os primeiros a analisar os predicadores verbais fazendo uma classificação dos verbos em função de características específicas distribuídas em classes semânticas.

Cançado & Amaral (2016, p. 45) verificaram os trabalhos prévios para uma análise semântica de verbos do português. Na perspectiva sintático-semântico, as autoras propõem propriedades que descrevem a classificação dos tipos semânticos específicos dos verbos com seus argumentos. Essas autoras investigaram os verbos na descrição das línguas, descrevendo as propriedades e o valor semântico que possuem em uma sentença, apresentando exemplos em português (acrescentamos comparativamente exemplos da Libras):

- **Verbos psicológicos** – expressam emoção/sentimento com seus argumentos (Cançado, 1995).
 - preocupar, amar, admirar, temer, adorar, sentir, ver
 - AMAR, PREOCUPAR, ADMIRAR, SENTIR, VER

- **Verbos de estado (estativo)** – possuem traços de estatividade em determinada descrição de um evento; e apresentam um argumento que expressa condição ou estado, mas que não é agente, nem paciente, nem causativo, mas é um experienciador (Moreira, 2000).
 - amar, acreditar, adorar, desejar, esperar, gostar, invejar, odiar, partilhar
 - AMAR, ACREDITAR, DESEJAR, ESPERAR, GOSTAR, ODIAR

- **Verbos de locação espacial** – descrevem as propriedades semânticas e sintáticas da classe de predicadores locativos (Silva, 2002).
 - espalhar, expulsar, carregar, arrastar, abandonar, andar, cruzar, correr
 - ESPALHAR, CARREGAR, ABANDONAR, ANDAR, CORRER

- **Verbos beneficiários** – introduzem argumentos que possuem propriedades semânticas de ser animado, ser afetado e ser (*des*)favorecido em determinado evento (Wenceslau, 2003).
 - abençoar, abandonar, acolher, ganhar, acusar, perder, ajudar, alertar
 - ABENÇOAR, ACUSAR, AJUDAR, AVISAR

- **Verbos de trajetória** – expressam um ponto do movimento, acarretam locativos afetados (Corrêa, 2005).
 - ir, vir, chegar, andar, descer, seguir, arrastar, sair, subir, voltar, fugir
 - IR, VIR, CHEGAR, ANDAR, DESCER, SAIR, SUBIR, FUGIR

- **Verbos recíprocos** – apresentam uma propriedade semântica entre um traço do seu significado – a reciprocidade – e uma dupla ocorrência sintática (alternância simples-descontínua) (Godoy, 2008).
 - conversar, combinar, concordar, trocar, afastar, juntar, comparar, cooperar
 - CONVERSAR, COMBINAR, CONCORDAR, AFASTAR, JUNTAR

- **Verbos de modo de movimento** – descrevem a direção do movimento de um objeto pelo ponto de vista do modo como se dá esse movimento, sem que haja a descrição de uma trajetória, os verbos participam com relação ao fenômeno sintático da alternância transitivo-intransitiva (Amaral, 2010).
 - balançar, chacoalhar, mexer, sacudir, vibrar, girar, rodar, quicar...
 - BALANÇAR, MEXER, SACUDIR, GIRAR

- **Verbos de criação** – denotam eventos de criação (ou “cópia”) de um objeto, para a representação lexical; nas formas transitivas, existem dois predicados primitivos diferentes ‘fazer + N’ (Amaral, 2013).
 - bordar, colorir, compor, construir, criar, desenhar, escrever, costurar

→ CONSTRUIR, CRIAR, DESENHAR, ESCREVER, COSTURAR

- **Verbos instrumentais** – apresentam propriedades semânticas que aceitam uma paráfrase do tipo: alguém age, usando um instrumento, sobre algo ou alguém (Meirelles, 2013).

→ apedrejar, apunhalar, arar, carimbar, chicotear, martelar, pincelar

→ JOGAR-PEDRA; ENFIAR-PUNHAL; PASSAR-ARADO; LANÇAR-CHICOTE; LANÇAR-MARTELO; PASSAR-PINCEL

- **Verbos de mudança de estado** – denotam mudança de estado em relação a um lugar (Cançado, Godoy e Amaral, 2013):

→ quebrar, acender, enriquecer, derreter, enterrar, enfiar

→ QUEBRAR, ACENDER, PÔR-FORNO

Outra propriedade que adota a classificação dos tipos semânticos dos verbos com seus argumentos que expressam a seguir:

- **Verbos de transferência** – formam construções sintáticas ditransitivas que expressam eventos de transferência/ movimento; os argumentos envolvem um ‘agente’, por meio do sujeito, um elemento ‘transferido/ movido’, por meio de um objeto direto e um ‘recedor/ alvo’, por meio de um objeto indireto (Moretti, 2010).

→ dar, mostrar, enviar, distribuir, ensinar, vender; transmitir

→ DAR, MOSTRAR, ENVIAR, DISTRIBUIR, ENSINAR, VENDER

Na próxima seção, apresentamos a tipologia dos papéis temáticos na relação com as classes verbais e as funções sintáticas na estrutura oracional, na abordagem de Cançado (2008).

2.1.2.2 Tipologia dos papéis temáticos, classes semânticas de verbos e funções sintáticas

Tendo em vista as classes verbais apresentadas na seção anterior, Cançado (2008) estabelece uma tipologia de papéis temáticos, que citamos a seguir, com dados do português, conforme propõe a autora (na seção 2.1.2 retomamos a exemplificação com dados da Libras).

A) AGENTE – este papel temático do argumento aponta para uma entidade responsável por uma ação e uma entidade controladora de um processo.

(48) **A Maria** guiou o jipe.

└─┬─> **AGENTE**

| | | |
|----------------|---------------|--------|
| A Maria | guiou | o jipe |
| AGENTE | | TEMA |
| Sujeito | Verbo de ação | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘a Maria’. Na mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *TEMA* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘o jipe’. Na perspectiva sintático-semântica, o item ‘guiar’ é um verbo de ação, que classifica o tipo de semântico do verbo.

B) FONTE – este papel temático do argumento se encontra no ponto de origem de uma certa situação, mas sem controle.


(49) **O vento** partiu o vidro.

└─┬─> **FONTE**

| | | |
|----------------|------------------------|----------|
| O vento | partiu | o vidro |
| FONTE | | PACIENTE |
| Sujeito | Verbo de ação-processo | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *FONTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o vento’. Na mesma estrutura, o primeiro argumento interno (AI) interpretado como *PACIENTE* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘o vidro’ e o segundo argumento interno interpretado como *ALVO* pode ser realizado na posição de objeto indireto ‘da janela’. Na perspectiva sintático-semântica, o item ‘partir’ é um verbo de ação-processo, que classifica o tipo de semântico do verbo.


C) EXPERIENCIADOR – este papel temático do argumento aponta a entidade de um processo psicológico ou físico de uma relação ou dada propriedade.

(50) **Os meninos** temem a tempestade.


| | | |
|-----------------------|-------------------|--------------|
| Os meninos | temem | a tempestade |
| EXPERIENCIADOR | | TEMA |
| Sujeito | Verbo psicológico | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *EXPERIENCIADOR* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘os meninos’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *TEMA* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘a tempestade’. Na perspectiva sintático-semântica, o item ‘temer’ é um verbo psicológico, que classifica o tipo de semântico do verbo.


D) ALVO – este papel temático do argumento aponta a entidade para a qual alguém ou algo se transfere.

(51) O Luís ofereceu o disco **ao amigo**.


| | | | |
|---------|------------------------|-----------------|-----------------|
| O Luís | ofereceu | o disco | ao amigo |
| AGENTE | | TEMA | ALVO |
| Sujeito | Verbo de transferência | OD | OI |
| AE | | AI ₁ | AI ₂ |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o Luís’. Da mesma estrutura, o primeiro argumento interno (AI) interpretado como *TEMA* pode ser realizado na posição de objeto direto pelo sintagma nominal ‘o disco’, e o segundo argumento interno interpretado como *ALVO* pode ser realizado na posição de objeto indireto pelo sintagma preposicional ‘ao amigo’. Na perspectiva sintático-semântico, o item ‘oferecer’ é um verbo de transferência, que classifica o tipo de semântico do verbo.

E) LOCATIVO – este papel temático do argumento exprime a localização espacial de um participante do evento.


(52) O Luís mora **em Paris**.


| | | |
|---------|---------------------------|-----------------|
| O Luís | mora | em Paris |
| AGENTE | | LOCATIVO |
| Sujeito | Verbo de locação espacial | OI |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o Luís’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *LOCATIVO* pode ser realizado na posição de objeto indireto pelo sintagma preposicional ‘em Paris’. Nessa perspectiva sintático-

semântica, o item ‘morar’ é um verbo de locação espacial, que classifica o tipo de semântico do verbo.

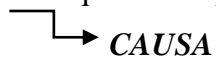
F) *TEMA* – este papel temático do argumento aponta a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado.

(53) O Paulo sabe **Japonês**.


| | | |
|---------------|-------------------|----------------|
| O Paulo | sabe | Japonês |
| <i>AGENTE</i> | | <i>TEMA</i> |
| Sujeito | Verbo de cognição | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o Paulo’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *TEMA* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘Japonês’. Nessa perspectiva sintático-semântica, o item ‘saber’ é um verbo de cognição, que classifica o tipo de semântico do verbo.


G) *CAUSA* – este papel temático do argumento aponta a entidade que dá origem a alguma ação, sem controle.

(54) **O sol** queimou a plantação.


| | | |
|--------------|------------------|-------------|
| O sol | queimou | a plantação |
| <i>CAUSA</i> | | PACIENTE |
| Sujeito | Verbo descritivo | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *CAUSA* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o sol’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *PACIENTE* pode ser realizado na posição de objeto direto pelo sintagma nominal ‘a plantação’. Na perspectiva sintático-semântica, o item ‘queimar’ é um verbo descritivo, que classifica o tipo de semântico do verbo.


H) INSTRUMENTO – este papel temático do argumento indica o meio de que um agente se serve para realizar algo.

(55) João colou o vaso com *cola*.


| | | | |
|---------|-----------------------|-----------------|---------------------------|
| João | colou | o vaso | com cola |
| AGENTE | | TEMA | <i>INSTRUMENTO</i> |
| Sujeito | Verbo instrumental | OD | OI |
| AE | | AI ₁ | AI ₂ |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito ‘João’. Da mesma estrutura, o primeiro argumento interno (AI) interpretado como *TEMA* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘o vaso’ e o segundo argumento interno (AI) interpretado como *INSTRUMENTO* pode ser realizado na posição de objeto indireto ‘com cola’. Na perspectiva sintático-semântica, o item ‘colar’ é um verbo instrumental, que classifica o tipo de semântico do verbo.


I) PACIENTE – este papel temático do argumento aponta a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.

(56) O acidente machucou *Maria*.


| | | |
|------------|-------------------------------|------------------------|
| O acidente | machucou | Maria |
| AGENTE | | <i>PACIENTE</i> |
| Sujeito | Verbo de ação- processo | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o acidente’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *PACIENTE* pode ser realizado na posição de objeto direto pelo sintagma nominal ‘Maria’. Na perspectiva sintático-semântico, o item ‘machucar’ é um verbo de ação-processo, que classifica o tipo de semântico do verbo.


J) BENEFICIÁRIO – este papel temático do argumento aponta a entidade que é beneficiada ou prejudicada pela ação descrita.

(57) O patrão pagou *o funcionário*.


| | | |
|----------|---------------------------|----------------------------|
| O patrão | pagou | o funcionário |
| AGENTE | | <i>BENEFICIÁRIO</i> |
| Sujeito | Verbo de transferência | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito pelo sintagma nominal ‘o patrão’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *BENEFICIÁRIO* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘o funcionário’. Na perspectiva sintático-semântico, o item ‘pagar’ é um verbo de transferência, que classifica o tipo de semântico do verbo.


L) OBJETIVO (OBJETO ESTATIVO) – este papel temático do argumento aponta a entidade de uma atividade à qual se faz referência que não o modifica e de que não resulta uma mudança de estado.

(58) O João leu *um livro*.


| | | |
|---------|-------------------|-----------------|
| O João | leu | um livro |
| AGENTE | | OBJETIVO |
| Sujeito | Verbo de cognição | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito ‘o João’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *OBJETIVO* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘um livro’. Na perspectiva sintático-semântico, o item ‘ler’ é um verbo de cognição, que classifica o tipo de semântico do verbo.

M) RESULTATIVO – este papel temático do argumento aponta o elemento surgido como resultado de uma ação ou processo.

(59) A bruxa comeu *a maçã*.


| | | |
|---------|------------------------|--------------------|
| A bruxa | comeu | a maçã |
| AGENTE | | RESULTATIVO |
| Sujeito | Verbo de ação-processo | OD |
| AE | | AI |

Observamos que o argumento externo (AE) interpretado como *AGENTE* pode ser realizado na posição de sujeito ‘a bruxa’. Da mesma estrutura, o argumento interno (AI) interpretado como *RESULTATIVO* pode ser realizado na posição de objeto direto ‘a maçã’. Na perspectiva sintático-semântico, o item ‘comer’ é um verbo de ação-processo, que classifica o tipo de semântico do verbo.

Vimos, como já mostramos acima, na teoria linguística, os tipos de semânticos dos verbos e a lista dos papéis temáticos específicos de seus argumentos para realizar as informações de cada predicador.

Cançado & Amaral (2016) destacam ainda a relação entre os argumentos locativos e a posição de complemento indireto ou de adjunção, conforme ilustrado a seguir, com dados do português e da Libras.

(60) O professor colocou o livro na mesa.

(60') locMESA_j PROFESSOR LIVRO_k objeto-COLOCAR_{k,j}



Tendo em vista os objetivos desta tese, a questão que desejamos investigar é: Quais são os papéis temáticos que podem ser atribuídos aos argumentos nas sentenças na voz ativa e qual a diferença na estrutura morfossintática em relação à voz reflexiva/recíproca na Libras?

De acordo com a Teoria Gerativa, conforme Kenedy (2013, p. 161), “os papéis temáticos são traços inscritos nas propriedades de seleção de um item lexical predicador. Tais traços são relevantes para a interface conceitual da linguagem humana”. Desta forma, o item é predicador ou não, os traços de seleção semântica (seleção-s) e seleção categorial (seleção-c) podem orientar as informações relativas a quantos argumentos serão recebidos de um predicador, assim como os papéis temáticos. Isso ocorrerá quando os argumentos ocupam a posição de especificador ou complemento da sentença. Na teoria linguística, essa relação é a expressão da grade temática.

Neste sentido, os traços formais, a seleção categorial, a quantidade número de argumentos, seleção semântica ou papel temático são apresentados no quadro de informações a seguir para os itens lexicais dos exemplos com suas especificações na estrutura argumental e na grade temática.

Quadro 6: Estrutura argumental e grade temática

| Itens lexicais | Traços de categoria | Seleção-c | Número de argumentos | Papel temático ou seleção-s | | |
|----------------|---------------------|-----------|----------------------|-----------------------------|----------|-------------|
| | | | | X | Y | Z |
| Dar | - N, + V | NP/NP/PP | Ternário | AGENTE | PACIENTE | ALVO |
| Correr | - N, + V | NP | Unário | AGENTE | - | - |
| Quebrar | - N, + V | NP/NP/PP | Ternário | AGENTE/ CAUSA | PACIENTE | INSTRUMENTO |
| Derrubar | - N, + V | NP/NP | Binário | AGENTE | PACIENTE | - |
| Cair | - N, + V | NP | Unário | PACIENTE | - | - |
| Ir | - N, + V | NP/NP | Binário | PACIENTE | LOCATIVO | |

Fonte: Elaboração própria.

Na próxima seção, apresentamos os papéis temáticos e a estrutura argumental dos verbos na perspectiva da estrutura sintático-semântica do verbo e na relação com a voz verbal (ativa e reflexiva).

2.1.2.3 Papéis temáticos, funções sintáticas e voz verbal

Retomamos a teoria semântica dos papéis temáticos relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos do PB. Na expressão linguística os papéis temáticos se referem ao componente gramatical e à significação, portanto são as regras específicas das estruturas semânticas das línguas naturais.

Compreendemos a estrutura argumental, vimos a teoria que os papéis temáticos como atribuem aos argumentos externo e interno de um predicador que seleciona, podemos dizer que o mapeamento semântico de uma certa sentença possui um argumento inserido que recebe um papel temático, e um número de expressões referenciais. Estas expressões ocorrem o predicado que apresenta as pessoas e coisas, ou ações/sentimentos/emoções referidas por uma participação no evento de forma descrita da sentença, portanto, esses papéis temáticos podem ser interpretados.

Para uma interpretação semântica de um falante/sinalizante entre o predicador que pode atribuir os argumentos e adjuntos em uma relação da função sintática de sujeito e de objeto. Quando a sentença for gramaticalizada dentro dos significados como mentais e conceituais, o que pode ocorrer, assim, o primeiro argumento pode ser interpretado como a entidade do evento, a sua vez, o segundo argumento pode ser interpretado como a entidade afetada (ter várias propriedades do trabalho de Cançado).

Tem as autoras como Cançado (2008); Cançado & Amaral (2016), nestes estudos, que apresentam uma lista de papéis temáticos dos argumentos que consideram sua perspectiva da estrutura sintático-semântico. Observamos as aplicações da noção de papéis temáticos ilustrados por essas autoras que descrevem e exemplificam os importantes marcantes dos tipos de papéis a seguir:

Vejamos inicialmente a seguir alguns exemplos ilustrados pelo modelo de Cançado (2008, p. 111-112), com dados do português na voz ativa. Acrescentamos outros exemplos para comparação com a voz recíproca, pois não estavam na lista de exemplos da autora – nesta seção, não apresentamos dados da Libras, porque a questão da voz verbal passiva e reflexiva nessa língua será discutida posteriormente (ver Capítulo 3):

pegar:

{Agente, Tema, Locativo}

- (61) João pegou o livro na mesa. (ativa)
 SUJ. OD OI

{Agente/ Paciente}

- (62) João_i se_i pegou com dor de barriga. (reflexiva)
 SUJ. OBJ.

{Agente e Paciente}/ { Paciente e Agente}

- (63) João_i e Daniel_i pegaram a carteira um_i do outro_i. (recíproca)
 SUJ. OD OI

amar:

{Experienciador, Paciente}

- (64) João ama Maria. (ativa)
 SUJ. OBJ.

{Experienciador, Paciente}

- (65) João_i se_i ama. (reflexiva)
 SUJ. OBJ.

{Experienciador, Paciente} {Paciente, Experienciador}

- (66) João_i e Maria_i amam um_i ao outro_i. (recíproca)
S.U.J. O.B.J.

jogar:

{Agente, Tema, Alvo}

- (67) Sara jogou a bola para o policial. (ativa)
S.U.J. O.D. O.I.

{Agente/ Paciente}

- (68) Sara_i se_i jogou de cabeça. (reflexiva)
S.U.J. O.B.J.

{Agente e Paciente}

- (69) Sara_i e o policial_i jogaram a bola um_i no outro_i. (recíproca)
S.U.J. O.D. A.D.J.

barbear:

{Agente, Tema, Instrumento}

- (70) João barbeou Pedro com gilette. (ativa)
S.U.J. O.D. A.D.J.

{Agente, Paciente, Instrumento}

- (71) João_i se_i barbeou com a gilette. (reflexiva)
S.U.J. O.B.J. A.D.J.

{Agente e Paciente}

- (72) João_i e Pedro_i barbaram um_i ao outro_i com a gilette. (recíproca)
S.U.J. O.B.J.

dar:

{Agente, Tema, Beneficiário}

- (73) João deu um presente para Maria. (ativa)
S.U.J. O.D. O.I.

{Agente/Paciente}

- (74) João_i se_i deu com febre. (reflexiva)
S.U.J. O.B.J.

{Agente e Paciente}

- (75) João e Maria_i se_i deram um presente (um ao outro)_i. (recíproca)
S.U.J. O.I. O.D. O.I.

É importante notar que existe um processo sintático que modifica as relações sintáticas entre os argumentos do predicado: a voz passiva. Segundo Caçado & Amaral (2016, p. 80), o AGENTE tem uma relação muito forte com a voz passiva. Na voz passiva, o agente deixa de ocorrer na posição de sujeito. E o argumento na posição de objeto (paciente) se desloca para a posição de sujeito. No português, o verbo ocorre em uma locução formada pelo verbo ‘ser’ (auxiliar) e o verbo principal no particípio. Vamos mostrar a voz passiva, a seguir, na comparação com a voz reflexiva e a voz recíproca:

lavar:

{Agente, Paciente}

- (76) A faxineira **lavou** o alpendre. (ativa)
S.U.J. O.D.

{Paciente e Agente}

- (77) O alpendre **foi lavado** ~~o alpendre~~ pela faxineira. (passiva)
S.U.J. ØD AGENTE DA PASSIVA

{Agente/ Paciente}

- (78) A faxineira_i se_i lavou _____. (reflexiva)
S.U.J. O.D.

{Agente/ Paciente}

- (79) A faxineira e o garçom_i se_i lavaram. (recíproca)
S.U.J. O.B.J.

- (80) A faxineira e o garçom_i lavaram um ao outro_i. (recíproca)
S.U.J. O.B.J.

Para apresentar uma síntese dos aspectos apresentados acima em relação à estrutura argumental, os papéis temáticos, em suas funções sintáticas, há uma tabela em que especificamos a relação dessas categorias com voz verbal ativa, reflexiva e passiva.

Quadro 7: A relação das categorias entre voz verbal ativa, reflexiva e passiva

| Voz | Sujeito | Papel Temático | Objeto | Papel Temático | Preposição | Papel Temático |
|------------------------|---------|---|--------|-------------------|------------|--|
| Ativa | X | Agente/ Experienciador | Y | Paciente/ Tema | Z | Alvo/ Beneficiário |
| Reflexiva | X | Agente/ Experienciador e Paciente | (X) | — | Z | Instrumento/ Locativo |
| Reflexiva recíproca | X | Agente/ Experienciador e Paciente | (X) | — | Z | Beneficiário/ Alvo/ Instrumento/ Locativo |
| Passiva | X | Paciente | Y | — | Z | Agente |

Fonte: Elaboração do autor

A análise das sentenças transitivas e das sentenças intransitivas será apresentada com mais detalhes na descrição morfossintática da gramática gerativa, na seção a seguir.

2.2 Estrutura sintagmática e transitividade na perspectiva da teoria de Princípios e Parâmetros

Retomamos a teoria linguística da gramática, considerando, em particular, o modelo de Princípio e Parâmetro (P&P), que foi trazido por Chomsky (1981, 1986). De acordo com este modelo, a descrição da GU deve considerar as propriedades universais e a diversidade linguística. Dessa forma, na teoria P&P, os princípios são propriedades comuns a todas as línguas naturais, e os parâmetros são opções específicas de cada língua, como português, francês, inglês, ASL, Libras e demais. Por exemplo, as sentenças apresentam como princípio de caráter universal o fato de que são compostas por sujeitos sintáticos. Os parâmetros são definidos, como propriedades de uma língua a partir dos dados linguísticos que são responsáveis pela diferença entre as línguas, como uma função do léxico, em particular, do léxico funcional. Uma língua natural assume ou não sujeito nulo ou objeto nulo nas sentenças finitas, ou seja, nas sentenças que descrevem um evento definido pela categoria Tempo.

Para formular o modelo P&P, Chomsky notou que não existem limites para o número de frases que um falante de uma língua particular pode usar. Então qualquer língua humana pode permitir algumas combinações sintáticas que serão tipos de estruturas bem formadas e gramaticais. Dessa forma, é possível criar e compreender uma quantidade infinita de frases.

A teoria de Chomsky (1986) explicou que cada constituinte tem seu argumento e adjunto, que são formalmente incluídos na projeção máxima do núcleo para representar a estrutura sintática. Essa propriedade se refere aos argumentos dos verbos, e também a outras categorias, como os nomes, que também podem incluir seu argumento nessa projeção.

Na seguinte subseção, trataremos da noção de argumentos e identificamos sua relação com os predicadores na oração.

2.2.1 Argumento externo (AE), argumento interno (AI), predicadores e transitividade verbal

Os tipos de subcategorias verbais existentes nas línguas naturais, segundo Kenedy (2013), são verbos transitivos (acusativos e bitransitivos), inergativos e inacusativos (cf. seções 2.2.1.1, 2.2.1.2.1, 2.2.1.2.2). Percebemos que essas subcategorias verbais, na descrição linguística, têm a interpretação semântica na estrutura da sentença considerando as propriedades entre a função sintática de sujeito e complementos subcategorizados. Os predicadores verbais selecionam um determinado número dos argumentos dentro de uma categoria gramatical.

Quando falamos das subcategorias verbais, na forma dos verbos transitivos, verificamos que selecionam argumento externo e, no máximo, três argumentos internos. Além disso, há a marcação de Caso dessa subcategoria (cf. 81a e 81'a), que é capaz de atribuir Caso Nominativo ao argumento externo e Caso Acusativo ao argumento interno do verbo 'amar' / 'AMAR'. Esse item apresenta um NP do argumento externo e um NP do argumento interno, que recebe a subcategorização de *transitivo direto*. Outra forma é se na estrutura do verbo transitivo for selecionado PP como argumento interno, que recebe a subcategorização de *transitivo indireto*.

Os verbos inergativos e inacusativos são aqueles em que é selecionado somente um argumento (monoargumental). No entanto, as posições sintáticas são diferentes, devido aos critérios aplicados aos *verbos intransitivos*, que observam algumas

ocorrências nos dados linguísticos nas diferentes línguas humanas (cf. KENEDY, 2013, p. 165). Assim, notamos que, em relação ao argumento de um predicador intransitivo, os verbos inergativos apresentam argumento externo, como ‘sorrir’ / ‘SORRIR’ (cf. 81b e 81’b), e atribui papel temático de AGENTE, que recebe o Caso Nominativo, e os verbos inacusativos apresentam argumento interno, como ‘chegar’ / ‘CHEGAR’ (cf. 81c e 81’c), que recebe papel temático de TEMA, que recebe o Caso Nominativo.

- (81) a. [NP João] ama [NP Maria].
 b. [NP João] sorriu.
 c. [NP João] chegou. (Dados extraídos de Kenedy 2013, p. 164-165)
- (81’) a. [NP JOÃO] AMAR [NP MARIA] (‘João ama Maria’)
 b. [NP JOÃO] SORRIR (‘João está sorrindo’)
 c. [NP JOÃO] CHEGAR (‘João chegou’)

Essa abordagem é relevante para a análise da noção de transitividade verbal na oração. Vamos mostrar os exemplos nas próximas subseções. Essa transitividade será retomada e aprofundada, faremos apontar o caso específico da subcategorização do núcleo lexical ‘V’ selecionando complemento ou não na estrutura sintática e semântica, considerando somente dados do português. Em seguida, apresentamos a transitividade verbal analisando os tipos de verbo da Libras.

2.2.1.1 Sentenças transitivas

De acordo com Kenedy (2013), subcategorias verbais, na forma dos verbos transitivos, selecionam argumento externo na posição de sujeito e no máximo três argumentos internos na posição de objeto, subcategorizado pelo verbo e vem acompanhado um objeto preposicionado. Então, são chamados *predicadores multiargumentais* (cf. p. 164).

No PB tem marcação de Caso para atribuir juntamente com subcategorias verbais, entendemos a respeito desse Caso como *nominativo* e *acusativo*. O Caso nominativo pode receber um NP do argumento externo de um predicador. O Caso acusativo pode receber um NP do argumento interno do verbo quando tem uma estrutura da voz ativa com um papel temático na presença do argumento externo que o Kenedy explicou (p. 169).

Análise das sentenças transitivas serão apresentadas com mais informações na descrição morfosintática: acusativos e bitransitivos (nas próximas subseções seguintes), com dado de Libras.

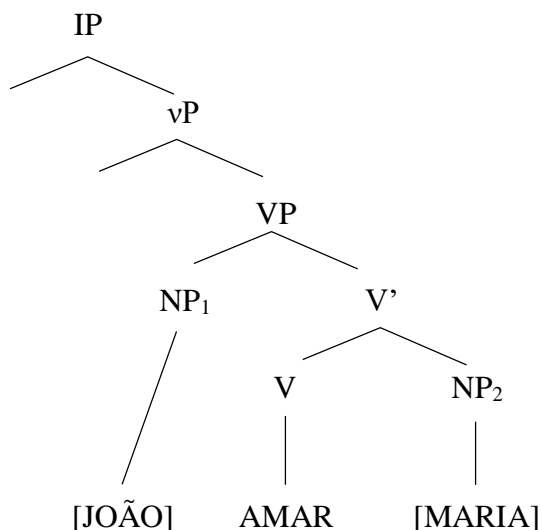
2.2.1.1.1 Verbos acusativos (NP₁ + V + (P) + NP_{2_PACIENTE/TEMA})

Os verbos acusativos podem ocorrer com um complemento direto ou com um complemento direto e um complemento indireto. No primeiro caso são monoargumentais, pois possuem um argumento externo e um argumento interno (A2). No segundo caso, são biargumentais, pois possuem um argumento interno e dois argumentos internos (A3). Os verbos como exemplos que pertencem ao grupo dos acusativos monoargumentais, em geral, são: comprar, pegar, quebrar, abrir, matar, obedecer, acreditar, amar, gostar, invejar, fazer, beijar, perdoar e demais itens.

Na estrutura desses verbos, temos um complemento direto, que é o argumento interno. Veja a representação da estrutura como seguir:

(82) [NP₁ JOÃO] AMAR [NP₂ MARIA] 'João ama Maria'

(82')



Notamos: (NP₁_AGENTE + V + NP₂_TEMA)

Na seção seguinte, trataremos a estrutura argumental dos verbos que apresentam complemento direto e indireto, que recebem o Caso acusativo e o Caso dativo ou oblíquo.

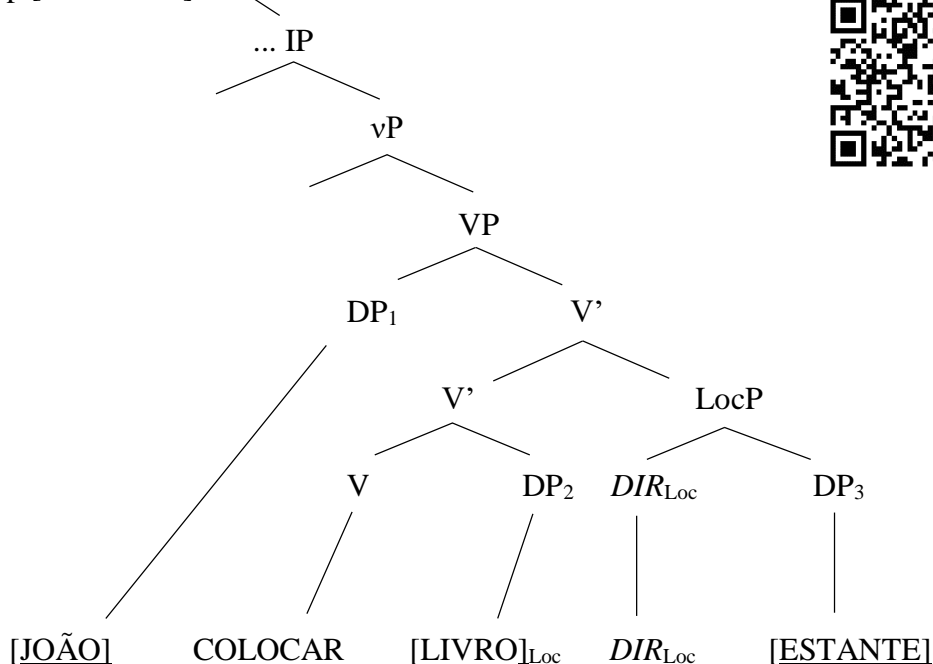
2.2.1.1.2 Verbos bitransitivos/ ditransitivos ($NP_1_{AGENTE} + V + NP_2_{PACIENTE/TEMA} + DIR_{Loc} + NP_3_{ALVO/LOCATIVO}$) (**objeto acusativo/ objeto indireto, dativo/ oblíquo**)

Os verbos bitransitivos ou ditransitivos são predicados que selecionam três argumentos (ou mais), ou seja, são triargumentais (A3). Conforme Kenedy (2013), os verbos ‘atirar’, ‘dar’, ‘pedir’, ‘colocar’ selecionam um argumento externo e dois argumentos internos, mas existem casos em que ocorrem mais de três argumentos. São os predicados tetrargumentais (A4). Os exemplos ‘levar’, ‘passar’, ‘transferir’, ‘traduzir’, ‘trazer’, selecionam um argumento externo e três argumentos internos. Essa análise é a mesma para a Libras.

Mostramos que como funciona a representação da estrutura como seguir, com verbos da Libras, indicamos o uso do morfema *DIR* (direcional) para marcar a concordância locativa (cf. QUADROS & KARNOPP, 2004):

(83) $locESTANTE_y LIVRO_k 1s-objeto-COLOCAR.DIR_{k,y}$ ‘eu coloco o livro na estante’

(83’) Top [ESTANTE]...



Notamos: ($NP_1_{AGENTE} + V + NP_2_{PACIENTE/TEMA} + DIR_{Loc} + NP_3_{ALVO/LOCATIVO}$)

Vejamos a representação acima. O verbo ‘colocar’ apresenta em sua estrutura argumental, além de um NP sujeito como argumento externo (JOÃO), um NP

complemento direto (algo), o argumento interno, e um LocP, que marca complemento locativo, pelo uso do movimento direcional (*DIR*). Sintaticamente, essa propriedade deve expressar que a ação pelo verbo e praticada pelo sujeito exigirá dois complementos internos para completá-la. Esses complementos podem ser categorialmente um sintagma locativo, integrando a estrutura argumental dos verbos ditransitivos.

Na próxima subseção, mostraremos os verbos intransitivos. Vamos considerar os exemplos das sentenças que recebem um argumento externo ou interno na estrutura sintática-semântica.

2.2.1.2 Sentenças intransitivas

Retomamos na gramática tradicional, Cunha & Cintra ([1984] 2017, p. 149) afirmam que os verbos intransitivos “trazem uma nova idéia ao sujeito” sem mais acompanhamento do objeto direto e/ou indireto. O predicado verbal apresenta um núcleo que pode vir sempre com o sujeito anteposto, que pode ser realizado por substantivos, nomes, pronomes pessoais que praticam a ação verbal sem complemento.

Outro caso é a oração sem sujeito ou com sujeito inexistente, que ocorre com verbos intransitivos, segundo Cunha & Cintra ([1984] 2017, p. 143). Na teoria gerativa, são analisados como sujeitos não referenciais (ou seja, a 3ª pessoa na flexão verbal não tem referência)

(84) Chove.

(85) Anoitece.

(86) Faz frio.

Da mesma forma, em Libras, predicados que descrevem fenômenos da natureza apresentam um sujeito não referencial, conforme ilustrado a seguir:

(87) CHOVER AGORA BRASÍLIA
(‘Está chovendo agora, em Brasília’)



Tradicionalmente, esses verbos descrevem o estado de fenômeno da natureza. Não seleciona argumento que pode ocupar o sujeito, porque é existente e simplesmente recebe adjuntos adverbiais (‘AGORA’), pois podem vir ou não acompanhados de um locativo.

Descrevemos as sentenças acima como verbos meteorológicos, ou seja, verbos intransitivos não argumentais [A₀], que não selecionam nem argumento externo nem argumento interno.

Seguimos com outros exemplos para mostrar a ação das formas verbais, em que a ação não vai além do verbo. Os verbos intransitivos como *tossir*, *chover*, *sorrir*, *dormir*, *viajar*, expressam uma sentença intransitiva, portanto, é completa.

- (88) CRIANÇA **DORMIR** ('A criança **dormiu**')
(89) PEDRO_x IX_x **VIAJAR** ('Pedro **viajou**')



(Dado extraído de Cunha & Cintra 2017, p. 531)

Em (88) e (89), os verbos não possuem complemento, e sim exigem essencialmente sujeito. É importante relatar que esses verbos são predicados intransitivos que descrevem uma situação em que um sujeito que pratica ação e podem se apresentar juntamente com adjuntos adverbiais ou com predicativo, por exemplo: '*CRIANÇA DORMIR TARDE*' e '*PEDRO VIAJAR ABORRECIDO*'.

Kenedy (2013) compreende a natureza das subcategorias verbais e afirma que há diferença entre subclasses de verbos lexicais existentes nas línguas naturais. Os verbos inergativos e inacusativos são *verbos intransitivos* (VI), que possuem apenas um argumento gramatical, portanto, chamam *predicadores monoargumentais*. Descrevemos que os inergativos selecionam um argumento externo, enquanto os inacusativos selecionam um argumento interno.

Na gramática gerativa, os estudos realizados por Burzio (1986) sobre verbo inergativo e inacusativo refletiram a diferença das estruturas sintáticas entre os verbos. Os inacusativos não atribuem Caso acusativo ao seu complemento (objeto), portanto não recebem papel temático na posição de argumento externo (sujeito), segundo explicado por Kenedy (2013, p. 169). Na linguística, esse fenômeno foi chamado como *Generalização de Burzio*.

Mostraremos os detalhes dessas subclasses de verbos nas subseções seguintes.

2.2.1.2.1 Verbos inergativos (NP₁_AGENTE + V)

Na teoria gerativa, de acordo com Kenedy (2013), o termo *inergativo* ou *inergatividade* é usado para os verbos que selecionam apenas argumento externo, são chamados monoargumentais (A1). Esse termo significa dizer que os verbos não são capazes de marcar o Caso ergativo, portanto, os verbos não fazem a diferença entre o Caso de argumento externo de verbo transitivo e o Caso de argumento externo de verbo monoargumental (KENEDY, 2013: 168). Vejamos essa distinção dos exemplos a seguir:

(90) **Eu** vi João

(91) **Eu** sorri

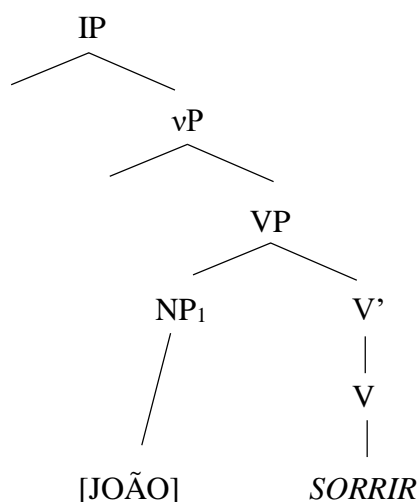
(Dados extraídos de Kenedy 2013, p. 168)

Observamos acima que são externos os argumentos que figuram como sujeito e ‘Eu’ é o constituinte que ocupa a posição de especificador do núcleo funcional. Então, o sujeito ‘Eu’ assume a mesma forma do Caso nominativo nos dois casos. Em (90), ‘ver’ é um verbo transitivo (dois argumentos), enquanto ‘sorrir’ é um verbo intransitivo (um argumento) monoargumental (um argumento externo). Em (92), podemos dizer que o predicador ‘sorrir’ assume as propriedades de especificador como argumento externo, e pode vir ou não acompanhado de adjunto adverbial.

Assim, notamos a representação arbórea, a seguir, o verbo inergativo apresenta argumento externo de ‘sorrir’, conforme evidencia o exemplo (92), fornecido por Kenedy, repetido com a estrutura.

(92) [NP JOÃO] *SORRIR*

(Dado extraído de Kenedy, 2013, p. 165)



Notamos: (NP₁_AGENTE + V)

A posição do NP₁ (João) é preenchida no Spec (especificador) que está dentro do VP, por isso assume propriedades de argumento externo do verbo. Kenedy (2013) observa que o predicador ‘sorrir’ exige um argumento como verbo transitivo, mas, nesse caso, a posição do complemento é vazia, não subcategoriza um DP objeto. O argumento selecionado pelo verbo inergativo tende a apresentar o traço [+animado], sintaticamente, atribui um papel- θ de AGENTE e recebe Caso nominativo.

Passaremos ao verbo inacusativo das sentenças intransitivas na próxima seção. Os exemplos do argumento interno subcategorizado ao verbo na estrutura sintática-semântica.

2.2.1.2.2 Verbos inacusativos (NP₁_PACIENTE/TEMA + V)

Retomamos na teoria gerativa apresentada por Kenedy (2013). Entendemos o termo *inacusativo* ou *inacusatividade* para os verbos que selecionam um argumento interno, são chamados monoargumentais (A1). Esse termo significa dizer que os verbos não são capazes de atribuir o Caso acusativos, e não selecionam um argumento externo, apenas subcategorizam um DP objeto, argumento interno, ao contrário do acontece com um verbo transitivo (KENEDY, 2013, p. 169). Vejamos os dados ilustrados a seguir:

(93) JOÃO CHEGAR.

(94) *O chegou.

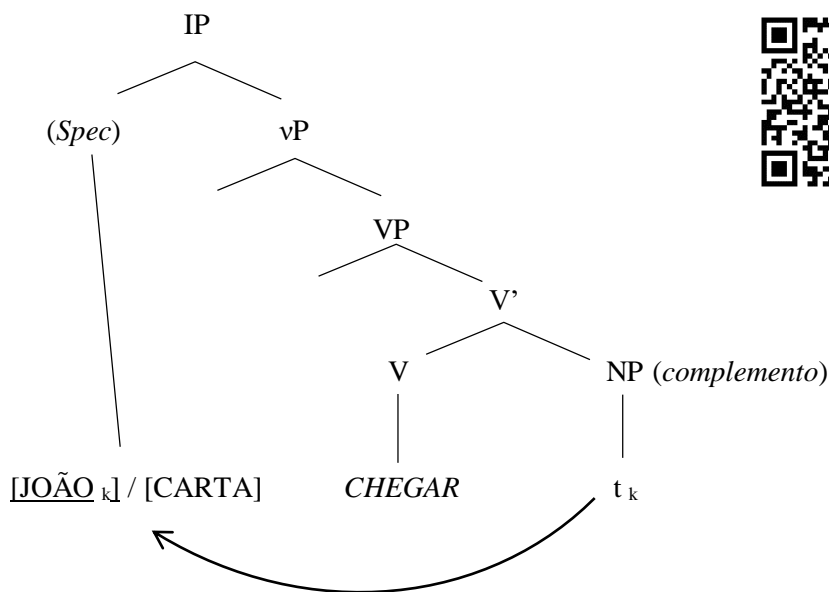
(Dados extraídos de Kenedy 2013, p. 169)

Na sentença (93), como se vê, o verbo ‘chegar’, que é monoargumental, seleciona somente um argumento interno. Observamos que o pronome do sujeito ‘ele’ pode se referir a um nome (animado) ou a uma coisa (inanimado)) e é o constituinte que ocupa a posição do objeto que deve ser interpretado como TEMA de ‘chegar’ e mas não recebe o Caso acusativo. Em (94) o pronome do Caso acusativo é agramatical, pois esse verbo seleciona somente um argumento interno, mas não pode marcar o Caso Acusativo, e por essa razão esse tipo de verbo é inacusativo.

Podemos apresentar uma representação arbórea a seguir, que mostra a derivação do verbo inacusativo ‘chegar’, conforme evidencia o exemplo (95), fornecido por Kenedy (2013). De acordo com a teoria do Caso, o argumento na posição de objeto não pode ficar sem Caso, e se desloca para a posição de *Spec* do IP, que atribui o Caso nominativo.

(95) [NP JOÃO/IX_{3s}] / [CARTA] CHEGAR. ('João chegou / A carta chegou')

(95')



Notamos: (NP[Spec]_{PACIENTE/TEMA} + V)

Nossa hipótese de trabalho é que os verbos intransitivos correspondentes em Libras manifestam a mesma distribuição nas classes de inergativos e inacusativos. Abordaremos a classes verbais em línguas de sinais (LS), em particular na Libras em seguinte subseção específica, considerando a questão da transitividade, incluindo o caso dos verbos intransitivos.

2.3 Classes de verbos em Libras

A partir da década de 70, iniciou a análise da concordância verbal para as línguas de sinais ao redor do mundo. Logo depois foi debatido por muitos pesquisadores linguistas baseados em diferentes bases teóricas em LS para níveis linguísticos são sintático, fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Por isso foram apresentados os aspectos gramaticais, destacando os tipos de verbos em relação à presença (ou não) da concordância verbal.

A concordância verbal em LS é bastante complexa, visto que nem todos os verbos estabelecem esta relação. Padden (1983) inaugurou a classificação morfológica dos verbos em ASL. Observou os tipos de verbos como linguagem familiar tanto em ASL quanto em diferentes línguas sinalizadas em várias pesquisas que vêm sendo realizadas

em todo o mundo, dividindo-os em três classes principais: verbos sem concordância, verbos com concordância e verbos espaciais.

Nesta seção, mostramos a morfossintaxe das principais classes dos tipos de verbos na Libras. Para tanto, buscamos pesquisas, nessa área, de Ferreira-Brito (1995), Quadros (1995; 1997; 1999; 2019), Quadros & Karnopp (2004), Quadros, Pizzio e Rezende (2008), Quadros & Quer (2008), Lourenço (2020), que desenvolveram análises sobre as propriedades da concordância verbal para as formas de estruturas diferentes e gramaticais. É interessante que essa concordância é gramaticalmente ligada à estrutura da sentença, à expressão do sujeito, à transitividade verbal pois as marcações de concordância se relacionam com o sujeito e o objeto.

As classes verbais nas LS e, em particular, na Libras são apresentadas em função do uso do espaço de sinalização para o mapeamento dos referentes estabelecidos, presentes e não-presentes, e dos pronomes pessoais no discurso. De acordo com os aspectos descritivos, os pesquisadores buscaram a identificar a estrutura do sinal de certos verbos que utilizam o movimento para a identificação dos referentes, chamado de concordância.

2.3.1 Sentenças com verbos simples

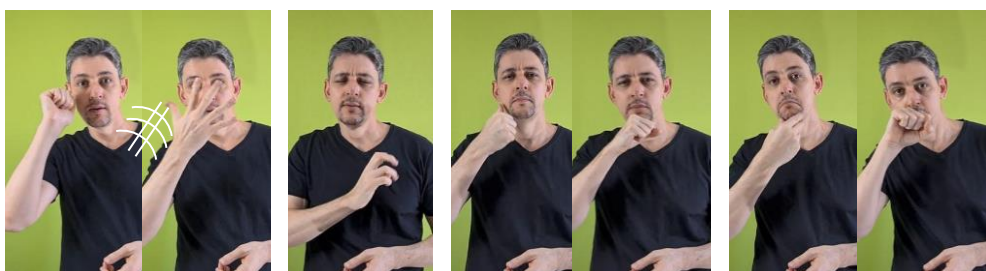
Os verbos simples (sem concordância) são também chamados não-direcionais. As propriedades desses verbos foram primeiramente analisadas com base em estudos sobre ASL, seguindo os autores Friedman (1976) e Padden (1980) *apud* Ferreira-Brito (1995). A principal característica das propriedades sintático-semântica desses verbos é que, nesses verbos, o movimento não se direciona de um ponto inicial (sujeito) a um ponto final (objeto) do referente.

De acordo com autores, os verbos simples, em LS, não marcam o referente na estrutura do sinal. Portanto, podemos dizer que esses verbos não se flexionam em pessoa e número e não aceitam afixos locativos. Alguns desses verbos se flexionam na categoria aspecto. O verbo sem concordância pode receber argumentos que tenham uma realização lexicalmente independente.

Segundo Ferreira-Brito (1995, p. 61-63), os estudos de verbos simples, na Libras, afirmam que eles são divididos em três subclasses: “ancorados no corpo”, “verbos que incorporam o objeto” podemos dizer como *verbos-objetos incorporados* e “verbos que apresentam flexão, ainda que apenas de um NP”, podemos dizer que ou *sujeito ou objeto*

ocorre *com verbo flexionado*. Vamos ver os exemplos dessas subclasses com as sentenças gramaticais (os exemplos são retirados da autora, e também do acervo de Hely Ferreira (reunido para compor esta tese):

- a) **Verbos ancorados no corpo:** são verbos que têm o parâmetro do ponto de locação dos sinais em partes do corpo do sinalizante. Há também alguns que são feitos no espaço neutro para a elaboração do sinal. Não há forma de marcar o sujeito com incorporação de indicadores, exigem uso de apontação para indicar sujeito e objeto. Os verbos descrevem ações, processos (como COMER, CONVERSAR, FALAR) e estados (como PENSAR, ENTENDER) e podem se flexionar para aspecto. Veja como nos exemplos: AMAR, CONHECER.



(96) ALYCE AMAR MULHER^BENÇÃO HOMEM^BENÇÃO
Alyce ama mamãe e papai.



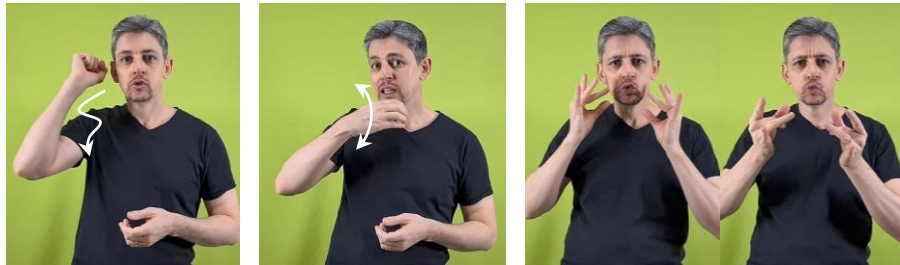
(97) IX_x HOMEM^CRIANÇA_x CONHECER IX_y MULHER^CRIANÇA_y
O menino conheceu a menina.

- b) **Verbos-objetos incorporados:** os verbos têm um sinal específico, mas “quando incorporam, um ou mais parâmetros mudam em função das especificidades dos parâmetros do sinal objeto incorporado” (p. 62). Dessa forma, essa composição dos constituintes ocorre em articulação simultânea,

que é capaz de produzir um único item lexical para que a ação se apresenta. Também pode incorporar verbo e objeto com o uso no espaço neutro. Veja como nos exemplos: BEBER-CAFÉ, COMER-MAÇÃ.

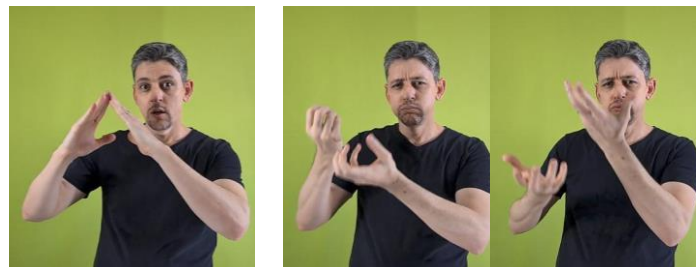


(98) IX_{3s} BEBER-CAFÉ JÁ.
Ele bebeu café.



(99) SOFIA COMER-MAÇÃ TODO.
A Sofia comeu toda a maçã.

- c) *Sujeito ou objeto marcado no verbo flexionado*: o verbo pode concordar apenas com o sujeito ou com o objeto da sentença. Os verbos simples não apresentam um movimento linear, segundo explicado por Padden (1980). Veja como nos exemplos: PEGAR, BATER.



(100) CASA PEGAR-FOGO.
A casa pegou fogo.



(101) CARRO-IR-BATER

O carro estava indo e bateu.

Quadros & Karnopp (2004) definem *verbos simples* como “verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativo” (p. 116).

2.3.2 Sentenças com verbos com concordância

Os verbos com concordância são também chamados direcionais ou multidirecionais. Os estudos desses verbos se inauguraram com base em estudos sobre ASL, segundo os autores Friedman (1976) e Padden (1980) *apud* Ferreira-Brito (1995). Na Libras, encontramos os verbos direcionais que expressam um movimento que se direciona de um ponto inicial do referente (sujeito) a um ponto final do referente (objeto). Há estudos das LS que apresentam diferentes análises com relação à classificação dos verbos com concordância em subclasses que são concordância pura e concordância reversa. Apresentamos, a seguir, a concordância que tem algumas das abordagens realizadas por diferentes autores.

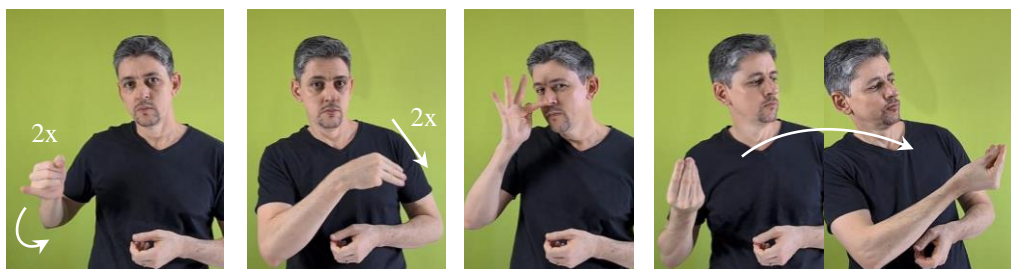
A concordância pura é identificada com verbos com concordância regular, ou seja, de acordo com Quadros & Quer (2008), é compreendida pela realização morfológica da concordância como o movimento de trajetória entre dois pontos associados com os argumentos de certos verbos. Na análise das autoras, os verbos de concordância se distinguem dos verbos espaciais. Nessa perspectiva, a classificação verbal tem relação à interpretação semântica envolvida, pois os verbos de concordância denotam *transferência*, e os verbos espaciais denotam *movimento*.

De acordo com as autoras, os verbos de concordância em LS marcam o referente na estrutura do sinal. Portanto, podemos dizer que esses verbos se flexionam em pessoa e número e não aceitam afixos locativos. Alguns desses verbos flexionam para a categoria aspecto. Os verbos com concordância podem receber argumentos que tenham uma realização lexicalmente independente.

Padden (1983/1988) observou que os verbos com concordância e os verbos espaciais já vêm especificados do léxico. Os tipos de verbos em LS apresentam comportamentos sintáticos diferentes que são determinados em suas categorias lexicais e concordam morfológicamente com os argumentos na posição de sujeito ou de objeto, onde o local em que o verbo é sinalizado é alterado pelo movimento que passa ligado aos seus referentes. Acontece, do mesmo modo, na visão lexicalista, com os verbos sem concordância ou verbos com concordância locativa.

Quadros & Karnopp (2004, p. 116) propõem que os verbos com concordância apresentam um tipo de flexão de pessoa, número (e aspecto) por meio do movimento direcional, os quais ocupam as posições do argumento sujeito no ponto de partida e do argumento objeto no ponto de chegada do movimento do verbo, mas não incorporam afixos locativos. As autoras afirmam que o verbo flexionado é utilizado para determinar os referentes nos pontos estabelecidos no espaço de sinalização. Esses referentes podem ser presentes e não-presentes no discurso por meio da apontação ostensiva ou a flexão verbal para identificar diferentes locais no espaço. Os verbos como RESPONDER, DAR, PERGUNTAR, ENVIAR, PROVOCAR, DIZER pertencem à subclasse da concordância pura, conforme ilustrado a seguir.

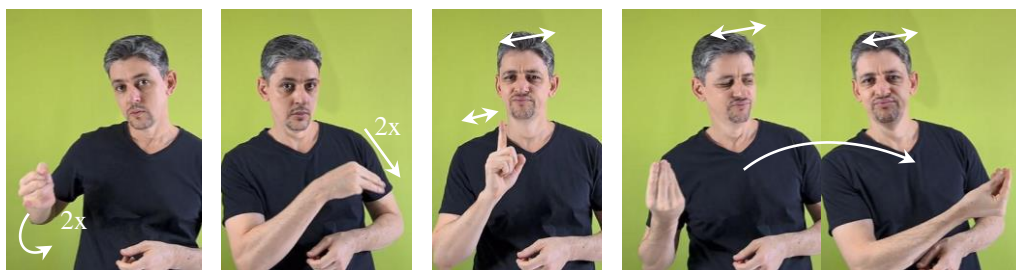
Observe a sentença (102), o verbo com concordância não apresenta auxiliar, portanto, nessa perspectiva, o verbo ENTREGAR é flexionado: o movimento ocorre do ponto inicial onde se localiza o referente JOÃO, realizado como sujeito, para o ponto final onde se localiza o referente MARIA, realizado como objeto, através do espaço onde o sinalizante realizou aos dois argumentos. Normalmente, a sentença significa “*João entregou para Maria (flores)*”.



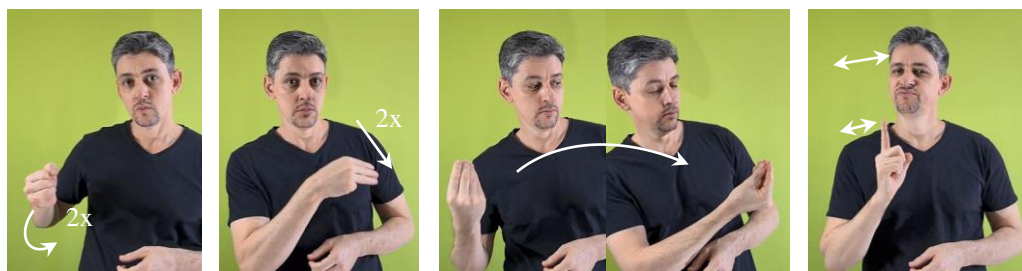
(102) JOÃO_a MARIA_b FLOR_a ENTREGAR_b

Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 32) apresentam as marcações não-manuais para os verbos com concordância, que são obrigatórias por indicar determinados vários tipos de sentenças. Essas marcações são mecanismos associados à expressão específica

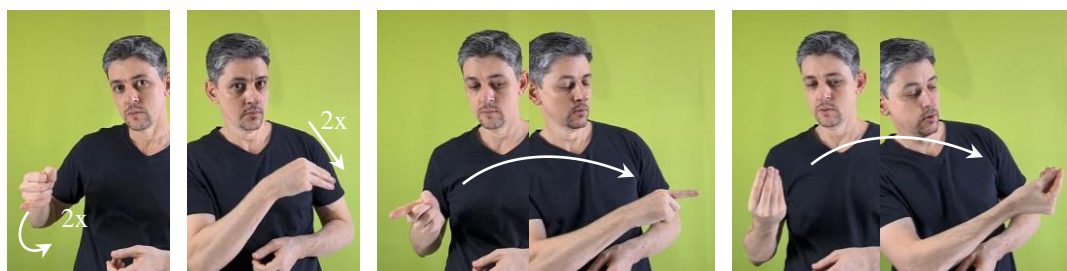
que o corpo desloca, os olhos direcionam, a elevação das sobrancelhas e outras marcas associadas. Os verbos com concordância são flexíveis na ordenação das sentenças, mas são acompanhados de marcações não-manuais, que se diferem dos verbos sem concordância, que são opcionais. Vejamos as glosas de sentenças a seguir com verbo de concordância ENTREGAR, com a negação antes do verbo (103) e depois do verbo (104), e com verbo auxiliar (agramatical) (e as imagens correspondentemente):



(103) JOÃO_a MARIA_b NÃO^{neg}_a ENTREGAR_b



(104) JOÃO_a MARIA_b ENTREGAR_b NÃO



(105) *JOÃO_a MARIA_b AUX_b ENTREGAR_b

Em (103) e (104), verificamos que o verbo com concordância não apresenta alteração com a negação antes do verbo ou depois do verbo. É interessante notar que, quando a estrutura com o auxiliar apresenta, só pode ser com verbo sem concordância. Dessa forma, aquela estrutura resulta agramatical (105). As sentenças (103) e (104) têm marcação não-manual de negação realizada no final da sentença ou antes do verbo. As

marcas são obrigatórias com verbo flexionado em concordância de pessoa, só que cada sentença tem o fato de marcar diferente, vamos verificar como ocorre a marca de negação. Observe que (103) aparece antes do verbo que se inicia com o sinal de NÃO realizado com o dedo indicador e com movimento da cabeça da direita para esquerda, repetidamente, junto com o verbo ao longo até no final da sentença, pois o verbo com concordância apresenta negação em traço forte. Em (104), aparece o sinal NÃO realizado com o dedo indicador com cabeça em movimento de negação após do verbo sem traço.

Nas línguas naturais, de acordo com Chomsky (1986), a GU é composta por '*princípios*', que são invariáveis, comuns para todas as línguas naturais; e por '*parâmetros*', que são variáveis, que uma língua pode ter ou não e que são responsáveis pela diferença entre as línguas.

Buscamos identificar os parâmetros das línguas que apresentam os valores possíveis de preenchimento da oração. Observamos que tem um fenômeno variável, por exemplo, veja em (106), o inglês marca o valor negativo para o contexto de sujeito, em que não pode ser omitido, portanto, segue a gramaticalização nessa língua, o sujeito é preenchido obrigatoriamente. Em (107), verificamos que o PB marca o valor positivo, portanto, o sujeito pode ser nulo sem prejuízo algum para o sentido, isto é, pronome expletivo não é usado, e o sujeito do verbo não é referencial.

- (106) a. I study linguistics.
b. * \emptyset study linguistics.

- (107) a. \emptyset Trovejou ontem.
b. *Ele trovejou ontem.

Em (108), para a Libras marca o valor positivo do parâmetro, em que ocorre o apagamento de sujeito (nulo) quanto do objeto (nulo) da sentença, assim como o contraste de outras línguas de sinais. O PB e a Libras são semelhantes, na estrutura sintática, apresentam a propriedade do parâmetro do sujeito nulo no valor positivo quando se referem ao preenchimento dessa posição sintática de sujeito, mas aceitam também preencher por um argumento ou por um pronome. Observe os valores possíveis abaixo na Libras:



(108) a. IX_x AVISAR IX_y



b. \emptyset_x AVISAR \emptyset_y

Conforme mencionado acima, a estrutura sintática com verbos de concordância mostra a possibilidade de lexicalização que ocorre pronomes lexicalmente no lugar da categoria vazia. Quadros (1995 *apud* QUADROS, 1997, p. 127) investigou as instâncias de categorias vazias argumentais na Libras e afirma:

Tanto a posição de sujeito como a de objeto podem ser omitidas na Libras, observando-se restrições quanto à classe de verbos e à dependência de elementos do discurso. Nessas sentenças, a ordem SVO é mantida, pois a categoria vazia que *ocupa* as posições de sujeito e objeto apresenta realidade sintática, isso é verificado através da contra parte fonética das posições vazias”.

Essas categorias vazias não implicam agramaticalidade e sim indicam a existência dos argumentos quanto ao discurso.

A evidência em Libras é uma língua *pro-drop*, pois há apagamento tanto de sujeitos como de objetos nas sentenças contendo verbos com concordância, que gera a organização estrutural (S) V (O). Os parâmetros mostram um apagamento do argumento, sendo substituído por elementos morfossintáticos em movimento direcional no espaço de sinalização. Assim seguindo Lillo-Martin (1986) na análise para ASL que mostra que é uma língua que marca o parâmetro *pro-drop*, isto é, que ocorre com argumentos nulos (S)V(O). A marcação dos argumentos pelo movimento direcional é, portanto, um correlato dos pronomes pessoais. Vamos discutir essa questão a seguir.

Vamos ilustrar com os exemplos do item lexical ‘AJUDAR’ e ‘VER’ da sentença a seguir:



(109) $1s$ -AJUDAR- $2s$
(Eu) (te) ajudo / (Eu) ajudo (você).



(110) $1s$ -VER- $3s$
(Eu) (a) vi.

Os verbos apresentados acima são de concordância e apresentam movimento com direcionalidade na realização do sinal. A Libras compartilha com as LO a propriedade de ter um sistema pronominal baseado nas três pessoas do discurso. Quando o pronome pessoal for necessário, a Libras tem o uso de apontação para indicar pessoas do discurso como 1^a, 2^a e 3^a do singular e plural para marcar o *locus-R* (referenciais) no espaço de sinalização.

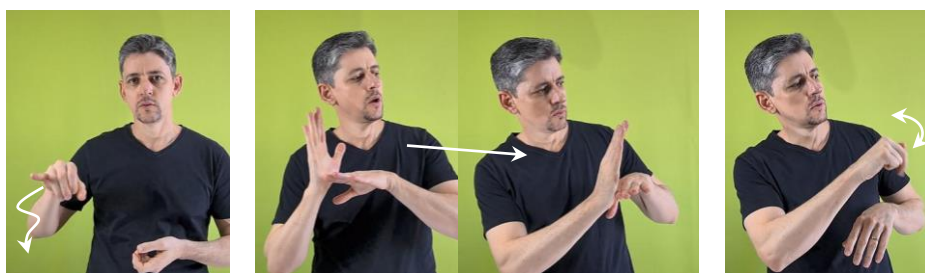
Observe que a sentença (109) quer dizer: a primeira pessoa (1s), quem fala, que é o sujeito, ajuda alguém como a segunda pessoa (2s), que é o objeto. Nesse contexto da sintaxe na realização do sinal, a estrutura $1s$ -AJUDAR- $2s$ apresenta o parâmetro de orientação da mão e movimento direcional do verbo, pois existe um movimento que vai de primeira pessoa do ponto estabelecido como sujeito (corpo do sinalizante) para segunda pessoa, que é o ponto estabelecido como objeto (interlocutor). Quando os referentes são não-presentes, são estabelecidos pontos arbitrários no espaço de sinalização.


A sentença (110) aparece a primeira pessoa (1s), quem fala, que é o sujeito, do verbo, viu alguém, como a terceira pessoa (3s), que é o objeto. Observe a estrutura do

sinal 1_s -VER- 3_s , em que vemos o parâmetro da orientação de mão fica voltada para a direção de quem está recebendo a realização do sinal, que move o parâmetro da direção do movimento ao argumento da terceira pessoa da sentença, quando estiver o referente presente no momento, no espaço de sinalização. Nesse caso, como na sentença (108b), os argumentos podem ser omitidos, sem ser sinalizado, e o sinalizante pode acompanhar a marcação não-manual pela direção dos olhos diretamente para marcar o ponto estabelecido do argumento.

Diferentemente, em relação às sentenças acima, podemos dizer a respeito dos verbos simples e verbos espaciais, pois a direção do movimento e o parâmetro da orientação da mão não estão relacionados com a função sintática de sujeito e de objeto, que ocorrem com a interação dos verbos com concordância.

Meir (2002); Aronoff, Meir e Sandler (2005) propõem que a língua de sinais da modalidade visual-espacial apresenta a concordância quando ocorre a realização do léxico de um verbo e de um nome (sintagma nominal) no espaço de sinalização. Cada nominal refere-se a um ponto no espaço, então, a localização no espaço associada a cada nominal é *locus-R* no espaço de sinalização previamente estabelecido. No sistema linguístico tem um índice referencial para a cada nominal que poderia receber seu valor no discurso, mas não pode lidar com as diferentes possibilidades de *loci-R*. Veja bem, uma localização para identificar seu referente, a cada nominal do discurso é copiado para dentro do verbo com um índice subscrito referencial (a; b) para realizar os referentes no espaço, assim seja o ponto ‘a’ como JOSÉ_a; o ponto ‘b’ como ANA_b, etc. Ilustramos a sentença abaixo com representação de índice referencial abstrato:

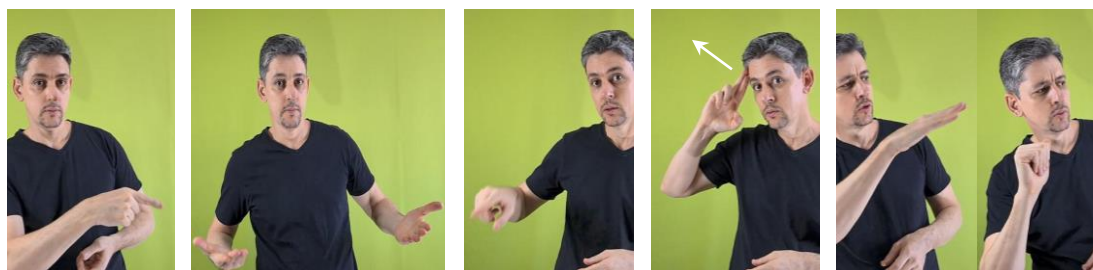


(111) JOSÉ_a <_aAJUDAR_b ANA_b>*do*

José ajuda a Ana.

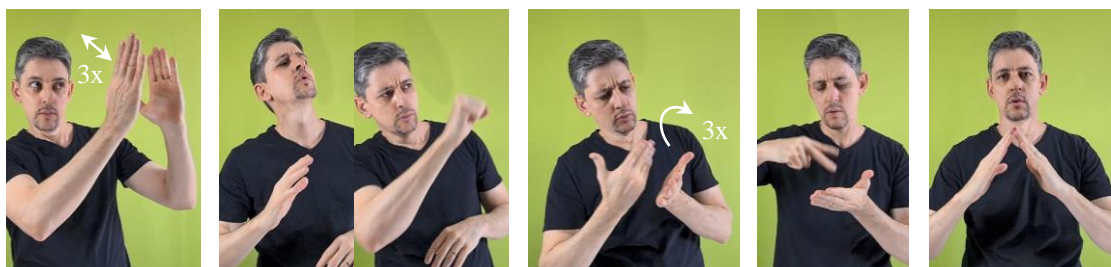
Observe a sentença acima em que há verbo com concordância e também há marcação não-manual com direção dos olhos para acompanhar a concordância de pessoa associada

ao verbo (cf. QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 140). Essa sentença pode ocorrer mudança de ordem das palavras no mesmo comportamento sintático, entendemos que o verbo pode ser sinalizado em um determinado ponto incorporando a localização do referente. Assim, o ponto ‘a’ do referente JOSÉ realizado como sujeito o verbo se move do ponto ‘a’ ao ponto ‘b’ do referente ANA, realizado como objeto, por meio da concordância, que é obrigatória no verbo da sentença. Esses argumentos do verbo com concordância se tornam uma parte intrínseca da realização do sinal.

Quadros & Karnopp (2004, p. 203) propõem que a concordância reversa se chama em inglês *backward verbs*. Então a concordância reversa ocorre quando um verbo, em sua trajetória do sinal, se inicia primeiramente, no ponto inicial do movimento, é o argumento realizado na posição de objeto e o ponto final é o argumento realizado na posição de sujeito. No sentido ao contrário, como verbos com concordância, o ponto inicial do movimento é o argumento realizado como sujeito e o ponto final é o argumento realizado como objeto. Tem vários verbos reversos dentro da classe dos verbos com concordância, por exemplo: CHAMAR, BUSCAR, CONVIDAR, etc. Ilustramos as sentenças desse tipo de verbo:



(112) IX_b EMPREGADA DOMÉSTICA_b <IX_a CHEFE_a aCHAMAR_b>*do*
O chefe chamou a empregada doméstica.



(113) locBIBLIOTECA_k 1s-BUSCAR_{j,k} LIVRO_{+j} LER CASA.
Eu busco livros na biblioteca para ler em casa.

Há outro aspecto para analisar a concordância, que é a proposta de Lourenço (2020), que discute o sistema de concordância verbal em Libras. O autor observou que Mathur; Rathmann (2012, p. 137) afirmam que “o fenômeno da concordância verbal em línguas de sinais tem sido tradicionalmente descrito uma mudança na orientação e no movimento de trajetória do verbo”.

De acordo com o autor, o conceito de concordância em Libras deve ser reformulado para indicar mostrar a relação com o ponto de localização do(s) argumento(s):

Definição de concordância verbal nas línguas de sinais: Um verbo apresenta concordância com seu(s) argumento(s) quando a localização do verbo é alterada de modo a coincidir com a localização do(s) argumento(s); esse processo é chamado de co-localização (LOURENÇO, 2020, p. 122).

Essa citação propõe uma nova descrição para a realização de concordância verbal nas línguas de sinais (LS), em particular de Libras, e descreve que não é marcada pela direção do movimento do verbo, sim apresenta mudança de localização (*loci-R*) entre o argumento e o verbo da concordância, isso tornou significativo o termo ‘*co-localização*’. Com essa análise, “verbos simples podem ter sua localização alterada de modo a coincidir com a localização de um controle” (p. 115). A análise inclui verbos ancorados no corpo. Segundo Lourenço, esses verbos não podem apresentar concordância por uma restrição fonológica – e não semântica.

Conforme a análise acima, a concordância nas LS é marcada pelo processo de co-localização do verbo com a estrutura argumental de cada predicado, que impõe certas restrições na referência dos seus argumentos, que recebem os traços de concordância pessoal ou concordância locativa. Esses traços existem um movimento de trajetória direcional associado que podem incluir na classe dos verbos com concordância para ser considerado simples, portanto, é marcado para co-localizados com o *locus-R* de um único argumento.

Lourenço (2020, p. 123) segue com Mathur; Rathmann (2012) que aponta um grupo pequeno de verbos sem concordância verbal nas línguas de sinais. O autor analisou os verbos simples que ocorrem co-localizados a seus argumentos, citando dados retirados do Corpus de Libras elaborado por Quadros et al. [s/d], abaixo:



Fonte: *Corpus da Libras (Quadros et al., [S.d.])*.

Conforme ilustrado acima, os verbos identificados ‘SUPORTAR’, ‘ESTUDAR’, ‘EXPLICAR’, ‘TRABALHAR’ e ‘BRINCAR’ ocorrem como verbos ‘*simples*’ mas em uso de sinalizante de Libras apresenta concordância com o *locus-R* de seu único argumento.

Dessa forma, considerando o requisito da co-localização, Lourenço (2020) mostra que aumenta a lista de verbos que realiza a concordância. O autor disse que os verbos que não podem apresentar concordância na língua, portanto, é a regra que tem uma restrição fonológica que os impede de terem sua localização alterada, pois o autor explicou. Dessa forma, as classes verbais não devem ser definidas como verbos com concordância, que manifestam sujeito nulo e objeto nulo, e verbos sem concordância (*simples*), que manifestam sujeito expresso. Na análise de Lourenço (2020), o sujeito expresso é usado por causa de uma restrição fonológica, e não semântica. Uma consequência dessa análise é que a língua manifesta um padrão uniforme em relação à possibilidade de sujeito nulo e objeto nulo, no nível da sintaxe.¹⁸

2.3.3 Sentenças com verbos espaciais (locativos)

Nesta subseção, apresentamos a análise sobre a classe dos verbos espaciais. Alguns verbos espaciais são apresentados como verbos de movimento de trajetória, e podemos dizer a respeito dessa relação com os verbos de concordância que utilizam o espaço de localização segundo os autores que já discutiram sobre a marcação locativa e de pessoa. Esses mecanismos gramaticais são usados para indicar o espaço, o local (posição) e o referente (pessoa), apresentando o *locus-R* (referencial).

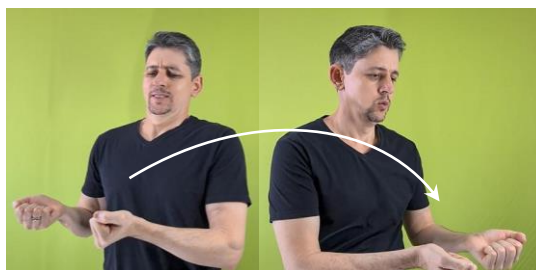
Mesquita (2019, p. 92) comentou sobre verbos espaciais com Padden (1983/1988), “o sinal também apresenta movimento direcional, mas, nesse caso, ele não se baseia na indicação de referentes associados a argumentos que denotam entidades,

¹⁸ Nesta tese não avaliamos a aplicação das diferentes análises sobre os tipos de verbo na Libras em relação às estruturas na voz verbal reflexiva e na voz reflexiva recíproca.

realizados na posição de sujeito e de objeto na sentença, mas sim, na localização de argumentos locativos”.

Quadros (1999) analisou a concordância espacial, afirmando que é morfológicamente realizada pela trajetória, pois a trajetória de concordância pode ser tanto com locativos (traços espaciais) ou como com *loci-R* (traços de pessoa e número).

Quadros & Quer (2008) comentaram sobre a concordância sintática (sujeito e objeto) e locativa, que é a proposta lexical de Padden (1983/1988), que apresentou a diferença das classes de verbos como verbos espaciais e verbos com concordância. O primeiro expressa movimento como afixação locativa, veja o exemplo em (114) e o segundo que expressam concordância sujeito-objeto como flexão, veja o exemplo (115), respectivamente. Ambos são diretamente relacionados a diferentes tipos de concordância, que trazem um desafio em relação à análise da ‘trajetória’ como um mesmo tipo de elemento morfológico. Então, Padden propõe que, com verbos espaciais, a concordância é locativa, pois ocorre movimento entre localizações específicas no espaço, portanto, o ponto inicial da trajetória é a localização próxima ao corpo do sinalizante, veja o exemplo (114):



(114) ${}_a$ CARREGAR-PELA-MÃO $_b$
(Eu) *carrego-algo-pela-mão (daqui) (para lá)*.

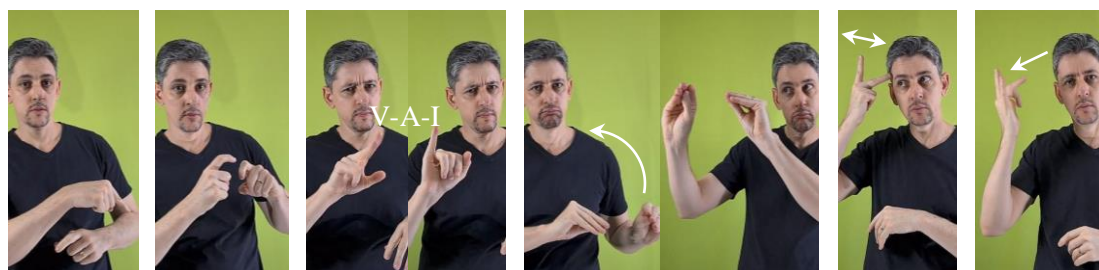


(115) ${}_{1s}$ -ENTREGAR- ${}_{2s}$
(Eu) *entrego (a você)*.

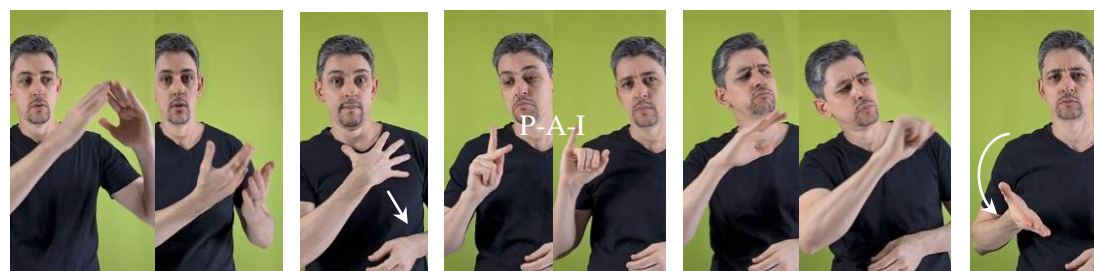
No exemplo (115), o verbo ENTREGAR possui concordância que marca a posição inicial do sinal no corpo do sinalizante como sujeito da sentença, por ser 1ª pessoa, mas se o

sujeito é a 2ª ou a 3ª pessoa, o ponto inicial do movimento ocorre no locus-R que identifica essas pessoas do discurso.

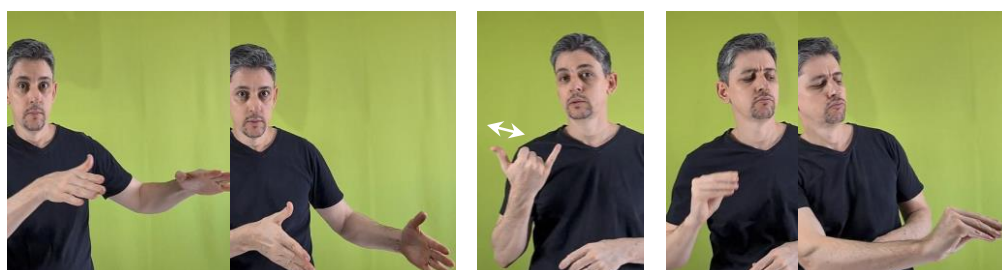
Araújo-Ferreira (2013, p. 44) afirma que “os verbos espaciais que denotam movimento e posição no espaço, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização”. Então, os verbos espaciais são interpretações locativas com suas informações sintáticas. Tais verbos expressam traços espaciais para marcar os argumentos locativos pelo uso de espaço de localização. Quer dizer que o verbo denota movimento e utiliza o espaço e a orientação do movimento do sinal do verbo. Assim, podemos apresentar os exemplos das sentenças que marcam concordância locativa [Loc] como no caso dos verbos MUDAR, BUSCAR, COLOCAR a seguir:



(116) IX_x MÉDICO_x V-A-I MUDAR_{Loc} SÃO PAULO AMANHÃ
O médico vai mudar para São Paulo amanhã.



(117) LocCASA^ESTUDAR FILH@_i P-A-I BUSCAR_{i,Loc} JÁ
Pai buscou filho na escola.



(118) LocMESA_j CANETA_k 1s-COLOCAR_{k,j}
Eu coloquei caneta na mesa.

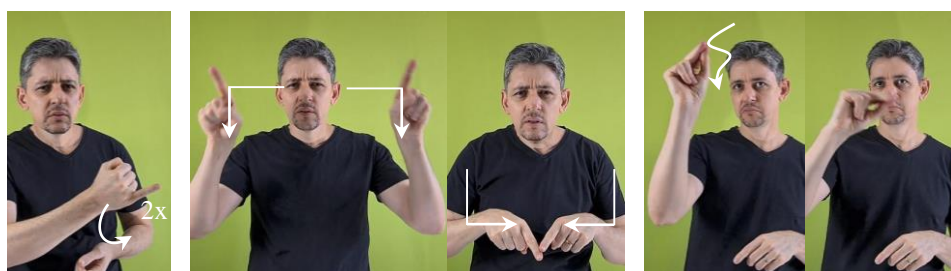
Os verbos MUDAR, BUSCAR, COLOCAR apresentam movimentos de trajetórias no uso de espaço de sinalização correspondendo às localizações. A realização de pontos de localização representa o ponto inicial e o ponto final do movimento, portanto, eles são interpretados como argumentos locativos de verbos de movimento.

2.3.4 Sentenças com verbos manuais

Nesta seção, fazemos uma apresentação sobre os verbos manuais em Libras. O objetivo é mostrar que existem verbos que apresentam incorporação de argumento (objeto ou instrumento) ou do referente da ação pela configuração de mão. De acordo com Quadros & Karnopp (2004, p. 204), “os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão”. As autoras analisaram esses verbos que são chamados de *handling verbs* tanto na ASL quanto na Libras. Ao sinalizar, a configuração de mão dos verbos manuais representa um evento onde tem um referente que pode estar segurando algo. Esses verbos são restritos e seu significado dentro do contexto discursivo. Então, os verbos podem incluir o movimento de uma ou duas mãos, que incorpora o objeto ou instrumento no espaço de sinalização. Veja os exemplos ilustrados a seguir, extraídos de Quadros & Karnopp (2004, p. 204). As autoras apontam que, no verbo PINTAR, há modificação da configuração da mão, em cada sentença, determinada pelo uso de instrumento.



(119) JOÃO_{top} CASA_{top} PINTAR-ROLO.
João pinta a casa com o rolo.



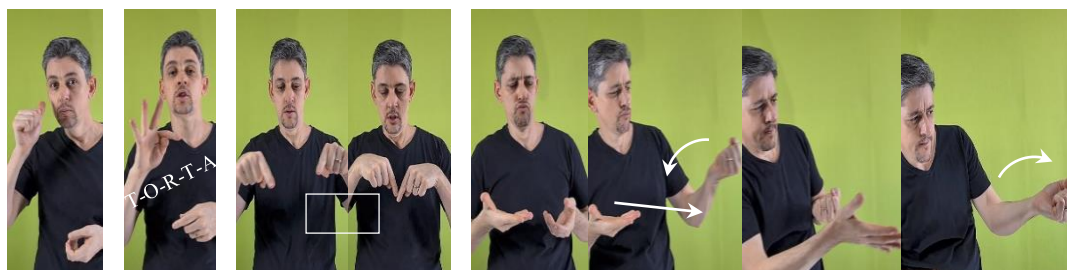
(120) JOÃO_{top} TELA_{top} PINTAR-PINCEL.
João pinta a tela com o pincel.

Como ilustrado acima, o verbo PINTAR apresenta a combinação de dois itens lexicais em um sinal, que precisam ser preenchidos. Por exemplo, os verbos com instrumentos podem identificar, assim, PINTAR-X; CORTAR-X; PASSAR-X, ABRIR-X. Entendemos que esse grupo de verbos relacionam as modificações de configuração de mão indicando que incorporam argumentos ou instrumentos da sentença.

A pesquisa sobre verbos manuais na Libras tem como resultado a descrição tanto dos processos semânticos quanto dos morfossintáticos. Como outros autores discutiram mais especificamente, o argumento incorporado ao núcleo verbal pela localização ou direção do movimento corresponde à classe dos verbos de concordância. Para definir um verbo manual é mais complexo, pode participar um conjunto grande de verbos da Libras. Por exemplo, os itens verbais aparecem em Libras que são PINTAR, ABRIR, PASSAR, CORTAR, esses itens apresentam o significado da ação pela estrutura realizada com a configuração de mão. A forma de sinalização destes verbos se relaciona ao contexto discursivo. Também usam as sentenças com classificadores (trataremos os detalhes sobre verbos classificadores na próxima subseção).

Os verbos manuais são objeto de interesse da pesquisa linguística. Os trabalhos anteriores foram apresentados em LS nesse tema por pesquisadores como Ferreira-Brito (1995), Felipe (1998), Quadros & Karnopp (2004), Faria-Nascimento & Correia (2011), Araújo-Ferreira (2013).

Liddell (1980 *apud* QUADROS & KARNOPP, 2004) afirma que as sentenças com os verbos manuais podem apresentar uma ordem SOV, mas observou que há possibilidade de ordem OSV, o que difere da ordem básica da sentença em Libras (SVO). Apresentamos os exemplos das ordens SOV e OSV, extraídos de Quadros & Karnopp (2004, p. 207) a seguir, retirados de Liddell (1980) e que podem ser comparados com a Libras:



(121) WOMAN PIE PUT-IN-OVEN
 MULHER T-O-R-T-A CL: G1 coisa-COLOCAR-FORNO
A mulher colocou a torta no forno.



(122) BALL JOHN SWING-A-BAT
 BOLA JOÃO BATER-COM-TACO
João bateu na bola com um taco.

Na sentença (121) a ordem é SOV, portanto, é gramatical. Liddell (1980) propõe que existe uma relação entre a atividade e o argumento locativo para expressar a forma no espaço. Na sentença (122), a ordem é OSV, sem marcação de tópicos. A sentença tem um único sinal do verbo que incorpora o instrumento.

Verbos manuais são analisados por Faria-Nascimento; Correia (2011, *apud* ARAÚJO-FERREIRA, 2013, p. 46-47) como predicados de movimento ou de espaço e, além de descrever o evento, indicam o lugar em que ocorre. As autoras identificam três tipos de verbos manuais:

- (a) *Verbos locativos* (COLOCAR, IR, CHEGAR), que apresentam afixo locativo;
- (b) *Verbos classificadores de entidade*, que incorporam a entidade como um classificador realizado na configuração de mão (*peessoa-ANDAR*; *animal-ANDAR*);
- (c) *Verbos classificadores de instrumento*, que incorporam o instrumento como um classificador realizado na configuração de mão (*CORTAR-COM-TESOURA*; *PINTAR-COM-PINCEL*).

O estudo de Araújo-Ferreira (2013) tem por objetivo fazer uma análise sobre a formação dos verbos manuais, especialmente os casos em que ocorre o instrumento, buscando verificar se são formados por derivação (no léxico) ou por incorporação (na sintaxe). A autora observa que, nesse caso, os verbos não ocorrem isoladamente, ou seja, na realização do sinal, o instrumento está sempre presente. Diante disso, a autora conclui que os verbos manuais (de instrumento) são formados por derivação (não por incorporação).

O trabalho de Felipe (1998) propõe uma análise sobre verbos incorporados com o instrumento em Libras, considerando sua relação com os classificadores. A autora observa que o processo de classificação nas línguas orais está associado a um processo morfossintático, porque ocorre “como um acréscimo a um radical nominal ou verbal, ou como uma derivação interna de raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas com classificadores coordenantes” (p. 54). A autora parte da análise dos classificadores em línguas de sinais de Supalla (1986) e propõe que os classificadores nas línguas de sinais devem ser analisados como morfemas presos, com ocorrência produtiva, na estrutura morfossintática das LS.

Nesse sentido, Felipe (1998) faz uma revisão da análise de Supalla (1986) sobre os classificadores de ‘corpo’ e ‘parte do corpo’, e também os classificadores de ‘instrumento’. A autora afirma que ‘corpo’ e ‘parte do corpo’ devem ser considerados ‘itens lexicais que são as próprias partes do corpo’, e não classificadores, pois “as línguas de sinais usam o corpo do falante em vez de criar um sinal arbitrário” (p. 59) (essa análise será retomada na discussão sobre reflexividade, no Capítulo 3).

Em relação aos instrumentos, Felipe (1998) afirma que “não se trata, também, de classificadores, enquanto morfemas presos que anaforicamente concordam com um referente que é um argumento do verbo classificador” (p. 59). Segundo a autora, nesse caso ocorrem dois processos diferentes: “um para os verbos que possuem configurações de mão que representam mimeticamente ou iconicamente o objeto, enquanto instrumento, e outro para os verbos que possuem configurações de mãos que representam a forma de pegar um objeto” (p. 59).

De acordo com a autora, a formação dos verbos manuais pode ser analisada como uma derivação zero, “que traz implícito semanticamente o caso instrumental; a incorporação é semântica e não morfológica e sintática” (p. 59). Os verbos instrumentais ocorrem tanto no PB como em Libras, por exemplo: ‘pentear’ / ‘PENTEAR’ (passar pente), em que o único item tem o significado da sentença, que descreve o evento e o instrumento.

Segundo Felipe (1998), a sentença ilustrada em (123) apresenta o item lexical XÍCARA que é um instrumento mais comum e utilizado nesse evento. Esse item tem forma de sinalizar o sinal icônico que pode incorporar com o verbo de ação em forma de configuração de mão que representam o jeito de pegar um objeto. Logo o verbo BEBER ou TOMAR que pode dizer em Libras, assim: *‘beber ou tomar (algo) com xícara’*. Então esse verbo é realizado com o instrumento XÍCARA. Um sinal independente é usado para

descrever formalmente o item CAFÉ, como ilustrado abaixo. Semanticamente, esse verbo é de incorporação de instrumento, portanto, tem dois itens lexicais CAFÉ e BEBER-COM-XÍCARA ou TOMAR-CAFÉ. Ilustramos as sentenças enunciadas com verbos manuais a seguir:



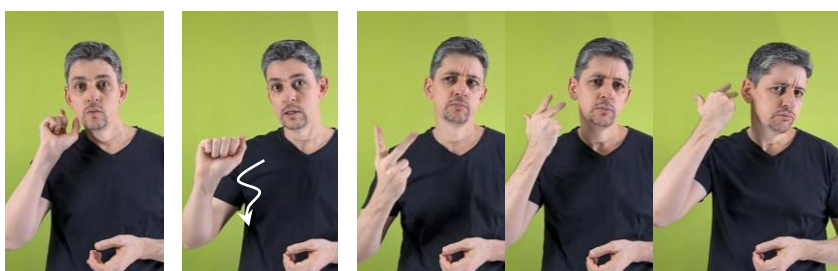
(123) IX_{3s} CAFÉ BEBER-COM-XÍCARA.

ou

IX_{3s} TOMAR-CAFÉ.

Ele tomou café com uma xícara.

Da mesma forma como nas sentenças citadas acima, os verbos CORTAR, PINTAR, PASSAR não existem como item lexical próprio em Libras. Apenas existe o significado CORTAR *com o que*, que pode ligar aos vários tipos de meio de instrumentos como FACA, TESOURA, GUILHOTINA, FACÃO, SERRA. A partir do sinal desse instrumento é que podemos realizar uma determinada ação de CORTAR (algo). Como sempre, é segurando o instrumento para produzir a ação, apresentando a estrutura semântica quanto a estrutura morfossintática.



(124) ONTEM ALEX CORTAR-CABELO-COM-TESOURA

Alex cortou o cabelo ontem.

No Capítulo 3, apresentaremos os verbos manuais que incorporam instrumento com o ponto de articulação no corpo do sinalizante. Nesse caso, a reflexividade é marcada com o uso do corpo.

2.3.4.1 Sentenças com verbos classificadores

Os primeiros estudos descritivos sobre Classificadores em LS sistematizaram as propriedades desse processo no sistema linguístico. Vários pesquisadores podem ser citados, como Allan (1977), Supalla (1978, 1982, 1986), Baker & Cokely (1980), Liddel (1980, 2003), McDonald (1982), Lillo-Martin (1986, 1999), Matsuoka (2000), Benedicto & Brentari (2003), entre outros, que já analisaram esse fenômeno com base na ASL, para comparar com as mesmas funções das línguas faladas e suas estruturas gramaticais.

Os pesquisadores citados anteriormente nomearam ‘*classificadores*’, principalmente nas LSs ao redor do mundo, de acordo com a perspectiva na modalidade visual-espacial. Podemos dizer que os classificadores são descritivos imagéticos que descrevem as características do referente em formas de apresentação junto ao verbo de movimento e localização para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação verbal. O classificador vem identificado com a sigla ‘CL’ para fazer a descrição linguística nas LSs, além das categorias lexicais.

Na Libras, os estudos de classificadores foram feitos por vários pesquisadores, como Ferreira-Brito (1995), Felipe (1998, 2002), Quadros (1999), Veloso (2008). Esse tema é discutido em muitos estudos dedicados à descrição da Língua de Sinais Brasileira, como Quadros & Karnopp (2004), Pizzio et al. (2009), dentre outros. Nestes trabalhos, os verbos classificadores, geralmente, possuem o sistema de concordância para realização da estrutura morfossintática.

Ferreira-Brito (1995) afirma que os classificadores, doravante chamados de CL, são formados por CMs (configurações de mãos), que em outros contextos ocorrem como fonemas das LSs, mas como CL são realizados como morfemas. A autora afirma que o CL é um tipo de morfema que pode ser afixado a um item lexical (verbo). O CL tem significado que denota características do referente (forma, tamanho, movimentos), “tendo a função de descrever os referentes (adjetivos), substituir os referentes (pronomes), localizar os referentes (locativos)” (p. 102), por meio de morfemas realizados por sinal no espaço multidimensional conforme autora.

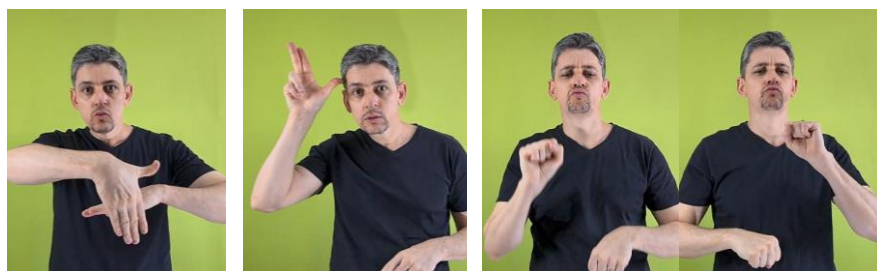
De acordo com Allan (1977, p. 288, *apud* FERREIRA-BRITO, 1995, p. 102), o CL é um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe”. Dessa forma, é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam e são considerados CL de predicado. Ferreira-Brito (1995) analisa os CLs em verbos de movimento ou de localização. De acordo com a classificação de McDonald

(1982), CLs ocorrem em dois tipos produtivos com formas diferentes para as CMs: são *x-tipo de objeto* e *segurar X-tipo de objeto*. Esses CLs podem substituir nomes descrevendo o objeto ou a forma de movimento do objeto que é incorporado dentro do sinal do verbo.

A estudiosa Felipe (1998, 2002), adota a perspectiva morfossintática e afirma que o classificador de Libras sempre vem afixado ao verbo. Essa língua usa a configuração para pessoa (CL: G1), mudando a configuração para indicar, de forma sincrética, o número, com as formas características representadas por algumas CMs, por exemplo: CL: G1 (pessoa)/ CL: V2/ CL: W3/ CL: B4 (pessoas); CL: 3/ CL: B/ CL: 5 (veículo); CL: S/ CL: 5/ CL: 3 (animal) (ver Anexo), que funcionam como morfemas obrigatórios presos para concordar com o argumento do verbo. Portanto, os verbos que possuem concordância de gênero (*pessoa, coisa, animal e veículo*) e de número e concordância locativa, eles estão incorporados através da CM.

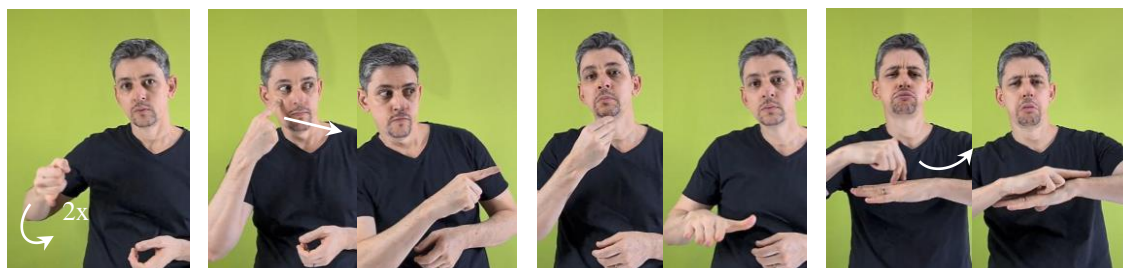
Essa marcação está representada nos exemplos a seguir, como o tipo de classificador em subscrito, por exemplo, *pessoa-ANDAR*, *veículo-ANDAR*, *coisa-arredondada-COLOCAR*, *2pessoas-PASSAR*, etc. Nessa perspectiva, os morfemas classificadores podem ser considerados concordância de gênero (animado/ inanimado; humano/ não-humano; feminino/ masculino), número (singular/ plural; coleção; volume; peso) e de lugar (espaço; tempo).

Montamos exemplos das sentenças com verbos classificadores a seguir:



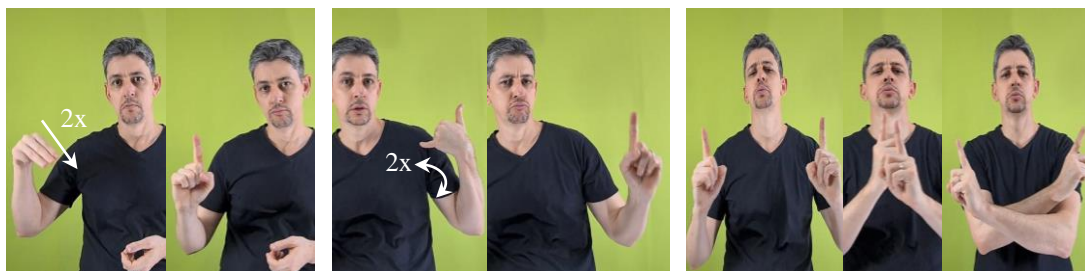
(125) RUA CAVALO CL: S_{animal}-ANDAR

Um cavalo estava andando na rua.



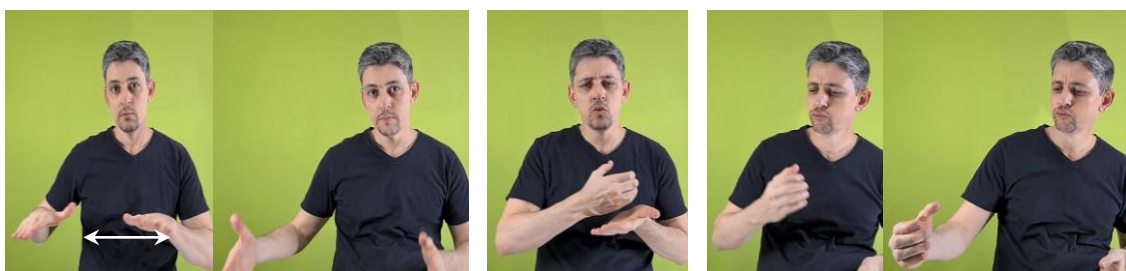
(126) JOÃO VER HOMEM^CRIANÇA_k CL: V_{pessoa}-CAIR_k

João viu que o menino caiu.



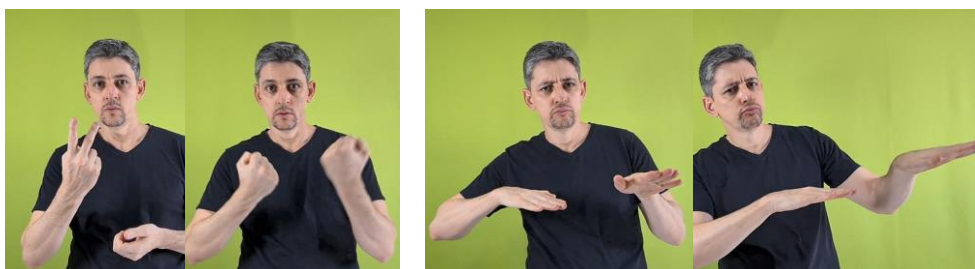
(127) MARIA CL:G1_k JOSÉ CL:G1_i pessoa-PASSAR-UM-PELO-OUTRO_k (md)
 pessoa-PASSAR_i (me)

Maria e José passaram um pelo outro.



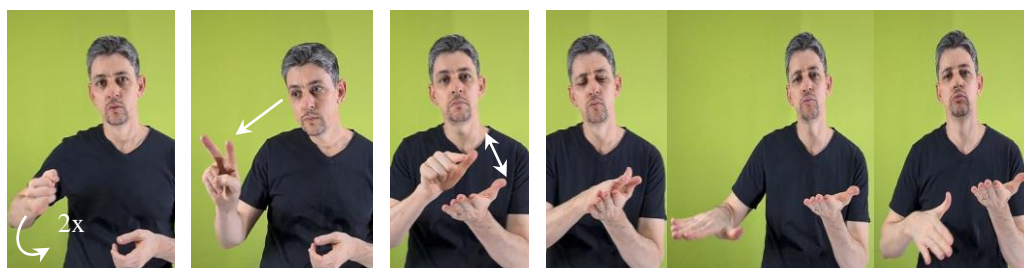
(128) MESA_k COPO_k coisa-arredondada-COLOCAR.DIR_k.

Eu coloco o copo na mesa.



(129) 2 CARRO CL: B veículo-ANDAR-UM-ATRÁS-DO-OUTRO (md).
 veículo-ANDAR (me)

Dois carros estão andando um atrás do outro.



(130) JOÃO VER PAPEL_k coisa-CAIR_k

João viu que o papel caiu.



(131) MARIA ABRIR-PORTA
Maria abriu a porta.



(132) PESSOA CL: G1_k CARRO CL: 5_k COLIDIR_k.
O carro bateu em uma pessoa.

Quadros & Karnopp (2004) afirmam que o sistema de CLs fazem parte do núcleo lexical dentro do processo morfológico das LSs. Os classificadores podem ser influenciados pela modalidade visual-espacial da língua, portanto, os sinais de CLs são considerados como léxico nativo, apresentando algumas propriedades que seguem mesmos padrões de lexicalização encontrados em todas as línguas naturais.

Para Libras, a estrutura do sinal é complexa, tem a formação dos sinais existentes que representa o significado. Há também criação de novos sinais a partir do léxico dessa língua os morfemas são combinados que podem ocorrer a partir dos CLs. Segundo autoras, os CLs são formas complexas que podem utilizar a CM, o movimento e a locação da mão para especificar características de um referente no espaço de sinalização. Como especificar um referente pode ser pessoas e objetos para descrever o movimento, a posição, a locação, a forma, o tamanho. Veja a ilustração a seguir:



(133) PASSAR-UM-PELO-OUTRO
Fonte: Adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 94)

Mostramos acima, o que ocorre esse movimento retilíneo oposto com duas CMs similares como CL: G1 a forma usada para referir uma pessoa como referente que parece andando um pelo outro, esse processo de sinal é léxico que ocorre classificador, isso a pessoa foi deslocada para outro espaço, opostamente. Esse sinal pode ocorrer a sentença para formar a ação do referente.

2.4 Considerações parciais

Neste capítulo apresentamos uma análise da estrutura oracional na Libras, considerando a estrutura argumental, os papéis temáticos e a transitividade verbal, em uma perspectiva comparada com o português. A análise tomou por referência o quadro teórico gerativista, em que as línguas naturais são consideradas uma manifestação da Faculdade de Linguagem.

Nessa análise, investigamos ainda a relação entre a estrutura argumental, as funções gramaticais de sujeito e objeto e as classes verbais na Libras, caracterizando, assim, o uso da voz ativa nessa língua. Com base nessa análise, passamos a examinar a expressão da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na Libras.

ESTRUTURA ARGUMENTAL E MAPEAMENTO SINTÁTICO: A VOZ REFLEXIVA/ RECÍPROCA NA LIBRAS

Neste capítulo, desejamos oferecer uma análise das propriedades de reflexividade/ reciprocidade na Libras, na abordagem da gramática gerativa. As propriedades sintáticas da voz reflexiva apresentam o mapeamento sintático dos traços da grade temática dos itens verbais na estrutura oracional, por meio da correferência entre o argumento externo, na posição de sujeito, e o argumento interno.

Além disso, este trabalho busca investigar as propriedades morfossintáticas dos processos da reflexividade/ reciprocidade na formação das estruturas oracionais utilizadas pela comunidade surda brasileira. Assim, recolhemos as produções sintáticas (dados) que já foram utilizadas em pesquisas de vários autores, e incluimos novos dados, produzidos pelo autor desta tese, alguns deles testados com outros falantes/ sinalizantes nativos da Libras.¹⁹ Na comparação com o PB, verificamos as regras existentes na gramática dessa língua. Verificamos pela análise linguística que o PB apresenta marcas de reflexividade/ reciprocidade da ação verbal bastante distintos, no que se refere ao tipo de morfema, que não são as mesmas para a Libras. No entanto, existe uma semelhança importante entre as duas línguas, que é a presença da anáfora reflexiva, que marca a correferência com o sujeito da oração.

Para discutir o conceito de reflexividade/ reciprocidade, adotamos a teoria da ligação na interpretação das anáforas reflexivas, conforme Chomsky (1986; 1995). Nosso objetivo é exemplificar as marcas reflexivas da estrutura oracional, considerando a estrutura argumental dos verbos. Por isso, para entender o processo de reflexividade/ reciprocidade é necessário mostrar a estrutura argumental dos verbos, e a forma como as funções sintáticas realizam os papéis temáticos.

Estudamos as hipóteses levantadas por este capítulo, e investigamos os verbos que marcam a categoria gramatical da voz verbal reflexiva e recíproca. As análises descritivas mostram os detalhes encontrados incluindo os aspectos relacionados à modalidade visual-espacial a língua natural dos surdos, a Libras. Esses resultados serão apresentados sob a perspectiva da análise de Ferreira (2018), Ferreira; Salles (2020).

¹⁹ Ver nota.

Na seção seguinte, trataremos especificamente da teoria da Ligação, considerando a categoria anáfora envolvendo as propriedades da reflexividade/ reciprocidade, que compõem as estratégias de realização sintática e a tipologia de marcação gramatical.

3.1. Propriedades da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na Libras e a abordagem da gramática gerativa

Em relação às características da reflexividade e reciprocidade, verificamos, sintaticamente, a presença de categorias anafóricas (marcas gramaticais da reflexividade/ reciprocidade na estrutura da oração em Libras), que analisamos como um pronome reflexivo, que marca a relação correferencial entre o argumento interno e o sujeito. Essa categoria anafórica pode ser realizada como um item independente ou como um afixo, pelo movimento direcional na estrutura do verbo.

Nessa análise, é importante fazer a distinção entre a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca na Libras (e nas línguas naturais em geral): a primeira é determinada pela presença do morfema/ pronome anafórico (livre e/ou preso/ afixal), e a segunda é determinada pela presença de um traço semântico/ lexical no verbo, que descreve a relação recíproca entre os argumentos na posição de sujeito e os argumentos na posição de objeto, ou pela presença da anáfora reflexiva recíproca, realizada por um morfema livre ou pelo movimento direcional realizado pelas duas mãos articuladoras (simultaneamente).²⁰

Adotando a abordagem da gramática gerativa, Kenedy (2013) afirma que “os papéis temáticos são significados atribuídos aos argumentos” (ver Capítulo 2). Nos verbos reflexivos, os papéis temáticos dos argumentos na posição de sujeito e de objeto são realizados pelo mesmo referente; nos verbos recíprocos, os papéis temáticos dos argumentos na posição de sujeito e de objeto são realizados por dois (ou mais) referentes, de forma oposta e simultânea.²¹ Do ponto de vista sintático, segundo Miotto et al. (2007), essa relação é expressa por meio dos pronomes anafóricos, que se caracterizam por exigir

²⁰ Com essa distinção, fica evidente que a voz reflexiva é expressa por um processo morfossintático (pois o verbo pode ocorrer na voz reflexiva ou não), enquanto a voz reflexiva recíproca pode ser expressa por um processo morfossintático (pois o verbo pode ocorrer na voz reflexiva recíproca ou não), ou pode ser determinada no nível do lexical.

²¹ A sincronia significa simultaneidade (concomitância) entre os eventos é uma propriedade canônica da reciprocidade, mas não é obrigatória, como podemos observar no exemplo a seguir: *Nós nos penteamos (um ao outro) para ir no casamento* – X penteou Y em um momento e Y penteou X em outro momento. Essa sincronia há também nas sentenças com interpretação reflexiva, por exemplo: *Eles amam a si mesmos*.

que seu antecedente esteja situado em um contexto sintático local. Esse contexto é chamado de *domínio de ligação* (Chomsky 1995).

Adotando essa abordagem, Ferreira (2018) investiga as propriedades da anáfora reflexiva, em função de sua distribuição sintática, considerando inicialmente o português, em comparação com a Libras (ver também Capítulo 1, seção 1.6.3):

- I. A anáfora e o antecedente partilham traços de pessoa, de gênero e de número (134a). Além disso, o antecedente é obrigatório, conforme (134b). O exemplo (134') mostra a mesma sentença na Libras, em que ocorre o sinal REFL_{PRÓPRI@} (após o verbo).²² Essa marca indica que predicado é reflexivo, e é ligado referencialmente a MARIA com o mesmo índice. Como em português, se o antecedente não está presente, a sentença é agramatical.

(134) a. A Maria_i se_i adora.

b. *se adora

(134') a. MARIA_i ADORAR REFL_{PRÓPRI@i}

b. *ADORAR REFL_{PRÓPRI@i}



- II. A presença do antecedente na estrutura da oração não é suficiente, pois é preciso que o antecedente esteja em relação de c-comando com a anáfora, conforme ilustrado em (135a, em oposição a 135b), do português – em (135b), o pronome ‘se’ não pode ser ligado com o antecedente ‘Pedro’, porque o sintagma ‘Pedro’ é realizado na estrutura interna do DP (135c), portanto, o DP ‘Pedro’ não pode ser antecedente do pronome ‘se’ (ou seja, não pode ser ligado referencialmente ao DP ‘Pedro’):

(135) a. A mãe_i do Pedro se_i adora.

b. *A mãe do Pedro_i se_i adora.

c. [DP a [NP mãe [PP do Pedro]]]...

²² A distinção entre REFL_{MESM@} e REFL_{PRÓPRI@} é apresentada no Capítulo 1 (seção 1.2).

A comparação com a Libras mostra que existe a mesma restrição. Em (135'a), o pronome REFL_{PRÓPRI@} é realizado após o verbo 'ADORAR'. Esse verbo tem dois argumentos: o interno e externo. No entanto, a categoria REFL_{PRÓPRI@} só pode ser ligada referencialmente ao DP 'MÃE' (135'a), não ao DP 'PEDRO' (135'b). Em (135'c), consideramos que o DP 'PEDRO' é realizado em uma posição do tipo TopP (*tópico*). O DP 'PEDRO', na posição TopP, está vinculado à posição IX_{3s.POSS} ('dele'), que realiza o sintagma possuidor na estrutura do sintagma de posse.

- (135') a. PEDRO <[MÃE_i IX_{3s.POSS}] ADORAR REFL_{PRÓPRI@i}>.
 b. *<PEDRO_i> [MÃE IX_{3s.POSSi}] <ADORAR REFL_{PRÓPRI@i}>.
 c. [DP [TopP [DP PEDRO]_i] [DP [NP MÃE [PossP IX_{3s.POSS}]_i]]]...



- III. Além da relação de c-comando entre o antecedente e a anáfora, essa relação deve ocorrer em um domínio sintático mínimo, conforme ilustrado em (136a), em oposição a (136b). A presença do DP 'minhas' impede a ligação entre o anafórico e o antecedente na posição de sujeito, conforme ilustrado em (136b), (por hipótese, o DP 'minhas' é realizado no especificador do DP (cf. (136c)):

- (136) a. [Pedro e Maria]_i destruíram [as fotografias [um do outro]_i].
 b. *[Pedro e Maria]_i destruíram [as **minhas** fotografias [um do outro]_i].
 c. [DP AS [DP minhas [NP fotografias [PP um [P' do outro]]]]]]]

O contraste entre (136a) e (136b) mostra que a presença do pronome 'minhas' é uma barreira para a ligação entre o antecedente 'Pedro e Maria' e a anáfora 'um do outro'. Considerando que o pronome possessivo 'minhas' está na posição de especificador do DP, verificamos que o preenchimento da posição de especificador estabelece uma fronteira sintática (cf. (136c)). Dessa forma, conclui-se que as anáforas devem ser ligadas ao antecedente em um **domínio de ligação**, que inclui a anáfora, a presença de um especificador preenchido (sujeito sintático) e um predicado. Se o antecedente não é encontrado nesse domínio a sentença é agramatical (como ilustrado em (136b)).

A mesma restrição é observada na Libras. Em (136'a), o DP 'FOTOGRAFIA'²³

²³ O símbolo + marca o movimento repetido e codifica a categoria número (plural).

ocorre em uma estrutura de posse: o DP ‘DUAL’ marca o predicado como recíproco e tem como antecedente o DP ‘PEDRO MARIA’. Em (136’b), o DP ‘FOTOGRAFIA+’ ocorre com o pronome possessivo de 1ª pessoa e o pronome DUAL, que marca o predicado como recíproco, não pode ser ligado ao antecedente.²⁴

(136’) a. <FOTOGRAFIA+> [PEDRO MARIA]_i <DUAL_i DESTRUIR>_{REC}.

b. *<FOTOGRAFIA+> IX_{1s.POSS} [PEDRO MARIA]_i <DUAL_i DESTRUIR>_{REC}.

c. [TopP [DP FOTOGRAFIA+ IX_{1s.POSS}]_j] ... [DP [PEDRO MARIA]_i <DUAL_i]
[VP DESTRUIR [DP t_j]]>_{REC}



Na representação ilustrada em (136’c), o sintagma possessivo ‘FOTOGRAFIA+ IX_{1s.POSS}’ (‘minhas fotografias’) ocorre na posição de tópico (TopP) e está ligado à posição de objeto do verbo DESTRUIR. Por hipótese, a presença do possessivo na estrutura do DP impede a ligação anafórica entre o DP ‘DUAL’, que marca o predicado como recíproco, e o DP antecedente ‘PEDRO e MARIA’.²⁵

Verificamos, portanto, que a Libras manifesta as mesmas restrições para a distribuição da anáfora pronominal observadas no português (válidas para as línguas orais). Verificamos também que, na Libras, a anáfora reflexiva é realizada na estrutura sintática por meio de sinais específicos, que analisamos ‘pronomes’ porque manifestam vinculação referencial (em oposição aos pronomes usados na voz ativa). A seguir, apresentamos um estudo ampliado em relação ao uso das categorias REFL_{MESM@} e REFL_{PRÓPRI@}, considerando ainda a outros tipos de marcação da reflexividade, como por exemplo, o sinal que glosamos como ‘REFL_{DENTRO}’ e o sinal ‘REFL_{PESSOA}’. Por fim, apresentamos os casos em que o sinal MESM@ não marca reflexividade.

Em relação à voz reflexiva recíproca, verificamos que pode ser marcada na Libras por meio de três estratégias:

²⁴ A sentença (136b’) está na voz reflexiva recíproca, pelo uso do morfema pronominal ‘DUAL’ em forma de configuração de mão ‘K’, ‘V’ ou ‘2’.

²⁵ Conforme observou o Prof. Tarcísio Leite, o uso do sinal DUAL pode ocorrer como ‘pronome’, para indicar o número de participantes no evento, como ilustrado a seguir (i). Nesse caso, o predicado está na voz ativa.

(i) IX_{3pl} DUAL INTELIGENTE ‘Eles dois são inteligentes.’

- A. pela alteração gramatical da voz verbal por meio de um sinal pronominal reflexivo recíproco ou por meio de um movimento direcional, analisado como um verbo auxiliar (AUX) ou por meio da realização do verbo com CM similares e movimentos opostos simultâneos, uma vez que o mesmo verbo admite a realização na voz ativa e na voz reflexiva e reflexiva recíproca, exemplos: COMBINAR, LAVAR-CORPO, VER, BRIGAR, ENTREGAR...
- B. por uma propriedade lexical do verbo, que admite duas realizações sintáticas: a forma simples e a forma descontínua, conforme propõe Godoy (2008; 2009; 2010) em relação ao PB, exemplos: CONCORDAR, BRINDAR, CONVERSAR...
- C. por um movimento que expressa mudança de lugar com verbos espaciais e argumentos (internos) locativos, especificamente pelo uso do espaço de sinalização, exemplos: PEGAR, PASSAR, IR...

Depois dessa abordagem da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na gramática gerativa fazendo a comparação entre Libras e PB, podemos apresentar as propriedades morfossintáticas da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca considerando a análise de sentenças na Libras.

A seguir, mostraremos estratégias de realização da voz verbal reflexiva na Libras.

3.1.1 Estratégias de realização gramatical da voz reflexiva na Libras

Nesta seção, ampliamos a análise da voz verbal reflexiva na Libras. Em nossa análise, demonstramos que existe relação entre a estratégia da marcação gramatical da voz reflexiva e o tipo de verbo. As ilustrações descritas a seguir consideram as classes verbais na Libras para mostrar a relação com as estratégias de realização da voz reflexiva:

a) Verbos simples (sem concordância) + REFL_{MESM}@

Iniciamos com a explicação sobre correferência em Libras na teoria de Ferreira-Brito (1995, p. 116-117), mostrando o exemplo da estrutura feita pela autora com

primeiro sinal marcador de reflexividade (adaptamos a transcrição dos dados da Libras ao sistema adotado nesta tese):

I. “O reflexivo tipo 1 (palma da mão direita em [B] estabelece dois contatos ligeiros nas costas da mão esquerda, também em [B])”.



Figura 2 – O sinal REFL_{MESM@}

(137) item verbal: SUICIDAR (+REFL)


IX_{3si} REFL_{MESM@i} SUICIDAR







Ele/ela se suicidou.



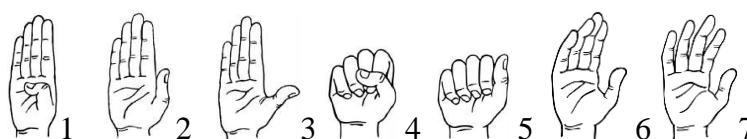
Seguindo Quadros & Karnopp (2004), Ferreira (2016) assume que os verbos sem concordância “são aqueles que não marcam o referente na estrutura do sinal. Portanto, podemos dizer que não possuem flexão de pessoa e número e também não possuem afixos locativos”. O sinal reflexivo REFL_{MESM@} pode ocorrer com os verbos como, ‘PREJUDICAR’, ‘VESTIR’, ‘ESQUECER’, etc.

| Quadro 8 – Mapeamento do sinal REFL _{MESM@} | |
|--|-------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
| | anáfora reflexiva |
| CMs similares | |
| Movimento duplo | |
| ESTRATÉGIA | |

| | |
|--|---|
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{MESM@} | |
| Descrição sintática com verbo simples | |
| <p>(138) [IX_x JOÃO_x]_i REFL_{MESM@i} PREJUDICAR. <i>O João se prejudicou.</i></p> |  |

Na representação do sinal reflexivo tipo1 de Ferreira-Brito, usamos a notação REFL_{MESM@}, que corresponde ao uso do sinal nas configurações [B]/() + [B]/(), conforme indicado na figura 2. Em variação linguística de outras regiões pode acontecer mudança de alofones paramétricos nas configurações de mão como [B]/() + [B]/(), outras configurações [S]/() + [B]/() ou palma da mão dominante aberta tocando duas vezes na costa da palma da mão não dominante aberta ou fechada.

A ilustração abaixo identifica as diferentes realizações da marca de reflexividade, considerando o uso do espaço de sinalização pela mão dominante (1, 2, 3, 6, 7) e pela mão não dominante (2, 3, 4, 5, 6, 7) (os alofones são coletadas do inventário de Faria-Nascimento (2009)). No caso, os sinalizantes surdos e não-surdos de mão esquerda de canhoto usam ao contrário dessas realizações de alofones paramétricos.



Fonte: Nascimento (2009)


b) Verbos manuais + REFL_{MESM@}



Investigamos também a reflexividade na classe de verbos manuais em Libras. Nesse caso, o predicado descreve um evento realizado por um instrumento/ objeto, que se manifesta na estrutura do sinal, por incorporação ou derivação morfológica (cf. ARAÚJO-FERREIRA, 2013; ARAÚJO-FERREIRA & NAVES, 2014).

Nesse tipo de verbo, o corpo do sinalizante marca o sujeito, e o instrumento ou o objeto é expresso pela configuração de mão. Na estrutura do predicado, o argumento interno denota um nome inalienável (parte do corpo) e o referente (possuidor) está associado à posição de sujeito (cf. FERREIRA, 2017).

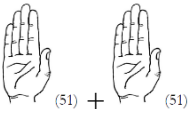
Percebemos que os verbos manuais que usam o corpo como ponto de articulação geralmente não fazem uso de morfema reflexivo (do tipo REFL_{MESM@}). Hipoteticamente, os argumentos realizados com objeto/ instrumento/ parte do corpo associados a esses predicados estão incorporados na estrutura morfológica do sinal (CORTAR-CABELO- TESOURA / PASSAR-BARBA-LÂMINA / CORTAR-UNHA- TESOURA / ESCOVAR / PASSAR-DENTE-ESCOVA / COMER-MAÇÃ / TOMAR-COPO). Segundo Quadros & Karnopp (2004, p. 136), os verbos manuais são verbos que representam “uma configuração de mão que reproduz uma mão segurando um objeto” (ver Capítulo 2, seção 2.3.4).

Esse caso é ilustrado no quadro (9), com a ilustração do verbo retirada do dicionário de Capovilla & Raphael (2001, p. 275). Nesse caso, o ponto de articulação é o corpo e indica uma relação de posse inalienável com a parte do corpo correspondente. Conforme ilustrado, o predicado é reflexivo na presença de um argumento (139a). Na presença de dois argumentos com referência distinta, o predicado é realizado na voz ativa e analisado como transitivo (139b).

| Quadro 9 – Exemplo do item verbal ‘PASSAR-BARBA-LÂMINA’ (‘fazer a barba’) | |
|---|---|
| Item lexical |  <p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.275)</p> |
| Configuração de mão | Mão direita horizontal (palma para fora), dedos flexionados, polegar destacado, dorso dos dedos tocando a bochecha direita. Mover a mão para cima e para baixo, sobre a bochecha. |
| Objeto/ instrumento | Lâminas de barba ou aparelho de barbear |
| Significado | Aparar; barbear; raspar os pêlos do rosto. |
| Estratégia | Morfema pronominal livre |

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| Voz reflexiva (x V) | Representa, no espaço de sinalização, a apontação para indicar o referente (presente ou não-presente) 'IX _{3s} '. Se o sinal tiver o ponto de articulação ancorado o corpo, o sinal REFL _{MESM@} pode ser usado ou não. | |
| | (139a) IX _{3s} REFL _{MESM@} PASSAR-BARBA-LÂMINA. |  |
| | <i>Ele se barbeou. / Ele barbeou a si mesmo.</i> | |
| Voz ativa (x V y) | (139b) IX _x JOÃO _x PASSAR-BARBA-LÂMINA _y IX _y PEDRO. |  |
| | <i>João barbeou Pedro. / João fez a barba do Pedro.</i> | |

Podemos dizer que o argumento externo é marcado no corpo do sinalizante, e o instrumento é marcado pela CM. Nesse caso, por hipótese, a estrutura do sinal como predicado pode ser reflexivo na presença de um referente.

| Quadro 10 – Mapeamento do sinal REFL_{MESM@} | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  | Anáfora reflexiva |
| CMs similares | |
| Movimento duplo | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{MESM@} | |
| Descrição sintática | |

(140) $IX_{3si} REFL_{MESM@i} PENTEAR/PASSAR-PENTE.$

Ele/Ela se penteou. / Ele/Ela mesmo/mesma escovou com o pente.



O exemplo ‘PENTEAR/PASSAR-PENTE’ mostra que o verbo realiza a ação com um argumento instrumento. Por essa razão, esse verbo tem a forma de CM para segurar o objeto/ instrumento para formar ação, enquanto o ponto de articulação (PA) é a parte do corpo do sinalizante. Se o argumento se refere à segunda ou à terceira pessoa do discurso, o uso da apontação ($IX_{2/3}$) realiza o argumento externo na posição de sujeito como marca pronominal, e o sinal é realizado no corpo do sinalizante. Quando o verbo ‘PENTEAR/PASSAR-PENTE’ é usado sem a indicação do pronome, a orientação para o corpo do sinalizante indica que é a primeira pessoa do discurso. A marca de reflexividade é realizada com o $REFL_{MESM@}$.

Observamos que outra forma de marcar a reflexividade é pela ausência do sinal reflexivo. Assim, o verbo ‘PENTEAR/PASSAR-PENTE’ pode realizar a ação da primeira pessoa do discurso ancorado no corpo do sinalizante, e não é obrigatório apresentar o sinal $REFL_{MESM@}$. A seguir ilustramos a sentença transitiva (141), na voz ativa, em oposição à sentença reflexiva, sem o sinal reflexivo (142) e com o uso do sinal reflexivo ($REFL_{MESM@}$) (143):

(141) $1s-PENTEAR_y IX_y JOÃO_y$

Eu penteio o João.

(142) $IX_{1s} PENTEAR$

Eu me penteio.

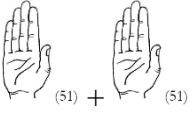



(143) $[IX_x JOÃO_x]_i REFL_{MESM@i} xPENTEAR$

O João se penteou.

Outro aspecto em relação ao sinal $MESM@$ é que, com o verbo sem concordância, ocorre também o uso desse sinal para reforçar o argumento (externo). Nesse caso, o sinal significa que não é reflexivo e o argumento pode realizar a ação do sujeito e expressa as

habilidades desse sujeito principalmente no contexto. Esse sinal apresenta acompanhado por quaisquer verbos ‘ANUNCIAR’, ‘COZINHAR’, ‘DIVULGAR’, ‘ESCREVER’, ‘FALAR’, ‘CHAMAR’, ‘PAGAR’, etc, que podem ser não reflexivos, portanto, na maioria dos casos, esse sinal expressa a ênfase, no diálogo, na conversação, conforme ilustrado em (144).

| Quadro 11 – Mapeamento do sinal MESM@ | |
|--|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  | Pronome de reforço |
| CMs similares | |
| Movimento duplo | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema livre | |
| MESM@ | |
| Descrição sintática | |
| (144) IX _x MARIA _x MESM@ ESCREVER. <i>Maria, ela própria, escreveu.</i> | |
|  | |

Tem uma coisa interessante, esse sinal ocorre como morfema preso juntamente com verbos como ‘FAZER’, ‘CHAMAR’, que pode ser uma estrutura reduzida durante a conversação de diálogo dos sinalizantes.

(145) IX_{3s} MESM@-FAZER
Ele/ela mesmo/mesma fez.



(146) _{1s}-MESM@-CHAMAR-_{2pl}
Eu mesmo chamei vocês.



Concluimos que existem duas formas pronominais reflexivas: REFL_{MESM@} e MESM@. Nesse caso, as duas formas pronominais apresentam um tipo de alomorfia – entendida como a situação em que o mesmo significado gramatical (indicação da correferência dos argumentos na posição de sujeito e de objeto) é expresso por mais de um morfe.

c) Verbos simples + REFL_{PRÓPRI@}

Repetimos, a seguir, a explicação sobre co-referência em Libras na teoria sobre a voz verbal reflexiva de Ferreira-Brito (1995, p. 116-117). Em seguida, apresentamos o exemplo da autora, com o sinal REFL_{PRÓPRI@} (adaptamos a transcrição dos dados da autora ao sistema adotado nesta tese):

II. “O reflexivo tipo 2 (mão direita em [K] encosta o peito com a ponta do dedo médio)”.



Na representação do sinal reflexivo tipo 2, usamos a notação REFL_{PRÓPRI@}, que corresponde ao uso do sinal na configuração CM [B]/() + CM [P]/(). Esse sinal é usado com verbos que denotam apropriação pelo indivíduo e pode ser usado antes do verbo e/ou no final da oração, conforme ilustrado a seguir (ver Capítulo 1).



Figura 3 – O sinal REFL_{PRÓPRI@}

(147) item verbal: AMAR

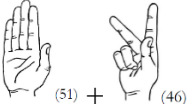

¹*si*-AMAR REFL_{PRÓPRI@i}

Eu me amo. / Eu amo a mim mesmo.



A presença desse morfema está fazendo o mapeamento da estrutura argumental do verbo ‘amar’ orientado para o ‘*próprio*’ sujeito, e isso marca o predicado como reflexivo na Libras. Esse morfema há outro contexto da interpretação semântica, por exemplo, a sentença “*1s-COMPRAR CASA PRÓPRI@*”. Neste sentido, não há voz reflexiva, no entanto, não se liga ao verbo, pois ocorre na estrutura do sintagma nominal [NP CASA PROPRI@]. Outra interpretação desse morfema pode ser o sentido de significados como EGOÍSTA, AUTÔNOM@, diferentemente do sinal reflexivo.

No entanto, quando o sinalizante expressar a segunda e a terceira pessoa, tem de usar a apontação para indicar o referente no espaço de referência, portanto a CM ‘B’ + CM ‘P’ é usada como complemento do verbo na estrutura oracional. O sinal REFL_{PRÓPRI@} é usado, por exemplo, com os verbos ‘ACREDITAR’, ‘GOSTAR’, ‘ADORAR’, etc., conforme ilustrado a seguir.


| Quadro 12 – Mapeamento do sinal REFL_{PRÓPRI@} | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  <p>(51) + (46)</p> | Anáfora reflexiva |
| Mão dominante bate em toque de uma vez do movimento com palma aberta da mão não-dominante. | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{PRÓPRI@} | |
| Descrição sintática com verbo simples | |
| <p>(148) [IX_x JOÃO_x]_i ACREDITAR REFL_{PRÓPRI@i}</p> <p style="text-align: center;"><i>O João acredita em si mesmo.</i></p> | |
|  | |

Outra forma para marcar voz reflexiva é o uso do sinal ‘DENTRO’ na estrutura oracional. Essa forma reflexiva é realizada para marcar a ligação do argumento interno do verbo tendo o mesmo referente do argumento externo. Nesse sentido, o sinalizante aponta o pronome para indicar a 2^a e a 3^a pessoa do discurso no espaço de sinalização e

realiza o sinal ‘DENTRO’. Na primeira pessoa, pode fazer o sinal ‘DENTRO’, naturalmente. A segunda e a terceira pessoa podem usar outra configuração diferente de uma mão dominante (conforme ilustrado abaixo (149)).





Figura 4 – O sinal REFL_{DENTRO}

| Quadro 13 – Mapeamento do sinal REFL_{DENTRO} | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
| | Anáfora reflexiva |
| <p>Uma mão direita vertical aberta, palma para frente com pontas dos dedos unidos e dobrados, mover à mão de cima para baixo.</p> | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{DENTRO} | |
| Descrição sintática | |
| <p>(149) IX_{3si} APAIXONAR REFL_{DENTRO}i <i>Ele/ela se apaixonou.</i></p>  | |

Há outra forma de estratégia para marcar reflexiva na estrutura é sinal ‘PESSOA’, em que pode ser em uso de alguns verbos simples e verbos com concordância, por hipótese, a influência desse sinal pode significar a própria pessoa ou próprio referente que reflete. Essa marca gramatical ocorre antes ou após do pronome pessoal que liga ao verbo de ação.



Figura 5 – O sinal REFL_{PESSOA}

| Quadro 14 – Mapeamento do sinal REFL _{PESSOA} | |
|--|-------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  <p>(22)</p> | Anáfora reflexiva |
| Uso do espaço neutro ou com orientação para o sinalizante. | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{PESSOA} | |
| Descrição sintática | |
| <p>(150) IX_{3si} REFL_{PESSOAi} DEFENDER.</p> <p><i>Ele/ela defendeu a si mesmo/mesma.</i></p> <p><i>Ela se defendeu.</i></p>  | |

d) Verbos com concordância – movimento direcional e uso do sinal ‘MESM@’

Passamos a analisar a voz reflexiva em sentenças com verbos com concordância. A ilustração abaixo está produzida com o sinal ‘DESPREZAR’, que é um verbo com concordância.


De acordo com Quadros & Karnopp (2004), os verbos com concordância indicam, em sua estrutura, o referente que corresponde aos argumentos do verbo, por meio do movimento direcional. Nesse sentido, a marca do referente na estrutura dos verbos com concordância é um tipo de flexão de pessoa e número (ver Capítulo 2, seção 2.3.2). Os

verbos DAR, AVISAR, PERGUNTAR, RESPONDER são exemplos de verbos com concordância em Libras. Se o argumento sujeito é flexionado para mesma pessoa que o argumento na posição de objeto, então a orientação de palma da mão é para dentro, e o movimento inicial e final é realizado na direção do sinalizante. Dessa forma, o predicado é realizado com uma marca reflexiva, conforme ilustrado a seguir, com o verbo DESPREZAR. Observamos que o sinalizante realiza o movimento direcional com a orientação de palma da mão para o corpo (*oc*), e esse movimento indica que o argumento na posição de sujeito tem a mesma referência do argumento na posição de objeto. A reflexividade é marcada ainda por movimento não manual (MNM), quando ocorre o movimento da cabeça (*mc*) do sinalizante para baixo e os olhos se direcionam para o peito (*do*). Na 2ª e na 3ª pessoa, é utilizada a apontação para indicar o referente na posição de sujeito. Na 1ª pessoa, não ocorre apontação para indicar o sujeito, pois o uso do corpo do sinalizante indica a 1ª pessoa do discurso.



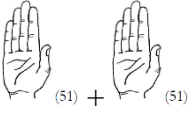
Figura 6 – Verbo DESPREZAR - Marca a orientação de palma da mão para o corpo (*oc*), movimento de cabeça (*mc*) e a direção do olhar (*do*)

| Quadro 15 – Mapeamento da voz reflexiva por movimento direcional orientado para o corpo (<i>DIR_{oc}</i>) + movimento de cabeça (<i>mc</i>) + direção do olhar (<i>do</i>) | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
| Mãos articuladoras livres | Anáfora reflexiva |
| Orientação de palma da mão para o corpo (<i>oc</i>) e movimento de cabeça (<i>mc</i>) + direção do olhar (<i>do</i>). | |
| ESTRATÉGIA | |

| | |
|--|---|
| Morfema pronominal afixal + MNM | |
| $\frac{\quad\quad\quad mc+do}{\langle[\text{VERBO.DIR}_{-oc}]\rangle_{\text{REFL}}}$ | |
| Descrição sintática do verbo com concordância | |
| <p>(151) SAÚDE $\frac{\quad\quad\quad mc+doi}{\langle_{1s} \text{DESPREZAR.DIR}_{-oc} \rangle_{\text{REFL}}}$</p> <p><i>Em relação à minha saúde, eu me desprezo./</i> <i>Em relação à minha saúde, eu não me cuido.</i></p> |  |

Outra estratégia é o uso do sinal REFL_{MESM@} para marcar a reflexividade. Por exemplo, o verbo ‘CUIDAR’ é um verbo com concordância que pode ser usado em primeira, segunda e terceira pessoa do singular e do plural do discurso. Na terceira pessoa, o referente pode estar presente ou não no espaço de sinalização.

Ilustramos a seguir o uso do verbo com concordância CUIDAR, em uma sentença com sujeito na 3ª pessoa, JOÃO_x, é marcado por apontação IX_x, no espaço de sinalização, localização e referenciação. Nesse caso, o movimento do verbo CUIDAR é orientado para o ponto de localização do referente no espaço de sinalização, localização e referenciação. A correferência com o sujeito é marcada pelo sinal REFL_{MESM@} (Figura 2). Na 1ª pessoa, o movimento do verbo é orientado para o corpo do sinalizante (cf. FERREIRA, 2017).

| Quadro 16 – Uso de verbo com concordância com sinal REFL_{MESM@} | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  | Anáfora reflexiva |
| CMs similares | |
| Movimento duplo | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal livre | |
| REFL _{MESM@} | |
| Descrição sintática do verbo com concordância | |

(152) [IX_x JOÃO_x]_i REFL_{MESM@i} CUIDAR

O João cuida de si mesmo.



A seguir, sistematizamos os dados com os tipos de marcação da voz reflexiva na Libras, com verbos simples e verbos com concordância. Mostramos que cada quadro tem as classes verbais e a relação entre a categoria gramatical e o processo morfossintático de mapeamento da estrutura argumental.

3.1.2 Tipos de marcação da categoria gramatical de reflexividade

Os quadros a seguir resumem as possibilidades estruturais de realização da categoria anáfora reflexiva em Libras na abordagem da teoria gerativa (em relação à teoria da Ligação, conforme a sistematização de Miotto et al. (2007)).

No Quadro 17, mostramos uma síntese dos tipos de marcação de reflexividade por uma categoria pronominal livre e em seguida apresentamos sentenças para ilustrar cada verbo em Libras.

| Quadro 17 - Marcação de reflexividade com morfema pronominal livre | |
|---|--|
| Verbo simples (sem concordância)/ verbo manual | |
| GOSTAR; PENTEAR; ESQUECER; PREJUDICAR; SENTIR (...) | |
| <p style="text-align: center;"><u>Estrutura A</u></p> <p>IX_{1/2/3} (REFL_{MESM@})_{1/2/3}.VERBO (REFL_{MESM@})</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura B</u></p> <p>IX_{1/2/3} (REFL_{PRÓPRI@})_{1/2/3}.VERBO (REFL_{PRÓPRI@})</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura C</u></p> <p>IX_{1/2/3} (REFL_{DENTRO})_{1/2/3}.VERBO (REFL_{DENTRO})</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura D</u></p> <p>IX_{1/2/3} (REFL_{PESSOA})_{1/2/3}.VERBO (REFL_{PESSOA})</p> | <p>→ Uso de espaço de sinalização</p> <p>→ Uso de morfema pronominal livre/independente: apontação IX_{1/2/3}</p> <p>→ Referentes: 1^a, 2^a, 3^a pessoas</p> <p>→ REFL_{MESM@} = sinal específico (morfema pronominal livre)</p> <p>→ REFL_{PRÓPRI@} = sinal específico (morfema pronominal livre)</p> <p>→ REFL_{DENTRO} = sinal específico (morfema pronominal livre)</p> <p>→ REFL_{PESSOA} = sinal específico (morfema pronominal livre)</p> |

A estrutura reflexiva, na sentença (153), tem a forma [X_i V <REFL_{PRÓPRI@i}>]: indicamos que o VP GOSTAR possui um argumento X, que é correferencial com o argumento interno, sendo marcado pelo sinal REFL_{PRÓPRI@}. Esse verbo descreve um sentimento e, na voz reflexiva, descreve uma apropriação, portanto a anáfora REFL_{PRÓPRI@} é colocada na posição no final da sentença. Por meio da relação sintática dessa estrutura, as posições da anáfora reflexiva e do antecedente têm o mesmo valor referencial.

(153) (IX_{1s}) _{1s}.GOSTAR REFL_{PRÓPRI@i}

Eu me gosto. / Eu gosto de mim mesmo.



Podemos dizer que o verbo PREJUDICAR, na sentença (154), relaciona o argumento na posição de sujeito IX_{3s}, por meio do sinal REFL_{MESM@}. Nesse sentido, REFL_{MESM@} está se referindo ao sujeito na posição do especificador e cada argumento tem o papel temático de AGENTE e PACIENTE. Quanto ao uso de sinalização do pronome sujeito IX_{3s} (apontação), é no começo da sentença, e que recebe a marca de correferência com o uso de REFL_{MESM@}.

(154) IX_{3s}_i REFL_{MESM@i} PREJUDICAR IX_{3s} AMIGO

Ele se prejudicou com o amigo.



No exemplo (155), o sinal REFL_{DENTRO} marca a correferência com a 1ª pessoa, marcada pela realização do verbo ancorado no corpo.

(155) _{1s}.SENTIR REFL_{DENTROi} RESFRIAD@

Eu me sinto resfriado.



Apresentamos, no Quadro 18, a síntese das propriedades da reflexividade com verbos de concordância. Nesse caso, a reflexividade é marcada com o movimento direcional do sinal (*DIR*) e com a orientação do movimento de cabeça e da direção do olhar para o corpo do sinalizante.

| | |
|---|--|
| Quadro 18 - Marcação de reflexividade pela orientação do movimento para o corpo e por movimento de cabeça e direção do olhar | |
| Voz reflexiva com verbos de concordância | |
| VER; DESPREZAR; CUIDAR; PERCEBER; AJUDAR; PERGUNTAR; (...) | |
| <p style="text-align: center;"><u>Estrutura A</u></p> <p style="text-align: center;">_____ <i>mc+do</i></p> <p style="text-align: center;">IX_{1/2/3} <[VERBO.DIR-oc]>REFL</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura B</u></p> <p style="text-align: center;">IX_{1/2/3} (REFL_{MESM@})_{1/2/3}-[VERBO] (REFL_{MESM@})</p> | <p>→ Uso de espaço de sinalização</p> <p>→ Referentes sujeito: 1ª, 2ª, 3ª pessoa; uso de categoria pronominal independente/ livre: apontação IX_{1/2/3}; na 1ª pessoa = movimento a partir do corpo do sinalizante</p> <p>→ Movimento orientado para o corpo do sinalizante (<i>DIR</i>), movimento de cabeça (<i>mc</i>) e direção do olhar (<i>do</i>)</p> <p>→ REFL_{MESM@}</p> |

A seguir ilustramos a marcação da reflexividade pelo parâmetro do movimento direcional (*DIR*) e da orientação para o corpo na estrutura do sinal. Em (156), o verbo VER é um verbo com concordância. A sentença ocorre com a marca de correferência, quando o movimento tem a orientação para o corpo do sinalizante (*oc*), e o movimento de cabeça (*mc*), e a direção do olhar (*do*) se direcionam para o peito. Nessa sentença não aparece o sinal pronominal 'IX_{1s}', pois o movimento direcional (*DIR*) é orientado para o corpo do sinalizante e marca o sujeito, coincidindo com o falante, e a posição do sujeito pode ficar nula. Nesse caso, concluímos que os verbos de concordância como DAR, CUIDAR, PERCEBER, AJUDAR podem também ocorrer com a marca '*mc*' e '*do*' para marcar a voz reflexiva.

_____ *mc+do*

(156) <_{1s}-VER.DIR-oc>REFL

Eu me vejo.



Vemos na construção dessa sentença (157), o verbo 'AJUDAR', que é um verbo com concordância, que se flexiona para pessoa, número e aspecto. Nesse caso, esse verbo pode assumir a voz reflexiva: o uso do sinal REFL_{MESM@i} marca a voz reflexiva, e a orientação do movimento para o corpo do sinalizante indica a mesma referência com o

argumento IX_{3si} ‘ele’, que tem como referente ao sinal ‘REFL_{MESM@}’ (portanto, não marca a 1ª pessoa).²⁶

(157) IX_{3si} REFL_{MESM@i} AJUDAR.DIR-oc

Ele ajuda a si mesma.



A seguir apresentamos a voz reflexiva recíproca na Libras, considerando diferentes tipos de verbos. Em seguida, passamos a apresentar uma análise para os verbos recíprocos na Libras, tomando como referência a análise de Godoy (2008; 2009; 2010) para verbos recíprocos no PB.

3.2 A voz reflexiva recíproca na Libras

Analisamos nesta seção, a voz reflexiva recíproca que marca a relação anafórica e correferencial entre o argumento na posição de sujeito no plural e o argumento interno na posição de objeto, na voz reflexiva recíproca (cruzada). Nesse caso, a oração tem o sujeito, no plural, o sujeito composto, e o predicado é marcado como recíproco, pois descreve a ação entre os referentes ao mesmo tempo e em oposição. Na análise, investigamos como os verbos recíprocos se apresentam em PB, comparando com a Libras. Mostramos os detalhes da estrutura sintática das construções dos dados de PB, e verificamos que é necessário considerar com mais detalhes os dados da Libras. Conforme mencionado no Capítulo 1, o verbo na voz reflexiva recíproca (REC) seleciona argumentos com referentes distintos, e descreve ação oposta e simultânea entre esses argumentos. No PB: ‘ x ama y ’ e ‘ y ama x ’ \rightarrow x e y se amam.

A marcação gramatical da voz reflexiva recíproca na Libras depende do tipo de verbo. Com verbos simples, a voz reflexiva recíproca utiliza um morfema pronominal livre (REFL_{MESM@}/ REFL_{PRÓPRI@}), com verbos com concordância, a voz reflexiva recíproca é marcada na estrutura do sinal, pela direção oposta do movimento, realizado com duas mãos articuladoras. Nesse sentido, assumimos que uma categoria equivalente está presente na estrutura do predicado na Libras, o que explica o licenciamento da relação

²⁶ Agradeço à Profa. Aline Pizzio por ressaltar a necessidade de explicar a marcação da reflexividade no dado (157). O uso do sinal REFL_{MESM@i} na estrutura oracional para marcar a voz reflexiva de verbos com concordância deve ser pesquisado com outros verbos, em novos contextos.

de reciprocidade entre o argumento externo, na posição de sujeito, e o argumento recíproco na estrutura interna do predicado.

3.2.1 A voz reflexiva recíproca: verbos com concordância

Nesta seção, focalizamos a expressão morfossintática da voz reflexiva recíproca em um conjunto de dados coletados para serem analisados nesse trabalho, considerando sua grade temática e a presença de marcas gramaticais específicas na estrutura sintática. Passamos em seguida à análise sintática dos verbos recíprocos, consideramos as análises que já foram propostas em pesquisas de vários autores para assumir as regras gramaticais da Libras. Buscamos entender esse processo das análises, investigando as marcas gramaticais para testar como os verbos aparecem nos contextos das produções sintáticas. Para tanto, distinguimos os casos em que a voz reflexiva recíproca é gerada na estrutura sintática, em oposição aos casos em que o verbo é marcado lexicalmente para a reciprocidade.

Mostramos os exemplos na sentença para a voz reflexiva recíproca e para a voz ativa. Assim, a ilustração em (158) mostra que, em Libras, o verbo BEIJAR (verbo com concordância) na voz ‘reflexiva recíproca’ apresenta uma estratégia gramatical na estrutura do sinal para marcar os referentes, ou seja, não é observado um morfema pronominal livre (sinal específico) para marcar a reciprocidade. Como será demonstrado, os verbos de concordância marcam o predicado recíproco por meio do movimento simultâneo e a orientação oposta para marcar a reciprocidade na estrutura interna do sinal, conforme Ferreira; Salles (2020). No exemplo (158a), o sinal BEIJAR pode ocorrer o movimento direcional (*DIR*), com uma trajetória orientada a partir do primeiro referente ‘x’, ‘DAVI’, para o segundo referente ‘y’, ‘CARLA’ é a voz ativa. Portanto, pode estar sendo usada a marcação do referente presente ou não presente, pela apontação (ou pela direção do olhar), no espaço de sinalização. Na voz reflexiva recíproca, o movimento direcional (*DIR*) é realizado pelas duas mãos, mão direita (*md*) e mão esquerda (*me*), com orientação oposta, e os referentes são identificados no espaço de sinalização, conforme ilustrado em (158b).

(158) a. DAVI_x <_xBEIJAR.*DIR*-_y CARLA>*do*. (voz ativa)

O Davi beija a Carla.

b. [IX_x DAVI_x IX_y CARLA_y]_i <_(md)x-BEIJAR-_y(me)>_i REC

Davi e Carla se beijaram.

(voz reflexiva recíproca)



Figura 7 – Verbo BEIJAR - Anáfora reflexiva recíproca

Fonte: Ferreira (2016, p. 56)

Investigamos outras línguas de sinais estrangeiras como GSL – *German Sign Language*, ASL – *American Sign Language*, RSL – *Russian Sign Language*, Auslan – *Australian Sign Language*, ISL – *Israeli Sign Language*, em que existem as formas apresentadas para a marcação de reciprocidade. De acordo com Klima & Bellugi (1979) e Baker & Cokely (1980), na ASL, existe a marcação de reciprocidade, ou seja, através da ‘duplicação’ do sinal simultâneo pelo uso do verbo com concordância em movimento oposto, conforme mostrado por Quadros (1997) e Quadros & Karnopp (2004).

Apresentamos as classes verbais nas línguas de sinais, discutindo a tipologia de Padden (1983/1988, *apud* Quadros & Quer, 2008), que propõe três tipos de verbos – verbos simples, verbos de concordância e verbos espaciais – e a tipologia de Quadros & Quer (2008), que distingue verbos sem concordância e verbos com concordância (ver Capítulo 2, seções 2.3.1 e 2.3.2). Para Quadros (1999), os verbos com concordância são os verbos flexionados. Os afixos podem marcar pessoa e número (sintagmas nominais ou pronominais) ou pontos no espaço (sintagmas locativos) e direcionam as posições iniciais e finais, também utilizam os planos espaciais e pontos de articulação, que são considerados morfemas.

De acordo com Quadros (1997) e Quadros & Karnopp (2004), há marcação de reciprocidade em Libras se o verbo com concordância é realizado com as duas mãos, e o movimento é realizado com direção oposta. Citando Baker & Cokely (1980), as autoras observam que a maioria dos verbos com concordância na ASL também pode indicar uma ação feita por dois indivíduos ou dois objetos ao mesmo tempo usando as duas mãos similares.

“Na ASL, o exemplo citado por Baker & Cokely, do verbo LOOK, também apresenta na Libras de forma idêntica como o

correspondente OLHAR”, e formalmente são recíprocos (QUADROS, 1997, p. 63).

Ilustramos a seguir o uso do verbo OLHAR, em Libras, realizado na voz reflexiva recíproca:

(159) OLHAR

a. $\langle_{(md)3}\text{-OLHAR-3}_{(me)}\rangle_{\text{REC}}$

Eles se olharam.

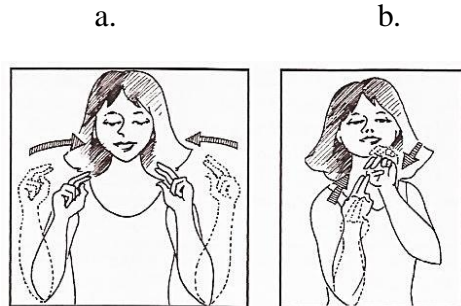


Figura 8 – Extraída de Quadros, 1997, p. 64 (adaptado de Baker & Cokely, 1980, p. 249-250)

b. $\langle_{(me)1}\text{-OLHAR-2}_{(md)}\rangle_{\text{REC}}$

Nós nos olhamos.

As ilustrações dos exemplos (159a) e (159b) mostram que a direção do movimento do verbo pode identificar a relação de reciprocidade entre dois argumentos ao mesmo tempo, no espaço de sinalização, com o referente presente e não-presente.

Na ASL, Padden (1983/1988) apresenta teste para a marca de reciprocidade com verbos de concordância e também verbos espaciais a respeito da descrição feita pela autora, conforme (160) e (161):

(160) (DAR) – verbo com concordância²⁷

i,du GIVE

i,du INDEX i,du GIVE₁ BOOK.

The two off them gave me a book.

Os dois me deram um livro.

(ASL)

(Inglês)

(PB)



Figura 9 – Extraída de Padden (1983/1988, p. 61)

(161) (COLOCAR) – verbo espacial

²⁷ O subscrito ‘i’ indica o ponto/locus (referente) no espaço de sinalização. O subscrito ‘du’ indica ‘dual inflection’, em inglês, descrita pela autora, que significa ‘flexão dual’.

L-hand: jPUT_i

R-hand: iPUT_j

L-hand: jPUT_i

R-hand: $\text{ROCK}_i \text{INDEX}_i \text{PUT}_j$

I put the rocks in the other's place.

Eu coloquei as pedras nos lugares umas das outras. (PB)

(ASL)

(Inglês)

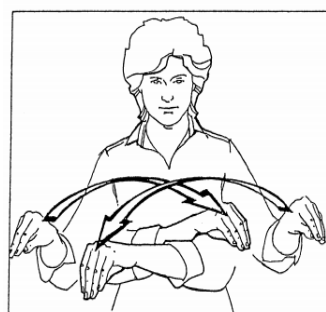


Figura 10 – Extraída de Padden (1983/1988, p. 77)

De acordo com Quadros & Quer (2010, p. 37-38), Padden apresenta testes sobre a diferença na natureza sintática e locativa da concordância para receber morfemas utilizando a flexão verbal. Esses dados mostram que verbo com concordância de pessoa apresentam os morfemas que fazem contraste entre a primeira e não primeira pessoa. Assim, a localização espacial é qualquer ponto no corpo de sinalizante ou no espaço de sinalização. Então Padden mostrou um teste para ver se há marca de reciprocidade, e observou que “uma das realizações possíveis consiste da produção espontânea com as duas mãos de uma trajetória duplicada em direções opostas que ocorre exclusivamente com verbos de concordância”. Outra forma de marcar também é como “verbos espaciais que recebem interpretação locativa (161’)”, conforme mostrado Padden (1990). Ilustramos a voz reflexiva recíproca com o verbo de concordância DAR em (160’), a seguir, e a sentença com o verbo espacial COLOCAR, na voz ativa, com nossa ilustração e a transcrição do dado adaptada para o português (161’).

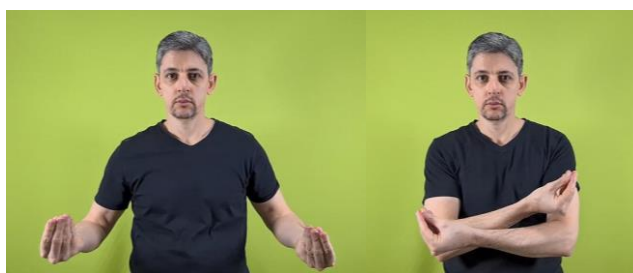


Figura 11

(160’) (objeto) $x_3\text{-DAR-3.y/3-DAR-3.x}$

Eles deram alguma coisa um para o outro.



Figura 12

(161') (2 objetos) _x.COLOCAR-_y/y-COLOCAR-_x

Eu troquei duas coisas de um lugar para o outro (um pelo outro).

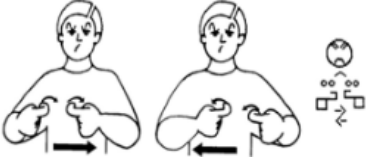

Consideramos a teoria da Ferreira-Brito (1995), que mostrou a referenciação pelo uso do espaço para indicar a correferência em Libras. Nesta teoria, ela afirma que a referência pode relacionar um indivíduo a seu referente presente e não presente, ou então pode ser outra entidade ou coisa a que se refere. Ferreira-Brito (1995, p. 117) comenta ainda que, na voz reflexiva recíproca, as duas mãos em [G1] aproximam-se (com um contato final das pontas dos indicadores). Essa marcação foi retirada por ela nos seguintes contextos linguísticos:

“CACHORRO GATO BRIGAR RAIVA Ó-D-I-O SE (dir.)
RAIVA Ó-D-I-O SE (esq.)
(O cachorro e o gato brigaram, ficaram com raiva, odeiam-se.)

O verbo recíproco ‘BRIGAR’ utiliza as duas configurações de mão similares e simultâneas, em que existe a incorporação dos referentes no espaço de sinalização para pessoas do plural do discurso. Veja na estrutura, RAIVA Ó-D-I-O SE (dir.) marca o ponto do referente ‘a’, GATO, enquanto RAIVA Ó-D-I-O SE (esq.), marca o ponto do referente ‘b’ é CACHORRO. Dessa forma, em cada configuração de mão aparecem os dois sujeitos compostos para relacionar a ação do verbo recíproco. Nesse sentido, o uso do pronome ‘SE’, na notação usada por FERREIRA BRITO (1995), marca a reciprocidade, no entanto, acreditamos que a reciprocidade deve ser marcada com a notação ‘mão direita’ (md) e ‘mão esquerda’ (me) para indicar o uso das duas mãos articuladoras e dos índices para marcar os referentes, e ainda a notação REC para indicar a orientação oposta do movimento.

Vejamos a ilustração do Quadro (19) abaixo, que apresenta o verbo manual ‘ATIRAR’ realizado com o instrumento ou o objeto incorporado, no caso ‘BALA’

(‘baleiar’), mas esse verbo não é realizado lexicalmente com o sinal específico, pois pode descrever mais de um léxico, por exemplo, ATIRAR-CABEÇA (‘cabecear’), ATIRAR-BOLA, ATIRAR-FLECHA (‘flechar’) e demais elementos incorporados. Descrevemos as propriedades gramaticais que realizam a voz reflexiva recíproca e mostramos exemplo das sentenças na voz reflexiva recíproca e na voz ativa:

| Quadro 19 – Exemplo do item verbal ‘ATIRAR-ARMA’ | | | | |
|--|--|-----------------|-------------------------|---|
| Item verbal: |  <p style="text-align: center;"><i>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.726)</i></p> | | | |
| Configuração de mão: | Mãos em ‘X’ (palmas para dentro). Movê-las para a esquerda e para a direita, simultaneamente, flexionando ligeiramente os indicadores, várias vezes. | | | |
| Objeto/ instrumento: | Armas | | | |
| Ação verbal: | Guerrear; combater um ao outro. | | | |
| Voz reflexiva recíproca: (x y V) | Representa no espaço de sinalização a apontação para indicar o referente presente e/ ou não presente, que pode ser dois indivíduos ao mesmo tempo. Na voz reflexiva recíproca, não ocorre um morfema pronominal livre, mas inclui movimentos opostos com as duas configurações de mão similares e simultâneas. | | | |
| (162a) | | | | |
|  | | | | |
| [IX _x | ARMA^DROGA _x | IX _y | POLÍCIA _y li | <(md) _x -ATIRAR-ARMA _y (me)>i REC |
| <i>Traficante e policial atiraram um no outro.</i> | | | | |
| Voz ativa (x V [P] y) | | | | |






No Quadro (19), o item verbal ATIRAR-ARMA apresenta estrutura de um verbo de concordância que possui dois argumentos [AGENTE; PACIENTE]. Esse verbo é realizado na voz reflexiva recíproca com o uso das configurações de mão similares com o uso de instrumento/objeto incorporado; o movimento é realizado em direção oposta. Em (a), o exemplo ilustra uma sentença de Libras na voz reflexiva recíproca, pois descreve uma situação em que pelo menos dois argumentos praticam e sofrem a ação de forma oposta. Em (b), o mesmo verbo é usado na voz ativa, e a sentença descreve uma situação em que um agente pratica a ação e um paciente sofre a ação.

Na figura 13, a seguir, o exemplo de BRIGAR é verbo com concordância com duas configurações de mãos similares como uma mão dominante na terceira pessoa e uma mão não dominante na terceira pessoa com movimento oposto simultâneo para indicar dois referentes presente e não-presente. Quando o espaço de sinalização não precisa de usar dêixis, nesse caso, uma mão mostra concordância que se inicia no ponto do referente como 'x', e realiza um movimento direcional da trajetória (*DIR*) para outro ponto, do referente 'y' e reverso. Nesse caso, os sinalizantes surdos e não-surdos de mão esquerda de canhoto, a mão dominante será esquerda, portanto a Libras é o procedimento do sistema linguístico (cf. FERREIRA-BRITO, 1995, p. 118).




Figura 13 – 'md' e 'me' similares com verbo de concordância BRIGAR.

| Quadro 20 – Mapeamento da voz reflexiva recíproca com verbo de concordância | |
|--|------------------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  ⁽⁵⁴⁾ Mão dominante (md)  ⁽⁵⁴⁾ Mão não dominante (me) | Anáfora reflexiva recíproca |
| 2 CMs similares | Uso do espaço de sinalização |
| Movimento oposto simultâneo | Referente ‘x’ e ‘y’ |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema preso com movimento direcional oposto e simultâneo a) $\langle_{(md)1/2/3-}[\text{VERBO}]_{-3/2/1(me)}\rangle_{\text{REC}}$ b) $\langle_{(md)x-}[\text{VERBO}]_{-y(me)}\rangle_{\text{REC}}$ | |
| Descrição sintática | |
| (163) B-R-U-N-O _x B-R-E-N-O _y $\langle_{(me)x-}\text{BRIGAR}_{-y(md)}\rangle_{\text{REC}}$ <i>Bruno e Breno brigaram (entre si).</i> | |
|  | |

Identificamos esse exemplo que pode marcar a estrutura da voz reflexiva recíproca. Na voz ativa o verbo possui dois argumentos: um na posição de sujeito e outro na posição do objeto, e na voz reflexiva recíproca, aparece um argumento externo com dois ou mais sujeitos ou referentes no espaço de sinalização no evento.

Outra forma de apresentar o sinal realiza o movimento direcional reverso ‘*DIR↔*’. A relação recíproca entre dois argumentos ou referentes pode ser realizada com alguns verbos com concordância apenas com o uso de uma mão ou duas mãos similares ou não similares para expressão do movimento reverso, ou seja, a ação do verbo em movimento ‘vai e vem’ por meio de estrutura interna do sinal. Nesse caso, ocorre a voz recíproca.

| Quadro 21 – Mapeamento sintático da voz reflexiva recíproca com verbo de concordância e movimento direcional reverso | |
|---|--------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
| | |

| | |
|---|-----------------------------|
| Mãos articuladoras livres | Anáfora reflexiva recíproca |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema direcional preso <[VERBO].DIR↔(+)>REC | |
| Descrição sintática | |
| <p>(164)</p> <p>IX_{1s} IX_{3s} AMIG@ IX_{1s,POSS} CELULAR <TROCAR-MENSAGEM.DIR↔(+)>REC TODO-DIA</p> <p><i>Eu e minha amiga trocamos mensagem pelo celular uma com a outra todos os dias.</i></p>  | |

3.2.2 A voz reflexiva recíproca: verbos simples (sem concordância)

Nesta seção, analisamos a marcação da voz reflexiva recíproca em verbos simples. Identificamos a forma dos sinais e as estratégias gramaticais na marcação das categorias gramaticais da voz reflexiva recíproca em Libras, que são apresentados como o numeral DUAL, a categoria ‘auxiliar’ e o uso das mãos dominante/não dominante:

I. Numeral/ Pronome DUAL (TRIAL; QUATRIAL)

Apresentamos inicialmente o uso da categoria DUAL, que pode ser usada como numeral ou como pronome. Nos dados desta tese, o sinal DUAL é usado como categoria pronominal.

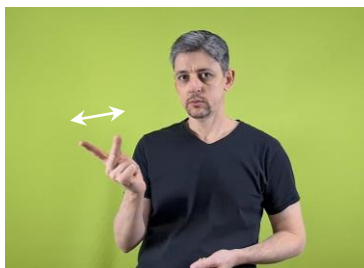




Figura 14 – Morfema pronominal DUAL

| Quadro 22 – Sinal pronominal DUAL | |
|--|-----------------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  | Anáfora reflexiva recíproca |
| CM ‘2’, ‘V’ ou ‘K’ | |
| DUAL, TRIAL, QUATRIAL | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal DUAL | |
| <DUAL [VERBO]> _{REC} | |
| Descrição sintática | |
| (165) ONTEM IX _{3pl.i} <DUAL _i COMBINAR> _{REC} FESTA <i>Ontem eles combinaram ir para a festa.</i> | |
|  | |

Felipe (1997) propõe que o sinal DUAL ocorre como elemento do sistema pronominal, relacionado com as pessoas do discurso. A autora afirma que nas formas de CM [V2] como DUAL, a mão ficará com o formato de dois, e será usada com o morfema para indicar os pronomes: assim ‘VOCÊ-2’; ‘NÓS-2’; ‘EL@-2’. Da mesma forma, com os sinais da figura (14) acima com a CM [W3] como TRIAL, o formato será do numeral três: VOCÊ-3; NÓS-3; EL@-3. Também a forma de CM [B4], como QUATRIAL, e será usada para indicar os pronomes ‘VOCÊ-4’; ‘NÓS-4’; ‘EL@-4’.

Berenz (1996, p. 245-246, *apud* PIZZIO, REZENDE e QUADROS, 2009, p. XX) apresenta um trabalho sobre as formas gramaticalizadas e retiradas de práticas conversacionais da Libras, que envolvem a referência dêitica pronominal. A autora explica sua análise do pronome ‘DUAL’:

A Libras apresenta uma categoria gramatical do sistema pronominal chamada de número dual. A evidência para isso é encontrada nas formas dos próprios pronomes pessoais e nas modulações para número nos verbos. A marcação ‘dual’ é uma categoria completamente gramaticalizada. Há, também, a forma ‘dual’ recíproca, assim como acontece com os verbos. O fato de ser observado tanto nos pronomes, quanto nos verbos com concordância, indica que o número ‘dual’ é gramaticalizado.

Investigamos o uso dessas formas em *verbos sem concordância*, que podem ser realizados ancorado no corpo e também expressos no espaço neutro, por exemplo o item verbal ‘COMBINAR’, que tem o ponto de articulação (PA) na mão do sinalizante. Portanto é impossível esse verbo formar as duas mãos duplicadas para descrever a relação recíproca de ‘um ao outro’. Nesse caso, o sinal ‘DUAL’ marca o significado recíproco para indicar os dois referentes envolvidos, ou seja, o sinal pode acompanhar o verbo lexicalmente específico para a reciprocidade na primeira, na segunda e na terceira pessoa do plural. Nesse caso, investigamos alguns verbos encontrados que são poucos exemplos para analisar neste trabalho.

II. A categoria ‘auxiliar’ (AUX)

Outra estratégia, de acordo com a figura (15), abaixo, é o uso do morfema ‘auxiliar’ (AUX) do tipo indexical. Quadros (1999) e Quadros & Quer (2008) afirmam que “a categoria AUX em Libras é uma pura instanciação da relação de concordância entre sujeito, verbo e objeto.” A categoria AUX pode assumir o papel de marca da voz reflexiva recíproca com verbos simples, que não apresentam concordância. Mostramos




uma CM ‘1’ () que aponta direção da trajetória de AUX do sujeito para o objeto. Quando se trata da relação recíproca, ocorre o movimento da trajetória de uma mão direita do referente ‘x’ que direciona para o referente ‘y’ e outra mão esquerda do referente ‘y’ que direciona para o referente ‘x’, alternadamente. Essa categoria AUX exige as marcações espaciais para a variável ‘x’ e variável ‘y’, assim pode oferecer a estrutura como $x\text{-AUX-}y/y\text{-AUX-}x$.



Figura 15 – Marcação da voz reflexiva recíproca por auxiliar pronominal com uso da CM em ‘G1’, na mão direita e outra na mão esquerda.

| Quadro 23 – Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com o morfema AUX | |
|--|-----------------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|   | Anáfora reflexiva recíproca |
| Movimento direcional alternado | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema pronominal afixal com verbo auxiliar | |
| (md) _x -AUX- _y [V] (me) _y -AUX- _x [V]; | |
| Descrição sintática²⁸ | |
| (166) [A-D-Ã-O _x E-L-A-I-N-E _y] _i <(md) _x -AUX- _y GOSTAR (me) _y -AUX- _x GOSTAR> _i REC <i>Adão e Elaine se gostam um ao outro.</i> | |






III. Uso de duas mãos articuladas



Figura 16 – Marcação da voz reflexiva recíproca pelo uso de movimento similar e/ou não similar da mão direita (md) e da mão esquerda (me)

Quadro 24 – Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca por movimento direcional similar oposto e movimento sem direcional da ‘md’ e da ‘me’

²⁸ O exemplo (166) foi produzido por uma colega surda, que gentilmente apresentou a estrutura a partir de uma descrição, em que ela deveria expressar uma relação de reciprocidade com o verbo GOSTAR.

| FORMA | SIGNIFICADO |
|--|---|
|  <p>(54) Mão dominante (md)</p>  <p>(54) Mão não dominante (me)</p> | <p>Anáfora reflexiva recíproca</p> |
| <p>2 CMs similares e/ou não similares</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Movimento oposto simultâneo e alternado • Movimento sem direcional | |
| ESTRATÉGIA | |
| <p>Morfema preso sem direcional e com movimento oposto</p> <p>a) $\langle_{(md)1/2/3-x}[\text{VERBO}]_{-y-3/2/1(me)}\rangle_{\text{REC}}$</p> <p>b) $\text{IX}_x \langle[\text{VERBO}] (\text{JUNTO}) \text{IX}_z\rangle_{(do)}$</p> | |
| Descrição sintática | |
| <p>(167)</p> <p>ONTEM BARALHO $\langle_{(md)1}\text{-COMPETIR-3(me)}\rangle$</p> <p><i>Nós competimos no jogo de baralho ontem.</i></p> |  |

Segundo Battison (1978) observou, a orientação de palma da mão possui um papel importante na estrutura interna dos sinais envolvendo as duas mãos, como ativa e passiva. Então podemos dizer que essas formas de mãos devem ser consideradas como dominante e não dominante. Se o sinal for feito apenas com duas mãos similares como condição de simetria, ele terá lexicalmente especificado quando as configurações de formas diferentes irão indicar o sinal. Isso pode apresentar o movimento oposto simultâneo e movimento oposto alternado.

3.2.3 A voz reflexiva recíproca e os verbos espaciais (locativos)

Mostramos, a seguir, alguns verbos que marcam o locativo recíproco, por exemplo ‘SAIR’, que pode ocorrer em relação a duas pessoas, ou seja, duas configurações de mão similares com movimento oposto simultâneo. Sabemos que esse verbo pode indicar ação

entre os participantes como objeto animado e/ou inanimado no espaço de localização, portanto, ocorre reciprocidade como concordância locativa.

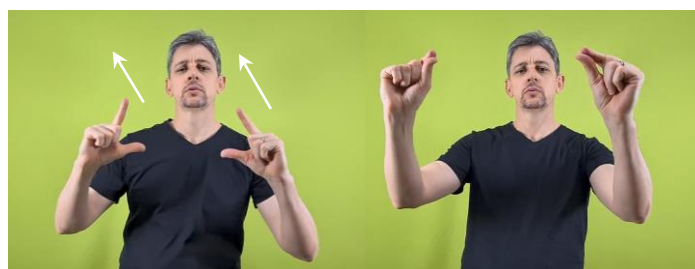





Figura 17 – Verbo SAIR (espacial) com movimento da ‘md’ e ‘me’ similares.

| Quadro 25 – Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com verbo espacial | |
|--|------------------------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  <p>(54) Mão dominante (md)</p>  <p>(54) Mão não dominante (me)</p> | <p>Anáfora reflexiva recíproca</p> |
| <p>2 CMs similares</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Movimento oposto simultâneo • Movimento direcional de trajetória | |
| ESTRATÉGIA | |
| <p>Morfema preso locativo realizado com movimento direcional oposto</p> <p style="text-align: center;">LocIX_x LocIX_y <(md)_x-[VERBO]-_y(me)>LOC</p> | |
| Descrição sintática | |
| <p>(168)</p> <p style="text-align: center;">[IX_x CASA LocLEO_x IX_y CASA LocMARIA_y]_i <(md)_x-SAIR-_y(me)>_i LOC</p> <p style="text-align: center;"><i>Leo e Maria saíram um da casa do outro.</i></p> | |
|  | |



3.2.4 A voz reflexiva recíproca e os verbos com classificador

Felipe (1998) comenta que vários pesquisadores analisam aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos dos classificadores como afixos ou itens lexicais

(ver Capítulo 2, seção 2.3.4.1). Neste estudo, pode ser uma das propriedades de marcação da voz reflexiva recíproca. De acordo com Supalla (1986), na ASL, os classificadores podem ser verbos de movimento e verbos de localização com morfemas utilizados a partir dos parâmetros articulados das mãos e do uso do corpo. O classificador pode ser chamado de verbo-classificador e certas configurações de mãos são realizadas com movimento do objeto/coisa horizontal ou vertical para descrever o evento.



Figura 18 – Movimento similar e oposto da mão direita ‘md’ e da mão esquerda ‘me’ de um lugar para o outro.

| Quadro 26 – Mapeamento sintático na voz reflexiva recíproca com verbo-classificador | |
|--|-----------------------------|
| FORMA | SIGNIFICADO |
|  ⁽⁵⁴⁾ Mão dominante (md)  ⁽⁵⁴⁾ Mão não dominante (me) | Anáfora reflexiva recíproca |
| 2 CMs similares | |
| Movimento oposto simultâneo | |
| ESTRATÉGIA | |
| Morfema afixal realizado por movimento direcional oposto | |
| $IX_x CL_x IX_y CL_y <_{(md)x} \cdot [VERBO] \cdot >_{(me)y} >_{REC}$ | |
| Descrição sintática | |

(169)

CADEIRA_{top} [P-A-I_x CL_x:5_(md) MÃE_y CL_y:5_(me)]i <_(md)x-coisa TROCAR_{-y(me)}>i REC

O pai e a mãe trocaram de cadeira entre si/um com o outro.



A figura (18), acima, apresenta o exemplo de TROCAR (cadeira). A realização do classificador descreve uma pessoa sentada de um lado e uma pessoa sentada de outro lado, e o movimento descreve que elas trocaram cadeira de um lugar para o outro. Essa é uma interpretação recíproca usando duas configurações de mãos similares com ação do movimento oposto simultâneo. Esse exemplo descreve a reciprocidade como concordância locativa.

3.3 Verbos recíprocos em Libras

Nesta seção apresentamos um estudo sobre verbos recíprocos na Libras. Para tanto, apresentamos a análise de Godoy (2008, 2009, 2010) para esses verbos no português brasileiro (PB). Nosso objetivo é verificar a realização sintática dos verbos recíprocos na Libras em perspectiva comparada com o PB. Esta seção é baseada fortemente no estudo de Ferreira; Salles (2020).

3.3.1 Verbos recíprocos em PB: Godoy (2008, 2009, 2010)

O estudo de Godoy (2008, 2009, 2010) investiga os verbos recíprocos (VR) como uma classe verbal que veicula lexicalmente a semântica da reciprocidade. Nesse sentido, os VR se distinguem dos verbos que exigem o uso de uma marca pronominal para expressar a reciprocidade, conforme ilustrado a seguir (com dados da autora).

(170) a. João e Maria falaram. [verbo não recíproco]

b. João e Maria se falaram. [voz reflexiva recíproca]

(171) João e Maria conversaram. [verbo lexicalmente recíproco] (VR)

No dado em (170a), não há reciprocidade entre os participantes do evento em “João” e “Maria”, pois o verbo ‘falar’ não é lexicalmente recíproco. Para tanto, é necessário incluir o pronome clítico *se*. Em (171), a reciprocidade é determinada pelas propriedades lexicais do verbo, e o pronome *se* não precisa ocorrer.

Seguindo uma tradição de estudos sobre VR em inglês, a autora propõe que esses verbos apresentam duas realizações sintáticas: a forma simples (simétrico) e a forma descontínua (assimétrico), conforme ilustrado a seguir.

- (171’) a. João e Maria conversaram. [VR]
b. João conversou com Maria. [VR]

Segundo Godoy, autores como Fillmore (1968), Lakoff e Peters (1969), Borillo (1971), Emonds (1976), e Kayne (1994) (citados pela autora) afirmam que as formas simples e descontínua no inglês são sinônimas. No entanto, Godoy (2010, p. 112) defende “a hipótese de que as formas simples e descontínua não são sinônimas, a fim de corroborar a hipótese de Dowty (2001) de que as alternâncias de diátese são também alternâncias de sentido”. Na presente análise, a estrutura argumental dos verbos recíprocos é a mesma nas duas construções que alternam, e consideramos que não há violação do Critério Theta um postulado de Chomsky que diz que “cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento” (MIOTO et al. 2000, p. 96).

Neste trabalho, não vamos nos deter na discussão sobre a mudança de sentido, pois nosso interesse está na interpretação de reciprocidade, que está presente tanto na forma simples quanto na forma descontínua. De acordo com Godoy (2008, 2009, 2010), a diferença de significado não está na interpretação de reciprocidade, pois esta interpretação é uma propriedade lexical do verbo.

Nesse sentido, assumimos a proposta de Godoy (2008, 2009, 2010), e adotamos a distinção sintática entre *formas simples*²⁹ e *formas descontínuas*. A *forma simples (simétrica)* denota a reciprocidade por um só argumento externo, realizado como sujeito composto ou no plural. A *forma descontínua (assimétrica)* denota a reciprocidade separadamente por dois argumentos, ou seja, um argumento é realizado na posição de sujeito ou objeto, e o outro argumento ocorre em um sintagma preposicionado.

²⁹ A expressão formas ‘simples’ é usada em oposição a forma descontínua. Não deve ser confundida com ‘verbos simples’, em oposição a ‘verbos com concordância’.

Essas formas apresentam duas estruturas, dependendo da transitividade do verbo: verbos intransitivos ocorrem na estrutura [x V (P z)] e verbos transitivos ocorrem na estrutura [x V y (P z)], conforme o modelo de Godoy (2008, 2009, 2010). Em (171), acima, foi ilustrada a estrutura VR intransitiva, e em (172), a seguir, ilustramos a VR transitiva³⁰:

- (172) a. João e Maria negociaram o carro.
b. João negociou o carro com a Maria.

Em (172a), os argumentos recíprocos ‘João e Maria’ ocorrem na posição de sujeito e o argumento ‘o carro’ é realizado na posição de objeto direto. Em (172b), os argumentos recíprocos são realizados separadamente: o argumento ‘João’ ocorre na posição de sujeito, e o argumento ‘Maria’ é marcado pela preposição *com* e ocorre na estrutura interna do predicado, assim como o objeto direto.

A seguir, passamos a aplicar a análise de Godoy (2008, 2009, 2010) aos dados da Libras.

3.3.2 Verbos recíprocos intransitivos [x V (P z)] na Libras

De acordo com Godoy (2008, 2009, 2010), os verbos recíprocos são intransitivos se selecionam um argumento externo e apresentam a forma *simples* ou *descontínua*. Na forma simples, o argumento é realizado como um sujeito composto ou no plural. Quanto à forma descontínua, apresenta a relação de dois argumentos envolvidos na relação de reciprocidade, realizados em posições sintáticas distintas, sendo um deles na posição de sujeito ou objeto e o outro introduzido pela preposição ‘*com*’.

Apresentamos a seguir uma comparação entre os VRs em línguas orais (PB), conforme apresentados por Godoy (2008, 2009, 2010), e em línguas de sinais, considerando particularmente a Libras, devido ao uso das estruturas recíprocas em suas posições argumentais. Vejamos os exemplos a seguir, com o verbo *brindar* e seu correspondente em Libras, ‘BRINDAR’, abaixo, na forma simples e na forma

³⁰ Em (172a), a sentença admite uma interpretação recíproca e não recíproca. Ou seja, podemos interpretar: ‘João e Maria negociaram o carro *entre si*’, ou ‘João e Maria negociaram o carro *separadamente*’. Essa ambiguidade não interfere na análise, apenas é preciso assumir que existem dois itens no léxico, um marcado como VR e outro não.

descontínua, que ocorre marcado pelo uso da categoria DUAL, que nesse contexto é analisada como categoria pronominal reflexiva recíproca:

- (173) a. João e Maria brindaram. [x V]
 b. João brindou com Maria. [x V P z]



- (173') a'. [JOÃO_x MARIA_y]_i <DUAL_i BRINDAR>_{REC} [x V]

- b'. IX_x JOÃO_x BRINDAR <(JUNTO/COM) IX_y MARIA_y>*do*.

[x V P z]



As sentenças (173a e 173a'), respectivamente do português e de Libras, descrevem a estrutura [x V], em que x é o argumento externo 'João e Maria' e 'JOÃO MARIA', realizado como sujeito composto, e V é o verbo recíproco 'brindaram' e 'BRINDAR'. Na sentença (173a'), o VR 'BRINDAR' realiza movimento oposto e simultâneo com duas CMs similares para denotar a reciprocidade. Nesse caso, a sentença com o VR é realizada na forma *simples* (simétrico).

As sentenças (173b e 173b'), respectivamente do português e de Libras, mostram a estrutura [x V (P) z P], em que x e z são argumentos distintos, ou seja, dois participantes realizados separadamente na sintaxe. O elemento P é a preposição *com*, que ocorre sistematicamente no PB, mas está presente na Libras com o uso do morfema JUNTO/COM³¹. Em (173b'), o verbo intransitivo 'BRINDAR' não é de concordância, porém, o sinal é realizado com as duas CM similares, com movimento oposto e simultâneo. Esse verbo não flexiona pessoa, número e aspecto, no entanto, utiliza o espaço de sinalização. Nesse caso, a morfema JUNTO/ COM corresponde à preposição *com* do PB, mais a direção do olhar (*do*), e marca a relação de reciprocidade. Nessa estrutura, o VR apresenta a forma *descontínua*.

3.3.3 Verbos recíprocos transitivos [(y_(top)) x V (y) (P z)] na Libras

³¹ Mesquita; Salles (2010) propõem um estudo sobre o estatuto preposicional da categoria JUNTO/ COM na Libras.

Vimos anteriormente que Godoy (2008, 2009, 2010) mostrou como exemplo de verbo recíproco transitivo, o verbo ‘negociar’ do PB, ilustrado em (172) e repetido a seguir como (174a) e (174b), na comparação com o verbo sem concordância NEGOCIAR na Libras, ilustrado em (174a’) e (174b’). Nesse sentido, o verbo NEGOCIAR na Libras é um VR e também ocorre na forma simples (simétricos) e descontínua. Na forma simples (simétricos), o argumento externo é realizado por um sujeito composto, conforme ilustrado em (174a) do PB, e (174a’) da Libras. Na forma descontínua, o verbo ‘negociar’ apresenta os dois participantes separados, um na posição de sujeito, e o outro na posição interna do predicado, por meio da preposição ‘com’, no PB, e com preposição JUNTO/COM na Libras, conforme ilustrado em (174b e 174b’). Cabe observar que, em (174b’), o argumento interno ‘CARRO’ está topicalizado. Por hipótese, acontece o movimento a partir da posição interna do predicado para o início da sentença.

- (174) a. A Joana e o pai negociaram o carro. [x V y]
 b. A Joana negociou o carro com o pai. [x V y P z]



- (174’) a’. [J-O-A-N-A_x P-A-I_y]_i <DUAL_i NEGOCIAR>_{REC} CARRO.

[x V y]

- b’. [CARRO]_j_{top} J-O-A-N-A_x <NEGOCIAR [t]_j JUNTO P-A-I_y>_{do}.

[y_(top) x V (y) P z]



Por hipótese, a preposição ‘com’ no PB é uma manifestação, na estrutura sintática, do traço lexical de reciprocidade do verbo na estrutura sintática.³² Nesse sentido, assumimos que uma categoria equivalente está presente na estrutura do predicado na Libras, o que explica o licenciamento da relação de reciprocidade entre o argumento externo, na posição de sujeito, e o argumento recíproco na estrutura interna do predicado. Em alguns casos, essa categoria assume a forma de movimento direcional (*DIR*³³), em

³² A presença da informação lexical de reciprocidade, no verbo, junto com a preposição ‘com’ pode ser vista no verbo ‘concordar com’, que se opõe a ‘discordar de’, com mudança do prefixo, conforme observa Heloisa Salles (em comunicação pessoal).

³³ Remetemos o leitor para o trabalho de Meir (2004), que identifica o morfema *DIR* em verbos de concordância. Em Mesquita (2019), o morfema *DIR* é analisado como marca de caso dativo.

outros casos assume a forma explícita da categoria preposicional JUNTO/ COM na Libras.

Na discussão de outros exemplos, como SEPARAR e AFASTAR (verbos sem concordância, na Libras), verificamos que podem denotar a reciprocidade. Observamos esses dois verbos em PB apresentam a mesma estrutura sintática e semântica, com a alternância entre a *forma simples* e *forma descontínua*, mas o uso da preposição é diferente. No exemplo (175a), o sujeito é composto, e o verbo é recíproco Libras, marcado pelo uso da categoria DUAL, que analisamos como categoria pronominal reflexiva recíproca. Na forma descontínua é preciso usar a apontação para indicar o referente ‘x’ e o referente ‘y’ e a direção do olhar para tornar a interpretação recíproca.

(175) a. [D-A-V-I_x C-A-R-L-A_y]_i <DUAL_i SEPARAR>_{REC}

Davi e Carla se separaram.

(forma simples)



b. IX_x D-A-V-I_x SEPARAR <IX_y C-A-R-L-A_y>_{do}

Davi se separou da Carla. / Carla se separou do Davi.

(forma descontínua)



No exemplo (175b), em PB, o verbo pode não ser lexicalmente recíproco. A interpretação recíproca só ocorre na forma simples (175a), quando o uso do sujeito composto com esse verbo torna a interpretação recíproca. No exemplo (176), em Libras, o verbo é lexicalmente recíproco nas duas formas simples e descontínua. Na forma descontínua é preciso usar pela apontação e pela direção do olhar entre os referentes presentes e não-presentes. Esse verbo AFASTAR não é de concordância e realiza movimento oposto com as duas configurações de mãos similares e simultâneas.

(176) a. [D-A-V-I_x C-A-R-L-A_y]_i <DUAL_i AFASTAR>_{REC}

Davi e Carla se afastaram um do outro.

(forma simples)



b. IX_x JOÃO_x AFASTAR <IX_y MARIA_y>do.

(forma descontínua)



João se afastou de Maria ≠ Maria se afastou de João.

(*não é* forma recíproca descontínua)

Para verificar essas hipóteses, é necessário considerar com mais detalhes os dados da Libras. Na seção seguinte, apresentamos os tipos de marcação gramatical da reciprocidade na Libras, para investigar as estratégias de realização das marcas gramaticais na estrutura sintática.

3.3.4 Tipos de marcação da categoria gramatical de reciprocidade na Libras: ampliando a base de dados

Nesta seção, ampliamos a base de dados, sistematizando as categorias gramaticais marcadoras de reciprocidade em Libras, conforme identificamos nos dados. Na pesquisa de campo, coletamos os verbos em publicações impressas, como o dicionário Capovilla, Raphael e Maurício (2009), e o acesso de dicionário de Libras no INES por meio de rede internacional de computadores (<https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>) e também por meio de rede de bancos de dados (www.signbank.libras.ufsc.br/). Na análise, investigamos a estrutura morfossintática desses verbos da Libras, verificando se há marcação de reflexividade e reciprocidade.

Os quadros a seguir resumem as estratégias de realização da voz reflexiva recíproca em Libras, considerando a reciprocidade como (A) uma alteração da voz verbal, por meio de um processo gramatical, (B) uma propriedade lexical do verbo, e sua manifestação na forma simples (simétricos) e descontínua, e (C) uma propriedade do verbo locativo. Mostramos os tipos de marcação de reciprocidade e em seguida apresentamos sentenças para ilustrar cada verbo em Libras e no PB:

(A) Reciprocidade como alteração da voz verbal

| |
|---|
| Quadro 27 – Marcação de reciprocidade por sinal independente/ categoria AUX com verbo simples (sem concordância) |
|---|

| |
|--|
| LAVAR-CORPO; FERIR-BRAÇO; GOSTAR; ESQUECER (...) |
|--|

| | |
|---|--|
| <p><u>Estrutura A</u></p> <p>IX_{1/2/3} <DUAL [VERBO]>_{REC}</p> <p><u>Estrutura B.1</u></p> <p>IX_{1/2/3} <_{(md)x}-AUX-_y [VERBO] _{(me)y}-AUX-_x [VERBO]>_{REC}</p> <p><u>Estrutura B.2</u></p> <p>_{(md)x}-AUX.DIR-_{y(me)}</p> | <p>→ Marca pronominal recíproca: DUAL, TRIAL</p> <p>→ Espaço de sinalização</p> <p>→ Referentes: 1-2, 1-3, 2-3, 3-3 pessoas</p> <p>→ REC = parâmetro do movimento realizado de forma pendular, com movimento da mão direita (md) para a esquerda e da mão esquerda (me) para a direita.</p> <p>→ Morfema AUX recíproco de trajetória alternada ou com movimento direcional oposto simultâneo</p> |
|---|--|

Na sentença (177), o verbo LAVAR é simples, ou seja, não apresenta concordância e é realizado no espaço neutro de sinalização. Nesse caso, observamos a presença do auxiliar (AUX). O AUX marca a relação recíproca na sentença (a) e tem de ocorrer quando o verbo é simples, isto é, não marca concordância com sujeito e objeto. Na sentença (b), a apontação indica que argumento EDSON é o AGENTE, mas o argumento interno NEIDE é o ALVO/PACIENTE, portanto, não existe reciprocidade e a sentença está na voz ativa.

(177) a. [IX_x EDSON_x IX_y NEIDE_y]_i <_{(md)x}-AUX-_y LAVAR-CORPO
_{(me)y}-AUX-_x LAVAR-CORPO>_i REC

Edson e Neide se lavaram (um ao outro). (voz reflexiva recíproca)



b. IX_x E-D-S-O-N_x V-I LAVAR-CABELO IX_y N-E-I-D-E_y

Edson vai lavar o cabelo da Neide. (voz ativa)



Na sentença (178a), a seguir, observamos o exemplo com o verbo FERIR-BRAÇO. Não é um verbo com concordância. Portanto, devemos usar o morfema 'DUAL' como pronome independente para marcar a reciprocidade entre os referentes. Na sentença

(178b) ocorre a apontação para indicar o referente ‘x’ do argumento na posição de sujeito e o referente ‘y’ do argumento na posição de objeto, e o verbo ocorre na voz ativa.

(178) a. [IX_x SOBRINHO_x IX_y PRIMO_y]_i <DUAL_i FERIR-BRAÇO>_{REC}.

Sobrinho e primo se feriram um ao outro no braço.

(voz reflexiva recíproca)



b. IX_x SOBRINHO_x FERIR-BRAÇO IX_y PRIMO_y.

O sobrinho feriu o primo.

(voz ativa)



| | |
|---|---|
| Quadro 28 – Marcação da voz reflexiva recíproca com movimento na estrutura do verbo com concordância | |
| BRIGAR; BEIJAR; DAR/ENTREGAR; VER/ OLHAR; TRANSFERIR (...) | |
| <p><u>Estrutura</u></p> <p>(<OD/OI>_{top}) <(md)1/2/3-x-[VERBO]_{-y-3/2/1(me)}>_{REC}</p> | <p>→ Sinal realizado com duas mãos (me=md)/(CM=CM)</p> <p>→ Espaço de sinalização</p> <p>→ Referentes: 1-2, 1-3, 2-3, 3-3 pessoas</p> <p>→ REC = verbo do movimento oposto simultâneo</p> |

Na sentença (179), o verbo com concordância DAR possui três argumentos. No exemplo (a), ocorre um argumento do sujeito com o papel temático de AGENTE e o argumento interno na posição de complemento com o papel temático de BENEFICIÁRIO. O argumento interno ‘PRESENTE’ é o objeto direto e se posiciona em tópico. Esse verbo pode marcar a reciprocidade por meio do movimento em direção oposta simultânea em duas CMs similares. No caso (b), ocorre movimento de trajetória (DIR) para acompanhar a orientação do movimento a partir do referente ‘x’ para o referente ‘z’. O argumento ‘PRESENTE’ é o objeto e ocorre na posição de tópico, nesse caso a sentença está na voz ativa.

- (179) a. PRESENTE_{top} [FRANK_x LUCILÉIA_y]_i <_(md)x-DAR-_y(me)>_i REC
Frank e Luciléia se deram um presente (um ao outro).
 (voz reflexiva recíproca)



- b. [PRESENTE_i]_{top} FRANK_x <_x-DAR.DIR-_z [t]_i zLUCILÉIA>_{do}.
O Frank deu presente para a Luciléia. (voz ativa)



Em (180), o exemplo BRIGAR é um verbo com concordância, e podemos usar uma mão ou duas mãos de acordo com essas estruturas. Veja no exemplo (180a), o verbo possui um argumento externo como um sujeito composto (PEDRO e IX_{1s}). O verbo é realizado com duas mãos, em movimento oposto e simultâneo, para realizar a posição dos referentes, pois assume a reciprocidade. No exemplo (b), o verbo pode ser realizado com uma mão dominante, e o referente ‘x’ é a origem da trajetória do movimento que vai para o referente ‘z’, juntamente pela direção do olhar (*do*).

- (180) a. B-A-R [IX_{3s} PEDRO IX_{1s}]_i <_(md)1-BRIGAR-₃(me)>_i REC.
Pedro e eu brigamos no bar. (voz reflexiva recíproca)



- b. PEDRO_x <_x-BRIGAR.DIR-_z zJOSÉ>_{do}. (voz ativa)
O Pedro brigou com o José.



(B) Reciprocidade como propriedade lexical do verbo (Verbo Recíproco)

| | |
|--|---|
| Quadro 29 – Marcação da voz reflexiva recíproca por morfema pronominal DUAL com verbos sem concordância [ancorado no corpo] | |
| PASSEAR; CHOCAR; ABRAÇAR (...) | |
| Verbo recíproco intransitivo (x V [P] z) | |
| Forma simples (x V) | → Marca pronominal: DUAL, TRIAL... → Espaço de sinalização |

| | |
|--|---|
| <u>Estrutura</u> IX _{1/2/3} <DUAL [VERBO]> _{REC} | → Referentes: 1-2, 1-3, 2-3, 3-3 pessoas → REC = parâmetro do movimento realizado de forma pendular, com mão dominante para a esquerda e para a direita. |
| Forma descontínua (x V [P] z) | → Marca pronominal independente: apontação IX _{1/2/3} → Argumentos recíprocos: referente ‘x’ e referente ‘z’ |
| <u>Estrutura</u> IX _x [VERBO] <(JUNTO) IX _z > <i>do</i> | → Espaço de sinalização → Sinal JUNTO marca o argumento recíproco na estrutura interna VR → Movimento de direção do olhar (<i>do</i>) |

Em (181a) o argumento externo tem dois referentes no espaço de sinalização, que podem formar a relação recíproca com o uso do morfema ‘DUAL’ e o verbo PASSEAR, ocorrendo a forma simples. O dado (181b) tem a marca do argumento recíproco na estrutura interna do predicado com o sinal JUNTO entre os referentes, ocorrendo à forma descontínua.

(181) a. IX_{3pl}_i <DUAL_i PASSEAR>_{REC} PRAÇA. (Forma simples)
Eles passearam na praça (um com o outro).



b. PRAÇA_{top} HELY_x PASSEAR <JUNTO FILHA_z>*do*
Hely passou com a filha na praça. (Forma descontínua)



| | |
|---|---|
| Quadro 30 – Marcação da voz reflexiva recíproca por morfema pronominal DUAL com verbos simples (sem concordância) [espaço neutro] e verbos manuais | |
| ENCONTRAR; ESGRIMIR (armas/florete); COMPETIR (...) | |
| Verbo recíproco intransitivo (x V [P] z) | |
| Forma simples (x V) | → Marca pronominal: DUAL, TRIAL... → Espaço de sinalização → Referentes: 1-2, 1-3, 2-3, 3-3 pessoas |

| | |
|---|---|
| <p style="text-align: center;"><u>Estrutura A</u></p> <p style="text-align: center;">IX_{1/2/3} <DUAL [VERBO]>_{REC}</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura B</u></p> <p style="text-align: center;"><(md)1/2/3-x-[VERBO]-y-3/2/1(me)>_{REC}</p> | <p>→ REC = Parâmetro do movimento realizado pela mão dominante de forma pendular para a esquerda e para a direita.</p> <p>→ Sinal lexicalmente recíproco independente com duas mãos similares.</p> <p>→ me = md: classificador de pessoa, instrumento</p> <p>→ REC = verbo do movimento oposto simultâneo</p> |
| <p style="text-align: center;">Forma descontínua (x V [P] z)</p> | <p>→ Marca pronominal: apontação IX_{1/2/3}</p> <p>→ Espaço de sinalização</p> <p>→ Referente 'x' e referente 'z'</p> |
| <p style="text-align: center;"><u>Estrutura</u></p> <p style="text-align: center;">IX_x <[VERBO] (JUNTO) IX_z><i>do</i></p> | <p>→ Argumento recíproco na estrutura interna do predicado marcado por sinal JUNTO</p> <p>→ Movimento de direção do olhar (<i>do</i>)</p> |

A sentença (182a) é uma forma simples, que tem um sujeito composto como argumento externo. A estrutura do verbo ENCONTRAR se relaciona com o tipo intransitivo. Esse verbo é marcado lexicalmente como recíproco. No espaço de sinalização, é marcada a relação entre os referentes 'x e y'. O sinal ENCONTRAR tem duas configurações de mão similares e movimentos opostos e simultâneos. Na sentença (182b), a estrutura muda em relação à estrutura (a). É preciso usar o espaço entre os referentes para formar a estrutura como descontínua. O verbo ENCONTRAR é sem concordância (simples). O referente do argumento na posição de sujeito 'x' é indicado por apontação. O referente do argumento na posição de objeto 'z' é realizado pela direção do olhar (*do*).

(182) a. BAILE_{top} [S-U-E-L-I_x A-I-L-T-O-N_y]_i <(md)x-ENCONTRAR-y(me)>_i REC.

Sueli e Ailton se encontraram no baile. (Forma simples)



b. BAILE_{top} IX_x S-U-E-L-I_x <ENCONTRAR IX_z A-I-L-T-O-N_z>*do*.

A Sueli encontrou (com) o Ailton no baile. (Forma descontínua)



Na sentença (183a), a seguir, o verbo ESGRIMIR denota um verbo manual, que relaciona os referentes no espaço de sinalização, portanto, o sujeito é composto com

marca numeral recíproca ‘DUAL’ e também esse verbo pode realizar o movimento oposto e simultâneo com as duas CMs similares, que descrevem o evento de segurar o florete com a mão. A posição do sujeito realiza o argumento externo. O verbo é recíproco, e ocorre na forma simples. A sentença (183b) apresenta a forma descontínua quando os argumentos recíprocos ocorrem separados na estrutura do verbo. Um argumento ocorre na posição de sujeito, e a direção do olhar (*do*) vai apontar o referente ‘x’ para ‘z’.

(183) a. [ALEMÃO_x RUSSO_y]_i <DUAL_i ESGRIMIR>_{REC} FORTE.

Alemão e russo se esgrimiram fortemente com florete.

(Forma simples)



b. IX_x ALEMÃO_x <ESGRIMIR IX_z RUSSO_z>_{do}.

O alemão esgrimiou com o russo.

(Forma descontínua)



| Quadro 31 – Marcação da voz reflexiva recíproca com pronome DUAL com verbo simples (sem concordância) | |
|---|---|
| CONCORDAR; COMBINAR; DISCUTIR; CONVERSAR (...) | |
| Verbo recíproco transitivo ([y _(top)] x V (y) [P] z) | |
| Forma simples (x V y) | <ul style="list-style-type: none"> → Marca pronominal: DUAL, TRIAL... → Espaço de sinalização → Referentes: 1-2, 1-3, 2-3, 3-3 pessoas → REC = parâmetro do movimento da mão dominante com realização pendular para a esquerda e para a direita. → Sinal lexicalmente recíproco independente com uma mão e/ou duas mãos. → Sinal realizado com duas mãos (me=md)/ (CM=CM) → REC = verbo do movimento oposto simultâneo |
| <p style="text-align: center;"><u>Estrutura A</u></p> <p style="text-align: center;">IX_{1/2/3} <DUAL [VERBO]>_{REC}</p> <p style="text-align: center;"><u>Estrutura B</u></p> <p style="text-align: center;">IX_{1/2/3} <(md)1/2/3-x-[VERBO]_{-y-3/2/1(me)}>_{REC}</p> | |

| | |
|--|---|
| <p>Forma descontínua ([y_(top)] x V (y) [P] z)</p> | <p>→ Marca pronominal: apontação IX_{1/2/3} → Espaço de sinalização → Referente ‘x’ e referente ‘z’ → Argumento recíproco na estrutura interna do predicado marcado por sinal JUNTO → Movimento de direção do olhar (<i>do</i>)</p> |
| <p><u>Estrutura</u> (<OD/OI>_{top}) IX_x <[VERBO] (JUNTO) IX_z><i>do</i></p> | |

Na sentença (184a), o exemplo de CONCORDAR é um verbo sem concordância que realiza duas CMs similares e movimento oposto simultâneo. Esse verbo possui dois argumentos, um na posição de sujeito, ‘HELY’, ‘GEYSE’, e outro na posição de objeto, ‘PREÇO’, por isso é um verbo recíproco transitivo. Quando recebe um sujeito composto, o verbo ocorre na ‘forma simples’. Nesse caso, podemos usar o pronome independente ‘DUAL’ para realizar a voz reflexiva recíproca na estrutura. Na sentença (184b), há o uso de apontação dos referentes. Nesta sentença, o verbo CONCORDAR ocorre na forma descontínua, então é marcado o ponto de localização do referente ‘x’ e depois o referente ‘z’ com uso de preposição JUNTO. Essa relação é marcada pela direção do olhar (*do*).

(184) a. [[HELY GEYSE]_x]_i <DUAL_i CONCORDAR>_{REC} [PREÇO GELADEIRA]_y.
Hely e Geyse concordaram no preço da geladeira.

(Forma simples)



b. <PREÇO GELADEIRA_i>_{top} IX_x HELY_x <CONCORDAR [t]_i JUNTO IX_z GEYSE_z>*do*.

O Hely concordou com a Geyse no preço da geladeira.

(Forma descontínua)



Mostramos na sentença (185a), o exemplo com o verbo COMBINAR. É um sinal que marca a reciprocidade lexicalmente, mas tem duas configurações de mão *não* similares. Esse verbo possui um argumento externo que é realizado por um sujeito composto ou no plural, na ‘forma simples’, e o argumento interno ‘HORA CINEMA’,

realizado na posição de complemento do verbo. Por isso é uma sentença com verbo recíproco transitivo. Na sentença (185b), o verbo transitivo recíproco e os dois argumentos são realizados na ‘forma descontínua’: um deles ocorre na posição de sujeito e o outro na estrutura do sintagma verbal, com o uso do sinal JUNTO/ COM. Por essa razão, a estrutura tem a ‘forma descontínua’. A relação entre os referentes é marcada pela direção do olhar (*do*).

(185) a. [JOÃO MARIA]_x]_i <DUAL_i COMBINAR>_{REC} [HORA CINEMA]_y.

João e Maria combinaram a hora do cinema. (Forma simples)



b. <HORA CINEMA_i>_{top} IX_x JOÃO_x <COMBINAR [t]_i JUNTO IX_z MARIA_z>_{do}.

O João combinou o horário do cinema com a Maria.

(Forma descontínua)



(C) Mudança de lugar entre argumentos (internos) locativos com verbos espaciais

Nesse caso, a sentença não é reflexiva, pois o argumento na posição de sujeito não é afetado. O uso do movimento com as duas mãos em direção oposta afeta os argumentos internos (TEMA), indicando mudança de lugar simultânea.³⁴

| |
|--|
| Quadro 32 – Uso do movimento direcional para marcar mudança de posição do argumento locativo com verbos espaciais |
|--|

| |
|---|
| COLOCAR; PEGAR; RECEBER; IR; SAIR (...) |
|---|

³⁴ Agradecemos à Profa. Rozana Naves por ressaltar que nesse caso a sentença não está na voz reflexiva recíproca, apenas descreve uma situação em que dois argumentos (internos) são afetados simultaneamente. Nesse sentido, constatamos que o uso da estratégia “movimento com as duas mãos em direção oposta” não é restrito à codificação da voz verbal recíproca.

| | |
|--|--|
| <p><u>Estrutura</u></p> <p>(<OD/OI>_{top}) LocIX_x LocIX_y <(md)x-[VERBO.DIR].-y(me)>LOC</p> | <ul style="list-style-type: none"> → Espaço de localização → Loc = parâmetro do movimento das duas mãos duplicadas → md=me: verbo do movimento locativo → Referente presente e não-presente (1ª, 2ª, 3ª pessoa) → Uso pronominal: apontação IX_{1/2/3} → Referente ‘x’ e referente ‘y’ → Argumento locativo na estrutura interna do predicado marcado por movimento direcional oposto |
|--|--|

O verbo espacial COLOCAR pode expressar a mudança de posição do argumento locativo pelo uso do movimento oposto simultâneo. Consideramos que a sentença (186) é interessante para expressar uso do espaço e do afixo locativo. O verbo COLOCAR seleciona um argumento externo ‘IX_{3s}’ (ele) e dois argumentos internos: o argumento *TEMA* ‘PEDRA_x’/ ‘PEDRA_y’, incorporado ao verbo, e o argumento *LOCATIVO* realizado em dois pontos de localização ‘x’ e ‘y’, na formação da estrutura do sinal. A CM realiza movimento oposto e simultâneo para indicar a mudança de lugar do argumento interno PEDRA+ (não do argumento externo).

(186) [LocPEDRA_x LocPEDRA_y]_i IX_{3s} <(md)x-COLOCAR.DIR.-y(me)>_i LOC

As pedras, ele colocou/ transferiu de um lugar para outro.



Na sentença (187), o exemplo é semelhante ao exemplo (186). Mostramos o argumento locativo ‘MESA’ que vai para tópico da estrutura. O verbo PEGAR seleciona três argumentos: o argumento externo ‘IX_{1s}’, realizado como sujeito, o argumento interno (no plural) ‘COPO+’, realizado como objeto, e o argumento locativo. Por hipótese, as mãos duplicadas com movimento oposto simultâneo descrevem ação em forma de pegar

dois objetos ‘LocCOPO_x’, ‘LocCOPO_y’, e realizam a transferência de lugar, por um movimento direcional oposto.

(187) <MESA ESCRITÓRIO>_{top} [LocCOPO_x LocCOPO_y]_i IX_{3s} <(md)x-PEGAR.DIR-y(me)>_i LOC
Ele pegou/transferiu os copos de um lado ao outro na mesa de escritório.



| Quadro 33 – Marcação da voz reflexiva recíproca com verbo-classificador e de movimento oposto simultâneo | |
|--|--|
| PASSAR (pessoa+); CRUZAR (pessoa+) (...) | |
| <p><u>Estrutura</u></p> <p>(<OD/OI>_{top}) IX_x CL_x IX_y CL_y <(md)x-[VERBO.DIR]-y(me)>_{REC}</p> | <ul style="list-style-type: none"> → Espaço de localização → CL_(md) = CL_(me): classificador como pessoas, objetos (+/- animado), veículos → Uso pronominal: apontação IX_{1/2/3} → Referente ‘x’ e referente ‘y’ → Sinal realizado com duas mãos duplicadas → REC = verbo do movimento oposto simultâneo |

Na sentença (188), o verbo PASSAR é um verbo de movimento, que seleciona dois argumentos (pessoas) que realizam o movimento. O referente ‘x’ e o referente ‘y’ são realizados no espaço de localização por dois classificadores de movimento que descrevem duas trajetórias, (CL_x) e (CL_y) que coincidem ou se cruzam, indicando reciprocidade (REC).

(188) PRAÇA_{top} [POLÍCIA_x CL_x:G1_(md) TIO_y CL_y:G1_(me)]_i <(md)x-PASSAR.DIR-y(me)>_i REC
Policia e titio passaram um pelo outro na praça.



3.4 Considerações parciais

Neste capítulo, investigamos a realização da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na Libras. Apresentamos inicialmente as propriedades sintáticas da anáfora reflexiva na Libras. Por meio de testes sintáticos, verificamos que a Libras está de acordo

com as previsões da teoria da ligação, conforme formulada em Chomsky (1986, 1995, *apud* Mioto et al. 2007). Em nossa análise, mostramos que a Libras tem categorias pronominais específicas para marcar a reflexividade. Essas categorias ocorrem de forma sistemática com verbos sem concordância (simples) e com verbos manuais. Vimos também que, em estruturas com verbos com concordância, a reflexividade é marcada pela orientação do movimento do verbo para o corpo do sinalizante (e do movimento de cabeça e da direção do olhar). Na voz reflexiva recíproca, identificamos o uso do sinal DUAL, que ocorre como uma categoria pronominal anafórica, e o uso do movimento realizado pelas duas mãos com a mesma configuração e movimento com orientação oposta ou o uso da mão dominante que realiza o movimento direcionado de um referente para o outro. Finalmente, tratamos dos verbos recíprocos. Os verbos recíprocos são realizados em duas estruturas: (1) a forma simples, com sujeito composto ou no plural, e uma marca gramatical da reciprocidade realizada pelo morfema ‘DUAL’, realizado como anáfora pronominal, ou pelas duas mãos com movimento em direção oposta; (2) a forma descontínua, em que um argumento está na posição de sujeito e o outro argumento é realizado na estrutura interna do predicado e são ligados pela direção do olhar (*do*) ou pelo sinal JUNTO/ COM. No contexto dessa discussão, analisamos ainda o caso de verbos espaciais, em que ocorre mudança de lugar entre os argumentos locativos, por meio de CM que realiza movimento oposto e simultâneo – um tipo de movimento recíproco. Identificamos também a realização da voz reflexiva recíproca com verbos-classificadores, em que os dois referentes são realizados por meio de mãos duplicadas que realizam a trajetória coincidente ou em direção oposta.

Passamos, no capítulo 4, à apresentação de sentenças da Libras na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca em situações de uso, considerando o tipo de estratégia de marcação gramatical e o tipo de verbo.

Na análise, verificamos que a Libras (e as línguas de sinais em geral) apresentam estratégias diferenciadas de marcação da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca. Em particular, verificamos que existem anáforas pronominais livres e o uso de anáforas pronominais realizadas como categorias afixais, pelo movimento direcional na estrutura do verbo. Tais estratégias se relacionam com o tipo de verbo – simples ou com concordância. Mostramos também as estruturas na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca, em contraste com a voz ativa. Concluimos que essa distinção é uma propriedade universal das línguas naturais.

A VOZ REFLEXIVA E RECÍPROCA NA LIBRAS EM USO

Como vimos no capítulo anterior, a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca da Libras se manifestam no espaço pela apontação e marcação dos pontos de localização de seus referentes. Esse espaço de sinalização é usado para expressar naturalmente cada entidade que tem o seu significado no discurso. Nesse sentido, verificamos que a estrutura linguística da língua em uso é bastante rica e a pesquisa deve investigar tudo que apresenta no seu espaço físico em frente e ao redor do sinalizante.

Neste capítulo, apresento as estratégias de ligação dos referentes por meio de propriedades anafóricas da Libras, que é uma língua natural, em situações de uso da Libras. Nessas estratégias, o falante combina os pontos referenciais para tornar claro e objetivo os referentes, usando os sinais de apontação, particularmente pronomes pessoais e anáforas reflexivas e anáforas reflexivas recíprocas. Isso evidentemente traz os mecanismos linguísticos da língua em uso. Numa perspectiva da estrutura sintática e semântica na realização discursiva dos argumentos do predicado, apresentamos tal importante assunto deste capítulo.

O estudo das características da voz reflexiva e recíproca da Libras propõe ocorrências dessa manifestação, que é realizada por meio de busca das estratégias marcadas gramaticais nessa língua. Portanto, se trata dos verbos reflexivos e recíprocos mais presentes na língua em uso na Libras, e podem ser comparados com PB na gramática tradicional. Para esse estudo, buscamos identificar enunciados com os sinais que marcam a reflexividade e a reciprocidade, em uso no diálogo e outro tipo de narrativa, que pode se manifestar na Língua de Sinais Brasileira (Libras), em situações diferentes.³⁵

³⁵ Conforme observa a Profa. Heloisa Salles (em comunicação pessoal), os estudos gerativistas utilizam amplamente dados criados fora do contexto discursivo para a análise e verificação de hipóteses – ainda que essa criação seja feita com base em situações discursivas hipotéticas. Essa decisão metodológica sustenta-se no pressuposto de que o falante tem como atributo inato a capacidade de julgar os enunciados de sua língua, pelo ponto de vista da gramaticalidade e da aceitabilidade. O procedimento metodológico inclui a consulta a outros falantes da língua para emitir julgamento em relação à gramaticalidade/ aceitabilidade dos dados. Alternativamente, é possível usar dados coletados em situações de uso (espontâneo) da língua, em gravações, vídeos, em textos escritos (estes últimos cruciais em estudos diacrônicos). No caso dos usos espontâneos, existem limitações, como a própria ocorrência dos dados (especialmente se for um fenômeno morfossintático) e o efeito dos truncamentos e das hesitações inerentes a essas situações de uso da língua. Dessa forma, os estudos gerativistas têm adotado diferentes estratégias metodológicas de coleta de dados, para verificar as hipóteses, e assim avançar o conhecimento científico dos fenômenos investigados.

O capítulo está organizado em 4 seções: na seção 4.1, apresento objetivos e procedimentos metodológicos. Na seção 4.2, examino a voz reflexiva em uso e a coleta de dados para descrição morfosintática das estratégias gramaticais observadas. Na seção 4.3, examino a voz recíproca em uso e a coleta de dados para descrição morfosintática das estratégias gramaticais observadas. Por fim, na seção 4.4, descrevo a síntese deste capítulo para considerações parciais.

Na próxima seção, apresentaremos objetivos da pesquisa e seus aspectos metodológicos em organização e seleção de dados.

4.1 Objetivos do capítulo e aspectos metodológicos

Para melhor compreensão dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, destacamos que é exploratória e descritiva. O principal objetivo deste capítulo da tese é retomar a descrição morfosintática e a análise linguística dos dados da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca na Libras, raciocinando sobre a estrutura argumental dos verbos e a presença de estratégias gramaticais específicas na estrutura sintática, tomando por referência situações de uso da língua.

Anteriormente, levantamos as bases teóricas que foram utilizadas durante a pesquisa de doutorado. Primeiramente coletamos e analisamos os dados de Ferreira-Brito (1995), que apresentou a co-referência em Libras dentro da literatura. As autoras Quadros (1997), Quadros & Karnopp (2004) buscaram descrever a marcação de reciprocidade, considerando, em especial, na ASL, e comparando com a Libras. Essas autoras foram inspiradoras para nosso trabalho de pesquisa linguística e apresentam uma obra relevante para o conhecimento teórico e técnico da gramática de Libras.

Neste capítulo, apresentamos um levantamento de dados linguísticos em situações de uso da Libras. Nesse sentido, desenvolvemos uma base fundamental para a análise, de caráter real. Com esses dados, buscamos mostrar como se estrutura a correferência entre os argumentos para que a sentença seja realizada e estruturada na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca na Libras.

A respeito do corpus da pesquisa, foi feita a realização de recortes. Alguns enunciados são mais extensos, outros são mais curtos, tendo em vista nosso objetivo de descrever as categorias morfosintáticas que marcam correferência entre os argumentos, em um domínio sintático mínimo de vinculação, que resulta no uso da anáfora reflexiva e da anáfora reflexiva recíproca. Nesse caso, foram selecionados os contextos com sinais

produzidos pelos surdos sinalizantes nativos, em que constatamos que existe a realização dos argumentos dos verbos por um mesmo referente.

Nestes dados, investigamos materiais virtuais (vídeos postados por meio de redes virtuais de Instagram, Youtube e dentre outros), cenas com entrevistas sinalizadas no “Corpus de Libras”, no escopo do projeto do “Inventário Nacional de Libras”, organizado pela UFSC. Desses corpus coletados, selecionamos alguns vídeos disponíveis com entrevistas de surdos sinalizantes fluentes de Libras em projeto Surdos de Referência. Os surdos sinalizantes adquiriram a língua de sinais como língua nativa (L1), e pertencem a famílias de pais surdos e não-surdos. Esses sinalizantes de Libras se sentem mais tranquilos e confortáveis na hora de gravação de vídeos, em que podem ser relacionados aos tipos de sequências textuais, conversação em narrativa. Esses materiais postados no Corpus de Libras servem para contribuir para a comunidade surda que podem analisar dados para sua pesquisa.

Após observar esses materiais, verificamos as marcações gramaticais da voz reflexiva e reflexiva recíproca em sentenças da Libras. O objetivo foi ter o registro de dados da Libras produzidos por surdos sinalizantes em diferentes situações e contextos de fala/ sinaliza (espontânea ou semi-estruturada). Para tanto, assumindo a hipótese da GU, promovemos a discussão sobre a Libras e mostrando a tradução de PB, apresentamos os detalhes descritivos das estruturas sintáticas, concluímos a demonstração das estruturas para abordar os quadros com tipos de todas as marcações gramaticais.

Quadros (2016) apresenta o grupo de pesquisa do Corpus de Libras organizado pela UFSC que propõe a realização das transcrições de língua de sinais já utilizadas. A proposta do manual de transcrição da versão atual é de 2019. Essa versão sofreu alguns ajustes para incluir novos aspectos de transcrição atualizados para não ter mais problemas de utilizar do software ELAN (*Eudico Language Annotator*) por meio de anotação de “visualização de vídeos e a correlação dos dados escritos com os dados nos próprios vídeos” (p. 20).

Quadros (2016) afirma que a transcrição de dados do Corpus de Libras precisa de convenção e seja padronizado para todo o país. Esse desenvolvimento de análises é para ter os resultados com o auxílio do ELAN que os pesquisadores podem optar por um jeito de desenvolver a transcrição detalhada, com o objetivo de facilitar as anotações de fala e/ou sinais associados às gravações em vídeo.

“Dessa forma, a transcrição precisa de convenção e padronização. Nessa linha, o autor propõe o uso de glosas da língua escrita de forma padronizada e sistemática, e com consistência nas transcrições de línguas de sinais. As vantagens que o autor apresenta sobre o uso de glosas incluem a simplicidade, a economia de símbolos e a facilidade de acessar a transcrição (pois é mais fácil ler as glosas a ler os sinais). As glosas permitem o acesso aos sinais de forma mais eficiente e rápida.” (JOHNSTON, 1991 *apud* QUADROS, 2016, p. 15)

Para a análise de dados, usamos a notação dos sinais por meio de glosas com palavras da Língua Portuguesa, como Quadros explicou. Usamos o banco de dados dos sinais do Identificador de Sinais para “Libras Signbank” no site <https://signbank.libras.ufsc.br/>, analisamos os sinais identificados e assim foi possível investigar os sinais adicionais e considerar as variantes, para elaborar a descrição linguística. Além disso, neste trabalho, para a análise linguística, cada vídeo coletado e recortado terá uma transcrição por meio de glosas, para facilitar sua interpretação. A tradução em língua portuguesa não foi considerada na análise, pois não é tradução literal.

Nas próximas seções, trataremos analisar os dados coletados em formas específicas na voz reflexiva e reflexiva recíproca para o quadro de análise e descrição morfossintática das estratégias marcadas.

4.2 A voz reflexiva em uso: ilustração e descrição morfossintática das estratégias coletadas

Nesta seção, tratamos do uso da voz reflexiva que é apresentada por ligação anafórica, em que o sujeito é idêntico ao objeto, portanto, selecionamos alguns verbos reflexivos que podem exibir concordância de objeto (ao invés de sujeito). Nesse sentido, as construções básicas reflexivas e não-reflexivas na Libras podem ter estudados por diferentes perspectivas nas LSs. Entendemos esse domínio reflexivo para a correferência entre o sujeito e objeto em uma única entidade, ou seja, o corpo naturalmente é associado com o argumento único do predicado.

Conforme descrito no Capítulo 3, o morfema que marca a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca não pode ficar sozinho sem combinação com um antecedente. Isso não permite interpretar como anáfora reflexiva, ou seja, se os argumentos têm o mesmo referente não sai a forma de sentença transitiva. Então podemos verificar as relações entre os verbos reflexivos e seus argumentos. Testamos essa hipótese para garantir evidências

das estratégias marcadas, com base nas imagens recortadas para análise e descrição da pesquisa nos processos de correferência dos argumentos das sentenças.

Conforme exposto nesta seção, as estratégias coletadas como os dados serão analisados de forma essencialmente descritiva, os quais servem à análise de corpus a respeito da construção da estrutura argumental dos verbos, considerando as classes verbais encontradas na Libras.

Na seção seguinte, apresentamos estratégias de cada sentido em vez de marcar gramatical da voz reflexiva. Selecionamos alguns verbos para análise e descrição morfosintática que foram obtidos por meio de vídeos de surdos sinalizantes da Libras como demonstramos a seguir.

4.2.1 Estratégia 1

Essa estratégia trata do sinal ‘REFL_{MESM@}’. Esse elemento marca ação do verbo em que os argumentos têm o mesmo referente. Este estudo revelou a marca gramatical reflexiva que pode ser usada para a indicação da referência:

- (i) Mão direita da palma para baixo, bater dois vezes das costas da mão esquerda da palma para baixo;
- (ii) Mão direita em ‘V’, palma para esquerda, balançar a mão para cima e para baixo.

Quadro 34: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_1

(189)



(Libras):

IX(você) ENTENDER [IX(eu) [POSS] ESFORÇAR] IGUAL IX(você) LÍNGUA-DE-SINAIS IX(você) PRECISAR ESFORÇAR CORRIGIR IX(eu) FALAR IX(você) E(positivo) TROCA-TROCA IMPORTANTE IX(você) SENTIR

(PB):

“Eu sei, me esforço, é igual você com a Libras, você se esforça pra corrigir quando eu te falo e há essa troca, é importante sentir isso!”

Análise e descrição morfossintática

| | | |
|---|---|--|
|  |  |  |
| [...] IX _{1si} | REFL _{MESM@i} | ESFORÇAR [...] |

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|--|-------------------|----------------|------------|
| ESFORÇAR (ação-processo) $x_i \leftrightarrow x_i V$ | Simplex | IX _{1s} ↕ REFL _{MESM@} | [_] | Experienciador | NP/ DP |

Fonte: Elaborado pelo autor.


A observação em (189), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo ESFORÇAR descreve uma ação-processo com verbo intransitivo, que deve indicar um predicado para acarretar a propriedade de EXPERIENCIADOR, assim: x/ x ESFORÇAR $\rightarrow x/ x V$. O sinal REFL_{MESM@} marca a correferência com ‘IX_{1s}’, que é argumento externo na posição do sujeito.³⁶

4.2.2 Estratégia 2


Essa estratégia trata do sinal ‘REFL_{PRÓPRI@}’. Esse elemento indica que o argumento na posição sujeito do verbo tem o mesmo referente do argumento na posição de objeto. A posição do sinal fica em anteposição ou posposição ao verbo. Este estudo revelou que a marca de posse pode ser usada como um morfema gramatical reflexivo.

³⁶ Nesta análise, a presença do sinal REFL_{MESM@} / REFL_{PRÓPRI@} é o critério para a identificação da estrutura como reflexiva (no sentido de manifestar uma relação de correferência). Dessa forma, não fazemos a distinção observada no português entre o verbo na **voz reflexiva** e o **verbo pronominal** (ou voz média) (veja Capítulo 1) – Hely vestiu Alyce [x V y] / Hely se vestiu (a si mesmo) [$x_i \leftrightarrow y_i V$]; Hely se expressou (*a si mesmo) / (por si mesmo) [$x_i \leftrightarrow x_i V$].

- (i) Mão esquerda aberta, palma para direita e mão direita em ‘P’, palma para esquerda, bater direto uma vez com a mão esquerda;
- (ii) Mão esquerda aberta, palma para direita e mão direita em ‘P’, palma para baixo, bater direto uma vez com a mão esquerda aberta e mão direita aberta, palma para dentro bater uma vez no peito (PRÓPRI@-IX_{1s}.POSS (ME@) e/ou fazer o sinal IX_{3s}.POSS (DEL@) e IX_{2s}.POSS (SE@);
- (iii) Mão direita em ‘K’, palma para dentro ou baixo, encostar na testa da ponta do dedo indicador ou médio, mover para o peito com a ponta do dedo médio;
- (iv) Mão direita em ‘K’, palma para dentro, encostar o peito com duas vezes a ponta do dedo médio.

| Quadro 35: Análise do dado: Sinalizante SF_vídeo_1 | |
|---|--|
| (190) |  |
| (Libras): | <p>LÍNGUA-DE-SINAIS IX(eu) IX(você) CONTATAR INTERAGIR IX(eu) SENTIR PRAZER ENTÃO IMPORTANTE PORQUE [[PRÓPRIO] PESSOA3 [POSS] EXPRESSAR]³⁷</p> |
| (PB): | <p>“Ter contato com sinalizantes é muito satisfatório, eu gosto muito, é importante porque eu posso me expressar do meu próprio jeito.”</p> |
| Análise e descrição morfossintática | |
| | |

³⁷ A glosa PESSOA3 indica uma variante do sinal para ‘pessoa’. Na Libras, existem mais dois sinais que podem ser usados em diferentes contextos.

|  | | | | | |
|--|--|---|-------------------|----------------|------------|
| [...] REFL _{PRÓPRI@i} | PESSOA3 (IX _{1s}) _i | IX _{1s} .POSS _i | EXPRESSAR | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| EXPRESSAR (ação-processo) $x_i \leftrightarrow x_i V$ | Simplex | REFL _{PRÓPRI@} ↓ PESSOA3 (IX _{1s}) | [_] | Experienciador | NP/ NP |


Fonte: Elaborado pelo autor.

A sentença em (190) com o sinal reflexivo é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo EXPRESSAR descreve ação-processo com verbo intransitivo que deve indicar um predicado que acarreta a propriedade de EXPERIENCIADOR, assim: x/ x EXPRESSAR $\rightarrow x/ x V$. O sinal REFL_{PRÓPRI@} marca a coreferência com 'IX_{1s}', que é o argumento externo na posição do sujeito.

| Quadro 36: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_3 | |
|--|---|
| (191) |  |
| (Libras): | |
| IX(eu) PENSAR LINGUA-DE-SINAIS E(negativo) SIMPLES NÃO E(negativo) TER &(espaço-abrir) [IX(eu) PENSAR IX(eu) [POSS PRÓPRIO]] CRESCER NOVE IDADE LÍNGUA-DE-SINAIS IX(eu) SENTIR FALTAR IX(eu) MOTIVAR E(mais) | |
| (PB): | |

“Eu nunca pensei na língua de sinais (Libras), sinalizar de qualquer jeito, não, precisa se esforçar, vamos pensar eu mesma, quando estava crescendo, com 9 anos sinalizando, sentia que faltava, me motivava mais e mais.”

Análise e descrição morfossintática

|  | | | | | |
|--|---------------|--|---|-----------------------------|------------|
| [...] IX _{1s} i | PENSAR | IX _{1s} | IX _{1s} .POSS REFL _{PRÓPRI@i} [...] | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| PENSAR (ação-processo) $x_i \leftrightarrow x_i \vee y$ | Simplex | IX _{1s} ↕ REFL _{PRÓPRI@} | [_ ; _] | Experienciador e Tema | NP/DP-NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (191), a construção na voz reflexiva é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo PENSAR descreve ação-processo com verbo transitivo, que tem dois argumentos e acarreta as propriedades de EXPERIENCIADOR e TEMA, assim: $x/ x \text{ PENSAR } y \rightarrow x/ x \vee y$. Esse verbo ocorre na voz reflexiva, porque é possível descrever o participante realizado como argumento EXPERIENCIADOR, ‘IX_{1s}’ (‘eu’) voltado referencialmente para o próprio sujeito. O sinal REFL_{PRÓPRI@} descreve a mesma referência com o argumento ‘IX_{1s}’, que é argumento externo na posição do sujeito.

4.2.3 Estratégia 3

Essa estratégia, trata-se do sinal ‘REFL_{PESSOA}’. Esse sinal aponta o argumento ‘pessoa’ e tem a mesma referência do sujeito da ação do verbo ‘IX_{1s}.POSS (IX_{1s})’. A posição do sinal fica em anteposição ou posposição do verbo. Este estudo revelou que a marca gramatical reflexiva que utiliza o sinal ‘REFL_{PESSOA}’ pode indicar a referência no espaço neutro ou com movimento orientado para o sinalizante.

- (i) Mão direita horizontal fechada, palma para frente ou para dentro, dedos indicador e polegar distendidos e curvados, na altura do rosto, mover a mão para baixo.

Quadro 37: Análise do dado: Sinalizante KS_vídeo_1

(192)



(Libras):

DEM COMUNIDADE INFORMAÇÃO COMEÇAR APRENDER INFORMAÇÃO
TAMBÉM IX(eu) ORALIZAR AJUDAR OPINIÃO ANTES DEM OPINIAR-NÃO
COPIAR OPINIAR COPIAR OPINIAR DEM OPINIÃO APRENDER LÍNGUA-DE-
SINAIS OPINIAR IGUAL EM-PÉ COMEÇAR EM-PÉ FUTURO DEPOIS VEM
ADQUIRIR POR-ISSO # [POSS(eu) [PESSOA3] ACEITAR] IX(eu) PESSOA
TRABALHAR LIVRE

(PB):

“As informações, elas começam a ser assimiladas através do canal visual e também quando oraliza vai interiorizando e aprendendo a ter suas próprias opiniões, porque antes as opiniões eram apenas cópias e depois que vai aprendendo a se expressar na língua de sinais, começa a ter suas próprias opiniões e a ser o protagonista, assim que adquire essa capacidade a pessoa se aceita e se sente mais livre.”

Análise e descrição morfossintática



[...] IX_{1s}.POSS (IX_{1s})_i

REFL_{PESSOA*i*}

ACEITAR [...]

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|-----------|---------------|--------------------------------|-------------------|------------|------------|
|-----------|---------------|--------------------------------|-------------------|------------|------------|

| | | | | | |
|--|---------|---|-----------|---------------------------------|-------|
| ACEITAR (cognição) $x_i \leftrightarrow y_i V (y)_i$ | Simplex | IX _{1s} ↓ REFL _{PESSOA} | [_ ; _] | Experienciador e Paciente | NP/NP |
|--|---------|---|-----------|---------------------------------|-------|

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (192), a construção na voz reflexiva é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo ACEITAR descreve o processo de cognição. O verbo é transitivo e seleciona dois argumentos, que acarretam as propriedades de EXPERIENCIADOR e PACIENTE, assim: $x \text{ ACEITAR } y \rightarrow x y V (y)$. Esse verbo simples ocorre na voz reflexiva, porque é possível descrever o participante do evento realizado na posição de objeto direto voltado referencialmente para o próprio sujeito. O sinal REFL_{PESSOA} é argumento interno na posição do objeto e só pode ser interpretado como referência a 'IX_{1s.POSS}' ('eu/me@'), que é argumento externo na posição do sujeito. Dessa forma, está ligado ao mesmo tempo AGENTE e PACIENTE, com o mesmo ponto de referência.

4.2.4 Estratégia 4

Essa estratégia trata do morfema reflexivo 'REFL_{DENTRO}'. Esse elemento expressa a ação do verbo que fica dentro do corpo. A posição do sinal fica em anteposição ou posposição ao verbo. Este estudo revelou a marca gramatical reflexiva 'REFL_{DENTRO}' (do corpo), que pode ser usado para indicar referência no espaço e no corpo (peito).

- (i) Mão esquerda em 'C', palma para dentro, aproximar o peito, mão direita com dedos juntos fechados, palma para dentro, mover para encaixar dentro no 'C';
- (ii) Mão esquerda em 'C', palma para dentro, aproximar o peito, mão direita em '1', palma para dentro, mover para encaixar dentro no 'C';
- (iii) Somente mão direita em '1', palma para baixo, aproximar o peito com a ponta do dedo indicador para baixo.

Quadro 38: Análise do dado: Sinalizante ND_vídeo_1

(193)



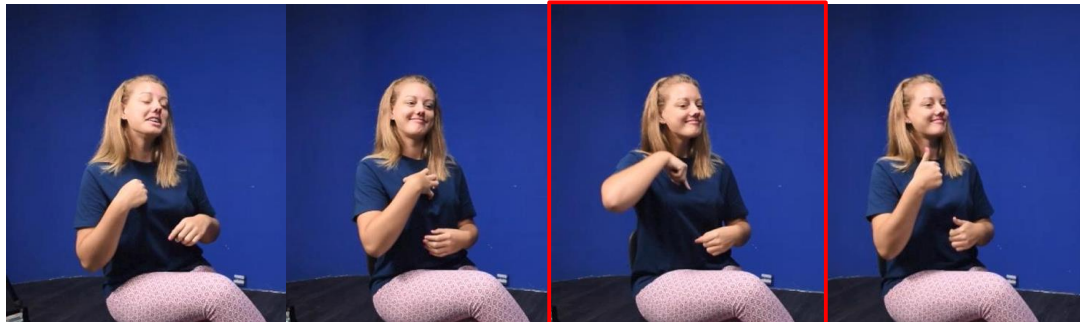
(Libras):

ANTERIOR IX(eu) PENSAR-PENSAR QUERER GRUPO COMUNIDADE
COMUNICAR DIALOGAR # IX(eu) MUDAR [IX(eu) SENTIR [DENTRO] BEM]

(PB):

“Antes eu ficava pensando: eu quero conviver com a comunidade, me comunicar, conversar. E depois quando eu mudei, me senti muito bem!”

Análise e descrição morfossintática



[...] IX_{1s}_i

SENTIR

REFL_{DENTRO}_i

BEM

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|---|-------------------|----------------|------------|
| SENTIR (psicológico) $x_i \leftrightarrow x_i V$ | Simplex | IX _{1s} ↓ REFL _{DENTRO} | [_] | Experienciador | NP/ DP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (193), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo SENTIR, descreve semanticamente uma experiência psicológica. O verbo transitivo tem um argumento e acarreta as propriedades de EXPERIENCIADOR, assim: $x/ x \text{ SENTIR} \rightarrow x/ x V$. Esse verbo ocorre na voz reflexiva, porque o sinal REFL_{DENTRO} marca a correferência a ‘IX_{1s}’, que é argumento externo na posição do sujeito.

No quadro a seguir, o dado para análise linguística da voz reflexiva tem a fonte no Instagram, foi utilizada com a permissão do surdo sinalizante, que se expressou naturalmente.

Quadro 39: Análise do dado: Sinalizante RR_vídeo_1

(194)



(Libras):

COMEÇAR PENSAR POSITIVO [IX(você) POR-CAUSA [DENTRO] MUDAR] E(então) MUNDO IX(todos) VER MUDAR IX(você) ESPERAR PRIMEIRO PRIMEIRAMENTE2 IX(eles) CONSCIÊNCIA IX(eles) MUDAR E(mas) DEIXAR-PRA-LÁ PRIMEIRAMENTE2 IX(eu) MUDAR IX(eu) CONSCIENTE MUDAR MUDANDO XXX MOSTRAR IX(todos) SOCIEDADE

(PB):

“Comece a pensar positivo que isso reflete dentro de você. Todo mundo vê e muda também! Não espere alguém ter essa mudança de consciência, não. Eu devo ser o primeiro a mudar a minha consciência, transformá-la em positividade e mostrar para toda a sociedade.”

Análise e descrição morfossintática



[...] IX_{2si}

POR-CAUSA

REFL_{DENTROi}

MUDAR [...]

| | | | | | |
|-----------|---------------|--------------------------------|-------------------|------------|------------|
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|-----------|---------------|--------------------------------|-------------------|------------|------------|

| | | | | | |
|---|----------|--|-----------|-----------------------------|----------|
| MUDAR (transferência) $x_i \leftrightarrow x_i V y$ | Espacial | IX_{2s} ↓ REFL _{DENTRO} | [_ ; _] | Experienciador e Tema | NP/DP-NP |
|---|----------|--|-----------|-----------------------------|----------|

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (194), a construção na voz reflexiva é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo MUDAR, descreve semanticamente uma situação de mudança de estado. O verbo transitivo tem dois argumentos, que acarretam as propriedades de EXPERIENCIADOR e TEMA, assim: $x/ x MUDAR y \rightarrow x/ x V y$. O sinal REFL_{DENTRO} marca a correferência a 'IX_{2s}' ('você'), que é argumento externo na posição do sujeito. Importante saber que o sinalizante expressou o verbo MUDAR, e tem acréscimo com orientação do corpo e dos olhos que direcionam para o peito, e isso pode ser também marca gramatical de reflexividade.

4.2.5 Estratégia 5

Essa estratégia trata do sinal realizado com o movimento direcional para o corpo do sinalizante (<V.DIR-oc>_{REFL}), e movimento de cabeça (*mc*) e direção do olhar (*do*) '*mc+do*' para o corpo do sinalizante. Esse elemento tem um morfema flexional que é realizado ao mesmo tempo por meio dos parâmetros na estrutura do sinal, e o uso da expressão não manual (ENM). A posição do morfema '<V.DIR-oc>_{REFL}' fica em afixação ao verbo. Este estudo revelou a marca direcional reflexiva do referente que pode ser com o uso de referências espaciais: referenciação, uso do corpo e movimento direcional reverso.

- (i) Orientação do movimento de cabeça e da palma da mão para o corpo do sinalizante e orientação do olhar para o peito ou para baixo.

Quadro 40: Análise do dado: Sinalizante KI_vídeo_2

(195)



(Libras):

VERDADE IX(eu) ORALIZAR[=?ORALIZANTE] TAMBÉM METADE PERFEITO E(negativo) OUVIR NADA SÓ UM &(ouvido esquerdo) METADE [IX(eu) USAR APARELHO-AUDITIVO [AJUDAR]] SÓ E(barulho) E(assustar) E(movimento-sonoro) E(barulho) AJUDAR BOM AJUDAR TAMBÉM ORALIZAR TAMBÉM GESTO COSTUME SURDO GRUPO IX(nós) SURDO SINALIZAR

(PB):

“Na verdade eu sou oralizada e escuto 50% de um ouvido, uso aparelho auditivo só para me ajudar na detecção dos sons e vibração, é bom porque é um apoio e também eu oralizo, faço mímicas, sou acostumada a fazer isso quando estou com um grupo de amigos surdos sinalizantes.”

Análise e descrição morfossintática



| | | | |
|--------------------------|------|-------------------|---|
| [...] IX _{1s} i | USAR | APARELHO AUDITIVO | $\overline{\text{mc+doi}}$ <AJUDAR.DIR-oc>REFL [...] |
|--------------------------|------|-------------------|---|

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|---|-------------------|---------------------------|------------|
| AJUDAR (psicológico) $x_i \leftrightarrow y_i \text{ V } (y)_i$ | Concordância | IX _{1s} ↓ <V.DIR-oc>REFL/ <mc+do> | [_ ; _] | Experienciador e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (195), a construção na voz reflexiva é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo AJUDAR, descreve semanticamente uma experiência psicológica com verbo transitivo que tem dois argumentos e acarreta as propriedades de EXPERIENCIADOR e PACIENTE, assim: $x \text{ AJUDAR } y \rightarrow x \text{ y V } (y)$. Esse verbo concordância na voz reflexiva, descreve o participante de um evento que realiza ação do

objeto direto voltado para o próprio sujeito. O morfema direcional específico realiza o argumento interno na posição do objeto e só pode ser interpretado como referência a ‘IX_{1s}’ (‘eu’), que é argumento externo na posição do sujeito. Dessa forma, está ligado referencialmente ao mesmo tempo a EXPERIENCIADOR e PACIENTE com o mesmo ponto de referência. A sentença admite também uma análise na voz ativa (APARELHO-AUDITIVO_{i 3si}-AJUDAR_{-1s} ‘O aparelho auditivo me ajuda’).

Quadro 41: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_2

(196)



(Libras):

IX(eu) PENSAR [IX(eu) [VER &(olhar-para-peito)]] E(afirmativo) PRECISAR # PRATICAR ENTÃO AS-VEZES [IX(eu) [PERCEBER-NÃO &(olhar-para-baixo)]] LÍNGUA-DE-SINAIS E(mas) AS-VEZES OUVINTE FALANTE &(boca-ouvido) OUVIR PERCEBER &(boca-soltar-articulada) TER LÍNGUA-DE-SINAIS &(direção-olhar-peito) IMPOSSÍVEL

(PB):


“Eu tenho consciência, eu reconheço que precisa treinar, às vezes a gente não percebe na hora que está sinalizando. O ouvinte quando fala errado dá pra corrigir, porque ele ouve o que está falando mas sinalizando é impossível essa verificação.”

1- Análise e descrição morfossintática



[...] IX_{1s}

_____ *mc+doi*
<VER.DIR_{-oc}>REFL [...]



| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|--|--|-------------------|---------------------------------|------------|
| VER (percepção) $x_i \leftrightarrow y_i V (y)_i$ | Concordância | IX _{1s} ↓ <V.DIR-oc> _{REFL} / <mc+do> | [_ ; _] | Experienciador e Paciente | NP/NP |
| 2- Análise e descrição morfossintática | | | | | |
|  | | | | | |
| [...] IX _{1si} | $\xrightarrow{\text{mc+doi}}$ <PERCEBER.DIR-oc> _{REFL} | | | NÃO [...] | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| PERCEBER (cognição) $x_i \leftrightarrow y_i V (y)_i$ | Concordância | IX _{1s} ↓ <V.DIR-oc> _{REFL} / <mc+do> | [_ ; _] | Experienciador e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (196), a construção na voz reflexiva é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo VER descreve semanticamente uma percepção e o outro verbo PERCEBER descreve semanticamente uma cognição. Ambos são verbo transitivo que deve indicar dois argumentos que acarretam as propriedades de EXPERIENCIADOR e PACIENTE, assim: $x \text{ VER/ PERCEBER } y \rightarrow x \text{ y } V (y)$. Esses verbos de concordância são realizados na voz reflexiva, e descrevem o participante de um evento realizado como objeto direto voltado para o próprio sujeito. A 1ª e 2ª análise mostram os morfemas específicos <V.DIR-oc>_{REFL}/
<mc+do> que realizam o argumento interno na posição do objeto e só pode ser interpretado como referência a 'IX_{1s}' ('eu'), que é o argumento

externo na posição do sujeito (NP). Dessa forma, está ligado referencialmente ao mesmo tempo EXPERIENCIADOR e PACIENTE, com o mesmo ponto de referência.

Analiso dados de outros surdos sinalizantes que produzam as mesmas estratégias acima (196) para o conhecimento, a seguir:

| Quadro 42: Análise do dado: Sinalizante RR_vídeo_2 | | | |
|---|---|--|-------------|
| (197) |  | | |
| (Libras): | | | |
| <p>ENTÃO IX(eu) ESPERAR TORCER O-QUE [IX(vocês) SURDO [VER &(olhar-para-peito)] COISA] RUIM NEGATIVO COISA DENTRO &(coisas-dentro) VER &(olhar-para-peito) E(afirmativo) PRECISAR MUDAR MUDAR E(há) FS(vai) CAMINHO SUCESSO</p> | | | |
| (PB): | | | |
| <p>“Espero que todos vocês, Surdos, olhem para dentro de si mesmos e reconheçam as suas fragilidades, os pontos negativos e mudem isso, que assim, o caminho de vocês vai ser só sucesso!”</p> | | | |
|  | | | |
| IX _{2pli} | SURDO | $\overline{\text{mc+doi}}$ <VER.DIR-oc>REFL | COISA [...] |
| Descrição: | | | |
| <p>→ Movimento direcional reverso com a orientação da palma de mão para o corpo do sinalizante<V.DIR-oc>REFL;</p> | | | |

- Movimento de cabeça para baixo (*mc*) e os olhos direcionam para o peito (*do*);
- O processo é afixação, com o movimento direcional simultâneo do verbo juntamente com a expressão não manual - os morfemas ‘*mc*’ e ‘*do*’;
- A voz reflexiva realiza o sujeito EXPERIENCIADOR e o objeto PACIENTE com um só referente.

Quadro 43: Análise do dado: Sinalizante FM_vídeo_1

(198)



(Libras):

//PORQUE NÃO &(tempo-longo-nada) DESCOBRIR NOVE ALERTAR
DESCULPAR[=?AZAR] É POSS [LÍNGUA-DE-SINAIS TEMPO ATRÁS [IX(eu)
PERCEBER-NÃO &(olhar-para-frente)] IX(eu) E(sinal) SURDO] IX(eu)
LÍNGUA-DE-SINAIS IX(eu) PERCEBER NADA2

(PB):

“Porque durante um tempo eu não percebia isso, eu descobri com 9 anos e levei um susto. Nossa, eu sinalizo! Como eu não percebi isso antes? Eu sou Surda, eu sempre sinalizei e não tinha essa percepção!”



LÍNGUA-DE-SINAIS

TEMPO ATRÁS

$\frac{mc+doi}{<1s\dot{-}PERCEBER-N\dot{A}O.DIR_{-oc}>REFL}$

IX_{1s}

SURDO

Descrição:

- Movimento direcional reverso com a orientação de palma da mão para o próprio corpo (*oc*);
- Movimento de cabeça do corpo do sinalizante (*mc*);

- Com expressão de negação;
- O processo é afixação, o movimento direcional do verbo realizado com as duas mãos simultâneas juntamente com expressão não manual – os morfemas ‘*mc*’ e ‘*do*’;
- Voz reflexiva realiza o sujeito EXPERIENCIADOR e o objeto PACIENTE com um só referente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2.6 Estratégia 6

Essa estratégia marca o uso de ‘MESM@’ (não-reflexiva) como *reforço* ou *ênfase*. Esse sinal reforça a referência do argumento na ação do verbo, que não expressa correferência entre o sujeito e objeto. A posição do sinal fica em anteposição ao verbo.

- (i) Mão direita com a palma para baixo, bater dois vezes na costa da mão esquerda com a palma para baixo.

Quadro 44: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_4

(199)




(Libras):

PROFESSOR IX(ele)/ PROCURAR/ [IX(ele) [POSS] PROCURAR IX(ele)/ ENCONTRAR MATERIAL] CARTA E(chegar) DEM SURDO[=?OUVINTE] ENTREGAR DEM CAIXA IX(eu) &(caixa-abrir) IX(eu) LER DEM E(livro) E(é) ESCREVER LÍNGUA-DE-SINAIS

(PB):

“O professor, ele mesmo procura os materiais, envia esses materiais e os surdos recebem em caixas e estuda, faz as leituras, escreve e sinaliza.”

Análise e descrição morfossintática

|  | | | | | |
|--|--------------------|-------------------------------|-------------------|---------------------|------------|
| [...] IX _{3s} ⁱ | MESM@ _i | PROCURAR | ENCONTRAR | MATERIAL [...] | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| PROCURAR (ação-processo) $x_i \leftrightarrow x_i V y$ | Simplex | IX _{3s} MESM@ | [_ ; _] | Agente; Paciente | NP; NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (199), a construção na voz ativa é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo PROCURAR descreve semanticamente ação-processo com verbo transitivo que tem dois argumentos, e um predicado que acarreta as propriedades de AGENTE e PACIENTE, assim: $x/ x \text{ PROCURAR } y \rightarrow x/ x V y$. Esse verbo simples não é reflexivo, é impossível descrever, nesse caso, o participante de um evento que tem ação do objeto direto voltada para o próprio sujeito. O sinal ‘MESM@’ indica a interpretação do reforço ou ênfase do participante que pratica a ação do verbo. Esse sinal desempenha a função de substituir um substantivo específico, e corresponde em uso ao pronome demonstrativo ‘mesmo’ no PB. Então não tem o mesmo índice referencial entre o argumento externo ‘IX_{3s}’ (ele) e o argumento interno MATERIAL.

Quadro 45: Análise do dado: Sinalizante KI_vídeo_1

(200)

(Libras):



IX(eu) JUNTO IR MÍMICA IX(eu) ORALIZAÇÃO FS(pai) COMPREENDER
 QUERER [IX(ele) [POSS] ESCOLHER] E(não) EXIGIR-NÃO PARECER LIVRE
 IX(ele) QUERER ESCOLHER FUTURO OBJETIVO

(PB):
 “A mímica e a oralização juntas parece que compreende melhor, se a pessoa quiser, a escolha é dela, não há uma imposição, é livre para escolher qual será o objetivo.”

Análise e descrição morfossintática

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|--------------------------------|-------------------|---------------------|------------|
| ESCOLHER (ação-processo) x_i / x_i VERBO y | Concordância | IX_{1s} MESM@ | [_ ; _] | Agente e Tema | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (200), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo ESCOLHER descreve ação-processo com verbo transitivo que acarreta dois argumentos com as propriedades de AGENTE e TEMA, assim: x ESCOLHER $y \rightarrow x V y$. O sinal ‘MESM@’ não é correferencial com o argumento interno na posição do objeto (‘MÍMICA, ORALIZAÇÃO’), e só pode ser interpretado como correferencial com ‘PESSOA’ (IX_{3s}), que é argumento externo na posição do sujeito. Nesse caso, ‘MESM@’ é um pronome usado como reforço, do argumento na posição de sujeito, e a sentença está na voz ativa.

O uso do sinal MESM@ como *reforço* ou *ênfase* está ilustrado novamente a seguir.

Quadro 46: Análise do dado: Sinalizante SS_vídeo_1

(201)



(Libras):

ENTÃO IX(eu) LEMBRAR PASSADO SURDO IX(pessoa) SINAL(meu) FEIO
 IX(eu) DESCULPA QUERER-NÃO IX(eu) PREFERIR E(outro) PENSAR DEPOIS
 IX(eu) PENSAR **[[POSS] IX(eu) CRIAR SINAL(meu) SINAL(Sandro)]** TEMPO
 ATRÁS SINAL(meu) SINAL(estranho) IX(eu) SEMPRE IX(eu) SINAL+(costume)
 SINAL(meu) SINAL(Sandro) DEPOIS ATÉ HOJE

(PB):

“Eu me lembro que a muito tempo atrás, um surdo me deu um sinal feio, e falei desculpa, eu não quero, eu prefiro outro, aí com o passar do tempo eu mesmo criei o meu sinal, que antes era assim com a mão na bochecha mas sempre as pessoas se referiam a mim com esse sinal de cabelo crespo, aí eu acrescentei o sinal de cabelo crespo ao sinal da bochecha e ficou assim até hoje.”

Análise e descrição morfossintática



[...] MESM@_k

IX_{1s}

CRIAR

SINAL [...]

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|------------------------------------|---------------|--------------------------------|-------------------|---------------------|------------|
| CRIAR (criação) $x_i / x_i V y$ | Simplex | MESM@ IX _{1s} | [_ ; _] | Agente; Paciente | NP; NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3 A voz recíproca em uso: ilustração e descrição morfossintática das estratégias coletadas

Nesta seção, tratamos do uso da voz recíproca, que descreve a relação oposta entre duas (ou mais) entidades por ligação anafórica, ou seja, a correferência entre agente e paciente do evento de forma oposta na realização do evento descrito na mesma oração. Neste sentido, a voz reflexiva recíproca do predicado ocorre quando dois papéis temáticos diferentes, realizados na posição de sujeito e objeto direto ou indireto, são realizados de forma oposta por argumentos que têm o mesmo referente.

Retomamos no Capítulo 3, a reciprocidade em Libras é realizada por meio de três estratégias para marcação gramatical: pelo uso de um morfema que marca a alteração gramatical da voz verbal, pelas estruturas alternantes de um verbo marcado lexicalmente como recíproco e por uma propriedade de mudança de lugar entre argumentos locativos.

No primeiro caso, o sinal que marca a reciprocidade apresenta a relação com verbo com o uso reduplicado das mãos para se formar o sentido da estrutura recíproca, por exemplo uso simultâneo da mão dominante e não dominante. Outras formas que podem ser usadas são o movimento oposto aleatório, o movimento direcional ‘vai e vem’ (uso de verbo auxiliar), o uso do numeral/ pronome recíproco DUAL.

A seguir, apresentamos estratégias coletadas em situações do uso da Libras. Os dados serão analisados de forma essencialmente descritiva, e cada estrutura selecionada apresenta a marca gramatical da voz recíproca. Selecionamos alguns verbos recíprocos para análise e apresentamos a descrição morfossintática de 12 dados coletados de forma espontânea ou semi-estruturada que foram obtidos por meio de vídeos de surdos sinalizantes da Libras e podemos verificar as relações entre os verbos recíprocos e seus argumentos como demonstramos a seguir:

4.3.1 Estratégia 1

Essa estratégia, trata-se do morfema ‘DUAL’. Esse pronome aponta dois (ou mais) referentes ao mesmo tempo para formar a ação recíproca dos argumentos do verbo. A posição do morfema DUAL é de anteposição ao verbo.

- (i) Mão direita em ‘K’, ‘V’ ou ‘2’ horizontal com dois dedos indicador e médio, balançar a mão para a esquerda e para a direita ou para os lados opostos.


| Quadro 47: Análise do dado: Sinalizante SP_vídeo_1 | | | | | |
|---|---------------|----------------------------------|-------------------|--------------------------------|------------|
| (202) | | | | | |
|  | | | | | |
| (Libras): | | | | | |
| [SINAL(gato) NOME FS(Tom) SINAL(rato) FS(Jerry) [IX2] ODIAR] VERDADE IX2 AMIGO E(riso) MAS AMAR ODIAR DENTRO DEM AMAR AMIGO | | | | | |
| (PB): | | | | | |
| “O Tom e o Jerry, o gato e o rato, eles se odeiam mas na verdade eles são amigos, eles se amam, se odeiam, perseguem um ao outro, mas eles são amigos.” | | | | | |
| Análise e descrição morfossintática | | | | | |
|  | | | | | |
| [GATO _x | | RATO _y] _i | | <DUAL _i | |
| ODIAR> _{REC} [...] | | | | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| ODIAR (psicológico) $x_i \vee y_k \leftrightarrow y_k \vee x_i$ | Simplex | GATO RATO ↓ DUAL | [_ ; _] | Experenciador e Paciente | NP/NP |


Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (202), a construção na voz reflexiva recíproca é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo ODIAR descreve semanticamente uma experiência

psicológica com verbo transitivo que tem dois argumentos, que acarretam as propriedades de EXPERIENCIADOR e PACIENTE, assim: $x \text{ ODIAR } y / y \text{ ODIAR } x \rightarrow x \text{ V } y / y \text{ V } x$. Esse verbo simples está na voz recíproca, pois é possível descrever os participantes de um evento em que a ação do objeto direto é voltada para o próprio sujeito de forma oposta. O morfema ‘DUAL’ marca a realização oposta da relação entre o argumento interno na posição do objeto, que só pode ser interpretado como referente a GATO ou a RATO que realizam o argumento externo na posição do sujeito. Dessa forma, está ligado ao mesmo tempo EXPERIENCIADOR e PACIENTE, de forma recíproca com o ponto de referência oposto.

O uso da voz reflexiva recíproca com o uso do morfema ‘DUAL’ (REC) está ilustrado novamente a seguir, com o verbo COMUNICAR.

| Quadro 48: Análise do dado: Sinalizante RM_vídeo_1 | |
|---|---|
| (203) |  |
| (Libras): | <p>PRINCIPAL// FAMÍLIA TER COMUNICAÇÃO IRMÃ VELHA COMUNICAR CONTATO VER POR-ISSO [DOIS IRMÃ DOIS POSS COMUNICAR IX(eu) E(olhar) E(perceber) [IX2] COMUNICAR] LINGUA-DE-SINAIS</p> |
| (PB): | <p>“Porque é a comunicação principal, a comunicação que a família tem que ter, o contato de irmã mais velha com outra pessoa conversando (sinalizando), para que possa ter essa apreensão, percepção da sinalização.”</p> |
| Análise e descrição morfossintática | |


|  | | | | | |
|--|--------------------|--------------------------------|---------------------------------|--------------------------|------------|
| [...] [DOIS | IRMÃ] _i | [...] <DUAL _i | COMUNICAR> _{REC} [...] | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| COMUNICAR (transferência) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Simplex | DOIS IRMÃ ↕ DUAL | [_ ; _] | Agente; e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3.2 Estratégia 2

Essa estratégia, trata-se do sinal mão direita e mão esquerda ‘md=me’. Essas duas configurações de mão são realizadas por meio do movimento em direção oposta na estrutura interna do sinal. Esse movimento oposto marca dois referentes ao mesmo tempo para ação do verbo recíproco. A posição do morfema é afixação do verbo.

- (i) Mãos dominante e não dominante similares e movimentos opostos simultâneos e alternados.

| Quadro 49: Análise do dado: Sinalizante PV_vídeo_1 | |
|--|---|
| (204) |  |
| (Libras): | |
| HOMEM// INTERPRETAÇÃO IX(ele) INTÉRPRETE PROFISSIONAL/ LÍNGUA-DE-SINAIS POSS E(outro) NÃO DIFERENTE IX2 CRIAR LÍNGUA-DE-SINAIS | |

E(afirmativo) [IX(pessoa) IX(pessoa) [CONVERSAR-ORAL]] IX(intérprete)
 INFORMAR RESUMO RÁPIDO

(PB):

“O intérprete, sua sinalização, não é um apoio da sinalização próprio dele, não é não, é diferente, nós dois criamos uma sinalização (um diálogo), os dois conversam (oralmente), ele me passa, compila (resume) rápido.”

Análise e descrição morfossintática



[...] [IX_{3s} IX_{3s}]_i

<_(md)3-CONVERSAR-ORAL-_{3(me)}>_i REC [...]

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferência | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|--|-------------------|-------------------------|------------|
| CONVERSAR-ORAL (transferência) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Simplex | IX _{3s} IX _{3s} ↓ (md) _{3s=3s} (me) | [_ ; _] | Agente e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (204), a construção na voz reflexiva recíproca é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo CONVERSAR-ORAL descreve semanticamente uma transferência com o uso do verbo transitivo com dois argumentos, que acarretam as propriedades de AGENTE e PACIENTE, assim: x CONVERSAR-ORAL y/y CONVERSAR-ORAL x → x V y/ y V x. Esse verbo simplex está na voz reflexiva recíproca, é possível descrever dois referentes ao mesmo tempo com ação do verbo em movimento oposto simultâneo. O sinal ‘(md)_{3s=3s}(me)’ apresenta mãos duplicadas para formar a ação recíproca.

A voz reflexiva recíproca com o uso do sinal ‘md=me’ está ilustrado novamente a seguir, com o verbo INTERAGIR.

| Quadro 50: Análise do dado: Sinalizante MR_vídeo_1 | | | | | |
|---|---------------|---|-------------------|---|---|
| (205) | | | | | |
|  | | | | | |
| (Libras): | | | | | |
| LÍNGUA-DE-SINAIS// CONTRÁRIO [IX(eu) FS(L2) PORTUGUÊS IX(ele) FS(L1)/ [INTERAGIR AUMENTAR-CONHECIMENTO]] PRECISAR COMUNICAÇÃO | | | | | |
| (PB): | | | | | |
| “É o contrário, minha língua L2 é português, dele é L1, quando interagimos (trocamos) nós dois ampliamos nossa compreensão, precisa ter comunicação.” | | | | | |
| Análise e descrição morfossintática | | | | | |
|  | | | | | |
| [...] [IX _{1s} -POSS (IX _{1s}) | L2 | IX _{3s} | L1] _i | <(md) ₃ .INTERAGIR. _{1(me)} > | <(md) ₃ .AUMENTAR-CONHECIMENTO. _{1(me)} > _i REC [...] |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| INTERAGIR / AUMENTAR-CONHECIMENTO (cognição) $x_i \vee y_k \leftrightarrow y_k \vee x_i$ | Simplex | IX _{1s} IX _{3s} ↓ (md) _{3s} = _{1s} (me) | [_ ; _] | Agente e Paciente | NP/NP |


Fonte: Elaborado pelo autor.


4.3.3 Estratégia 3

Essa estratégia, trata-se do sinal ‘md=me’; ‘md≠me/(JUNTO)’. Esses morfemas são realizados por duas mãos similares (ou não similares) para descrever a realização dos argumentos dos verbos lexicalmente recíprocos VR (conforme a análise de Godoy, 2008, 2009, 2010), por meio da ocorrência descontínua dos referentes na estrutura sintática.

Apresentamos verbos simples (lexicalmente recíprocos), que podem marcar os argumentos por um pronome independente, pela direção do olhar (*do*) e pelo uso do sinal ‘JUNTO’. Este estudo revelou marca gramatical descontínua recíproca que pode ser com o uso de referências espaciais.

- (i) Mãos dominante e não dominante similares ou não similares e movimentos opostos simultâneos e alternados.
- (ii) Apontar o referente ‘x’ e o referente ‘y’;
- (iii) Apontar o referente ‘x’ para o referente ‘y’ com direção do olhar (*do*);
- (iv) Apontar o referente ‘x’ para o referente ‘y’ com a preposição ‘JUNTO’.

| Quadro 51: Análise do dado: Sinalizante TA_vídeo_2 | |
|---|---|
| (206) |  |
| (Libras): | PORQUE// EXPLICANDO E(afirmativo) É-MESMO IX(eu) PERCEBER E(positivo) NÃO DEM MAIS E(negativo) É-MESMO [[IX(eu)] CONCORDAR [IX(ele)]] IX(eu) SOFRER MUITO E(ah) É-MESMO. |
| (PB): | “Foi me explicando e eu percebi que não tinha nada de positivo, era mais negativo, eu concordo com ele que eu sofri muito, é verdade.” |
| Análise e descrição morfossintática | |

|  | | | | | |
|--|---------------|--|-------------------|-----------------------------------|------------|
| [...] <IX _{1s,x} | CONCORDAR | IX _{3s,y} > _{REC} [...] | | | |
| Estrutura | Tipo de Verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| CONCORDAR (cognição) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Simplex | IX _{1s} ↔ IX _{3s} ↓ ∅ [lexical] | [_]; [_] | Experienciador; Experienciador | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (206), essa construção da voz reflexiva recíproca é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo CONCORDAR descreve semanticamente um processo cognitivo com verbo transitivo com dois argumentos, que acarretam a propriedade de EXPERIENCIADOR / EXPERIENCIADOR, assim: <x CONCORDAR y>_{REC} → x V (JUNTO) y.³⁸ Esse verbo é lexicalmente recíproco. Os referentes IX_{1s}, IX_{3s} são morfossintaticamente NPs na posição do sujeito da estrutura e na posição de complemento do verbo. Dessa forma, ficam separadamente os dois argumentos, pois o sinalizante apontou IX_{1s}, e depois do verbo apontou IX_{3s}, então, essa estrutura passou a ter forma descontínua (assimétrico) (conforme Godoy, 2008, 2009, 2010).

No dado a seguir, apresentamos outro exemplo de predicado recíproco com o verbo simples e os argumentos realizados na forma descontínua.

³⁸ Entendemos que verbo ‘concordar’ é ambíguo pois admite uma interpretação recíproca (x CONCORDAR y = y CONCORDAR x) e também uma interpretação não recíproca (x CONCORDAR y). No segundo caso, y é interpretado como TEMA (pois ocorre como ponto de referência para a experiência cognitiva do argumento x).

Quadro 52: Análise do dado: Sinalizante ML_vídeo_2

(207)



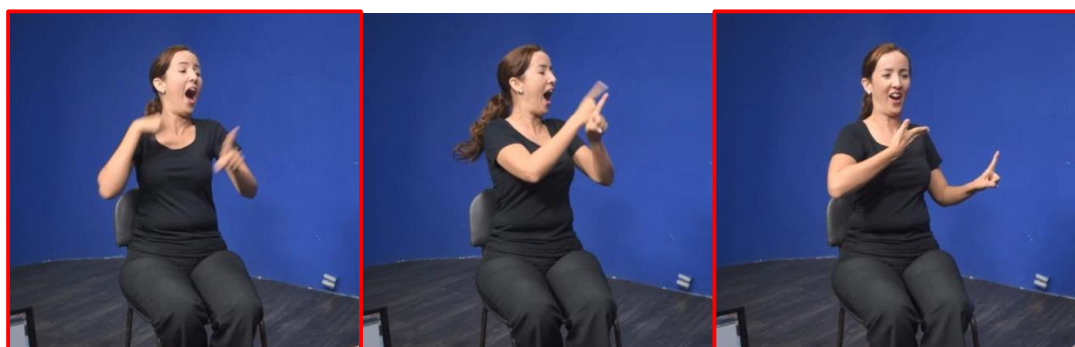
(Libras):

VIZINHAÇA IX(eu) TER INTERAÇÃO ANTES IX(eu) NUNCA INCLUIR IX(eu) CONHECER-NÃO CONHECER-NÃO DIFÍCIL ACEITAR E(não) IX(eu) IX(ele)//
[[IX(eu)] ENCONTRAR [IX(ela) COLEGA]] APROVEITAR CONVERSAR E(trocando) INTERAGIR

(PB):

“Toda a vizinhança, eu tinha contato, interação, muito antes, quando eu cheguei não tive dificuldade de conhecer, ter aceitação, não, já cheguei. Ah amigos, vamos aproveitar, conversar, bater papo, e me enturmei.”

Análise e descrição morfossintática



[...] IX_{1s,x}

<₁.ENCONTRAR.DIR-₃

IX_{3s,y} COLEGA>REC [...]


| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|---|---------------|--|-------------------|-------------------|------------|
| ENCONTRAR (ação-processo) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Simplex | IX _{1s} ↔IX _{3s} ↕ ∅ | [_]; [_] | Agente; Agente | NP/NP |


Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3.4 Estratégia 4

Essa estratégia trata do morfema ‘ $Loc_{md}=Loc_{me}$ ’. Esse elemento é realizado pelas duas mãos duplicadas com o verbo locativo de movimento direcional simultâneo para mudança de lugar, ou seja, marca a relação entre dois argumentos e dois argumentos locativos (Loc). Apresentamos os verbos espaciais. A localização é marcada por movimento direcional afixado ao verbo (concordância locativa). Este estudo revela orientação direcional locativa. A reciprocidade é expressa pela simultaneidade.

- (i) Mover coisa, pessoa ou veículo em forma de mãos dominante e não dominante similares e movimentos opostos para transferência de local.

| Quadro 53: Análise do dado: Sinalizante TA_vídeo_1 | |
|---|---|
| (208) |  |
| (Libras): | <p>E(dois-andando) IX2 RESOLVER IX(eu) IX(ela) CASAMENTO IX2 CASAR IX(eu) PASSAR PROFESSOR IX[?] PASSAR PROFESSORA IX(igual) IX(igual) DIA IGUAL2 [PROFESSOR(eu) PROFESSOR(ela) [ENTRAR(eu) ENTRAR(ela)]] # &(isso mesmo)</p> |
| (PB): | <p>“Eu e ela estavam avançando juntos, foi o que aconteceu comigo e ela, nós dois, eu me casei e ela se casou, eu passei para professor e ela passou para professor, mesmo dia, ingressamos juntos (ao mesmo tempo).”</p> |
| Análise e descrição morfossintática | |

|  | | | | | |
|---|---|---|-------------------|--|--------------|
| <p>[...] $[_{Loc}PROFESSOR@_{1s,x}]$ $_{Loc}PROFESSOR@_{3s,y}]_i$</p> | <p>$\langle_{(md)l}-ENTRAR.DIR-3(me)\rangle_i LOC [...]$</p> | | | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferência: | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| <p>ENTRAR (transferência de lugar)</p> <p>$x_i V.DIR_{Loc_i} \leftrightarrow y_i$ $V.DIR_{Loc_i}$</p> | <p>Espacial</p> | <p>IX_{1s}, IX_{3s} \updownarrow $_{Loc}md=_{Loc}me$</p> | <p>[_ ; _]</p> | <p>TEMA e Locativo $[=PROFESSOR@]$</p> | <p>NP/NP</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (208), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo ENTRAR descreve semanticamente transferência de lugar, com verbo intransitivo (inacusativo) que acarreta a propriedade de TEMA e LOCATIVO_{PROFESSOR@}, assim: x ENTRAR $z_{Loc} \rightarrow x V z_{Loc} / y V z_{Loc}$. Esse verbo espacial descreve dois eventos simultâneos, com dois argumentos TEMA (afetados por movimento direcional para um argumento locativo). O morfema ‘ $_{Loc}md=_{Loc}me$ ’ é argumento interno realizado com o uso de mãos duplicadas para os dois referentes locativos $_{Loc}PROFESSOR@_{1s}$ $_{Loc}PROFESSOR@_{3s}$ como argumento TEMA no mesmo índice.

No dado a seguir, apresentamos outro exemplo com verbo de movimento direcional que marca reciprocamente dois argumentos TEMA e dois argumentos locativos (Loc).

Quadro 54: Análise do dado: Sinalizante AL_vídeo_1

(209)







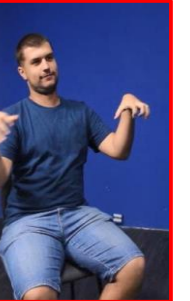
(Libras):

DEPOIS # XXX/ APRENDER FONOAUDIOLOGIA LÍNGUA-DE-SINAIS/ ORAL
TAMBÉM IX(eu) APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS [DENTRO ESCOLA MAIS
FONOAUDIOLOGIA ORAL FORA SOCIEDADE CURSO CASA FAMÍLIA
LÍNGUA-DE-SINAIS IX(eu) [SEPARAR]] PROCESSO DOIS POR-ISSO
BILÍNGUE

(PB):

“Foi passando, aprendendo com fonoaudióloga a oralizar e também aprendendo Libras (sinalização), dentro da escola era mais oralização, fora dela, na sociedade, em curso, em casa, na família, era Libras (sinalização), então eram as duas coisas juntas (ao mesmo tempo), por isso eu sou bilíngue.”

Análise e descrição morfossintática

| | | | | |
|---|---|---|--|---|
|  |  |  |  |  |
| [...] [LocORAL _a | [...] LocLINGUA- DE-SINAIS _b] _i | IX _{1s} | < _{(md)a-} SEPARAR.DIR _{-b(me)} > _i LOC [...] | |

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferênciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|---|---------------|---|-------------------|-------------------------------|------------|
| SEPARAR (ação-processo) x V.DIR _{Loca} i ↔ _{Locb} i | Espacial | LocIX _a LocIX _b ↓ Locmd=Locme | [__ ; __] | Agente, Tema e Locativo | NP/NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.


A observação em (209), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo SEPARAR descreve semanticamente a ação-processo, com verbo transitivo, que

indica três argumentos de um predicado que acarretam as propriedades de AGENTE, TEMA e LOCATIVO, assim: x SEPARAR $y, z \rightarrow x$ V y_{Loc} / z_{Loc} . Esse verbo espacial descreve o deslocamento do argumento TEMA de forma simultânea e recíproca por movimento direcional oposto. O morfema ‘ $_{Loc}md=_{Loc}me$ ’ realiza o argumento interno locativo na posição do objeto e só pode ser interpretado pelo uso de mãos duplicadas para dois referentes $_{Loc}ORAL_a$ $_{Loc}LÍNGUA-DE-SINAIS_b$. O argumento externo é realizado por IX_{1s} .

4.3.5 Estratégia 5

Essa estratégia trata do morfema ‘ $CL_{(md)}=CL_{(me)}$ ’. Esse elemento é realizado em formas de configurações de mãos similares para ação do verbo de movimento oposto por meio de estrutura do sinal em uso de classificador (CL). Apresentamos os verbos manuais (classificadores). A posição do sinal é o movimento direcional na estrutura do verbo. Este estudo revelou marca manual recíproca para marcar referências espaciais.

- (i) Apontar ou mover pessoa, coisa, veículo ou animal em forma de mãos similares e movimentos opostos simultâneos.

| Quadro 55: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_5 | |
|---|---|
| (210) |  |
| (Libras): | <p>PASSAR// DEM MÉDICO AVISAR IX(mãe) ABRIR-PORTA [SALA SECRETARIA DV(duas-cadeiras) MÃE MÉDICO [DV(sentar-cadeira)]] IX(eu) &(face-bebê) ESPERAR AGITADA DV(bebê-engatinhar)</p> |
| (PB): | <p>“Médico avisou a ela, na sala estavam sentadas, a secretária, minha mãe, eu estava esperando, ansiosa, passo a passo.”</p> |
| Análise e descrição morfossintática | |

| [...] SALA | SECRETÁRIA | CADEIRA-DOIS | [MÃE _x CL _x : 5 _(md)] | MÉDICO _y CL _y : 5 _(me)] _i | <(md)x-2pessoasSENTAR-y(me)> _i REC [...] |
|--|---------------|--|--|---|--|
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| SENTAR (ação-processo) $x_i V_{ZLoc} \leftrightarrow y_i V_{ZLoc}$ | Simplex | MÃE _x MÉDICO _y ↓ CL _(md) =CL _(me) | [_ ; _] | Agente e Locativo | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (210), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo SENTAR descreve semanticamente de ação-processo com verbo transitivo que tem um argumento que acarretar as propriedades de AGENTE e LOCATIVO, assim: x/y SENTAR $Z_{Loc} \rightarrow x V_{ZLoc} / y V_{ZLoc}$. Os verbos simples são realizados pelas duas mãos articuladas com orientação oposta e expressam relação recíproca. O morfema ‘CL_(md)=CL_(me)’ é o argumento locativo na posição do objeto (cadeiras de escritório) e só pode ser interpretado correferenciais aos dois referentes MÃE_x MÉDICO_y com o mesmo índice. Por hipótese, com as mãos duplicadas com movimento oposto simultâneo ocorre reciprocidade.

4.3.6 Estratégia 6

Essa estratégia trata do sinal ‘DIR↔’. Esse elemento realiza direção em trajetória ‘vai e vem’, por meio de estrutura interna do sinal. A relação recíproca entre dois referentes (ou mais) ao mesmo tempo apresenta ação do verbo recíproco, que pode ser verbo de concordância. O morfema é realizado como um afixo na estrutura do verbo. Este estudo revelou o uso do movimento direcional orientado para frente e para trás (vai e vem) que expressa relação recíproca entre dois referentes no espaço.

- (i) Mover uma mão dominante ou não dominante, e/ou duas mãos similares ou não similares em movimento para frente e para trás/ ‘vai e vem’, alternadamente, repetido, em trajetória linear.

Quadro 56: Análise do dado: Sinalizante ML_vídeo_3

(211)



(Libras):

ACABAR// CHEGAR CASA IX(eu) IRMÃ IX(eu) E(os-dois-conversando) COMO IX(eu) PARECER [IX(eu) IX2 IRMÃ SEMPRE [IX(eu) APOIAR IX(ela) APOIAR IX(eu) APOIAR IX(ela) APOIAR IX(eu)]] DAR EXPLICAR[=?ESTIMULAR] PARECER FIRME DESISTIR IX(eu) E(dúvida) IX(eu) DESISTIR IX(ela) E(dar-não) &(não-sei-como-faço) IX(eu) TENTAR E(andar)//

(PB):

“Acabou, cheguei em casa, contei pra ela, parece que a gente sempre está se apoiando, uma a outra, sempre buscando uma a outra, conversando, não abandona, tentando.”

Análise e descrição morfossintática



[...] [1s-DUAL IRMÃ]_i

SEMPRE

<APOIAR.DIR_{↔+}>_i REC [...]


| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|-----------|---------------|-------------------------------|-------------------|------------|------------|
|-----------|---------------|-------------------------------|-------------------|------------|------------|


| | | | | | |
|--|--------------|---|-----------|-------------------------|-------|
| APOIAR (psicológico) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Concordância | $1s$ -DUAL IRMÃ ↓ V. <i>DIR</i> ↔ | [_ ; _] | Agente e Paciente | NP/NP |
|--|--------------|---|-----------|-------------------------|-------|

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (211), a construção é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo APOIAR descreve semanticamente o verbo psicológico com verbo transitivo, que seleciona dois argumentos e acarreta as propriedades de AGENTE e PACIENTE, assim: x APOIAR $y \rightarrow x V y / y V x$. Esse verbo de concordância é realizado na voz reflexiva recíproca. O argumento externo na posição do sujeito é [$1s$ -DUAL IRMÃ] só que pode ser interpretado com mesmo índice quando for o sinal ‘*DIR*↔’, que direciona os dois pontos de referência com ação do verbo pelo movimento para frente e para trás (vai e vem) com duas mãos dominante e não dominante.

No dado a seguir, apresentamos outro exemplo com verbo de concordância e uso do movimento direcional *DIR*↔, que marca a voz reflexiva recíproca.

| Quadro 57: Análise do dado: Sinalizante MS_vídeo_6 | |
|---|---|
| (212) |  |
| (Libras): | E(negativo) NORMAL [IX(nós) SEMPRE [IX(eu) AJUDAR IX(pessoa) AJUDAR IX(eu) AJUDAR IX(pessoa) AJUDAR IX(eu)]] SEMPRE E(não dúvida) |
| (PB): | “Então, normal, nós sempre ajudamos uns aos outros, sempre.” |
| Análise e descrição morfossintática | |

|  | | | | | |
|--|---------------|--|-------------------|-------------------------|------------|
| [...] IX _{1pl,i} | SEMPRE | <AJUDAR.DIR.↔+> _i REC [...] | | | |
| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de correferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
| AJUDAR (psicológico) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Concordância | IX _{1pl} ↓ V. DIR↔ | [_ ; _] | Agente e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3.7 Estratégia 7

Essa estratégia trata do morfema ‘AUX’ em forma de CM ‘G1’. Esse elemento é realizado pela apontação da trajetória com uma mão única, que vai do primeiro referente para o outro referente ou pode ocorrer movimento oposto simultâneo, com a mão direita (md) e a mão esquerda (me). A posição do morfema ocorre em anteposição ou posposição ao verbo. Este estudo revelou o morfema pronominal reflexivo que ocorre como um afixo do auxiliar (AUX).

- (i) Uma mão única em ‘G1’ com movimento direcional da trajetória aponta o referente ‘x’ vai para o referente ‘y’, reversivamente [_x-AUX-_y / _y-AUX-_x];
- (ii) Mão direita do referente ‘x’ direciona para o referente ‘y’ e outra mão esquerda do referente ‘y’ direciona para o referente ‘x’, alternadamente [_{(md)x}-AUX-_y [V] _{(me)y}-AUX-_x [V]];
- (iii) Apontar o referente ‘x’ de uma mão direita e apontar o referente ‘y’ de uma mão esquerda se direcionam um ao outro referente com movimento direcional oposto simultâneo [_{(md)x}-AUX.DIR-_{y(me)}].

Quadro 58: Análise do dado: Sinalizante HG_vídeo_1

(213)



(Libras):

E(olá) IX(eu) VIZINHAÇA RUA [DOIS CRIANÇA DV(dois pequenos) IX2 BRIGAR E(mas) GOSTAR IX2 [E(ele-gostar-ele)]]

(PB):

“Ei, meus dois vizinhos na rua, duas crianças, brigam muito, e elas gostam uma da outra.”

Análise e descrição morfossintática

| | | | | |
|-------|---|---------------|------------------------|--|
| | | | | |
| [DOIS | CRIANÇA _x CRIANÇA _y] _i | [...] <GOSTAR | IX _{3pl} DUAL | (md) _x -AUX.DIR _{y(me)} > _i REC |

| Estrutura | Tipo de verbo | Estratégia de coreferenciação | Nº de argumentos: | Seleção-s: | Seleção-c: |
|--|---------------|--|-------------------|---------------------------------|------------|
| GOSTAR (psicológico) $x_i V y_k \leftrightarrow y_k V x_i$ | Simplex | CRIANÇA _x CRIANÇA _y ↓ (md) _x -AUX.DIR _{y(me)} | [_ ; _] | Experienciador e Paciente | NP/NP |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A observação em (213), a construção na voz reflexiva recíproca é produtiva em Libras. A estrutura argumental do verbo GOSTAR descreve semanticamente o verbo psicológico com verbo transitivo, que seleciona dois argumentos e acarreta as propriedades de EXPERIENCIADOR e PACIENTE, assim: $x \text{ GOSTAR } y \rightarrow \text{GOSTAR } x \text{ AUX } y / y \text{ AUX } x = (md)_x\text{-AUX.DIR}_{y(me)}$. Esse verbo simplex é realizado na voz reflexiva recíproca em uma estrutura perifrástica com um verbo auxiliar (AUX). O argumento externo na posição

do sujeito é [CRIANÇA_x CRIANÇA_y], enquanto o argumento interno é interpretado com mesmo índice quando for o morfema ‘_{(md)x}-AUX.DIR-_y(me)’ , que direciona os dois pontos de referência com movimento direcional oposto simultâneo com duas mãos dominante e não dominante.

4.4 Considerações parciais

Neste capítulo, buscamos apresentar dados coletados em situações de uso da Libras, a fim de ampliar o corpus da realização da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca. Enfocamos o objetivo de apresentar a descrição morfossintática e a análise linguística para a reflexividade e a reciprocidade, considerando a grade temática dos verbos e as estratégias de realização das marcas gramaticais na estrutura sintática. A base fundamental para análise é investigar as propriedades de correferência entre os argumentos para que a oração seja realizada e estruturada na marca reflexiva e recíproca. Buscamos alguns verbos específicos em entrevista, conversação e outros tipos de narrativa com os surdos sinalizantes de Libras por meio de redes virtuais de ‘Corpus de Libras’, ‘Instagram’, ‘Youtube’ e outro.

Para fazer o registro de dados da Libras em contextos de fala/ sinaliza (espontânea ou semi-estruturada) adotados a transcrição proposta nos bancos de dados, e adaptamos as glosas para indicar as estratégias gramaticais que expressam a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca, citadas no Capítulo 3. Quadros (2016) assume que a transcrição de dados do Corpus de Libras da UFSC precisa de convenção e seja padronizado em todo o Brasil. A ferramenta de software ELAN pode facilitar as anotações básicas de fala/e ou sinais associadas às gravações em vídeo e observar os sinais sequenciais para detalhes descritivos. Dessa forma, o trabalho de análise apresenta novos itens gramaticais nas transcrições dos dados de Libras. Seguimos o modelo da transcrição de Quadros, na versão 2019, e incluímos a transcrição das categorias que descrevemos nesta tese.

Com os dados analisados, esperamos contribuir para a descrição e análise dos dados da Libras, como categorias gramaticais que se manifestam de forma produtiva e sistemática no sistema gramatical. Assumindo a hipótese da GU, nossa hipótese é que essas estratégias se manifestem em outras LS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese mostrou a marcação da reflexividade e da reciprocidade na Libras, assim como em as outras línguas de sinais, comparando também com uma língua português. Dessa forma, desejamos que ter contribuído aos estudos linguísticos da gramática para a sintaxe, a morfologia e a semântica, possibilitando demonstrar as estratégias em uso, de mecanismos gramaticais nessas línguas. Trouxemos evidências para demonstrar que não existem somente três formas de realizações sintáticas da correferência anafórica como Ferreira-Brito (1995) mostrou. As análises de Quadros (1997) e Quadros & Karnopp (2004) mostram que, na Libras, a reciprocidade pode ser realizada com duas mãos duplicadas, com a CM e o movimento oposto, como na ASL. Em nossa pesquisa, ficou evidente que a Libras possui outras estratégias para marcar a voz reflexiva recíproca.

Os objetivos e a metodologia desta pesquisa foram alcançados para realizar os procedimentos de coleta dos dados linguísticos da Libras. Os pressupostos teóricos corresponderam às nossas expectativas, a análise empírica e a descrição morfossintática foram apresentadas com a confirmação dos dados por membros da comunidade linguística e com a apresentação e análise de enunciados da Libras em uso.

Propomos o estudo da voz reflexiva e reflexiva recíproca, em contraste com a voz ativa. Concluímos que essa distinção é uma propriedade universal das línguas naturais, uma vez que os sistemas gramaticais têm os recursos linguísticos para descrever ação do argumento na posição de sujeito sobre o argumento na posição do objeto e para apresentar as características de reflexividade e reciprocidade, em que a ação do argumento na posição de objeto é orientada para o sujeito em todas as línguas naturais.

Investigamos a realização morfossintática da voz reflexiva e da voz reflexiva recíproca em relação aos tipos de verbos na Libras e verificamos que todos os tipos de verbos expressam a reflexividade e a reciprocidade. Na análise adotamos o quadro teórico gerativista, considerando a hipótese da gramática universal. No capítulo 2, apresentamos os detalhes descritivos do mapeamento da estrutura argumental dos verbos em sentenças na voz ativa. Por hipótese, as categorias pronominais marcadoras da voz reflexiva e

reflexiva recíproca realizam a posição estrutural do argumento interno dos verbos transitivos.

Essa tese contribui com evidência para a análise das propriedades da Libras, buscando a identificação de verbos na voz reflexiva e reflexiva recíproca por meio da coleta de dados em estudos prévios, glossários, dicionários, bancos de dados, redes sociais, e em exemplos criados pelo autor e avaliados por sinalizantes da Libras. Mostramos os testes sintáticos aplicados às sentenças com a categoria anafórica em uso e seus significados no contexto gramatical. Além disso, observamos os dados do corpus, identificamos a articulação dos sinais, o movimento direcional, a orientação do corpo, a direção do olhar, dentre outras observações, o que, por sua vez, nos possibilitou identificar a natureza de configuração de mãos e a escolha entre o uso de uma mão articuladora ou da mão direita e a mão esquerda articuladas simultaneamente.

Diante disso, apresentamos, a seguir, uma síntese das propriedades sintáticas da anáfora reflexiva e anáfora reflexiva recíproca na Libras. Definimos dois tipos de marcações gramaticais nas estruturas sintáticas e semânticas:

- A marcação da **reflexividade** é realizada por um processo gramatical, que utiliza sinais independentes ou morfemas afixais, como a orientação do movimento do verbo para o corpo do sinalizante (e do movimento de cabeça e da direção do olhar). Verificamos que existem estratégias entre as marcas gramaticais, que citamos a seguir:
 - (i) *Morfema pronominal livre* (REFL_{MESM@}) → estratégia de uso de sinal reflexivo independente, com verbos simples, verbos com concordância e verbos manuais.
 - (ii) *Morfema pronominal livre* (REFL_{PRÓPRI@}) → estratégia de uso do sinal ‘PRÓPRI@’ como marca independente da voz reflexiva, com verbos simples.
 - (iii) *Morfema pronominal livre* (REFL_{DENTRO}) → estratégia de uso de sinal ‘DENTRO’ como marca independente da voz reflexiva, com verbo psicológico.

- (iv) *Morfema pronominal livre* (REFL_{PESSOA}) → estratégia de uso do sinal ‘PESSOA’ como marca independente da voz reflexiva com apontação para o referente, com verbos simples.
 - (v) *Morfema pronominal afixal + ENM* (<DIR-oc>_{REFL/mc+do}) → estratégia de uso do parâmetro de movimento direcional da estrutura do sinal orientado para o sinalizante, assim como orientação de palma da mão para o corpo do sinalizante, movimento de cabeça e direção do olhar para baixo, com verbos com concordância.
 - (vi) *Morfema livre* (MESM@) → estratégia de uso de sinal independente como ênfase ou reforço do referente no diálogo, na conversação, com verbos simples e verbos manuais.
- A marcação gramatical de **reciprocidade** é um processo morfossintático realizado por meio de configuração de mãos similares e não similares, em movimento oposto simultâneo e alternado, ou em movimento direcional de trajetória reversa, uso de auxiliar sentencial, do pronome DUAL. Estão incluídos os verbos lexicalmente recíprocos (VR) (conforme Godoy, 2008, 2009, 2010), que podem ser realizados na forma simples (simétricos), em que o argumento externo é expresso como sujeito composto ou no plural, e na forma descontínua (assimétricos), em que o argumento externo ocorre na posição de sujeito, e um argumento interno como complemento. Verificamos que existem estratégias entre as marcas gramaticais, que citamos a seguir:
 - (i) *Morfema pronominal dual* (DUAL) → estratégia de uso de morfema independente com o sinal do numeral, que aponta a relação recíproca entre dois ou mais referentes ao mesmo tempo. Ocorre com verbos simples e verbos manuais.
 - (ii) *Morfema pronominal afixal com verbo auxiliar* (AUX) → estratégia de uso de morfema direcional na estrutura de um verbo auxiliar usado para apontar os referentes, em que a mão direita se direciona para um referente

e a mão esquerda aponta o outro referente alternadamente em sentenças com verbos simples.

- (iii) *Morfema preso com movimento direcional oposto e simultâneo* (md=me) → estratégia de uso do parâmetro do movimento direcional na estrutura morfológica do sinal, assim como a configuração de mãos similares e movimento direcional simultâneo e alternado em direção oposta. Ocorre verbos com concordância.
- (iv) *Morfema preso com movimento da mão direita e da mão esquerda com orientação oposta* (md=me); (md≠me/JUNTO) → estratégia de uso do movimento na estrutura do sinal em estrutura com verbo lexicalmente recíproco, assim como configuração de mãos similares e não similares. Esse verbo lexicalmente deve utilizar apontação entre dois referentes e/ou o sinal 'JUNTO', ainda pode ou não usar a direção do olhar (*do*). Ocorre com verbos simples.
- (v) *Morfema direcional preso* (DIR↔) → estratégia de uso da estrutura interna do sinal por meio de movimento direcional de trajetória reversa orientada para dois (ou mais) referentes. Pode ser uma mão única, duas mãos similares ou não similares com movimento para frente e para trás (vai e vem). Ocorre com verbos simples e verbos com concordância.
- (vi) *Morfema realizado com movimento direcional oposto realizado por mão direita e mão esquerda com indicação do argumento locativo* (Locmd=Locme) → estratégia de marcação dos argumentos (internos) locativos pela mudança de lugar, com configuração de mãos duplicadas e movimento direcional oposto. Ocorre com verbos espaciais.
- (vii) *Morfema afixal realizado por movimento direcional oposto* (CL_(md)=CL_(me)) → estratégia de uso de classificador para descrever a voz verbal recíproca, em forma de configuração de mãos duplicadas e movimento simultâneo em direção oposta. Ocorre com verbos-classificadores.

Esperamos, com esta tese, contribuir para a descrição e análise dos dados da Libras, indicando as categorias gramaticais que se manifestam de forma produtiva e sistemática no sistema gramatical. Consideramos que esta pesquisa é de extrema relevância, cumprindo com os objetivos propostos, e que as hipóteses foram corroboradas em relação à presença de categorias específicas para marcar a voz reflexiva e a voz reflexiva recíproca, no domínio sintático indicado pela teoria da ligação. É preciso dizer que pudemos validar os sinais ou morfemas com os dados da língua em uso, mas é difícil observar todas as possíveis estratégias que estejam presentes para expressar a voz reflexiva e voz recíproca na comunidade sinalizante, uma vez que os surdos e não surdos estão sempre em contato frequentemente pelas redes sociais e outros meios de comunicação, e que se ampliam e diversificam muitos sinais.

Por fim, acreditamos que as análises permitem investigar a estrutura argumental dos verbos e a forma como se expressa nas sentenças na voz reflexiva e na voz reflexiva recíproca. Minha pesquisa da tese apresentou um estudo detalhado que foi, por isso, um propósito inédito de análise linguística desse tema e podemos contribuir interessantemente os estudos teóricos de línguas de sinais. No entanto, ainda não chegamos a um aprofundamento em relação à estrutura sintática. Assumimos a hipótese da GU, e acreditamos que as estratégias se manifestem em outras LSs e dessa forma buscamos o valor linguístico e científico para a análise da anáfora reflexiva e recíproca nos sistemas gramaticais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO-FERREIRA, G. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2013.
- ARONOFF, M.; MEIR, I. e SANDLER, W. (2005). *The paradox of sign language morphology*. *Language* 81: 301-344.
- BAKER, C. & COKELY, D. (1980). *American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture* [s.l.,s.n.].
- BATTISON, R. (1978). *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok.
- BERENZ, N. (1996). *Person and Deixis in Brazilian Sign Language*. Ph.D. Dissertation. University of California.
- BORBA, F. S. (1984). *Construções associativas*. *Alfa*, São Paulo 28: 85-96.
- BRASIL. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 05. jul. 2021.
- CAMACHO, R. G. (2003). *Em defesa da categoria de voz média no português*. *D.E.L.T.A.*, 19:1, (91-122).
- CANÇADO, M. (2008). *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2ª edição revisada. Belo Horizonte/MG. Editora UFMG.
- CANÇADO, M. (2009). *Argumentos: Complementos e adjuntos*. *ALFA*, v. 53, n.1, p. 35-39.
- CANÇADO, M. & AMARAL, L. (2016). *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis, RJ: Vozes. ISBN 978-85-326-5291-1.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. (2009). *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais - DEIT-LIBRAS*. Volume 1: Sinais de A a H e volume 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (2001). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. 2ª edição – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

CHOMSKY, N. ([1995]2007). *O programa minimalista* [tradução de Eduardo Raposo]. Lisboa: Caminho.

_____. (1986). *O Conhecimento da língua – sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves (1994). Lisboa: Caminho.

CUNHA, C. (1970). *Gramática do Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Bernardo Alvares.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FAULSTICH, E. (2016). *Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira*. Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm. Universidade de Brasília – UnB.

FELIPE, T. A. (1998). *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Libras*. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. (1997). *Introdução à gramática de LIBRAS*. In: Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais – Volume II. Série Atualidades Pedagógicas 4, MEC/SEESP, p. 81-123 Rio de Janeiro.

FERREIRA, H. C. (2018). *A reflexividade/reciprocidade na Língua de Sinais Brasileira*. Anais do II Congresso Internacional Línguas, Culturas e Literaturas em Diálogo: identidades silenciadas. Universidade de Brasília – Brasília/DF. Editora: IFB, p. 2077-2088. ISBN: 978-85-64124-60-8.

https://docs.wixstatic.com/ugd/fe526a_7fb417a698c4492888bd7768d363263d.pdf.

Acesso em 10/04/2019.

_____. (2017). *Verbos manuais e a marcação de reflexividade/reciprocidade na Libras*. Trabalho apresentado em comunicação no VI CIEL – Congresso Internacional de Estudos Linguísticos - Universidade de Brasília.

_____. (2016). *Estrutura argumental e ordem dos termos no português L2 (escrito) de surdos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília.

FERREIRA, H. C; SALLES, H. M. M. L. A. (2020). *A marcação gramatical de reciprocidade na Língua de Sinais Brasileira*. Publicação do capítulo no volume V de Estudos de Língua de Sinais pelos programas de Pós-graduação em Linguística e Estudos da Tradução na UFSC.

FERREIRA-BRITO, L. (1995). *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

FERREIRA-BRITO, L. et al (1997). *Brasil, Secretaria de Educação Especial Língua Brasileira de Sinais - MEC/SEESP - Brasília: a Secretaria, Vol. III. - (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4).*

GODOY, L. A. G. (2010). *A semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos*. Revista do GEL, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 95-115.

_____. (2009). *Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe*. Alfa, Araraquara, v. 53, n. 2, p. 283-299.

_____. (2008). *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. (Dissertação do mestrado em Linguística. PPGEL/Belo Horizonte). Faculdade de Letras da UFMG.

INÁCIO, S. E. (2009). *O Caso Comitativo*. Revista Con(textos) Linguísticos. Vitória. nº 3, p. 11-25.

KENEDY, E. (2013). *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. (1979). *The signs of language*. 1.ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

LIDDELL, S. K. (2003). *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

LOURENÇO, G. (2020). *Redefinindo o Conceito de Concordância Verbal em Língua Brasileira de Sinais*. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (org). Estudos da Língua Brasileira de Sinais. 1ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular. (Série SELS, v.5).

LYONS, J. (1979). *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Editora Nacional/ Editora USP.

MATHUR, G.; RATHMANN, C. (2012). *Verb agreement*. In: PFAU, ROLAND; STEINBACH, MARKUS; WOLL, BENCIE (Org.). Sign Language: An international handbook. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, p. 136-157.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M; SANDLER, W. (2008). *Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito*. In: QUADROS, R.; VASCONCELLOS, M. (orgs). TISLR 9 - 9º Theoretical issues in sign language research conference. Florianópolis, Brasil, Dezembro 2006. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul, p. 87-106.

MESQUITA, A. (2019). *Estruturas dativas do português (L2) na interlíngua de surdos*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília.

MESQUITA, A.; SALLES, H. M. M. L. A. (2011). *Instrumentais, Comitativos, Dativos e Locativos em português e em LIBRAS: implicações para o ensino de português L2*. In: Revista Intercâmbio do Congresso de Humanidades.

MESQUITA, A. (2010). *Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua de surdos aprendizes de português L2*. In: SALLES, H.; NAVES, R. Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos. P. 157-188. Cânone: Goiânia.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. (2007). *Novo Manual de Sintaxe*. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2007. 3ª ed., 280p.: il. ISBN 85-7474-199-x.

MOREIRA, F. S. R. (2020). *O uso de sinais-termo como ferramenta conceitual na descrição das estruturas sintáticas para o ensino de bilinguismo para surdos*. In: SILVA, K. A.; NOGUEIRA, T. R.; GUEDES, S. M. R.; TUXI, P.; NETO, A. T. (orgs). Bilinguismo para surdos: um olhar histórico, social, educacional e linguístico. Revista *The Specialist* - v. 41/n. 1/ano 2020 - PUC/SP. ISSN: 2318-7115.

NASCIMENTO, S. P. F. (2009). *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília - UnB, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

PADDEN, C. A. (1990). *The relation between space and grammar in ASL* References 278 *verb morphology*. In C. Lucas (Ed.), *Sign Language Research: Theoretical Issues*, (p. 118–132). Washington, DC: Gallaudet University Press.

_____. ([1983]1988). *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York/London: Garland Publishing.

PIZZIO, A. L.; CAMPELLO, A. R. S.; REZENDE, P. L. F; QUADROS, R. M. (2009). *Língua Brasileira de Sinais III*. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificalinguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/TEXTOBASE-DEFINITIVO-2010.pdf>>

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. (2009). *Língua Brasileira de Sinais V*. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <[https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisV/assets/576/TEXTO_BASE - LIBRAS V.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisV/assets/576/TEXTO_BASE_-_LIBRAS_V.pdf)>

PRADO, L. C. D. (2014). *Sintaxe dos Determinantes na Língua Brasileira de Sinais: e Aspectos de sua Aquisição*. Dissertação (Mestre em Linguística) - UESB. Vitória da Conquista – BA.

QUADROS, R. M. & KARNOPP, L. B. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.

QUADROS, R. M. (2019). *LIBRAS*. Editores científicos: Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1ª. Ed. – São Paulo: Parábola. ISBN 978-85-7934-166-3.

_____. (1999). *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS.

_____. (1997). *Aspectos da sintaxe e da aquisição da Língua Brasileira de Sinais*. Cursos de Pós-graduação da PUCRS (mestrado). Instituto de Letras e Artes. Livro: Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 32, nº 4, p. 125-146.

_____. (1997). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1995). *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre.

QUADROS, R. M. de; QUER, J. (2010). *A caracterização da concordância nas línguas de sinais*. In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, Rozana Reigota Naves. (Org.). *Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. 1. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, v. 1, p. 33-58.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. (2008). *Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <[https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua de Sinais II para publicacao.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf)>

RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.

SALLES, H. M. M. L & NAVES, R. R. (Orgs) (2010). *Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. 1ª Edição - Goiânia: Cânone Editorial, ISBN 978-85-87635-83-9.

SILVA, A. M. M. (2011). *A Classificação dos verbos e das vozes verbais no português brasileiro: uma proposta de revisão da nomenclatura gramatical brasileira a partir da teoria da regência e ligação*. Tese (Doutorado) – Fac. de Letras, PUCRS. Porto Alegre.

STOKOE, W. C. (1960). *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf*. In: *Studies in linguistics, Occasional papers* 8. Silver Spring, MD: Linstok Press.

STOKOE, W. C., CASTERLINE, D., e CRONEBERG, C. (1965). *A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*. Silver Spring, MD: Linstok Press.

SUPALLA, T. (1986). *The classifier system in American Sign Language*. In: C. Craig (Ed.), *Noun classes and categorization* (pp. 181–214). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Sites consultados:

<http://gramaticaequestoesvernaculas.blogspot.com/2007/10/vozes-verbais-vozes-do-verbo.html>

<https://ceticismo.net/2015/10/31/pequeno-manual-dos-verbos/>

<https://www.infoescola.com/portugues/funcoes-do-se/>

<https://www.portugues.com.br/gramatica/as-funcoes-se-.html>

<https://www.resumoescolar.com.br/portugues/gramatica/vozes-verbais-ativa-passiva-e-reflexiva/>

<https://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint55.php>

<https://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint64.php>

<https://www.todamateria.com.br/verbos-reflexivos/>

<https://www.portugues.com.br/gramatica/pronomes-reflexivos-pronomes-reciprosos.html>

REFLEXIVIDADE

RECIPROCIDADE

ANÁFORA REFLEXIVA

ANÁFORA REFLEXIVA-RECÍPROCA

GRAMÁTICA GERATIVA

ESTRUTURA ARGUMENTAL

ARGUMENTO EXTERNO

ARGUMENTO INTERNO

PAPEL TEMÁTICO

MAPEAMENTO SINTÁTICO

RAPOSO, *Eduardo*

KENEDY, *Eduardo*

MIOTO, *Carlos*

CANÇADO, *Márcia*

AMARAL, *Luana*

GODOY, *Luisa*



LISTA DE VERBOS NA VOZ REFLEXIVA

TIPO 1 - *Verbos simples*

| | | | | |
|----------------------|-----------|-------------------------|--------------------------|---------------------------|
| ABORRECER | CASAR | EVOLUIR | MACHUCAR | PREPARAR |
| ABSTER | CONTROLAR | EXPLICAR | MAGOAR | PRODUZIR |
| ACEITAR | CRESCER | EXPRESSAR | MATAR | QUEBRAR |
| ACREDITAR | DEFENDER | FERIR _{-BRAÇO} | MORDER | RESPONSABILIZAR |
| ADORAR | DEMITIR | GOSTAR | MORRER | SEGUIR |
| ALONGAR | DESABAFAR | INSCREVER | MUDAR _{-PESSOA} | SENTIR |
| AMAR | DESCOBRIR | INTROMETER | NAMORAR | SUICIDAR |
| APAIXONAR | DESPEDIRI | INVENTAR | ODIAR | TENTAR |
| APRENDER | ENFORCAR | LAVAR _{-CORPO} | ORALIZAR | VESTIR _{-CAMISA} |
| ARRUMAR ³ | ESFORÇAR | LEMBRAR | PENSAR | |
| AVALIAR | ESQUECER | LIMPAR _{-MÃO} | PERDER | |
| CANSAR | | LIVRAR | PREJUDICAR | |

TIPO 2 - *Verbos com concordância*

| | | | |
|---------|-----------|-----------|-----------|
| AGREDIR | DAR | MANDAR | TRATAR |
| AJUDAR | DESPREZAR | PERCEBER | VER/OLHAR |
| CUIDAR | ESTIMULAR | PERGUNTAR | |

TIPO 3 - *Verbos manuais*

| | | |
|----------------------------|-------------------|--------------|
| ABANAR-LEQUE | ESFAQUEAR-BARRIGA | PASSAR-PENTE |
| ABOTOAR-CAMISA | LIMPAR-MÃO | PINTAR-UNHA |
| CORTAR-FACA | MARQUEAR | SECAR-CABELO |
| ENFORCAR _{-CORDA} | PASSAR-LÂMINA | |

TIPO 4 - *Verbos não-reflexivos*

| | | | | |
|-----------|-----------|-----------|-----------|-------------|
| ANUNCIAR | CRIAR | ESCREVER | OFERECER | REFLETIR |
| BUSCAR | DENUNCIAR | EXPLICAR | OPINIAR | RESOLVER |
| CHAMAR | DESENHAR | FALAR | PAGAR | SUGERIR |
| COMPRAR | DEVER | FAZER | PESQUISAR | TRANSFORMAR |
| CONSTRUIR | DIVULGAR | INFORMAR | PREPARAR | USAR |
| COPIAR | ENVIAR | LUTAR | PROCURAR | |
| COZINHAR | ESCOLHER | INSCREVER | PUBLICAR | |

LISTA DE VERBOS NA VOZ REFLEXIVA RECÍPROCA

TIPO 1 - *Verbos simples*

| | | | |
|-----------------------|-------------------------------|---------------------------|--------------------------|
| ABRAÇAR | COMPARAR | DIVORCIAR | NEGOCIAR |
| ACOMPANHAR | COMPETIR/DISPUTAR | ENCARAR | ODIAR |
| ACREDITAR | COMPREENDER | ENCONTRAR | PASSEAR |
| AFASTAR | COMUNICAR | ERRAR | PENSAR |
| AMAR | COMUNICAR | ESQUECER | PERDOAR |
| APAIXONAR | CONCORDAR | FERIR _{-BRAÇO} | PREOCUPAR |
| APOSTAR | CONHECER _{-(CM 'V')} | FICAR _{-NAMORAR} | RELACIONAR |
| ARRUMAR | CONTATAR | GOSTAR | SEPARAR |
| BRINDAR | CONVERSAR | GUERREAR | TRABALHAR |
| CASAR | CONVERSAR ₂ | INTERAGIR | TROCAR _{-COISA} |
| CHOCAR | CRUZAR _{2-ANIMAL} | JUNTAR ₂ | UNIR |
| COCHICHAR | CUMPRIMENTAR | JUNTAR ₄ | VICIAR |
| COINCIDIR | DESISTIR | LAVAR _{-CORPO} | VINGAR ₁ |
| COLIDIR | DESTRUIR | MACHUCAR | |
| COMBINAR | DIALOGAR | MUDAR _{-PESSOA} | |
| COMBINAR ₃ | DISCUTIR | NAMORAR | |

TIPO 2 - *Verbos com concordância*

| | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--------------|-------------------------------|
| ABANDONAR | AVISAR | DAR/ENTREGAR | PAQUERAR _{-(CM 'V')} |
| ACUSAR | BEIJAR | DESPREZAR | RESPEITAR |
| AGREDIR _{-SOCO} | BRIGAR | MANDAR | TRANSFERIR |
| AJUDAR | CONECTAR | NAMORAR | TRATAR |
| APOIAR | CONVERSAR-ORAL ₂ | OBEDECER | VENCER |
| ATIRAR _{-COISA} | CUIDAR | OFENDER | VER/OLHAR |

TIPO 3 - *Verbos espaciais*

| | | | |
|--------------------------------|------------------------------|-------------------------------|---------------------------|
| ACOMPANHAR _{-PESSOA} | COLIDIR _{-VEÍCULOS} | GUARDAR | PASSAR _{-COISA} |
| ACOMPANHAR _{-VEÍCULO} | COLOCAR/PÔR | IR _{-PESSOA/VEÍCULO} | PEGAR |
| AJUNTAR | COMPARAR | JUNTAR ₄ | RECEBER |
| BUSCAR | ENTRAR | LEVANTAR | SAIR _{-PESSOA} |
| CARREGAR _{-COISA} | ESTACIONAR | MISTURAR | SENTAR _{-COISA} |
| CHEGAR | FICAR _{-EM-PÉ} | MUDAR | SEPARAR _{-COISA} |

TIRAR.COISA

TROCAR.MENSAGEM

VIR

TROCAR.CADEIRA

VIAJAR

TIPO 4 - *Verbos manuais/classificadores*

ANDAR.PESSOA/VEÍCULO

ENCONTRAR.PESSOA

PEGAR.COISA

ATIRAR.COISA/PESSOA

ESGRIMIR.COISA(armas)

PULAR.PESSOA/ANIMAL/VEÍCULO

BATER.PESSOA

FICAR.PESSOA

SENTAR.COISA

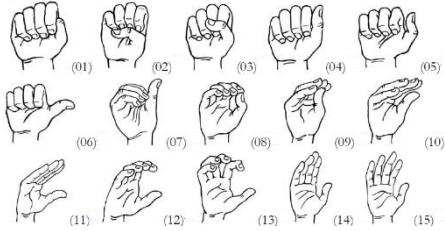
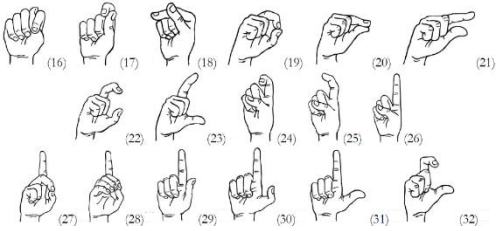
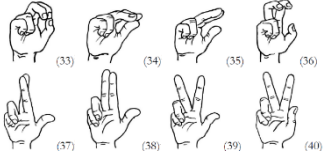
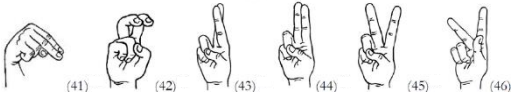

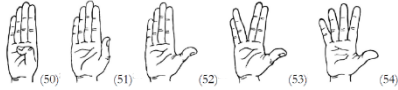
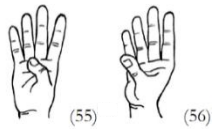
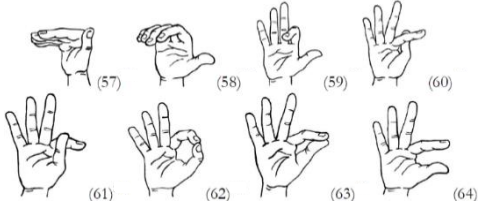
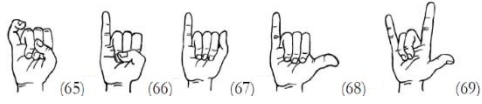
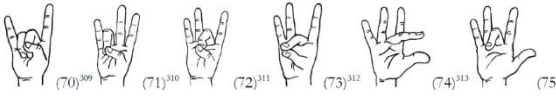
CAIR.COISA/PESSOA

NADAR.PESSOA

TROCAR.COISA

COLOCAR.COISA

PASSAR.PESSOA/COISA

| Grupo 1 de Configurações das mãos | Grupo 2 de Configurações das mãos |
|---|--|
|  |  |
| Grupo 3 de Configurações das mãos | Grupo 4 de Configurações das mãos |
|  |  |
| Grupo 5 de Configurações das mãos | Grupo 6 de Configurações das mãos |
|  |  |
| Grupo 7 de Configurações das mãos | Grupo 8 de Configurações das mãos |
|  |  |
| Grupo 9 de Configurações das mãos | Grupo 10 de Configurações das mãos |
|  |  |

Fonte: FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Tese de Doutorado: Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica. 2009. UnB. p. 177-183